

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

CLARISSA CORRÊA HENNING

**Ética e *worknet*: a conduta de si e o trabalho de rede na longevidade do Nonada –
Jornalismo Travessia**

SÃO LEOPOLDO
2018

CLARISSA CORRÊA HENNING

ÉTICA E WORKNET: A CONDUTA DE SI E O TRABALHO DE REDE NA
LONGEVIDADE DO NONADA – JORNALISMO TRAVESSIA

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em
Ciências da Comunicação, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. João Martins Ladeira

São Leopoldo

H517e Henning, Clarissa Corrêa

Ética e worknet: a conduta de si e o trabalho de rede na longevidade do nonada – jornalismo travessia / Clarissa Corrêa Henning – 2019.
243 f.

Orientadora: Prof. Dr. João Martins Ladeira
Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

1. Jornalismo 2. Práticas jornalísticas 3. Teoria do ator-rede 4. Ética
5. Coletivo Nonada I. Ladeira, João Martins II. Título

CDU: 070

Catálogo na fonte: Bibliotecária Vanessa Dias Santiago – CRB10/1583

*Àqueles com coragem suficiente para hesitar,
questionar e recriar – a si mesmos e as suas
práticas.*

*E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas/
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar/
É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate bem mais forte o coração
Gonzaguinha*

Agradeço aos que com sua gana e fé me inspiram a continuar. Aos que me contagiam de alegria, de ideias, de possibilidades. Àqueles que me questionam e fazem com que eu interroge a mim mesma. À generosidade e gentileza de amigas e pesquisadoras que compartilham essas práticas angustiantes e tão necessárias: Paula Henning, Fernanda Ribeiro, Virgínia Tavares, Ana Clara Henning e Mari Fagundes.

À vida e seus estranhos períodos que aliam força e fraqueza, medo e destemor. Ao Nonada e seus integrantes por dividirem comigo suas experiências, guerrilhas, sonhos e realizações. Por sua potência, tenacidade e generosidade. Por sua corajosa travessia.

Mais uma vez e sempre, agradeço ao meu filho: por seguir me mostrando o quanto eu ainda preciso aprender. Ele prova, todos os dias, que ensinar uma adulta pode ser uma arte de alegria, muita paciência e amor sem fim.

Este trabalho contou com o financiamento CAPES/PROEX.

Os vaga-lumes, depende apenas de nós não vê-los desaparecerem. Ora, para isso, nós mesmos devemos assumir a liberdade de movimento (...). Devemos, portanto, - em recuo do reino e da glória, da brecha aberta entre o passado e o futuro – nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer *sim* na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o *não* da luz que nos ofusca.

RESUMO

Esta Tese procura investigar a longevidade do Nonada – Jornalismo Travessia. O pano de fundo da pesquisa articula conceitos foucaultianos como a governamentalidade e o empresariamento de si, delineando o cenário contemporâneo onde emergiu o Nonada. Hoje um coletivo de jornalismo, o Nonada nasceu como um site de jornalismo cultural em 2010. Ao longo de quase oito anos, o coletivo manteve-se em atividade sem ter uma sede ou recursos que pagassem tanto a parte administrativa do site quanto as pessoas que ali trabalham ou trabalharam. Ainda assim, produziu programas de rádio e zines, organizou cursos de jornalismo alternativo e instituiu um Fundo de Apoio à Mídia Alternativa. Com relação à metodologia, esta opera com um mapeamento dos rastros digitais do Nonada e de seus integrantes. Para isso, em um primeiro momento, usou-se o buscador do Google e, após, o site e a *fanpage* do Nonada – registros de julho de 2010 até julho de 2018. Operando com o conceito de Ética de Michel Foucault e o de *Worknet* de Bruno Latour, a investigação entende que o trabalho de governar a conduta de si e de dedicar-se continuamente à mobilização de colaboradores e parceiros é responsável por manter o Nonada atuante ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Deslocamento nas práticas jornalísticas; Ética; Teoria do Ator-Rede; Coletivo Nonada.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the longevity of Nonada – Jornalismo Travessia. The background of this research articulates Foucaultian ideas like governmentality and self-management, outlining the contemporary scenario where Nonada started. Today, Nonada is a journalism collective, but it was born as a cultural journalism site in 2010. For almost eight years, Nonada has been active without having a specific place or resources that could paid both the administrative part of the site and the people who work or worked there. Even so, it has produced radio and zine programs, organized alternative journalism courses, and established an Alternative Media Support Fund. The methodology works with a mapping of the digital trails of Nonada and the members. For this, in a first moment, it was used Google searching, and after, the site and Nonada's fan page - records from July 2010 until July 2018. Working with Michel Foucault's concept of Ethics and Bruno Latour's Worknet, this research understands that the function of governing people's conduct and continuously devoting themselves to the mobilization of collaborators and partners are responsible factors for keeping Nonada active throughout the time.

Keywords: Journalism; Displacement in journalistic practices; Ethic; Actor-Network Theory; Nonada Collective.

RESUMEN

Esta tesis busca investigar la longevidad del *Nonada - Jornalismo Travessia*. El telón de fondo de la investigación articula conceptos foucaultianos como la gubernamentalidad y el empresariado de uno mismo, delineando el escenario contemporáneo donde emergió el Nonada. Hoy un colectivo de periodismo, el Nonada nació como un sitio de periodismo cultural en 2010. A lo largo de casi 8 años, se mantuvo en actividad sin tener una sed ni recursos que costearan tanto la parte administrativa del sitio como las personas que allí trabajan o trabajaron. Produció programas de radio y zines, organizó cursos de periodismo alternativo e instituyó un Fondo de Apoyo a los Medios Alternativos. La metodología lleva a cabo un mapeamiento de los rasgos digitales del Nonada y de sus integrantes. Para ello, en un primer momento se utilizó el buscador de Google y en una segunda etapa el sitio y la fanpage del Nonada - registros de julio de 2010 hasta julio de 2018. Operando con el concepto de Ética de Michel Foucault y el de Worknet de Bruno Latour, la investigación entiende que el trabajo de gobernar la conducta de sí mismo y de dedicarse continuamente a la movilización de colaboradores y socios son los responsables por mantener el Nonada actuante a lo largo del tiempo.

Palabras clave: Periodismo; Desplazamiento en las prácticas periodísticas; la ética; Teoría del Actor-Red; Colectivo Nonada.

LISTA DE POSTS

POST 1.....	184
POST 2.....	185
POST 3.....	190
POST 4.....	215
POST 5.....	221
POST 6.....	224
POST 7.....	228
POST 8.....	230
POST 9.....	231

LISTA DE CAPTURAS DE TELA

TELA 1 – 2012A.....	114
TELA 2 – 2012B.....	114
TELA 3 – 2013A.....	115
TELA 4 – 2013B.....	115
TELA 5 – 2014A.....	116
TELA 6 – 2014B.....	116
TELA 7 – 2014C.....	116
TELA 8 – 2015A.....	118
TELA 9 – 2015B.....	118
TELA 10 – 2016A.....	119
TELA 11 – 2016B.....	119

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – TAGS.....	125
TABELA 2 – MARCADORES DE AUTORIA.....	130
TABELA 3 – EDITORIAS ATUAIS.....	133
TABELA 4 – CONTEÚDO DOS COLABORADORES.....	172
TABELA 5 – “POR COLABORADOR” NAS EDITORIAS.....	173
TABELA 6 – COLABORAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES.....	175
TABELA 7 – CONTEÚDO DOS COLABORADORES POR TIPO DE PRODUÇÃO....	178
TABELA 8– CROWDFUNDING 2016.....	204

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – CIÊNCIAS E MÉTODOS.....	17
1.1 Os estudos foucaultianos.....	20
1.2 A Teoria do Ator-Rede.....	21
1.3 A Ciência Aberta.....	24
CAPÍTULO II – A GOVERNAMENTALIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO.....	28
2.1 O pano de fundo da pesquisa.....	29
2.2 Governamentalidade.....	30
2.2.1 Conceitos em disputa.....	34
2.3 A crise geral do trabalho.....	38
2.3.1 Entre o empresariamento de si e a reinvenção do trabalho.....	41
2.4 Empreendedorismo e subjetividade.....	43
2.5 Trabalho imaterial e a intelectualidade de massa.....	46
2.5.1 Multidão, ou o novo sujeito do trabalho.....	49
CAPÍTULO III – JORNALISMOS POSSÍVEIS.....	53
3.1 Alguns jornalismo.....	53
3.1.1 As marcas do jornalismo tradicional.....	53
3.1.2 O jornalismo hegemônico e as lições do jornalismo de massa.....	56
3.1.3 Jornalismo digital.....	60
3.1.4 Jornalismo alternativo.....	62
3.1.5 O <i>freelancer</i> e a pejotização: condições de possibilidade do jornalismo empreendedor.....	66
3.1.5.1 Jornalismo empreendedor.....	69
3.1.6 Jornalismo independente.....	72
3.1.7 Jornalismo sem fins lucrativos.....	73
3.2 O mercado de trabalho no jornalismo.....	75
CAPÍTULO IV – AS CONDUTAS E SEUS RASTROS.....	79
4.1 Sujeito e verdade.....	79
4.2 Governamentalidades: os processos de liberação e as práticas de liberdade.....	82
4.2.1 O jogo da democracia: o jornalismo e o jornalista alternativo.....	85
4.3 Da ruptura com a norma à multiplicidade dos modos de vida: as lições de junho de 2013.....	89
4.4 Deslocamentos no trabalho e a problematização das condutas.....	92
4.5 A contribuição da Teoria do Ator-Rede na análise das condutas.....	95
4.5.1 Métricas.....	100
4.5.2 A escrita e os jogos de verdade na era informática.....	102
CAPÍTULO V – COMPONDO RELATOS DE RISCO.....	105
PARTE 1 – O SITE.....	108
1.1 As mudanças no <i>layout</i> ao longo do tempo.....	113
1.2 Os marcadores de autoria.....	128

1.1	As editorias.....	132
PARTE 2	– AS PESSOAS.....	137
2.1	Os integrantes.....	137
2.1.1	Trabalho e formação.....	137
2.1.2	Integrantes na rede.....	142
2.2	Os colaboradores.....	171
2.2.1	Listando os colaboradores.....	174
PARTE 3	– O NONADA POR SI MESMO.....	180
3.1	2010: O jornalismo independente e a diversidade das editorias.....	180
3.2	2011: As primeiras parcerias – Revista Cult e Jornal Rascunho.....	183
3.3	2012: Ainda, o valor da formação acadêmica.....	185
3.4	2013: O aniversário sem parceria.....	187
3.5	2014: A retomada.....	189
3.6	2015: O jornalismo alternativo.....	192
3.7	2016: É tempo de “coletivo”.....	203
3.8	2017: De atuante à fomentador.....	218
3.9	2018: Tentando romper a bolha.....	226
TRAVESSIAS.....		233
REFERÊNCIAS.....		237

Introdução

Essa tese conta uma história. É uma história sobre um grupo de pessoas e sobre o que ele é capaz de fazer e de mobilizar. Até onde é capaz de ir. É uma história de amizade, de perseverança, de coragem. É também a história de batalhas, de lutas e guerrilhas – com os outros e consigo mesmo. Um trabalho árduo, contínuo, tenaz. Essa é uma história de composição, de lançamento de pontes entre pessoas diferentes que foram capazes de criar uma vida em comum.

Somos cada vez mais guiados pelo relógio e pelo GPS, vigiados por *drones* e satélites, controlados por *timelines* e buscadores *online*, governados pela desregulamentação trabalhista e pela incitação ao consumo, normalizados pelas estatísticas e pelas métricas. Em tal contexto, é tentador contar uma história de dominação ou opressão, de servidão ou alienação. Seria talvez mais convincente ou lógico, quem sabe mais racional ou sério. Contudo, inverter essa perspectiva é um trabalho que tenta destacar a força de movimentos diários que, apesar e mesmo em função de todos os controles, vigias e normas, são capazes de reinventá-los. E de reinventar-se. Por mais singelos e prosaicos que sejam, esses movimentos constroem caminhos inesperados e nos mostram outros mundos possíveis.

Na escuridão da noite, o movimento dos vaga-lumes nos fala de sonhos e de delicadeza. Torna a beleza presente, traçando um rastro de luz intermitente ao nosso redor. Observá-los, não sei bem porque, alude à saudade e à esperança. Segui-los nos ensina como eles perseveraram, levando em frente a tarefa de tecer fios de luz e pontuar o céu com minúsculas estrelas cintilantes.

Essa é uma história de um vaga-lume, embora cada linha carregue rastros do que fui e do que deixei de ser. Rastros das batalhas que vivi e também das guerrilhas que sempre estarão comigo. Porque não se sai ileso ao seguir um vaga-lume. É também uma experiência de si e não há escapatória: ela nos vira e nos revira, à revelia e sem pedir licença. Escolher um vaga-lume como objeto de pesquisa é voluntariamente colocar-se na linha do tiro. Ressalta ausências. Desloca presenças. Produz transformações.

A Tese conta “uma” história do Nonada, não “a” sua história. Isso porque a pesquisa é entendida como uma de muitas possibilidades de narrar o mesmo feito. Está necessariamente atravessada por olhares e questionamentos que fazem parte de uma outra história – a minha.

O Nonada é composto de pessoas e de objetos, o que não quer dizer que os elementos de tal composição permaneçam os mesmos – pelo contrário. Ao longo do tempo, pessoas saíram e outras entraram, objetos foram criados e depois reconfigurados ou abandonados. Seguir a composição do coletivo Nonada no tempo é atentar para essas alterações ou reconfigurações, de modo a entender como tais movimentos influenciaram a longevidade do grupo.

Operando com a ideia de Ética em Michel Foucault e de *Worknet* de Bruno Latour, tento re-traçar parte dos movimentos do Nonada ao longo do tempo. A matéria prima do mapeamento são rastros digitais encontrados na internet. Textos, vídeos e declarações convertidos em bits são testemunhas de uma longa jornada. Uma jornada de experimentações e riscos, pontuada de incertezas, problemas, superações. E de muita coragem.

No primeiro capítulo procuro descrever meu lugar de fala como pesquisadora, na tentativa de demonstrar os motivos pelos quais o trabalho foi construído de uma forma e não de outra. A elaboração e o desenvolvimento de um projeto de pesquisa apontam para um determinado modo de compreender a ciência, fundamentando a escolha do método e da metodologia. Esse lugar de fala é crucial na composição do objeto, no modo de interroga-lo e nos desdobramentos das análises.

O segundo capítulo demonstra o cenário conceitual sobre o qual o estudo foi desenvolvido – a governamentalidade, o empresariamento de si e os deslocamentos no trabalho contemporâneo. Só é possível discutir os deslocamentos que as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas produzem no jornalismo e em seus profissionais explicando, primeiro, as ferramentas teóricas que me permitem delinear os desafios do trabalho na atualidade. Ao final desse capítulo também apresento o conceito de “intelectualidade de massa” e informo de que modo ele pode ser usado para fundamentar a emergência de coletivos como o Nonada.

O terceiro capítulo segue discutindo o referencial teórico, agora voltado aos tipos de jornalismo, tentando fazer uma conceituação mais precisa do que é jornalismo tradicional, hegemônico, de massa, digital, independente, alternativo, empreendedor etc. A tentativa é explicar que alguns desses jornalisismos podem se sobrepôr em um mesmo veículo, embora cada uma dessas nomenclaturas refira-se a uma característica específica – seja suporte, enquadramento, financiamento ou relação empregatícia. Em seguida, procuro expor a crise do emprego no mercado jornalístico e apresento dados quantitativos de pesquisas anteriores, demonstrando tanto a crescente onda de

demissões nas redações quanto a diminuição dos registros formais que habilitam o exercício do jornalismo junto ao Ministério do Trabalho.

O quarto capítulo detalha o conceito de Ética em Foucault e o de *Worknet* em Latour e tenta aliá-los na busca pela resposta ao problema da pesquisa. A ideia é demonstrar que o mapeamento dos rastros digitais permitiu a construção e desenvolvimento do trabalho. O conceito de Ética em Foucault foi aplicado tanto na busca quanto nas análises das pistas digitais do Nonada e de seus integrantes e colaboradores. Portanto, a função deste capítulo é demonstrar a potência do par *Ética/Worknet* na pesquisa de um coletivo de jornalismo que atua prioritariamente na internet.

O quinto capítulo apresenta os “relatos de risco” e a análise dos dados. Como há uma profusão de dados empíricos, a apresentação e análise dos dados foi dividida em três partes. Essa organização foi uma tentativa de tornar a seção mais didática. A parte 1 descreve o site, entendido como o primeiro espaço digital do Nonada. Criado em 2010, foi com ele que o Nonada nasceu. As transformações no *layout*, a criação sucessiva dos marcadores de autoria das matérias e a distribuição das editorias são abordadas aqui. A parte 2 apresenta as pessoas que compõem o Nonada na atualidade e faz um resgate dos colaboradores e de suas contribuições. A parte 3 descreve os materiais institucionais do Nonada, de forma a compreender como o grupo narra sua própria história e propõe mudanças ao longo do tempo.

Seguir a criação e o desenvolvimento do Nonada é testemunhar uma Travessia e viver outra. Portanto, em Travessias exponho o que me trouxe a experiência de operar essa pesquisa, o quanto ela me fez rever a vida acadêmica, profissional, pessoal. Em que medida *o objeto* me manteve atuante no doutorado – embora com muitas idas e vindas, hesitações e retomadas. Ao fim e ao cabo, penso que toda pesquisa é produto de problemas de vida. Portanto, finalizo a última parte da Tese descrevendo o que acredito ainda poder ser estudado no objeto e as perspectivas quanto ao prolongamento do tema.

Capítulo I

Ciências e métodos

*Não fique no rés do chão!
Não suba alto demais!
O mundo parece mais belo
Á meia altura.
Friedrich Nietzsche*

Seguir as pistas das condições de possibilidade da duração do coletivo de jornalismo cultural “Nonada – Jornalismo Travessia” exige, antes, o estabelecimento de um lugar de fala, de uma perspectiva de análise. É esse local, assumido pelo pesquisador, que permite tanto a elaboração do problema de pesquisa quanto as tentativas de respondê-lo – ou de, pelo menos, ensaiar sugestões para alguns de seus desdobramentos.

Minhas inquietações com relação ao mundo do trabalho dos jornalistas marcam minha caminhada no curso de Doutorado. Praticamente desde o início, sabia que a pesquisa giraria em torno desse cenário. Dando um passo para frente e outro para trás, a ideia era experimentar terrenos que me permitissem amadurecer o problema – por meio de leituras acadêmicas, discursos especializados no mercado do jornalismo e conversas com colegas que, fora da academia, experimentam na pele os desafios de trabalhar como jornalistas. Dar um passo para a frente e outro para trás, antes de indicar um *looping*¹, permite elaborar o pensamento. Assim, essa dança parece, mas só parece, repetitiva.

Ao modo de Heráclito, entendo que o mesmo homem não se banha no mesmo rio, porque nem o homem e nem o rio permanecem os mesmos. É verdade que esses passos sucessivos miram o mesmo tema; mas o próprio tema continuamente sofre transformações. Isso porque cada tema mobiliza um conjunto de elementos e esses elementos participam de um jogo próprio da vida mesma. Um jogo que sem dúvida pode agir de muitos modos, mas que sobretudo *age*. Seja para colocar o tema de um determinado modo, seja para problematizá-lo, criticá-lo, discuti-lo ou resolvê-lo: de acordo com *quem* fala/*age* e com *quando* e *como* o faz, os elementos são retomados de formas diferentes e com intensidades diversas.

¹Repetição automática de uma ocorrência; andar em círculos. (fonte: dicionarioinformal.com.br)

Entender essa sucessão de passos como um *jogo* é atentar para o movimento e para as várias possibilidades de compor modos de ver e de falar o tema. É como se, a cada passo, embora o cenário seja o mesmo, a disposição dos objetos – e talvez a própria natureza desses objetos – sugerisse uma variação. A cada vez, algo ou alguma coisa muda. Podemos não conseguir definir *o que* mudou exatamente, se há ou não algum objeto *ausente* e *quem* o deslocou ou suprimiu; mas sabemos que houve um deslizamento – de algum modo, em algum lugar.

Perceber e experimentar as variações refina o modo com que o pesquisador segura o cinzel, gera deslocamentos na força dispensada ao martelo e produz uma escultura que não é, de forma alguma, aquela projetada no início da dança. Os deslizamentos sugerem caminhos inesperados que dão a ver encruzilhadas não previstas. Escolhas precisam ser feitas e, se cada uma delas marca diversas renúncias, também abre um outro modo de ver e de dizer, compondo novas linhas nessa estranha escultura agora ao mesmo tempo familiar e desconhecida.

O aporte teórico da pesquisa funciona como um guia que ajuda o pesquisador a descrever o cenário e, diante das encruzilhadas – que não deixam de ser também produto dessa mesma teoria –, auxilia na escolha do que levar adiante e do que deixar para trás. Contudo, quem escolhe é o pesquisador.

Adotar uma perspectiva de estudo é filar-se a uma corrente de pensamento, a uma certa racionalidade que procura evitar a aliança entre conceitos anuláveis entre si ou que se invalidam mutuamente. Mais do que um grilhão, atentar à teoria é uma forma de avançar na pesquisa aprimorando as perguntas de modo a construir um caminho cada vez mais sóbrio. E se não há teoria melhor ou pior, também não há teoria que não produza controvérsias entre os pesquisadores que a adotam.

Uma afirmação científica toma rumos inesperados, de acordo com os interesses de quem a retoma. Não importa o que autor original quis dizer, mas como suas afirmações são retomadas pela geração de textos seguinte. Isso porque, “Por definição, nenhum fato é tão sólido que dispense apoio” (LATOURET, 2000, p 67). E se há deslizamentos dentro de uma mesma teoria, produzidos de acordo com os interesses em jogo, isso é não só legítimo como necessário ao avanço do conhecimento.

Como cada artigo adapta a literatura anterior às suas próprias necessidades, todas as deformações são válidas. [...] Não podemos dizer que essas deformações sejam desleais e que cada artigo deva ser lido honestamente como ele é; essas deformações são simplesmente consequência daquilo que chamei de atividade dos artigos sobre a literatura; todos eles conseguem realizar o mesmo trabalho de cinzelamento da literatura para colocar suas

teses na situação mais favorável possível. Se qualquer uma dessas operações é executada e aceita por outros como fato, então está feito; é um fato, e não uma deformação, por mais que o autor proteste. (LATOIR, 2000, pp. 69-70).

Contudo, muito tempo se passa antes que um conceito alcance uma envergadura tão robusta que o torne, nas palavras de Latour, um *fato* ou uma *caixa-preta* (2000, 2012). Os conceitos são retomados, disputados, transformados ao longo da cadeia científica. Portanto, a leitura dos comentadores de um autor é um modo profícuo de entender essas disputas – e também de multiplicar as possibilidades de desenvolvimento que a pesquisa pode tomar.

Por outro lado, Feyerabend (2007) ensina que tradicionalmente as fases do método científico constituem um ordenamento de sistemas de afirmação. E, se os dados são utilizados rigorosamente de acordo com as teorias estabelecidas, o sistema de afirmação é revigorado. Assim, o gesto metodológico de falsear as teorias normativas pode auxiliar na abertura da ciência. Se a ideia é fortalecer os fatos – e não as hipóteses -, desenvolver o pensamento ensaisticamente pode contribuir para diversificar as vozes que regulamentam o saber dito normalizado.

Ao problematizar a chamada condição de coerência (FEYERABEND, 2007), tais investigações questionam a antiguidade e a familiaridade das teorias estabelecidas. Se relatos de observação e resultados experimentais tendem a encarnar pressupostos teóricos – e se são construídos de maneira a confirmar estes últimos – os preconceitos só podem ser descobertos por contraste, nunca por análise. Portanto, a escolha envolve uma metodologia plural que lance mão de uma gama de teorias parcialmente superpostas, mas sem serem consistentes entre si. A metodologia pluralista, conscientemente evitando o sistema de afirmação, produz aumento do conteúdo empírico. Daí a importância de tornar forte o argumento mais fraco: ao nadar contra a correnteza, tal argumento faz aparecer alternativas necessárias ao avanço do conhecimento.

A comunicação, de modo geral, sem dúvida transcende os meios eletrônicos. Mas, tendo em vista o alto grau de conectividade do mundo contemporâneo, é importante levar em conta que o próprio processo de cognição está mudando. E, justamente por isso, obras ligadas às premissas elaboradas na época do modelo emissor-receptor, longe de serem dispensáveis, são fundamentais para a análise da diferença em tais processos.

Teorias que apregoam a evolução tecnológica como uma forma de redenção devem ser analisadas com muito cuidado. Contudo, penso que a cautela deve ser igual

nas investigações hermenêuticas que buscam os “sentidos” e entendem os processos comunicacionais como exclusivamente humanos. Apoiando-se na abordagem antropocêntrica, elas deixam uma lacuna crucial na comunicação, de maneira geral, e no jornalismo digital, em particular.

Mas como aliar tais discussões? Tento agora mostrar as teorias e gestos metodológicos que inspiraram o desenvolvimento da pesquisa de forma a, por um lado, enfatizar a genealogia da ética e, por outro, a importância dos objetos – tanto na atuação do Nonada ao longo do tempo quanto no mapeamento dos dados e nas descrições que compõem esse estudo.

1.1 Os estudos foucaultianos

Para a descontinuidade histórica (FOUCAULT, 2010), a produção de um discurso considerado válido sobre determinado assunto passa pela articulação de diferentes elementos. Assim, entendo que eventuais deslocamentos nas práticas jornalísticas dependem da articulação entre elas e um modo específico de reconhecimento do presente. Tanto as práticas da grande redação quanto as práticas das novas mídias são espaços singulares de luta que ajudam a definir/deslocar o que é o jornalismo. É importante destacar que o regime de verdade passa pela articulação entre o enunciável e o visível – é por esse motivo que as arquiteturas da informação e seus controles são fundamentais na tentativa de delinear uma história do presente. Tanto as práticas discursivas e como as não discursivas ajudam a constituir/multiplicar o jornalismo e o sujeito jornalista.

As normas que determinam e/ou expressam o que tem valor para nós desencadeiam efeitos de sentido e de realidade que compõe o mundo em que vivemos. Os discursos são artefatos, são múltiplos e não ordenados; a arqueologia os seleciona, cria unidades de sentido e os organiza em uma formação discursiva (FOUCAULT, 2010). A regularidade do discurso engendra determinada verdade que é, por isso mesmo, produtiva. Produtividade e visibilidade do saber é o objeto da arqueologia, e sua principal pergunta é “como nos tornamos sujeitos do saber?”.

Após a década de 60, Foucault alia outro questionamento à pergunta arqueológica, porque passa a se interessar também pelas práticas não discursivas: “como nos tornamos sujeitos do poder?”. Assim, as formas como dispomos de determinados espaços, como organizamos o tempo, como disciplinamos o corpo são fruto de relações de poder intrinsecamente relacionadas aos mecanismos do saber. Portanto, a genealogia

pode ser definida como “Uma análise das tecnologias do poder como condições de possibilidade para constituição de determinados saberes e suas formas de operação. Enfim, uma politização do campo epistemológico” (HENNING, 2008, p. 116).

A genealogia é marcada pelo entendimento do poder como algo que se exerce em um campo de disputa. Relação de poder, forças em exercício que disputam o sentido que damos às coisas. Não a origem, mas a proveniência (FOUCAULT, 2007). Não *onde* se chega, mas *como* se chega. E desvios, acidentes, erros e percalços fazem parte da história do que tem valor para nós.

As forças que impulsionam deslocamentos no mundo e em nós mesmos são descritas pela genealogia: os efeitos articulados entre saber e poder – efeitos tanto do saber sistematizado quanto daqueles ditos menores ou informais. Como o poder é aí engendrado e que efeitos gera nas dinâmicas destes saberes? Como tais saberes retrucam aos efeitos de poder?

A análise da ética também versa sobre o poder, mas agora da perspectiva da constituição de si. Como nos tornamos sujeitos de nós mesmos? Como, partindo da problematização do poder, dobramos a força que tenta nos assujeitar? De acordo com Candiotta, “Um dos desafios decorrentes da ética proposta por Foucault consiste em fazer da própria vida e pensamento obras de arte e objetos de elaboração cuidadosa”. O comentador de Foucault ainda indica que a crítica ao ser histórico talvez coincida com “o caminho mais apropriado para esse árduo trabalho artesanal (...). Lapidar quem somos para esculpir-nos diferentemente” (2013, pp. 231 e 232).

Assim, pensei em enfrentar o desafio proposto por Candiotta e tentar traçar uma genealogia da ética do Nonada. A busca é não só pela descrição das práticas do veículo jornalístico Nonada, mas também pelos valores eleitos por seus integrantes. Tais valores são agregados ao veículo e, de alguma forma, expressam também um modo de problematizar as práticas profissionais mais difundidas e acatadas pelos jornalistas. Há aí um engendramento de um sujeito jornalista: embora necessitem sobrepor jornadas de trabalho – visto que o Nonada não pode remunerar seus integrantes –, ainda assim cada membro da equipe assume a tarefa de manter o veículo em atividade. Penso que essa decisão se aproxima muito das regras facultativas e autoimpostas presentes no exercício da ética de si. Os integrantes não precisam estar ali: eles o fazem simplesmente porque querem. Há, claro, justificativas para esse desejo. E o mapeamento procura, entre outras coisas, por pistas que o explique.

1.2 A Teoria do Ator-Rede

Além da filiação aos estudos foucaultianos, essa Tese também busca inspiração na Teoria do Ator-Rede. Proposta por Bruno Latour (2012), ela prevê a adoção, durante todo o caminho da pesquisa, de cinco fontes de incerteza: (1) não há grupos, apenas formação de grupos; (2) a ação é assumida; (3) os objetos também agem; (4) questões de fato são resultado de questões de interesse; e (5) o pesquisador compõe, necessariamente, relatos de risco.

Partindo de uma inversão figura-fundo, Latour entende o mundo como caos, não como ordem. No lugar de compreender a ordem das coisas como regra e a mudanças/decadência/criação como exceção, a TAR entende que a ordem é o que deve ser explicado. Padrões, metrologias e formatos são resultado de uma estabilidade construída pelo *worknet* – o trabalho de rede. A definição da ordem como pano de fundo da pesquisa seria *ostensiva* porque entende que o objeto está sempre aí. A visada dessa Tese entende, pelo contrário, que a ordem é *performativa*: ela é resultado de uma estabilidade construída via estratégias, táticas e negociações: via trabalho de rede.

Toda verdade foi, um dia, uma verdade selvagem (DELEUZE, 2005.). Rastrear a luta pela construção da verdade é descrever a cadeia de formação e os valores de um futuro ordenamento; é seguir as pistas de algo estranho, complexo, muitas vezes contraditório, eventualmente bizarro. Esse modo de operar os caminhos da pesquisa visa, justamente, lutar contra o sentido original das coisas – na origem, todas as coisas são múltiplas. Assim, interessa a análise da proveniência, ou seja, os movimentos que tornam tal objeto possível; que o tornam visível e passível de ser apreendido.

Uma proposição inerente à análise da proveniência é que nunca se sabe bem onde a incerteza se encontra: se no observador ou no fenômeno observado. Assim, precisamos lembrar continuamente de um dos maiores lemas da TAR – “siga os atores”. É outra inversão cara ao método proposto por Latour (2012). A informação precisa é aquela descrita rigorosamente. Isso exige dar prioridade ao relato de como os atores agem, do modo como assumem ações de terceiros e da forma como propõem ações posteriormente assumidas por outros. É preciso descrever os prosaicos caminhos que constroem no trabalho de formação de grupos, e atentar ao papel que os objetos assumem nesses contextos de construção.

A principal pergunta dessa tese é “como o coletivo Nonada – Jornalismo Travessia se estende no tempo?”. A tentativa de respondê-la procura seguir as pistas de múltiplos movimentos que, desde 2010, mantém o coletivo em ação. A primeira fonte

de incerteza aponta para o entendimento do Nonada mais como “formação de grupos” do que como um grupo já constituído. Como ensina Latour (2012), o trabalho de rede – ou *worknet* – é a perspectiva adotada porque a ênfase recai no trabalho constante para manter o agrupamento. A pesquisa passa, claro, pelos atores que compõe o Nonada, mas o foco é o trabalho de formação de grupos que vem mantendo esse coletivo em movimento.

Trabalho de rede (*worknet*), porque a rede de trabalho (*network*) deriva do primeiro; se não há um trabalho de amarração de rede, não há uma rede de trabalho: “sem trabalho, sem grupo!” (LATOUR, 2012, p. 59). Partindo do *worknet*, procuro segui-lo desdobrando alguns dos elementos do grupo em formação; descrevendo os modos com que os atores tentam estabilizar o coletivo – por meio da construção de padrões, formatos e/ou metrologias; analisando a composição daí decorrente em função da longevidade do coletivo.

A cartografia das controvérsias é uma metodologia sugerida pela Teoria do Ator-Rede, proposta por Bruno Latour na obra *Reagregando o social* (2012). Parte do princípio que o objeto é como um mapa dobrado sobre si mesmo. É necessário, portanto, desdobrá-lo e isso se faz mediante a discriminação de elementos (atores ou actantes) que participam daquele objeto - sejam eles humanos ou não. Há assimetria entre humanos e não humanos, tornando aqueles hierarquicamente superiores. Contudo, a posição dominante dos humanos não é e nem deve ser motivo para invisibilizar a ação dos objetos.

Latour (2012) ensina que os objetos também agem, seja porque permitem, concedem, impulsionam, dificultam ou impedem uma determinada ação. Quando fazem alguma dessas coisas, eles interferem na cadeia de ação e, nesses casos, não são simples intermediários, mas verdadeiros mediadores. Além de fazerem diferença na ação, essa diferença é percebida pelos outros participantes.

Após desdobrar o número de atores/actantes, é preciso segui-los para observar como resolvem as controvérsias. Ou seja, é necessário descrever os processos de negociação que têm como objetivo estabilizar o coletivo. Latour nos diz que os processos de estabilização resultam em padrões de ordenamento, metrologias ou formatos. Isso porque a Teoria do Ator-Rede parte da ideia do mundo como caos, não como ordem. Justamente porque não é naturalmente ordenado, nós precisamos desenvolver tais ordenamentos - sem eles seria impossível viver. Contudo, esses ordenamentos variam de acordo com o agrupamento estudado. Assim, seguir os atores e

observar como constroem suas normas nos faz ver os valores implicados em tais processos e a variação do próprio agrupamento ao longo dos anos.

Embora seja aplicada na análise de polêmicas ou lutas frontais, penso que a cartografia das controvérsias também pode ser utilizada no mapeamento de negociações entre lados diferentes, mas não necessariamente opostos. Partindo da ideia da multiplicidade e da filosofia da diferença, a intenção é estudar os processos de ordenamento entre pessoas que, embora diferentes, constroem um objeto em comum.

Tanto Latour (2012) quanto Venturini (2012) falam em “cartografia das controvérsias”, mas prefiro usar somente o termo “cartografia”. Isso porque a ideia não é construir um mapa de um tema polêmico (sentido inerente à expressão “controvérsias”). No caso do problema da longevidade do Nonada, penso que é mais uma cartografia de negociação ou construção do que uma cartografia de controvérsias.

A ideia, é claro, é apontar as ações importantes nessa longevidade, inclusive os objetos que figuram mais como mediadores do que como intermediários – ou seja, objetos que fazem diferença na ação. Este é o caso da *fanpage* em si, dos marcadores de autoria no site ou das alterações no desenho de nonada.com.br ao longo do tempo.

É interessante destacar que a influência das superfícies de inscrição marca não só a atuação dos atores e do coletivo, mas a própria elaboração da pesquisa. O retorno dos dados via buscador do Google limita os resultados – mas penso que somos limitados pelas superfícies digitais também na construção do objeto de pesquisa. Quando Latour (2012) fala sobre as questões de fato e as questões de interesse que atravessam a história da ciência, ensina que é necessário atentar para os locais de construção dos fatos científicos na medida em que tais espaços são pontuados por questões de interesse. Assim, o funcionamento do Google – mostrando resultados de acordo com o perfil do usuário, previamente rastreado pela empresa – é incluído na Tese de modo a demonstrar que também ela é construída. Portanto, a pesquisa “tem uma origem mais humilde, mas também mais visível e mais interessante” (2012, p. 131).

1.3 A Ciência Aberta

Outra influência na Tese é o movimento da Ciência Aberta, porque penso que ele traduz bem a ideia de Latour (2012) sobre a composição dos relatos de risco – ou seja, a descrição do processo da pesquisa. Para o autor, tais relatos podem falhar na medida em que parte do entendimento de que o cientista não sabe mais acerca do objeto do que as pessoas que o produzem. A Ciência Aberta também comunga da problematização das

questões de fato X questões de interesse proposta por Latour. No caso da Ciência Aberta, ela é um movimento que emerge no contexto de movimentos sociais marcados pela velocidade nas mudanças no mundo do trabalho, cultura, informação e conhecimento. Tais movimentos abrem fissuras na epistemologia tradicional, apresentando desafios às práticas e valores científicos.

A importância filosófica da epistemologia decorre do fato de ser impossível separar o objeto de seus efeitos. E se é a organização dos objetos que dá forma à realidade, o fenômeno analisado carrega em si a inscrição de quem busca determiná-lo (BACHELARD, 2001). Assim, a caótica percepção do pesquisador exige uma organização racional que classifique e projete a sequência da investigação. Majoritariamente, a ciência entende que, contra o empirismo simplista, o dado seria antes de qualquer coisa um réu e a prática científica iniciaria, justamente, pela ruptura com o senso comum. Mas essa ruptura é uma elaboração: ela é constituída por um conjunto de técnicas desenvolvidas pelo pensamento. O saber científico é resultado de reflexão e por isso nunca está presente em uma aproximação inicial. Precisa ser construído e depende, portanto, da racionalização dos processos de discernimento. Fatos são ideias racionalizadas que, encadeadas, os validam como científicos. A construção dos fatos está imersa, portanto, na história do pensamento. A consequência de tal afirmação é de que a construção dos fatos é sempre datada e localizada. Por outro lado, ao operar o corte da observação, o observador carrega consigo determinadas possibilidades - aprendidas na disciplinarização inerente ao saber formal - e assim restringe o que a ela se combina.

O espaço-tempo que compartilhamos hoje passa por transformações simultâneas, velozes e muitas vezes violentas. A influência da Ciência Aberta nessa Tese decorre do fato de que os efeitos produzidos por tais transformações produzem vazamentos em alguns conceitos tradicionalmente adotados pela academia. Albagli (2015) ensina que a Ciência Aberta pode ser pensada em duas grandes vertentes. Por um lado, a partir da tensão entre a produção do conhecimento e a crescente tendência em enclausurá-lo sob direitos de propriedade intelectual que limitam o acesso às produções científicas. Por outro lado, podemos seguir a vertente que disputa os sentidos tanto da expressão "ciência" quanto da expressão "aberta". Nesse último caso, a autora sustenta que o alcance do conceito ultrapassa o campo científico bourdiano, tendo em vista que as possibilidades de produzir conhecimento oportunizam uma troca mais potente entre a ciência e outros tipos de saberes na atualidade:

As abordagens da ciência aberta implicam superar a perspectiva de pensar a ciência a partir de sua produtividade intrínseca. Implicam o abalo de hierarquias, de fontes estabelecidas de autoridade e reputação, colocando foco nas relações entre ciência e poder, e, mais amplamente, entre saber e poder. (ALBAGLI, 2015, p. 10).

Os regimes de propriedade intelectual repercutem sobre artefatos culturais e científicos e dão a ver a influência das relações capitalistas no mundo acadêmico. A intensificação dos direitos de propriedade intelectual pressiona os ambientes universitários, porque o retorno financeiro das atividades de Ciência e Tecnologia pressupõe o registro de patentes e a proteção do *copyright*. Compõem esse quadro o inflacionamento de determinados periódicos e eventos acadêmicos - seja pelo uso de licenças de acesso restrito, seja pelas exorbitantes taxas de inscrição em alguns encontros científicos.

A expansão do fechamento do acesso gratuito se deu como uma resposta às práticas sociais que vinham tomando força através da cultura livre, amparada na ética hacker (ALBAGLI, 2015). De acordo com Castells (2003), a cooperação e a comunicação livre são as marcas da cultura hacker. Esta faz a ponte entre o conhecimento da academia e a difusão da internet através de subprodutos empresariais. A liberdade de criação aparece como valor supremo: liberdade para apropriação do conhecimento e também para a sua distribuição. A cultura hacker é construída em torno de redes de computador, e a integração de seus membros na comunidade é extremamente informal, ou seja, não é imposta pelas instituições da sociedade. O reconhecimento entre os membros se dá na medida em que a excelência tecnológica não vise práticas individualistas.

Hoje, a cultura inspirada na ética hacker - uma cultura de interação e colaboração - forma um conjunto de práticas de co-criação, produção wiki, e-science e inovação aberta: "logo, mais do que compartilhamento da cultura, o que se afirma é o compartilhamento" (ALBAGLI, 2015, p. 12). Mas o contexto atual intensifica a exploração das relações afetivas e colaborativas, seja na vida digital ou no espaço urbano. Contudo, processos de resistência emergem por todos os lados e lutam contra os novos modelos de negócio baseados na exploração do conhecimento comum.

Em uma era digital e em rede, que potencializa a imaterialidade dos artefatos culturais e científicos, o discurso de escassez que por muito tempo legitimou os direitos de propriedade intelectual já não são tão fáceis de serem acatados. A ciência não poderia deixar de sentir os efeitos de tais desdobramentos: ela é parte integrante da composição do social. Hoje, a Ciência Aberta aponta para outras formas de pensar e praticar a

ciência. Essas novas práticas deslocam normas acadêmicas tradicionais, disputando o sentido de "cientificidade" e os efeitos gerados pelo tipo de relação construída entre a academia e a sociedade.

Á medida em que avança, o movimento pela ciência aberta modifica-se e incorpora novos elementos à sua agenda. Ciência aberta passa a constituir um termo guarda-chuva, que vai além do acesso livre a publicações científicas e inclui outras fontes, como dados científicos abertos, ferramentas científicas abertas, hardware científico aberto, cadernos científicos abertos e wikipesquisa, ciência cidadã, educação aberta. (ALBAGLI, 2015, pp. 14-15).

A ciência comum propõe uma maior parceria na validação dos conhecimentos que abrem espaço na pesquisa - conhecimentos muitas vezes não incorporados por serem entendidos como "menores". Embora nem todos os participantes saibam as mesmas coisas ou as saibam, mas de maneiras diferentes, é justamente aí que reside a diferença da ciência comum:

Cada uno ha llegado al colectivo por sus propios medios sin que hubiera ningún proceso de filtrado para que los integrantes fueran algo más homogéneos. Para que sea entre todos, para que nadie sobre y para que nadie pueda dominar la situación, el conocimiento debe construirse a partir de un material tan abundante como ordinario: la experiencia. (LAFUENTE e ESTALELLA, 2015, pp. 51-52).

A criatividade faz parte da ciência. A curiosidade também. Instigada pela análise que os integrantes do Nonada podem fazer dessa Tese, os convidei para assistir à apresentação do trabalho. A ideia é de, se possível, incluir um relato de suas críticas na versão da Tese a ser postada no banco de Teses e Dissertações da Unisinos e também da CAPES.

Essa escuta dá o tom ensaístico aos caminhos da pesquisa, de modo a facilitar o encontro do pesquisador com elementos externos ao seu pensamento e, conseqüentemente, às suas práticas. É a pesquisa como exercício filosófico, como uma oportunidade de transformar-se mediante uma experiência de si colada ao pensamento. Tais gestos multiplicam os modos como temos constituído as rotinas produtivas do jornalismo – e como descrevemos os sujeitos jornalistas que são produzidos por elas, mas que também as produzem e multiplicam.

Capítulo II

A governamentalidade e as transformações no mundo do trabalho

Nosso prazer conosco procura se manter transformando algo novo 'em nós mesmos' – precisamente a isto chamamos possuir. Enfadar-se de uma posse é enfadar-se de si mesmo.

Friedrich Nietzsche

A indústria jornalística vem passando por deslocamentos velozes e sucessivos. Demissões de vários profissionais de uma só vez – os chamados passaralhos – se tornaram comuns. As vagas celetistas, como na maioria do mercado de trabalho, são cada vez mais minguadas. Em seu lugar, tomam força as relações de trabalho por peça de serviço e com data para acabar. Os jornalistas precisam se adaptar a uma realidade de prestação de serviços e ao uso de figuras jurídicas como Pessoa Física (PJ) ou Microempreendedor Individual (MEI), além de desenvolver habilidades de gestão e administração. Muitos cumprem jornadas sobrepostas para poder chegar ao final do mês.

Em meio a esse cenário, alguns jornalistas assumem a responsabilidade de criar e manter veículos de comunicação independentes e/ou alternativos. Um trabalho onde não há remuneração, exigindo ainda mais fôlego de quem já acumula outras atividades a fim de pagar as contas. Um trabalho auto-organizado, que pede competências extras e um planejamento constante. Porto Alegre tem alguns veículos com esse perfil. Um deles é o “Nonada – Jornalismo Travessia”.

Eleito pela Agência Pública de Jornalismo Investigativo como um exemplo dos veículos independentes que emergem e atuam via internet, o Nonada conta com 12 integrantes fixos. Sem ter nenhuma sede, eles encontram na cena pública da capital locais para discutir pautas e manter o veículo operante. Ali, ninguém recebe salário. Ali, a participação é facultativa. E isso desde o ano de 2010.

O Nonada produz reportagens de fôlego suficiente para derivarem em várias mesas de debate e premiações jornalísticas. Oferece cursos de formação e já lançou um concurso de reportagem. Tem um Fundo de Apoio à Mídia Alternativa, que financia ações visando fomentar a criação de veículos de mesmo tipo. Seu site abriga ainda um

outro projeto, o blog Veredas, voltado para a literatura escrita por mulheres. Já produziu mais de 60 edições de programas de rádio – quase todas com duração de 1 hora – e também publicou dois zines. É um histórico impressionante para um veículo que por muito tempo precisou contar com o dinheiro de seus integrantes para pagar o básico: sua hospedagem na rede.

Esta Tese procura investigar como o coletivo de jornalismo cultural “Nonada – Jornalismo Travessia” perdura no tempo. Nascido em 2010, veicula seu conteúdo quase exclusivamente online, sem ter uma sede e com muitas limitações financeiras. Que efeitos produziram/produzem o Nonada? E que efeitos o Nonada produz em seus integrantes? Em um tempo de crise no mercado formal do jornalismo, como um agrupamento informal, em constante movimento e sem fonte fixa de sustentabilidade alcança 8 anos de existência? Que papel assumem os objetos nessa durabilidade?

Para contar a história do Nonada é preciso, antes, delinear o pano de fundo onde ele atua. O espaço-tempo em que vivemos é marcado por fenômenos peculiares. Contudo, tais fenômenos podem ser abordados de muitas formas – depende de onde fala o narrador e de como entende o mundo em que vive. Portanto, esse capítulo tem como objetivo descrever a adoção filosófica do trabalho, na medida em que ela é responsável pelo interesse da pesquisadora pelo objeto, como trabalha o tema e de que modo o interroga.

2.1 O pano de fundo da pesquisa

Os estudos foucaultianos da governamentalidade abrem a parte teórica dessa Tese por dois motivos. O primeiro é para deixar claro de onde falo, ou seja, para delimitar rigorosamente o cenário do qual parte essa investigação. O segundo é para destacar que, embora o estudo seja desenvolvido sob uma escola de pensamento específica, ele não deixa de ser atravessado por um enorme número de possibilidades de escolha produzido pelas disputas sobre um mesmo conceito – ou sobre os diferentes caminhos aos quais esse conceito pode nos conduzir.

A jornada inicia em um mundo dominado pelo caos e não pela ordem. Quando partimos desse pressuposto, estamos sublinhando a importância dos processos de ordenamento – mas não porque eles sejam *naturais*, pelo contrário. Os processos de ordenamento do mundo são *necessários* e, justamente por isso, *construídos*. Não são naturais, não são fatos desde sempre aí: os processos de ordenamento precisam ser produzidos. E essa produção é atravessada por questões de interesse vindas de muitos

lados. Economia, política, cultura e tecnologia fazem parte desses processos: tais elementos articulam-se de modo a atender interesses do tempo-espaço presente e a legitimar formas de ser e de viver que lhe são pertinentes.

Há diversos modos de conduzir as condutas, tanto de si quanto dos outros. Convivemos com diferentes tipos de governo e os legitimamos ou não de acordo com as práticas que exercitamos diariamente. Isso porque a forma como escolhemos nos conduzir também pode ser um tipo de governo específico: um governo sobre si mesmo. Este é chamado por Foucault de ética de si e ela será apresentada no quarto capítulo da Tese.

O conceito de governamentalidade ajuda a mapear várias formas de conduzir as condutas e os efeitos que produzem em nosso mundo e em nós mesmos. Efeitos de ordenamento e efeitos de subjetivação, sem dúvida. Mas o conceito de governamentalidade aliado ao de ética de si também auxilia a delinear as condições de possibilidade dos movimentos de resistência – e da força criadora que pode aí aparecer.

2.2 Governamentalidade

Foucault (2007) ensina que partir do século XVI, o governo passa a ser pensado como o problema do governo dos Estados pelos príncipes. Mas a literatura sobre a arte de governar ligada ao Príncipe de Maquiavel e que se mantém até o início do século XIX conviveu com obras que a combatiam.

O autor elege como corpus de análise a literatura anti-Maquiavel e estuda primeiramente as críticas levantadas por ela. O príncipe está em relação de transcendência ao seu principado; chegando até ele por herança ou conquista, o príncipe é exterior aos seus domínios e por isso esta é uma relação frágil e sempre ameaçada – seja por seus inimigos que querem conquistar o principado, seja porque não existe razão para que os súditos aceitem seu governo. Assim, o principado é entendido como a relação entre o príncipe e o que ele mantém, e o exercício do poder é caracterizado como a luta por proteger esse principado.

Na soberania, a finalidade do governo era tida como o bem comum e a salvação. Se todos os súditos obedecessem às leis, dessem cabo adequadamente de suas tarefas, competentemente exercessem suas funções e respeitassem a ordem estabelecida por Deus e pelos homens, então o bem comum estava presente. Ele foi caracterizado como, em última análise, a expressa obediência à soberania.

À ideia de governo como a habilidade de conservar o principado (tema de “O Príncipe”), as obras anti-Maquiavel contrapõem uma arte de governo. Esta concerne tanto ao príncipe que governa seu principado, como ao pai de família que governa sua casa. A arte de governo também pode ser encontrada no governo de almas, de uma família, de um convento, etc. As práticas de governo são caracterizadas como práticas múltiplas, pois muitos são os que podem governar. Assim, a singularidade e a transcendência do Príncipe de Maquiavel são contestadas.

Segundo a literatura anti-Maquiavel, existem três grandes tipos de governo: o que diz respeito à moral, como governo das almas; o que concerne à economia, como governo da família; e o que pertence à política, como governo do Estado. Foucault (2007) explica que, numa ótica ascendente, quem quer governar o Estado deve antes saber governar sua família e seu patrimônio. De uma perspectiva descendente, em um Estado bem governado, os indivíduos se comportam adequadamente e o pai de família sabe governar os espaços e coisas que lhe concernem – a família, seus bens, seu patrimônio.

Na literatura anti-Maquiavel a economia, entendida como a melhor maneira de gerir os indivíduos e bens de uma família, é pensada para ser aplicada na gestão do Estado. Governar um Estado significará portanto estabelecer a economia ao nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos, uma forma de vigilância e de controle tão atenta quanto a do pai de família (FOUCAULT, 2007, p. 281).

É nessa época que começa a surgir o entendimento de que o governo deve ter como objetivo prioritário a economia. O território deixa de ser a principal referência porque esse papel agora é assumido por um conjunto de homens em relação a coisas como riquezas e recursos, território e fronteiras, hábitos e comportamentos, acidentes e desgraças: “governar é governar as coisas” (FOUCAULT, 2007, p. 283).

Nas obras anti-Maquiavel, a arte de governar deve conduzir cada uma das coisas a governar a um objetivo adequado. Assim, o bem comum deixa de ser enfatizado: a finalidade é produzir a maior riqueza possível, é que as pessoas tenham os meios de subsistência dos quais necessitam. A ênfase é em dispor as coisas e não em impor uma lei aos súditos. E a disposição das coisas deve ser feita com vistas a fins específicos, prioritariamente de acordo com determinadas táticas de governo que nada tem a ver com leis.

A razão de Estado começa a ser articulada no final do século XVI e início do século XVII: o Estado é entendido como tendo uma racionalidade própria. Foucault (2007) explica que essa razão de Estado serviu de obstáculo para a arte de governar até

o século XVIII. Primeiro porque esse período sofreu várias crises, e a arte de governar só se desenvolve em períodos de expansão; segundo porque o problema e a instituição da soberania ocupavam lugar de destaque no pensamento político. O autor ensina que tal situação foi desbloqueada a partir do crescimento demográfico, da produção agrícola e das riquezas.

Se esse é o quadro geral, pode-se dizer, de modo mais preciso, que o problema do desbloqueio da arte de governar está em conexão com a emergência do problema da população; trata-se de um processo sutil que, quando reconstituído no detalhe, mostra que a ciência do governo, a centralização da economia em outra coisa que não a família e o problema da população estão ligados (FOUCAULT, 2007, p. 288).

O que chamamos atualmente de “econômico” é resultado do movimento que centralizou a economia neste conceito, oscilação protagonizada pelo desenvolvimento da ciência do governo. Ao especificar os problemas da população irreduzivelmente ligados ao nível da economia, o objeto da ciência do governo livrou-se, enfim, do quadro jurídico da soberania.

A tecnologia de poder começa a ser enfatizada principalmente na estatística. É esta quem vai desvelar a regularidade própria da população, suas características e problemas que passam ao largo da família. Vai também destacar os movimentos e atividades que permitem à população produzir determinados efeitos econômicos.

De elemento central, a família assume um papel secundário: ela passa a ser um segmento, mas um segmento privilegiado, um instrumento. Isso porque é através dela que se pode conseguir certos comportamentos da população. Assim, este novo tipo de governo joga tanto no nível individual quanto no geral:

O interesse individual – como consciência de cada indivíduo constituinte da população – e o interesse geral – como interesse da população, quaisquer que sejam os interesses e as aspirações individuais daqueles que a compõem – constituem o alvo e o instrumento fundamental do governo da população. Nascimento portanto de uma arte ou, em todo caso, de táticas e técnicas absolutamente novas (FOUCAULT, 2007, p. 289).

A população passa a ser matéria-prima na constituição de um saber voltado para melhor geri-la. Por isso o desenvolvimento do saber de governo é colado ao desenvolvimento do saber referente à população; é por isso também que o nascimento da economia política está absolutamente atravessado pela população conceituada como objeto de análise. Contudo, é importante destacar que a soberania não foi posta de lado, mas assumiu uma outra ênfase: se a arte de governo deixou de ser deduzida da soberania, o problema agora era descobrir a melhor forma institucional e jurídica da soberania que caracteriza um Estado. Também a disciplina assume importante função, já

que a busca é pelo gerenciamento da população também no nível individual. A soberania, a disciplina e a gestão governamental apoiam-se umas nas outras, fazendo operar dispositivos de segurança entre a população.

Para além do sistema da lei, existem técnicas de normalização (FOUCAULT, 2008). As disciplinas decompõem os indivíduos para percebê-los e, logo após, modificá-los com vistas a determinados objetivos, a um modelo ideal. Adestramento progressivo e controle permanente que norteiam a nomeação do normal e do anormal, do apto e do inapto, do capaz e do incapaz, e assim por diante.

A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tomar as pessoas, os gestos, os atos, conforme esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. (FOUCAULT, 2008, pp. 74-75).

Assim, com relação às disciplinas, seria mais apropriado falar em “normação” do que em “normalização” – já que partimos da norma para definir quem é o normal e quem é o anormal. Existe uma infrapenalidade imposta por meio das disciplinas que “quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis” (FOUCAULT, 2012a, p. 171), normalizando os indivíduos. É o poder da norma, que classifica e hierarquiza os indivíduos não mais questionando quem fez o que, mas determinando o que é correto fazer, qual o comportamento considerado normal.

Deleuze (1992) afirma que o poder disciplinar é, a um só tempo, massificante e individualizante. Transforma todos os sujeitos sobre os quais se exerce em um mesmo corpo, ao mesmo tempo em que molda a individualidade de cada um deles. Nessa sociedade, é a assinatura que vai identificar a pessoa. Ao lado dessa tecnologia, aparece o número de matrícula, que indica a posição do sujeito no corpo social. Contudo, lentamente, delineou-se um tipo diferente de sociedade, onde os meios de confinamento que marcaram as sociedades disciplinares (escola, hospital, indústria, prisão) encontram-se em agonia: é a instalação da sociedade de controle (DELEUZE, 1992). Ela foi possível graças ao desenvolvimento das tecnologias comunicacionais: aqui, a circulação das palavras de ordem corresponde ao próprio sistema de controle.

Quando nos informam, nos dizem o que julgam que devemos crer. [...] Ou mesmo nem crer, mas fazer como se acreditássemos. Não nos pedem para crer, mas para nos comportar como se crêssemos. Isso é informação, isso é comunicação; a parte dessas palavras de ordem e sua transmissão, não existe comunicação. O que equivale a dizer que a informação é justamente o sistema de controle. (DELEUZE, 1987, p. 10 - 11).

A incessante circulação dessas palavras de ordem, a contínua transmissão desses comandos é um dos elementos que caracterizam o controle como uma modulação. Por outro lado, a sociedade de controle não supõe o fim da sociedade disciplinar. As tecnologias disciplinares aliam-se aos mecanismos de segurança.

Foucault (2008) explica que as técnicas de normalização relacionadas à sociedade seguracional são preventivas: invertendo a regra do jogo da normalização disciplinar, aqui elas administram a população a partir do normal, e não a partir da norma. Desse modo, calculando estatísticas e probabilidades, desenha-se uma curva de normalidade. Entre o comportamento normal e o anormal, várias gradações são possíveis – e as técnicas de normalização operam de forma a trazer as normalidades mais “desfavoráveis” para perto das normalidades mais “normais”. A medida é, então, o comportamento normal, e é dele que se deduz a norma.

O conjunto das táticas próprias de um governo voltado para a população, e que tem na economia política sua principal forma de saber e nos dispositivos de segurança sua tecnologia fundamental, é chamado por Foucault (2007) de governamentalidade. Ele destaca que se hoje o palco das lutas políticas caracteriza-se justamente pela tecnologia desse tipo de governo, é por meio dessa mesma tecnologia que o Estado pôde sobreviver. O deslocamento entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle torna visível um governo que busca gerir a liberdade humana através dos mecanismos de segurança.

O fenômeno da governamentalização do Estado é fundamental na contemporaneidade, tornando supérfluas as teorias que veem o Estado como principal posição a ser ocupada ou como o inimigo a ser extinto. São as táticas da governamentalidade que determinam o que é de responsabilidade do Estado; são elas que definem o que é público e o que é privado – o Estado, para além de uma abstração mistificada, deve ser entendido por meio dessas tecnologias de segurança e controle.

2.2.1 Conceitos em disputa

Miller e Rose (2012) investigam a emergência do pensamento governamental e ensinam que, aí, o pensamento alia-se à técnica porque precisa desenvolver instrumentos de intervenção. O termo “governar” aponta para a ação de conduzir a conduta. E, se tal ação é necessária, isso ocorre porque algo na conduta dos indivíduos é entendido como problemático.

Como saber que tipo de conduta deve ser regulada? Os autores explicam que, para chegar a tal conhecimento, as coisas devem ser problematizadas, ou seja, não as entender como problemas colocados *a priori*, mas elaborando processos que dão a ver os problemas a serem resolvidos. E mais: ao longo dos processos, também desenvolver tecnologias de governo que mirem a solução dos problemas.

Os autores explicam que há dois aspectos diferentes a serem analisados na governamentalidade: o primeiro são as racionalidades ou programas de governo; o segundo são as tecnologias que permitem implementá-los. Segundo Miller e Rose (2012), essa separação permite, por um lado, “indicar os nexos entre um modo de representar e conhecer um fenômeno, e de outro, um modo de agir sobre ele, de modo a transformá-lo” (p. 27). O termo “racionalidades” aparece no plural porque não há uma racionalidade a ser contraposta a um “irracional”. Ao invés de partir da ideia de uma racionalidade única, Foucault (2008) ensina que há várias formas de racionalidade buscando solucionar os problemas.

Nesse sentido, Geoffroy de Lagasnerie (2013), um polêmico comentarista de Foucault, destaca a importância de quebrar a unidade do que entendemos por liberalismo. Por muito tempo e de forma majoritária, a esquerda forjou “um grande relato uniforme” sobre o liberalismo clássico, o neoliberalismo, o capitalismo e a dominação da burguesia (p. 30). A importância de *O Nascimento da Biopolítica* estaria, justamente, em especificar tais elementos de forma a compreendê-los e assim enfrentá-los com uma argumentação mais precisa e rigorosa². Na análise do liberalismo e das disputas internas que marcam sua história, a busca deve ser pelas novidades que daí emergiram e pelos diferentes efeitos que produziram em nossa forma de ser e estar no mundo.

Convém apreender positivamente suas contribuições: o que eles produziram? O que geraram como novos direitos, novas liberdades, novas emancipações? De que realidades inéditas impuseram a existência? [...] Colocar-se em contato com o que essa tradição renova é, portanto, proporcionar-se meios de discernir ao mesmo tempo, e em um mesmo movimento, as promessas de emancipação encarnadas pelo neoliberalismo e as razões pelas quais ele não as cumpre. Isso, a fim de detectar, nas contradições internas que o perpassam e o minam, os pontos de apoio de uma ação visando transformá-lo e,

²Nesse sentido, Lagasnerie vê similaridade entre Foucault e Marx, quando este critica a racionalidade dos socialistas alemães sobre o capitalismo na *Crítica do Programa de Gotha*: entender a burguesia como uma reunião reacionária entre feudais e a classe média seria ignorar as peculiaridades econômicas e sociais da época. Assim, para Marx, “apreender a 'positividade' do capitalismo é compreender e aceitar que a classe burguesa é uma classe autenticamente revolucionária: ela transformou as relações econômicas, emancipou os indivíduos dos pertencimentos tradicionais; substituiu as relações feudais de sujeição por relações jurídicas entre homens dotados de direitos formalmente 'iguais' e pelo viés de mecanismos de mercado” (LAGASNERIE, 2013, p. 33).

simultaneamente, selecionar e assimilar suas exigências mais válidas e legítimas. [LAGASNERIE, 2013, pp. 34-35] [Grifos do autor].

Seguindo tais ensinamentos, a proposta dessa Tese é, mediante a caracterização das práticas do jornalismo de massa e do jornalismo empreendedor, compreender e descrever um tipo de jornalismo que parece não se enquadrar em nenhum desses conceitos. Além disso, se as práticas são diferentes, os sujeitos produzidos por cada uma delas também os são – e ao mesmo tempo em que são produzidos, os sujeitos produzem e reproduzem cada uma dessas práticas. Tal discussão atravessa o referencial teórico e deve ser entendida como um pano de fundo da pesquisa. Por ora, voltemos aos debates sobre a governamentalidade foucaultiana e os embates de seus comentadores.

Algumas afirmações de Lagasnerie são vigorosamente rebatidas por outros estudiosos, principalmente quando ele sustenta que Foucault via no neoliberalismo possibilidades estratégicas para elaborar práticas de desassujeitamento perante a sociedade disciplinar. Nildo Avelino (2014) afirma que “Não é preciso muito esforço para demonstrar que não foi na tradição (neo)liberal que Foucault foi buscar 'práticas de desassujeitamento'” (p. 1). As práticas de liberdade aparecem aliadas ao cuidado de si exercido na antiguidade greco-romana e não sob os auspícios da tradição liberal. Avelino sustenta que, aliás, aqui a diferença é grande porque no (neo)liberalismo

[...] não é o indivíduo que pensa sua conduta e, com esse gesto reflexivo, se fortalece enquanto sujeito de vontade; ao contrário, ele é pensado: objetivado pelas verdades da economia que estruturarão sua liberdade, isto é, seu campo de ação, para constituí-lo como sujeito econômico. [AVELINO, 2014, s/p].

O autor defende que a atitude de Foucault perante o (neo)liberalismo foi estritamente descritiva e analítica; interessava-o na medida em que essa tradição engloba diferentes racionalidades governamentais. Estas são práticas que miram a otimização dos meios e fins em uma tríplice aliança: conduta dos indivíduos, princípios de governo e técnicas governamentais. E o fundamento do (neo)liberalismo não é entendido, de modo algum, como a valorização da liberdade, mas parte da ideia de que – a partir de um determinado momento histórico – governar demais passou a ser uma prática irracional.

A pergunta é como governar, e a potência dessa indagação está na análise das condições de possibilidade para o governo das condutas. Portanto, interessa pensar em termos não de uma pura “liberdade”, mas de “liberdade regulada”. Até onde ir para atender o desejo da população? Como e em que medida dizer “sim” a tal desejo?

Avelino (2014) explica que, se na Idade Média o papel do soberano era garantir a salvação dos súditos, há um deslocamento durante o século XVI que faz emergir uma

outra racionalidade: a razão de Estado. Ela pôde aparecer mediante algumas práticas bem específicas que produziram notáveis efeitos na arte de governar.

Em Maquiavel, o príncipe deve conservar seu Estado mediante uma solitária habilidade para reinar. Mas na esteira de “O Príncipe” a literatura anti-Maquiavel vai, pela primeira vez na história, sugerir que reinar é diferente de governar. Se aquele é uno, este é múltiplo: ninguém governa sozinho. Em um determinado território, muitos sujeitos exercem o poder de governo: o pai governa sua casa, sua família e seus bens; o professor governa seus pupilos; o médico, seus pacientes; o líder religioso conduz seus fiéis. Enfim, uma coisa é o poder soberano e outra é o poder de governo.

Antes de impor ou comandar, governar é conduzir as condutas – e tais práticas de condução acarretam problemas que lhe são específicos. Avelino (2014) explica que o governo assim entendido é produto do liberalismo. Foi este que promoveu uma profunda rearticulação no conceito de governo: o liberalismo foi um processo que protagonizou a “transformação do Estado unitário e centralizado na figura do Príncipe, num Estado descentralizado, não mais indexado na figura do Príncipe, mas agora indexado na conduta dos governados” (AVELINO, 2014, s/p).

Embora concorde com a ideia de “liberdade regulada”, penso que a agonística de si faz parte dos processos de criação de ações e de discursos que muitas vezes parecem “vazar” das práticas mais difundidas. É preciso lembrar desses desvios descendo ao “chão de fábrica”: eles aparecem nas práticas irreverentes da internet, como a produção de memes e o compartilhamento de livros e filmes protegidos pelo direito de autor, por exemplo.

Mesmo que Foucault tenha voltado ao período clássico para encontrar a ética de si, esse fato não deve ser um impedimento para pensar a possibilidade da agonística nos dias atuais. O próprio Foucault afirmou muitas vezes que não queria ser tomado como um autor e que sua obra deve ser vista como uma “caixa de ferramentas”. Ainda que, claro, devemos atentar para o uso responsável desses ensinamentos de modo a não criar monstruosidades conceituais (VEIGA-NETO e RECH, 2014), a composição do pensamento não pode ser constrangida pelo medo de não reportar exatamente “o que o autor quis dizer”. Do contrário, nos acharemos perigosamente próximos daquela hermenêutica tão criticada pelo próprio Foucault em seus escritos finais.

No mesmo sentido, caso a ética de si seja relegada aos gregos, ficaremos irrevogavelmente presos nas malhas do poder. Se por um lado há governamentos macro das condutas, também há governamentos micro que ultrapassam a ordem discursiva

mais visível ou potente. Essa problematização é trabalhada mais detalhadamente no terceiro capítulo da Tese.

Governamentalidade é um conceito construído para descrever o processo liberal que deu origem ao poder de governo. Assim, a governamentalidade destaca a condução das condutas e as racionalidades que articulam ações correlatas à fiscalização, regulação e normalização dos comportamentos – e não a centralidade do Estado. Alfredo Veiga-Neto (2002) frisa que Foucault jamais se refere ao Estado como centro de irradiação do poder e da ação política e que muitas vezes essa ideia acaba se tornando confusa justamente pelo emprego indiscriminado da palavra “governo”. Assim, sugere o uso da palavra “governo” ao nos referirmos ao ato ou ação de governar; quando a intenção for falar sobre a instância governamental, usar a palavra “governo”, apontando, aí sim, para a ação protagonizada pelo Estado.

Sem dúvida complexo, o conceito de governamentalidade indica um governo múltiplo, onde não existe protagonista: economia, mercado, academia, Estado, mídia, tecnologia e outros elementos apoiam-se uns aos outros, operando técnicas de controle e de normalização entre os sujeitos. As mudanças no mundo do trabalho são um exemplo disso – e a potência atual do discurso do empreendedorismo não pode deixar de compor tais governamentos.

2.3 A crise geral do trabalho

A crise do emprego na indústria do jornalismo é parte de uma veloz e abrangente transformação no mercado de trabalho. A palavra da vez é “flexibilização” e seu sujeito é o empresário de si. Antes de discutir como chegamos a essa verdadeira “palavra de ordem” deste início de século, penso ser apropriado descrever brevemente o trajeto das mudanças no mundo do trabalho. Alterações importantes acompanham tais transformações, como o enfraquecimento dos sindicatos, a perda de direitos trabalhistas e a proliferação de figuras próprias deste tempo, como o empresário de si.

A informalidade não é um fenômeno novo. Ela acompanhou a constituição do mercado formal de trabalho no país, na década de 1970. Naquela época, só 50% da população estava empregada no meio urbano. A outra metade dos brasileiros ocupava-se em empresas e trabalhos precários, como autônomos ou domésticos. Essas pessoas exerciam atividades cujo salário e contratação não estavam previstos legalmente e não tinham “qualquer possibilidade de representação coletiva” (COSTA, M., 2010). O processo de urbanização entre os anos 60 e 70 foi rápido – estávamos no auge do

período de crescimento econômico –, desencadeando um grande aumento demográfico e a atividade capitalista organizada não gerou empregos formais na mesma proporção.

Novas modalidades de trabalho informal e o aumento das velhas foi o caminho encontrado pelo excedente de mão de obra – ou o desemprego. Assim, acompanhando a expansão da produção capitalista dos anos 70, muitas pessoas se auto-empregavam e modificavam sua posição no mercado de trabalho, dando origem ao setor informal. O crescimento desordenado de favelas e o acirramento da competição entre os trabalhadores data desta época (COSTA, M., 2010). Políticas e mecanismos de proteção social criadas pelo Estado eram direcionadas aos trabalhadores formais e a autora explica que tal situação fortaleceu uma gama de valores que associavam – e infelizmente ainda associam – o trabalho precário com a marginalidade.

Os anos 80 foram marcados pelo aumento das subcontratações e expansão do setor de serviços (mais propenso à irregularidade e precariedade nas relações de trabalho). De acordo com Alves (2002), o baixo crescimento da economia e a abertura política contribuíram para o fortalecimento da combatividade e capacidade de organização social dos sindicatos.

Com a eleição de Fernando Collor de Mello, em 1989, são feitas várias reformas com vistas ao acesso dos capitais financeiros internacionais. Começamos a sentir os efeitos da chamada globalização e a informalidade cada vez mais se expande na carona da desregulamentação. O discurso apontava para a necessidade da flexibilização das leis trabalhistas – de acordo com a retórica da época, a proteção excessiva ao trabalhador inviabilizava a abertura de novos postos de trabalho:

O caminho da “modernidade” passava pelas agressivas reformas no âmbito das privatizações, da previdência, da desregulamentação dos mercados produtivos e de trabalho. [...] Esse discurso legitimava uma tendência, que vinha se acentuando, de informalização da própria economia (COSTA, M., 2010, p. 179) [grifo do autor].

A luta deixa de focar na universalização dos direitos para se concentrar na busca pelo emprego possível (COSTA, M., 2010). Um dos efeitos dessa mudança é a fragmentação da classe trabalhadora e o enfraquecimento das negociações coletivas.

A ideia é de que os contratos de trabalho devem ser por empresa, e não mais categoria ou sindicato, debilitando a resistência e limitando a ação sindical ao campo corporativo. As greves, assim, também deixam de ser coletivas e passam a ser por empresa, e as reivindicações dos trabalhadores perdem o tom ofensivo em favor da busca por preservar os direitos ameaçados: “crescem as greves por direitos trabalhistas, demonstrando o avanço paulatino do processo de precarização do trabalho em

categorias assalariadas organizadas” (ALVES, 2009, p. 192). Nessa nova realidade, “a ‘velha’ CLT [Consolidação das Leis Trabalhistas] tende a tornar-se um anacronismo jurídico” (ALVES, 2002, p. 91) [grifo do autor].

Dominante no século XX, o trabalho contratado por tempo indeterminado e regulamentado vem sendo substituído pelas relações informais e precárias. Imposta aos componentes da força de trabalho, a “flexibilização” acarreta salários mais baixos e más condições de trabalho. Luciano Vasapollo (2005, p. 375) explica que a flexibilização permite às empresas, entre outras coisas: demitir seus empregados por motivo de diminuição da produção ou das vendas; reduzir ou aumentar as horas de trabalho sem aviso prévio; subdividir a jornada de trabalho de acordo com a conveniência da produção; destinar parte de suas atividades a outras empresas; fazer contratos de trabalho por tempo determinado e parcial.

Antunes afirma que hoje vemos o trabalho contratado e regulamentado ser substituído “pelas diversas formas de ‘empreendedorismo’, ‘cooperativismo’, ‘trabalho voluntário’, etc.” (2011, p. 411) e propõe uma classificação sobre “os modos de ser da informalidade”. A primeira é a dos trabalhadores informais tradicionais, que possuem um mínimo de conhecimento profissional e também os meios de trabalho; podem lançar mão de ajudantes temporários ou do trabalho familiar; e na maioria das vezes trabalham no setor de serviços. Aqui também se enquadram aqueles contratados por peça ou serviço realizado e que podem ser subempregados por outros trabalhadores informais, mas mais estáveis. A segunda classificação é a dos trabalhadores informais assalariados sem registro e, por isso, sem acesso aos acordos coletivos da categoria. A terceira é a dos trabalhadores informais por conta própria; estes também eventualmente podem subcontratar outros informais.

O autor sustenta que o “empreendedorismo” é uma forma oculta de trabalho assalariado, porque essas pessoas exercem um trabalho de auto-ocupação precário, irregular e descontínuo, o que facilita a flexibilização de horário, funcional, organizativa e salarial.

A flexibilização é o conceito usado como uma saída no combate ao desemprego e seu correlato, o trabalho informal, é hoje uma tendência. A precarização é o centro do capitalismo flexível, que defende e estabelece a terceirização das atividades-meio e das atividades-fim³.

³ Atividade-meio é aquela que não expressa o objetivo principal da empresa; já a atividade-fim é aquela que contempla a efetuação do produto ou serviço final da empresa.

O capital precisa cada vez mais da superfluidade do trabalho: menos estabilidade e mais formas diferentes de trabalho parcial. Antunes e Druck (2015) frisam que “a informalidade não é sinônimo de precariedade, mas a sua vigência expressa formas de trabalho desprovido de direitos e, por isso, encontra clara sintonia com a precarização” (2015, p. 25). A imposição de metas inalcançáveis, jornadas de trabalho estendidas e a exigência de múltiplas habilidades fazem parte desse cenário.

2.3.1 Entre o empresariamento de si e a reinvenção do trabalho

Proibir é próprio do governo da época da soberania, um regime de verdade que foi alterado no século XVIII (FOUCAULT, 2008a). O desenvolvimento da ciência do governo colocou no centro do palco a figura da população e, dessa forma, livrou-se do bloqueio à arte de governar – entrave ocasionado pela soberania e pelo sujeito de direito.

Enquanto o sujeito do direito é a figura derivada da soberania e que coloca seus direitos sob a guarda do soberano, o *homos oeconomicus* é aquele indivíduo que, por um lado, se conduz pela racionalidade e, por outro, é eminentemente governável (FOUCAULT, 2008).

O soberano, a partir do século XVIII, vê acima de si – no lugar que antes era ocupado por Deus – um novo elemento: o mercado. A partir de agora o exercício do poder é confrontado pela emergência dos sujeitos econômicos, produtivos, que compõem o conjunto da população. O território, previamente ocupado pelos sujeitos de direito, agora se encontra dominado pelos sujeitos do mercado. E não é que os sujeitos de direito tenham desaparecido; é que a potência se deslocou. Então a questão, agora, é saber como governar esses sujeitos e é assim que aparece um novo objeto. Tal objeto é a sociedade civil, um conjunto que reúne sujeitos de direito e sujeitos econômicos e que opera como um conceito de tecnologia governamental. Essa tecnologia define-se pela “autolimitação que não infringe nem as leis da economia nem os princípios do direito” (FOUCAULT, 2008a, p. 404). Cocco (2012) ressalta que a liberdade é indispensável nessa nova configuração social, onde “o Estado não é mais tão central quanto foi nas formas de poder precedentes. No seu lugar, intervém o governo como atualização permanente de sua legitimidade” (COCCO, 2012, p. 129).

Foucault descreve o deslocamento entre o liberalismo e o neoliberalismo no final do século passado e atenta para o fato de que, mais do que técnica entre governantes e governados, o neoliberalismo (principalmente o norte-americano) é um modo de ser. Um dos elementos destacados pelo filósofo é a emergência da teoria do capital humano, desenvolvida por Theodore Schultz em 1960, que desloca o objeto de referência da análise econômica. Se antes as questões econômicas agrupavam-se em torno dos mecanismos de produção, agora elas passam a mirar no comportamento humano.

O problema da reintrodução do trabalho no campo da análise econômica não consiste em se perguntar a quanto se compra o trabalho, ou o que é que ele produz tecnicamente, ou qual valor o trabalho acrescenta. O problema fundamental, essencial, em todo caso primeiro, que se colocará a partir do momento em que se pretenderá fazer a análise do trabalho em termos econômicos será saber como quem trabalha utiliza os recursos de que dispõe. (FOUCAULT, 2008a, p. 307).

A economia passa a ser pensada da perspectiva daquele que trabalha, ou seja, o trabalho como conduta econômica racionalizada e aplicada pelo trabalhador. Será preciso perguntar, a partir do que é trabalhar para quem trabalha, a qual racionalidade esse modo de pensar o trabalho obedece. O efeito estratégico dessa abordagem é que o trabalhador deixa de ser objeto e passa a ser sujeito – e um sujeito econômico ativo. Assim, do ponto de vista de quem trabalha, o salário é renda, produto de um capital, e não o preço de sua força de trabalho. Seguindo essa lógica – de que o salário é na verdade uma renda de um capital – chegamos à conclusão de que o capital que aqui está em questão é o capital humano. O salário passa assim a ser renda derivada de um conjunto de competências.

Foucault frisa os desdobramentos da adoção dessa perspectiva. A competência não pode ser separada daquele que a possui e, assim, o capital não pode ser separado do indivíduo; toma forma o par máquina-fluxo, sendo máquina= competência e o fluxo=renda. A renda é fluxo de renda porque a máquina envelhece. Inicialmente, a renda é baixa e, na medida que a máquina é “refinada” a renda aumenta; finalmente chega um momento em que a máquina passa a ser obsoleta e a renda, então, diminui. Se não é mais o caso de “venda de força de trabalho” e sim de rendimentos sobre o capital-competência, “é o próprio trabalhador que aparece como uma espécie de empresa de si mesmo” (FOUCAULT, 2008a, p. 310).

Aprimorar este capital humano vai muito além da frequência aos bancos escolares, envolvendo elementos como o tipo de criação que o indivíduo teve e a sua capacidade para a mobilidade. Esse conjunto de competências vai ter como renda a

inovação. E Foucault alerta que políticas econômicas, culturais, sociais e educacionais passam a ser orientadas para o investimento no capital humano.

Como ensinou Deleuze (1992), o deslocamento entre a sociedade disciplinar e sociedade de controle é o deslocamento do eterno recomeço da educação individual para a interminável sucessão de metaestabilidades. Esse movimento enfatiza a responsabilidade do sujeito com uma formação permanente ditada pela necessidade de agregar valor ao capital-competência. Também a difusão do crédito é própria dessa sociedade, na qual as empresas passam a enunciar valores prescritivos que concorrem para constituir o sujeito. Mas, por um lado vivendo de acordo com as metaestabilidades e por outro sob palavras de ordem fruto de estratégias de marketing, a potencialidade para problematizações pode tomar força.

O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas. (DELEUZE, 1992, p. 224).

Nesse sentido, o papel das novas tecnologias é hoje imprescindível para a busca da preponderância do comum na esfera pública; as tecnologias comunicativas não são instrumentos de “exílio do mundo” ou desvios reversíveis da realidade. São, ao contrário, dispositivos que concorrem para fazer o mundo da nossa experiência social, do nosso estar em comum: “É de outro modo de estar em comum que se necessita, é de outra linguagem que se precisa, uma linguagem que saiba produzir uma esfera pública que seja comunidade política” (MARAZZI, 2009, p. 150, grifos do autor).

2.4 Empreendedorismo e subjetividade

Os modos como a tecnologia constitui seus usuários – tanto jornalistas como público – e é constituída por eles são movimentos fundamentais para compreender a atualidade. Nesse sentido, penso que tanto as novas tecnologias quanto as transformações no mundo do trabalho são elementos importantes na constituição do sujeito. Elas compõem o impacto provocado pelo neoliberalismo ao entender o homem não mais como objeto (força de trabalho), mas como sujeito (capital-competência) do trabalho.

Flexibilização, financeirização e desregulamentação são algumas das palavras que compõem a “gramática” do capitalismo contemporâneo (BOLTANSKI e

CHIAPELLO, 2009). Contudo, o capitalismo não está livre de críticas, embora tais críticas não necessariamente conduzam a um mundo melhor.

Os autores partem da ideia de que hoje a crítica é fraca e destacam aí duas grandes vertentes: a utopia do retorno e a crítica entusiasmada. A primeira é saudosista e prescritiva, buscando antes de tudo estabelecer um quadro ideal que estaria em um passado onde a política era mais séria e o sujeito mais responsável. A segunda reverencia os avanços da tecnologia e vê neles a redenção da sociedade.

Mesmo alvo de críticas, o capitalismo sempre foi capaz de resolver os problemas limitadores da acumulação. O processo de superar esses entraves está atrelado a mudança de valores e deslocamentos na composição da subjetividade. Os valores mudam na medida em que o capitalismo precisa justificar suas práticas por meio de uma razão moral que o legitime, para além da simples acumulação. Os sujeitos percebem essa justificação e passam a justificá-la – e nesse sentido a crítica é *necessária*. Por isso, Boltanski e Chiappello (2009) afirmam que o capitalismo não sobreviveria sem a crítica.

Analisando a proliferação do trabalho em rede, Boltanski e Chiappello (2009) estudam o corpus discursivo de obras voltadas à gestão empresarial em dois momentos diferentes: o primeiro produzido em meados da década de 60 e o segundo publicado no entorno dos anos 90. O que eles investigam não é tanto a crise do capitalismo, mas a crise da crítica às novas formas de cooptação do sistema. Assim, a expansão do trabalho em rede seria a evidência da capacidade de mutação do capitalismo e não uma possibilidade real de liberdade e trabalho autônomo. Isso porque não haveria liberdade sem garantias, ou seja, não haveria autonomia trabalhista diante de um regime de trabalho precarizado.

Os autores analisam o que mudou na justificação do capitalismo, em sua dinâmica de acumulação e nas críticas que o acompanham. A resposta para essas questões vai delinear aquilo que Boltanski e Chiappello chamam de “O novo espírito do capitalismo” (2009). Este é caracterizado a partir do estudo de uma gama de livros sobre administração e técnicas de gestão.

No desenvolvimento da análise, os autores trabalham o conceito de “cidades”, ou seja, composições racionais que conduzem o comportamento dos sujeitos porque fundamentam-se em noções de justiça e bem comum. Cada uma justifica, a seu modo, a necessidade do regime de acumulação. As “cidades” são tipos ideais que, combinados, demonstram tipos diferentes de justificativas do capitalismo.

Primeiramente, Boltanski e Chiappello falam em seis tipos de “cidade” diferentes: “Cidade Inspirada” (aquela que postula maior liberdade de criação, baseada em noções como “santidade”, “senso artístico”, “autenticidade”, “criatividade”); “Cidade Doméstica” (onde a grandeza refere-se às dependências pessoais, no sentido de geração e organização familiar); “Cidade da Fama” (a que destaca a opinião alheia: o mais famoso é sempre o melhor); “Cidade Cívica” (aquela onde a representação é a grandeza); “Cidade Mercantil” (onde o que conta é a capacidade de vender e conquistar mercados); e “Cidade Industrial” (cidade que destaca a eficiência e a capacidade profissional).

Para compreender o espírito do capitalismo de hoje, os autores criam uma sétima cidade, porque entendem que “os novos discursos justificativos do capitalismo são imperfeitamente traduzidos pelas seis cidades já identificadas. Para descrever o 'resíduo', interpenetrável na linguagem das cidades já existentes, fomos levados a modelizar uma sétima cidade” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 57). E a marca dessa cidade é o mundo em rede.

Embora inicialmente falem em “rede”, Boltanski e Chiappello logo defendem o uso da palavra “projeto” e não tanto da palavra “rede”. Isso porque “projeto” dá a ideia de um bem comum, no sentido de ser capaz de estabelecer um ordenamento. Como as cidades são construídas de acordo com um senso de justiça (a necessária justificação do capitalismo), o julgamento de cada uma exige um *critério moral*. Este é a ordem da grandeza estabelecida por cada cidade. “Rede” não combina com uma hierarquia de valores: a “rede” é feita de elos. Assim, a grandeza ou critério moral da “Cidade dos Projetos” é o “projeto”, visto que é necessário fazer parte de um projeto para estar na rede.

Os autores apontam um deslocamento entre a literatura produzida a partir dos anos 60 e aquela elaborada da década de 90 em diante. Assim, “eficiência” e “representação política” são termos importantes que, a partir de maio de 68, perdem potência. Tomam força “autonomia”, “flexibilidade”, “adaptabilidade”, “criatividade”, “equipe”. Com a crise do petróleo em 74, aparece também “novas tecnologias”, preocupadas com a economia da força de trabalho – afinal, a técnica responde aos problemas políticos e econômicos de seu tempo.

Mudam as trajetórias profissionais. As pessoas trabalham por projetos pensados sob a necessidade da “empregabilidade”. É por isso que, nessa nova organização do

trabalho, o “mérito” importa mais do que a “eficiência”: enquanto aquele responde ao empresariamento de si, essa remete mais a uma “carreira” estável e aos postos celetistas.

Quanto ao enfraquecimento da crítica na contemporaneidade, Boltanski e Chiapello (2009) destacam duas linhas de crítica: a social e a estética. A social é aquela feita coletivamente e até pouco tempo atrás era expressa principalmente na figura do sindicato. São as garantias do trabalho. A estética é a voltada para as capacidades criativas e comunicacionais, individuais, do trabalhador. Entre os anos 60 e os anos 90 houve um descolamento entre essas duas vertentes da crítica, tomando envergadura a crítica estética. De acordo com Boltanski e Chiapello, essa situação enfraqueceu a politização e a capacidade de reivindicação dos trabalhadores – em todas as esferas da vida produtiva.

A chamada Geração X, referente aos nascidos na década de 70, passa por um tipo de sofrimento diferente daquele sentido pelas gerações que a precederam (BAUMAN, 2005). Um dos elementos desse sofrimento é o desemprego – mas o desemprego correlato à liquidez deste tempo. Isso porque, em um mundo mais sólido, o desemprego era temporário, decorrente de uma crise passageira ou outra mudança com data para terminar. Hoje o desemprego pode, cada vez mais, se tornar uma condição permanente.

Risco, instabilidade, flexibilidade: palavras de ordem na cidade dos projetos (BOLTANSKY e CHIAPELLO, 2009). E os projetos, como bem lembrado por Bauman, precisam ter objetivos “alcançáveis” e simplificar a complexidade para serem contemplados; por outro lado, “um projeto à prova de equívocos, à prova de riscos, é algo muito próximo de uma contradição” (2005, p. 35).

Também Sennet (2006) atenta para o fato de que muitos jovens têm sido preparados para carreiras empresariais, em detrimento de empregos mais estáveis. E a formação para o risco gera implicações no nível da subjetividade: um de seus efeitos é que esses jovens já não acreditam que um emprego público lhes trará respeito social. Pelo menos, não no início da vida profissional.

Si el riesgo se hubiera convertido en un valor dominante, debiéramos esperar que los trabajadores temporales, los que cambian constantemente de empleo y otros que flotan por debajo de la elite de vanguardia en el mismo tiempo fluido de trabajo, disfrutaran de un estatus relevante [...] a menudo los trabajadores móviles encuentran satisfactorios los primeros años de trabajo flotante. Pero opinan que, si se prolonga mucho tiempo, este tipo de trabajo lleva a la frustración (SENNET, 2006, pp. 69-70).

Em um mercado de trabalho dominado pelo discurso do empreendedorismo, essa frustração parece cada vez mais presente. Por outro lado, experimentar tal

transitoriedade de relações no trabalho acaba aproximando uma gama de pessoas diferentes que passam por vivências similares. Se por um lado tais relações podem simplesmente reverberar palavras de ordem próprias do empreendedorismo, também podem construir um caminho pavimentado pela prática da problematização.

2.5 Trabalho imaterial e a “intelectualidade de massa”

Componente potencializado na reconfiguração produtiva, o trabalho imaterial assume centralidade no trabalho contemporâneo. Trabalho imaterial é aquele referente às ideias, aos conceitos, à capacidade cognitiva e comunicacional de seus produtores. Estes precisam ter capacidade para eleger, entre diversas opções, a alternativa mais adequada para solucionar problemas. Lazzarato e Negri ensinam que,

Como prescreve o novo *management* hoje, 'é a alma do operário que deve descer na oficina'. É a sua personalidade, a sua subjetividade, que deve ser organizada e comandada. Qualidade e quantidade de trabalho são reorganizadas em torno de sua imaterialidade. (2001, p. 25) [grifos dos autores].

Sob a égide do trabalho imaterial, é exigido dos trabalhadores muito mais do que a força de trabalho. Eles devem ser capazes de analisar, projetar, escolher e executar tarefas de gestão – de si e dos outros. Os trabalhos em equipe são um exemplo, assim como as práticas dos trabalhadores autônomos. E os autores alertam que a característica principal desse tipo de trabalho é a sua capacidade para a reprodução da subjetividade, principalmente “[...] a independência da atividade produtiva em face à organização capitalista da produção e o processo de constituição de uma subjetividade autônoma ao redor do que chamamos de 'intelectualidade de massa” (p. 30).

Hardt e Negri (2010) exemplificam o trabalho imaterial naquele exercido pelo setor de serviços, porque ele toma por base a troca de informações e de conhecimento e não a produção de um bem material e durável. Assim, o definem como um tipo de “(...) trabalho que produz um bem imaterial, como serviço, produto cultural, conhecimento ou comunicação” (p. 311). Tal trabalho aparece como uma condição de possibilidade para as lutas contemporâneas. Isso porque, ao exigir o estabelecimento de vínculos entre as pessoas (via execução de projetos e trabalhos temporários, por exemplo), ajuda a compor uma rede de trabalhadores diferentes – sujeitos com vínculos celetistas e terceirizados; que trabalham na empresa e outras que trabalham remotamente; etc.

Na explicação do conceito de “intelectualidade de massa”, Virno (2008) ensina que até pouco tempo entendia-se que a ação passava por um momento de paralisia. Esta

só seria quebrada quando a ação tomasse força exatamente naquilo que a limitava. Assim, o lugar da ação política era identificado em duas linhas: no trabalho (automatismo, previsibilidade, uso do mesmo contexto para novos objetivos, ação pública e exterior) e no pensamento puro (possível, imprevisto, modificação do contexto, ação solitária e invisível). Na atualidade, contudo, a separação já não funciona. O ato de produzir absorveu várias características da ação, transformando esta última categoria em uma duplicação supérflua.

Virno (2008) lembra que Marx divide o trabalho intelectual em duas categorias. A primeira é a atividade imaterial, aquela em que o produto existe independente do produtor. A segunda é o trabalho virtuoso, ou seja, as atividades onde, ao contrário da atividade imaterial, o produto seja inseparável da sua produção. Virno (2008) explica que o trabalho virtuoso envolve todo trabalho baseado em uma execução virtuosística (como professores e médicos), mas que para Marx essa categoria não faz parte do trabalho produtivo. Por outro lado, o trabalho virtuoso se aproxima da práxis política, já que seus profissionais precisam do público para trabalhar. E hoje esse mesmo trabalho virtuoso é a prerrogativa do trabalho assalariado, porque a necessidade da presença de outrem passou a ser o instrumento do trabalho, onde se procura modular a cooperação social. Por isso, “o ciclo do trabalho imaterial é pré-constituído por uma força *social e autônoma*, capaz de organizar o próprio trabalho e as próprias relações com a empresa” (LAZZARATO e NEGRI, 2001, pp. 26-27).

Os atuais processos produtivos reclamam a ação política, no sentido de que o trabalhador precisa lidar com o imprevisto e lançar mão de performances comunicativas. Mas o processo produtivo contemporâneo “parodiando a auto-realização, na realidade marca o ponto máximo de submissão” (VIRNO, 2008, p.124), porque a exigência do virtuosismo na produção faz com que características próprias da ação política passem a ser pré-requisito – o intelecto é, agora, a principal força produtiva.

Ao par intelecto e trabalho, Virno sugere contrapor o par intelecto e ação. O *general intellect* (a “intelectualidade de massa”), diferente da maneira como foi entendido por Marx – que o ligava ao saber científico aplicado às máquinas, ao capital fixo -, deve ser encarado como “atributo direto do trabalho vivo, repertório da *intelligentsia* difusa, partitura que junta uma multidão” (2008, p. 126). A cooperação social do *general intellect* é ampla e heterogênea. Quando o intelecto aparece composto com o trabalho, ao contrário, a cooperação torna-se instrumento de exploração e a

multiplicidade própria do intelecto torna-se invisível.

No mundo da produção pós-fordista, a publicidade do intelecto vê-se reduzida à cooperação produtiva. E é justamente aqui que Virno vê uma abertura para libertar a ação política da paralisia: opor essa publicidade ao trabalho, desenvolvendo-a fora dele. Assim, o trabalho autônomo é entendido como condição para que o *general intellect* preserve sua potência. Faz-se necessária, portanto, uma esfera pública não formal que dê origem a uma outra democracia.

O movimento do intelecto em direção à esfera pública é chamado por Virno (2008) de “Êxodo”. É ele que dará uma expressão afirmativa ao excedente de conhecimentos do *general intellect* – é uma exuberância de possibilidades inerente à opção-fuga, e não à opção-resistência. Para o autor, esta última limita-se a violar as leis instauradas na sociedade, enquanto a primeira questiona o fundamento de validade dessas mesmas leis.

O *exit* modifica as condições nas quais o conflito acontece, em vez de o pressupor como horizonte inamovível; muda o contexto no qual surgiu um problema em vez de enfrentar este último, escolhendo algumas das alternativas previstas. Em poucas palavras, o *exit* consiste em “invenção audaciosa que altera as regras do jogo e enlouquece a bússola do adversário” (VIRNO, 2008, p. 134). O objeto da disputa não é o poder estatal, mas a defesa das diferentes formas de vida que são criadas ao longo da fuga.

A “intelectualidade de massa” de que falam Lazzarato e Negri (2001) é justamente aquela que emerge das relações travadas entre sujeitos que não precisam necessariamente experimentar os vínculos do trabalho celetista, porque “é somente sobre a base de sua autonomia que ela estabelece a sua relação com o capital” (p. 35). A potência ontológica da intelectualidade de massa, muito mais do que mercadorias, produz relações políticas. Isso porque no mercado profundamente atravessado pelo trabalho imaterial “há uma socialização-intensificação dos níveis de cooperação, dos saberes, das subjetividades dos trabalhadores, dos dispositivos tecnológicos e organizativos” (p. 93). E esse estado de coisas facilita a composição de grupos de pessoas que buscam viver e trabalhar para além da lógica capitalista.

As lutas biopolíticas são caracterizadas como aquelas onde a subjetividade do trabalhador não é um resultado, mas um pressuposto de sua posição combativa. Aqui os sindicatos e partidos são vistos com profunda suspeita, na medida em que a intelectualidade de massa recusa toda manipulação e tentativas de homogeneidade dos

sujeitos. Partidos e sindicatos podem, eventualmente, funcionar como lugar de comunicação, mas nunca como lugar de representação.

2.5.1 Multidão, ou um novo sujeito do trabalho

A multidão subverte o conceito de classe, porque este é resultado da objetividade histórica. O conceito de multidão compreende as forças subjetivas atuantes na contemporaneidade e demonstra que o evento histórico decorre de potencialidades (HARDT e NEGRI, 2010). O sujeito do trabalho não é mais o mesmo – o que antes era submetido à classe operária industrial, hoje é uma ampla categoria que abarca todo aquele cuja atividade é atravessada pelas exigências do trabalho imaterial, pela atual lógica do empreendedorismo e que está subjogado por essa gramática (direta ou indiretamente).

Para Marazzi (2009) vivemos um *feudalismo industrial*, onde a precariedade toma conta do mercado de trabalho e fortifica-se a tendência da extinção dos direitos sociais adquiridos. Assim, tomam força relações de trabalho progressivamente mais servis, onde a qualificação do trabalhador determina apenas uma parte do salário, e outra parte – cada vez maior – é determinada pelo empenho demonstrado no processo de trabalho. Por essas razões, alguns autores indicam que, hoje, seria mais apropriado falar em renda do que em salário, onde a renda seria

[...] como uma remuneração por um serviço prestado. É precisamente a copresença de salário e renda no interior do processo diretamente produtivo que impede de se distinguir na sociedade pós-fordista as ocupações industriais das de serviço (MARAZZI, 2009, p. 47).

Esse novo proletariado absolutamente heterogêneo é atravessado por diferenças que compreendem vários fatores como salário e renda, restritos a locais fechados e disseminados, limitados por determinadas horas de jornada e preenchendo o tempo de vida. O que determina o conceito de proletariado é, portanto, o fato de o sujeito do trabalho estar dentro do capital e de sustentá-lo. É por isso que as lutas de hoje, intermediadas por condições locais, reivindicam uma nova configuração no global, sendo simultaneamente econômicas, políticas e culturais. O inimigo, enfim, é comum a todas as lutas – elas buscam uma alternativa real à ordem global do império.

Giuseppe Cocco (2012) sublinha a importância da profunda mudança subjetiva que a potência contemporânea do trabalho imaterial provocou em nossa vida produtiva. Para isso, denuncia o caráter determinista que a lógica de acumulação capitalista pode assumir em certos textos contemporâneos, independente se a celebram ou a recusam.

O trabalho continua no cerne das relações sociais de produção exatamente porque ele passou por uma radical metamorfose ontológica. Aquela que definimos como “nova centralidade do trabalho” é o fato de um trabalho completamente “outro”, ao mesmo tempo, daquele do qual os críticos e os apologistas da pós-modernidade enxergam como o desaparecimento e daquele do qual os saudosistas do projeto moderno afirmam a permanência imutável e necessária. (COCCO, 2012, p. 2).

Se por um lado a mobilização da alma do trabalhador – exigência do trabalho imaterial – inaugura novas formas de exploração, por outro a reapropriação do trabalho desenvolvido pela cooperação entre singularidades é facilitada pelas novas tecnologias. Não há dúvida de que é preciso estar atento para os movimentos de captura (como a apropriação do valor produzido pelo trabalho imaterial efetuado sob os auspícios do Facebook⁴, por exemplo), mas também deve-se atentar para o efeito reverso do trabalho imaterial articulado por um neoliberalismo violento. Nesse sentido, Cocco e Negri (2005) ressaltam as diferenças do governo neoliberal europeu e latino-americano. Enquanto lá os sistemas de bem-estar social amenizam a precarização das relações salariais, aqui

Não há câmaras de compensação, o protecionismo dissolve-se no nada e a mistura de formas antigas e novas de informalidade e flexibilidade não tem o caráter de resistência, mas de inovação. [...] O neoliberalismo funciona como a ativação de uma bomba: age para destruir o velho, mas o novo o circunda e o ataca. (NEGRI e COCCO, 2005, p. 132).

Os autores procuram destacar a América Latina como um espaço fértil para potencializar a dimensão biopolítica do trabalho imaterial. Há uma mobilidade e uma flexibilidade própria das redes de colaboração, e que passam ao largo daquelas impostas pelo capital. São práticas de produção supostas pela vida social (pelo *bios*), não pré-existentes, onde as pessoas travam relações *por e apesar* das tecnologias que procuram capturá-las.

Fazer jornalismo de modo diverso daquele que acompanhou o desenvolvimento da industrialização ou do que acompanha a financeirização⁵ da vida – e de forma a ter alguma chance de alcançar um mínimo de visibilidade –, se não é fácil, é hoje pelo menos possível. Seja combatendo abertamente a abordagem da grande mídia sobre determinados fatos ou diversificando e multiplicando o que e quem é pautado nas

⁴ Os modos de funcionamento desta rede social serão apresentados no próximo capítulo.

⁵ Refere-se à centralidade que as finanças assumem sob a perspectiva do capitalismo cognitivo. De acordo com Cocco (2012), houve uma substituição da relação salarial (capital-trabalho) pela relação de débito-crédito, e esta última “constitui não apenas o econômico (a estruturação das trocas), mas também o político, ou seja, a possibilidade de uma vida comunitária. No cerne da relação de crédito e débito temos, pois, a *confiança*, com as dimensões jurídicas (obrigações) e religiosas (a fé e seus juros) que nela se encontram” (COCCO, 2012, p. 17) [grifos do autor].

práticas de produção de conteúdo, seja optando pelo compartilhamento e ampliando o acesso aos bens imateriais.

Podemos pensar o tempo presente como uma época de multiplicação das formas de trabalho que oportuniza a apropriação do valor gerado pelo trabalho imaterial produzido por uma gama de singularidades. Contudo, a multiplicação de formas de trabalho e a preponderância do capital-competência também têm como efeito potencializar a criação de outras formas de vida – para além daquelas previstas pelo governo das condutas.

As alterações nas relações de emprego afetam tanto as práticas jornalísticas quanto a circulação de bens culturais e mudam o trabalho do jornalista. As transformações tecnológicas facilitaram a produção da notícia e, se isso vale para os usuários, também vale para os jornalistas. Como lembra Grohmann (2015), os meios de comunicação devem ser considerados também como meios de produção. Assim, para além de ser um repórter vinculado a uma empresa de comunicação, o profissional pode criar diferentes alternativas para exercer o seu trabalho.

[...] nesse cenário, é relevante que se valorizem as diferentes formas de engajamento profissional, seja em blogs pessoais de informação, em instituições de diferentes perfis, em coletivos e associações, assessorias e organizações sociais, quaisquer que sejam as opções de visibilidade do fazer profissional, o importante é disputar a credibilidade do cidadão. Banalizar esses tipos de arranjos profissionais, desacreditando-os, fortalece os conglomerados de mídia que se esforçam por manter o monopólio do discurso jornalístico (FÍGARO, 2014, p. 35).

Muitos jornalistas procuram e criam novas formas de exercer a profissão. Alguns por pura frustração com o mercado de trabalho formal – seja porque o maior número de posições são aquelas voltadas à assessoria de imprensa, seja porque estão descontentes com as condições de trabalho nos grandes jornais. Outros simplesmente pela crise de empregabilidade. Buscando diferenciar-se, alguns organizam-se em coletivos e também procuram novas formas de sustentabilidade: financiamento coletivo, criação colaborativa e políticas públicas para a cultura. Também organizam ações próprias, seminários e oficinas como uma outra forma de arrecadação.

Projetos alternativos ao jornalismo da grande mídia encontram hoje um ambiente mais propício à execução e visibilidade. Contudo, é importante destacar que a força do capital-competência produz efeitos nos sujeitos jornalistas e nos jornalismo que eles praticam. Seja trabalhando em uma assessoria de imprensa, em uma grande redação, em um veículo independente – ou em todos ao mesmo tempo –, o profissional convive com a gramática do empreendedorismo e reage às exigências das palavras de ordem de tal

vocabulário.

Na era da governamentalidade e da condução das condutas, o jornalismo alternativo pode ser também jornalismo empreendedor; o jornalismo independente não é necessariamente jornalismo alternativo; o jornalismo hegemônico pode eventualmente apresentar traços do jornalismo tradicional. E cada uma dessas práticas produz sujeitos que lhe são correlatos.

Práticas diferentes em um ambiente de jornadas de trabalho sobrepostas complexificam ainda mais o atual mercado de trabalho dos jornalistas, produzindo deslocamentos de subjetividade sucessivos. Sujeitos podem ocupar duas ou mais posições de trabalho simultâneas: ser repórter em um grande jornal (como celetista, “freela fixo” ou simplesmente “freela”) e também trabalhar em um veículo independente (com ou sem remuneração), além de eventualmente prestar serviço como autônomo (como MEI – Microempreendedor Individual). Os próximos capítulos dedicam-se a essas questões, na tentativa de mapear os deslocamentos nas práticas jornalísticas e nos sujeitos que as inventam e executam.

Capítulo III

Jornalimos possíveis

A ideia desse capítulo é tentar definir alguns tipos de jornalismo que compõem o cenário contemporâneo dessa prática. Alguns se sobrepõem, outros são frontalmente opostos, mas todos têm traços que os tornam peculiares. Nem sempre é fácil perceber a diferença – até porque muitos relatos, tanto acadêmicos quanto profissionais, não discriminam uns tipos dos outros.

Aproveitando a deixa das práticas jornalísticas, esse capítulo também mostra alguns dados sobre o mercado de trabalho no jornalismo, de modo a articular a problematização de nosso espaço-tempo ao cenário das transformações no mundo do trabalho dos jornalistas.

3.1 Alguns jornalimos

Jornalismo alternativo, jornalismo independente, jornalismo sem fins lucrativos, jornalismo digital, jornalismo hegemônico, jornalismo de massa: cada uma dessas práticas tem características próprias e muitas vezes me peguei usando algumas delas como sinônimos. Assim, senti a necessidade de tentar discriminá-las minimamente, na tentativa de seguir de forma mais sóbria meu objeto de pesquisa.

3.1.1 As marcas do jornalismo tradicional

O jornalismo é marcado pelas rotinas produtivas e por todo um arcabouço de valores que remete aos ideais de autonomia, independência, verdade, interesse público, objetividade e imparcialidade. Tais premissas emergem no século XIX (TRAQUINA, 2012), tempo em que a industrialização das notícias toma força e dissemina a proliferação de jornais, redações e postos de trabalho correlatos. A expansão da mídia impressa é marcada pela lógica da modernidade (CHRISTOFOLETTI, 2008; LEMOS, 2007). Império dominado pela razão e busca da verdade, pela separação clara entre sujeito e objeto. É coerente, portanto, que o jornalismo e suas práticas sejam marcados por tal lógica.

Para Marcondes Filho (2009), a expansão do jornalismo se dá atrelada a Revolução Francesa e aos direitos humanos. A luta pela proliferação do saber para além

dos monastérios resultou, entre outras coisas, na conquista do direito à informação. E a ideologia das Luzes foi um campo fértil para o aparecimento de alguns dos valores mais fortes do jornalismo: imparcialidade, objetividade, liberdade, rigorosidade e busca da verdade.

O interesse público é mais uma característica importante do jornalismo tradicional. Christofolletti e Triches (2014) lembram que tal discurso deriva da necessidade do jornalismo justificar sua existência de forma positiva, e o interesse público é uma maneira de reforçá-la. Além disso, ressaltam que tanto a veracidade quanto a precisão – outros dois basilares valores-notícia (WOLF, 2008) - perderiam sua potência caso não fossem articulados ao interesse público. Este refere-se à seleção dos fatos que fazem diferença na vida da população. Contudo, uma coisa é o “interesse público” e outra é o “interesse do público”: “Os 'interesses do público' caracterizam 'o que a audiência afirma querer'. Já o 'interesse público' é equiparado ao que é importante à sociedade, independente do que a audiência anseia objetivamente” (CHRISTOFOLETTI e TRICHES, 2014, p. 488). Aqui, outra característica importante das práticas jornalísticas é atrelada ao discurso do interesse público: a relevância.

As batalhas pela liberdade de imprensa marcam a primeira metade do século XIX na Europa, tempo em que as discussões sobre o direito ao voto ganham força: “os grandes partidos políticos, inclusive os operários, reivindicam igualmente o poder da imprensa e os meios de comunicação mais efetivos para a conquista de adeptos” (MARCONDES FILHO, 2009, p 20). Se por um lado esse processo teve como efeito o fortalecimento da imprensa popular, por outro a popularização dos jornais desembocou na organização das práticas de acordo com o formato da empresa capitalista.

Um elemento importante na emergência da empresa jornalística foi a inovação tecnológica, que viabilizou a ressonância entre a produção noticiosa e as exigências do capital. Ao fim e ao cabo, “cada sistema técnico é expressão de relações específicas entre a ciência, a filosofia, a sociologia, a economia e a política” (LEMONS, 2007, p. 39).

A maquinaria pesada da informação exige capacidade de autossustentação financeira por parte da empresa jornalística e Marcondes Filho (2009) ensina que a grande virada aqui foi quanto ao modo de operar com o conceito de “notícia”. Esta deixa de ser entendida prioritariamente como acesso à informação e passa a ser vista como mercadoria, ou seja, o valor de troca (venda de espaços publicitários) passa a tomar força frente ao valor de uso (a informação como um direito social).

Há deslocamentos na potência das forças que compõem as práticas jornalísticas. O

jornalismo da grande mídia mantém o discurso sobre a “liberdade”, a “independência”, a “neutralidade” - mas agora com vistas a alcançar o maior grupo de leitores possível. A publicidade e as relações públicas tomam impulso no século XX e a decorrente expansão das empresas jornalísticas dará origem à formação dos monopólios de comunicação. Para Marcondes Filho (2009), todo esse processo resulta na descaracterização do jornalismo, no enfraquecimento de sua capacidade de problematização da política e de sua busca pela “evolução” da justiça social. Segundo o autor, tal estado de coisas torna visível a crise da modernidade: a crise do jornalismo é a crise das metanarrativas.

Entendo o jornalismo tradicional como aquele ligado aos valores derivados da filosofia das luzes. Veracidade, rigorosidade na apuração e transparência fazem parte desse discurso, que vê o jornalismo antes de qualquer outra coisa como um serviço público e uma busca pela pura verdade das coisas. Contudo, antes de descaracterizar a prática do jornalismo tradicional, a emergência do jornalismo de massa multiplicou as formas do que pode ser definido como jornalismo e por isso fez aparecer um outro modo de definir as práticas jornalísticas.

Nesse sentido, paulatinamente, o deslocamento na potência das forças passa a destacar o marketing na caracterização do jornalismo e dos jornalistas. Inflacionam-se os releases dentro da redação de modo a instalar-se a confusão entre o que é informação jornalística e o que é fruto de estratégias de marketing (Marcondes Filho, 2009, p 36). Por outro lado, as sucessivas inovações tecnológicas têm como efeito a descaracterização de determinados traços que compunham a identidade do jornalista. Acostumado a trabalhar ideias sobre o papel, o homem da imprensa agora passa a operar sob a égide do imaterial tecnológico:

[...] a tecnologia imprime seu ritmo e sua lógica às relações de trabalho, definindo os novos profissionais, a nova ética do trabalho, em suma, um outro mundo, que mal deixa entrever os sinais do que se convencionou chamar no passado de “jornalismo”. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 37).

Com a era da informática, o marketing alia-se aos elementos não-humanos (inovações tecnológicas), o que oportunizaria um processo de desinformação em meio à abundância dos conteúdos. O autor afirma que tal desinformação alcança tanto o público quanto os próprios jornalistas. Portanto, esses profissionais “são frequentemente superficiais e incapazes de um tratamento mais denso das matérias cotidianas” (Marcondes Filho, 2009, p. 59), situação que concorre para facilitar a potencialização de forças não condizentes com os valores daquele jornalismo filiado à Revolução Francesa

(o jornalismo tradicional).

3.1.2 O jornalismo hegemônico e as lições do jornalismo de massa

Hegemonia é um conceito da teoria desenvolvida pelo filósofo marxista Antonio Gramsci. Ela serve para descrever a capacidade de mater a dominação de uma classe sobre outra – seja através da força, seja por meios intelectuais ou morais. A hegemonia alcança áreas diversas, como a política, a cultural e a moral. Ao explicar a origem etimológica da palavra, Goés (2007) ressalta que o conceito aponta, também, para um sentido de *consentimento* por parte de quem é dominado:

Hegemonia é um termo militar de origem grega, derivado de *eghestai*, que significa conduzir, guiar, liderar, ou do verbo *eghemonieuo* do qual deriva estar à frente, comandar, ser o senhor. Por *eghemonia*, o antigo grego entendia a direção do exército. Hegemônico era o chefe militar, o comandante do exército ou a supremacia de uma cidade frente as demais. A idéia de hegemonia chega aos nossos dias com o sentido de dominação por consentimento. (GOÉS, 2007, p. 5). [Grifos do autor].

Portanto, falar em “jornalismo hegemônico” requer tomar como pano de fundo o consentimento de seu público sobre aquilo que está sendo dito. Assim, pelo menos a grande maioria das pessoas o abraçaria, na medida em que ele exprime as inclinações políticas, gostos culturais e condutas morais adotadas pelo público. Dessa forma, a dominação se mantém e perpetua o controle dos sujeitos, num jogo de vai e vem que amarra o discurso do jornalismo hegemônico às práticas sociais mais potentes.

O jornalismo hegemônico faz um duplo movimento (LIMA, 2013): de um lado, não dá visibilidade para a diversidade de vozes presentes na sociedade e compromete o processo de formação da opinião pública; de outro lado, ajuda de forma decisiva no enfraquecimento do debate político ao enfatizar quase exclusivamente os problemas, e coloca em risco o próprio sistema democrático que diz defender.

A instituição jornalística conquistou legitimidade para relatar os acontecimentos do mundo. Por outro lado, a credibilidade de seu discurso coloca em operação efeitos de verdade que indicam uma hierarquia de importância entre as notícias e sugerem de qual perspectiva cada acontecimento deve ser analisado. O gênero jornalístico, assim, contribui para a produção de consensos que valoram nossos comportamentos como certos ou errados, normais ou anormais, legítimos ou clandestinos (GOMES, 2003). Contudo, deve-se ter em mente que a recepção da informação não é passiva: quem interpreta está condicionado pela sua posição de sujeito na relação de comunicação, mas assim como o jornalista, o leitor também tem sua percepção atravessada pela própria subjetividade.

A credibilidade do jornalismo é respaldada por sua história: ele foi autorizado a narrar a realidade a partir de uma missão pública. Por outro lado, é preciso ter em vista que “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299). Importa perceber que a realidade apresentada no discurso jornalístico é profundamente atravessada por sua condição de atividade especializada – e determinada por suas especificidades. Não se pode esquecer que a atividade jornalística também compreende a produção, a circulação e o consumo da notícia, e que é uma atividade econômica.

A ideia de que o jornalismo reporta a realidade com objetividade, ideia essa que por décadas esteve profundamente arraigada em muitos jornalistas, hoje se desmancha na rede. Mas boa parte da imprensa de massa brasileira ainda aposta nessa “verdade”.

O jornalismo ou imprensa de massa é aquele voltado para o alcance da publicação: é o jornalismo desenvolvido de modo a ser capaz de persuadir o maior número de pessoas possível. Analisando o *ethos*⁶ institucional de quatro revistas semanais de informação Benetti e Hagen (2009) concluem que

Institucionalmente, as revistas buscam criar, para o outro, uma imagem de independência, defesa da democracia, competência profissional e compromisso com o leitor. Esta imagem é uma representação, e não a realidade de seu fazer jornalístico. Ainda assim, esta representação de si realimenta crenças amplamente disseminadas sobre o que é jornalismo (2009, p. 14).

Alsina (2009) explica que a credibilidade do discurso jornalístico depende do efeito de verossimilhança. Mas não se tratam de mentiras, pois o jornalista está condicionado à interpretação baseada na sua vivência pessoal e profissional. Por outro lado, o autor destaca que todo leitor pode recusar a valoração contida no discurso que recebe:

Os jornais fazem interpretações da realidade. Quanto mais eles se ajustam à interpretação da realidade que o leitor faria se estivesse no lugar do jornalista, mais o jornalista vai acreditar que se trata de uma descrição objetiva. Mas, quando ainda nesses casos, o leitor estiver ciente de que está diante de uma construção da realidade social terá sido então gerada a mudança de mentalidade. O leitor crítico é quem sabe por que os meios de comunicação afirmam o que afirmam e compreende, também, que essas afirmações não são verdades absolutas (ALSINA, 2009, p. 294).

A verdade que perpassa a realidade apresentada pelo jornalismo é fruto de uma

⁶ Aqui, *ethos* é o que deixa entrever a personalidade do enunciador sem estar explícito no enunciado: “(...) o texto escrito possui, mesmo quando o denega, um *tom* que dá autoridade ao que é dito. Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do *corpo* do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de **fiador** do que é dito” (MAINGUENEAU, 2002, p. 98) [Grifos do autor].

inclusão, mas também de uma exclusão. Ao eleger suas fontes, ao autorizar quem fala, também demarca quem são os que não podem falar. E além dessa escolha – inerente ao exercício da profissão – o jornalista ainda precisa lidar com as determinações do processo de produção da notícia.

Narrar os fatos é dar ao leitor um entendimento do mundo de forma a ordenar o caos. Os discursos justificam e legitimam regras, produzindo sujeitos e significados. Estabelecem valores, hierarquizam atos, determinam lugares. Gomes ressalta que “enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira de mostrar, enquanto mostram elas controlam pelo próprio mostrar” (2003, p. 77). Os modos de vida que são sugeridos pelo discurso jornalístico atravessam os leitores, e ajudam a construir – e manter – o que Foucault (2012a) chama de “corpos dóceis”. Nesse sentido, as notícias não deixam de integrar um sistema, um funcionamento, um tipo de estratégia – a disciplinar. Por outro lado, ao escolher dar mais visibilidade a determinados fatos e não a outros, elas controlam. Por isso se diz que a mídia constitui sujeitos.

Como bem apontado por Costa (2009), ao capturar o conceito de objetividade científico, a indústria de produção das notícias cristalizou os velhos clichês da objetividade e da imparcialidade. Isso porque a neutralidade sugere credibilidade e alcança públicos distintos. É esse o motivo pelo qual o jornalismo ainda luta pela manutenção de um valor já há muito problematizado pela própria ciência. E para justificar essa defesa, relativiza o conceito nos manuais de redação; hoje tais textos já admitem que a objetividade é um ideal inalcançável, mas insistem ser dever do jornalista trabalhar em busca da maior objetividade possível: “Resolvem-se assim todas as questões de consciência: tentar ser objetivo seria o bastante, mesmo que a objetividade seja impossível” (COSTA, 2009, p. 167).

Tuchman (1999) destaca o ritual estratégico – e obrigatório – seguido pelos jornalistas e que serve de escudo para as eventuais críticas ao seu trabalho. As técnicas que integram o ritual resultam na produção de notícias “objetivas”, estas entendidas como estrita descrição de “fatos”. Fazem parte do ritual estratégico a verificação dos “fatos”, a exposição de falas divergentes (o que permitiria ao leitor decidir quem diz a verdade e quem a distorce), a apresentação de provas auxiliares (os “fatos” que suplementam a notícia), o uso das aspas (o que permite ao jornalista indicar que não é ele, mas a fonte – e os “fatos” – quem fala) e a aplicação da pirâmide invertida⁷ na

⁷Os elementos mais importantes da notícia devem vir no início do texto, de forma a prender a atenção do leitor já no primeiro olhar dispensado à matéria.

estrutura da notícia.

A pirâmide invertida seria a mais problemática face da busca pela “objetividade” do jornalista. Isso porque a escrita do *lead*⁸ é uma responsabilidade solitária: diferente dos outros elementos nos quais o profissional pode se proteger afirmando que simplesmente verificou e demonstrou os “fatos” e que contemplou pontos de vista contrários, a escolha do *lead* só pode ser justificada invocando a perspicácia profissional.

A invocação do *news judgement* (perspicácia profissional) é uma atitude inerentemente defensiva, pois o *news judgement* é a capacidade de escolher “objetivamente” de entre “fatos” concorrentes para decidir quais “fatos” que são mais “importantes” ou “interessantes” (TUCHMAN, 1999, p.83). [Grifos da autora].

Profissionais que entendem o *news judgement* como o senso comum dos jornalistas acabam fortalecendo a aplicação do conceito de objetividade às rotinas de sua atividade. Portanto, tanto quanto o patronato, ajudam a cristalizar a diferença entre a discussão acadêmica e a profissional.

Não bastam regras éticas e a boa vontade no ato da captação e da edição da informação se o jornalista não tiver pleno conhecimento moral do mecanismo no qual se insere e que reproduz [...] A questão de fundo é a natureza do jornalismo, do seu sentido, da sua própria condição de ser, da forma como a comunicação se dá na sociedade e da aceção industrial à qual ela chegou e sem a qual ele não seria aquilo em que se configurou. (COSTA, 2009, p.169).

E tendo em vista a regra jornalística que entende como mais precisas as informações dos profissionais dos cargos de chefia porque estes têm mais “fatos” à disposição (TUCHMAN, 1999), percebe-se a dificuldade da pluralidade de vozes no debate público promovido pelo jornalismo de massa – se não pela tendência à monofonia nos discursos, pela hierarquia mesma que determina a estrutura da notícia. Além disso, Cohen (2017) destaca que minorias como mulheres, negros e índios não são somente marginalizadas no conteúdo midiático *per se*, mas também nos postos de trabalho do mercado da comunicação. Estes são ocupados, em sua maioria, por homens brancos – principalmente os postos mais altos.

Accardo (2000) explica ser compreensível que muitos observadores da mídia imaginem que os jornalistas trabalham em prol das empresas que os empregam e dos acionistas ligados a elas, condicionando o público de acordo com o maior ou menor ganho de tais empresários. Mas é importante destacar que, por uma série de fatores, os próprios jornalistas são condicionados. Contudo, para que tal lógica funcione, é imprescindível que as pessoas acreditem no que estão fazendo. Esses profissionais

⁸Primeiras linhas do texto jornalístico, que devem conter os principais elementos da notícia: *quem fez o quê, onde, quando e como*.

trabalham com boa-fé e zelo, mas evidenciam sua adesão ao sistema ao defenderem a face humana do capitalismo chamando-a simplesmente de “modernidade”. Assim, a identidade jornalística que busca a “verdade” dos “fatos” faz parte do jogo que condiciona a formação e a escolha dos profissionais da indústria de produção de conteúdo.

Tanto Cyro Marcondes Filho (2009) quanto Robert Darnton (2010) indicam o sistema autorreferencial dos jornalistas como determinante na elaboração dos conteúdos. Denunciando teorias do tipo “contrato de comunicação” de Charandeau (que indicam a escrita direcionada a um suposto “leitor virtual”), Darnton⁹ explica:

Nunca escrevemos para as “imagens das pessoas” invocadas pela ciência social. Escrevíamos uns para os outros. Nosso principal “grupo de referência” como se poderia dizer na teoria da comunicação, encontrava-se espalhado em torno de nós na sala de redação, ou “buraco da cobra” como dizíamos. Sabíamos que os primeiros a cair em cima de nós seriam nossos colegas, pois os repórteres são os leitores mais vorazes, e precisam conquistar seu *status* diariamente, ao se exporem a seus colegas de profissão. (DARNTON, 2010, p. 78).

Além dos colegas, o autor explica que os jornalistas procuravam escrever seus textos de forma a contemplar as expectativas do editor – afinal, disso dependia o futuro de sua posição dentro da sala de redação. Por outro lado, muitos repórteres julgavam que os editores (geralmente ex-repórteres) haviam “se vendido à direção da empresa e perdido o contato com a realidade” (p. 84). Assim, contrabalanceando a competitividade entre os colegas repórteres, havia uma certa solidariedade fundada na insegurança sobre a carreira e no ressentimento com as chefias. Um dos efeitos dessa política “antidireção” era o entendimento de alguns repórteres que, criando barreiras contra escrever com o intuito de agradar os editores, acreditavam escrever para agradar aos colegas ou a si mesmo.

Junto com os colegas e os chefes, também entrava no horizonte da escrita a certeza de que a concorrência iria debruçar-se sobre o conteúdo. Nesse sentido, Marcondes Filho (2009, p 67) lembra do trabalho de Bourdieu¹⁰ sobre as práticas jornalísticas, onde o sociólogo afirma que um dos temas mais falados na sala de redação é, justamente, o que os outros jornais fizeram e o que deveriam fazer.

3.1.3 Jornalismo digital

O conceito de jornalismo digital surge com a potencialização das máquinas

⁹ O autor trabalhou como jornalista no *The New York Times* em 1964.

¹⁰ A obra referenciada é “Sobre a televisão”.

binárias. A produção jornalística passa a ser transformada em números que permitem a visualização do conteúdo em computadores. Contudo, tal produção não precisa necessariamente ser produto ou resultado das práticas online:

[...] jornalismo digital é a atividade que compreende a utilização do computador para produção ou leitura da notícia, não sendo necessário que esta informação seja produzida ou esteja na Internet para ser classificada como tal. Ela pode estar em um CD-ROM, ou em algum outro tipo de arquivo de computador. (BENIGNO NETO, 2008, p. 9).

Assim, o webjornalismo, o jornalismo de dados e o jornalismo online, por exemplo, são tipos de jornalismo digital. Portanto, a caracterização principal do jornalismo digital é o suporte em que ele aparece.

A partir da tecnologia binária, as práticas jornalísticas sofrem deslocamentos importantes, tanto em sua produção quanto em sua circulação. E, na era das redes digitais, a ubiquidade das máquinas binárias torna quase impensável uma produção intelectual que não possa ser visualizada em suportes informáticos – mesmo que só parcialmente. Contudo, Benigno Neto (2008) ensina que no início do jornalismo digital, essa nova tecnologia ainda estava em processo de expansão. Ele explica que para Pavlik a primeira fase do jornalismo digital é marcada pela simples transposição do conteúdo impresso para o ambiente digital¹¹. Isso quer dizer que a produção da notícia, em si, não era ainda atravessada pelas ferramentas e potencialidades correlatas às novas tecnologias da informação e da comunicação. Com o avanço da técnica, o jornalismo digital passa a agregar ferramentas próprias dos novos meios nas rotinas produtivas e desenvolve alguns conteúdos originais para o espaço digital. Finalmente, a terceira fase destaca a exclusividade do desenvolvimento de tais conteúdos, sendo estes – e sua produção – eminentemente marcados pelas ferramentas e linguagens próprias das máquinas binárias.

Para Benigno Neto (2008), hoje o jornalismo digital é marcado pela multimídia inteligente. Depois de passar pela fase da simples repetição da notícia em múltiplos formatos, agora o jornalismo digital faz com que os diferentes recursos binários se articulem de forma a enriquecer a notícia. O jornalista passa a ser, necessariamente, um webjornalista: deve ser capaz de dispor do ambiente digitais e dos recursos que lhe são próprios para compor a matéria. Links, vídeos, áudios, simulações e infográficos são exemplos de diferentes recursos capazes de serem articulados em uma mesma reportagem. O autor ainda destaca a emergência da reposição, ou seja, que agora esse jornalismo digital inteligente passa a ditar o jornalismo impresso. Da época em que o

¹¹No Brasil, o jornalismo digital foi introduzido pelo grupo Estado, ainda na década de 80.

jornalismo digital era simplesmente conteúdo impresso transposto ao ambiente digital, chegamos em um momento onde a produção multimídia é repostada no impresso de forma a alterar profundamente o projeto gráfico dos jornais.

Vários elementos compõem os deslocamentos sofridos pelo jornalismo e pelo jornalista na atualidade. Em seu Manual de jornalismo na internet, publicado ainda em 1997, Palácios e Machado já destacavam que a emergência do jornalismo digital trouxe consigo, além de uma linguagem multimídia na produção do conteúdo, uma mudança estrutural na circulação da notícia: o que antes era distribuído agora precisa ser acessado.

A massificação de um único padrão de ambiente comunicacional gera a fusão simbiótica das várias faces discursivas (som, imagem e escrita) numa mesma instância discursiva multimidiática. Emerge o jornalismo digital, em que os átomos são substituídos pelos bits. Ao contrário de todas as outras formas anteriores de jornalismo que eram, de uma maneira ou de outra, distribuídas, seja pela circulação do papel impresso seja pela difusão de ondas, o jornalismo digital precisa ser acessado pelo usuário. (PALÁCIOS e MACHADO, 1997, p. 8).

De acordo com os autores, essa mudança transforma o modo como o conteúdo jornalístico é divulgado. Também há que se ter em mente uma das grandes limitações do jornalismo impresso: o espaço para as notícias. Com o ambiente digital, esse espaço torna-se virtualmente infinito. Hoje a extensão do conteúdo jornalístico não precisa se adaptar ao número de colunas ditado pela necessidade dos anúncios publicitários. E, mais do que isso, o digital potencializa a importância do público-alvo do veículo. Para além do leitor virtual proposto por Charandeu ou da autoreferencialidade de Darton, hoje o jornalista se depara com um leitor promovido a usuário. Mais do que um simples receptor, ele pode atuar como fonte da notícia, propondo pautas ou até produzir memes para ridicularizar o conteúdo ou enquadramento proposto pelo jornalista/editor e divulgado no jornalismo da grande mídia.

Para Canavilhas (2010), com a multiplicação de conteúdos os jornalistas passam de porteiros (*gatekeeper*) a curadores (*gatewatcher*). Uma atividade que antes buscava, selecionava e resumia a informação, hoje precisa mais do que nunca disputar a atenção dos leitores. Portanto, além de informar, o jornalista precisa também aconselhar, sugerindo ao público – exposto a uma quantidade atordoante de informações – onde ele deve investir sua atenção. O autor explica que essa nova economia da percepção funciona de tal forma que facilita ao jornalismo contemporâneo desempenhar uma de suas funções: fomentar comunidades. Nesse sentido, o

[...] fluxo de atenção cresce à medida que a notícia é compartilhada e comentada pelos leitores, gerando-se novas ligações entre leitores. A estabilização destas

ligações tende a transformar um grupo de leitores numa comunidade, algo que, curiosamente, é coincidente com uma missão do jornalismo: ajudar as comunidades a definirem-se, encontrando uma cultura comum enraizada na realidade (CANAVILHAS, 2010, p. 5).

3.1.4 Jornalismo alternativo

Conceito muitas vezes utilizado como sinônimo de “jornalismo independente”, entendo o jornalismo alternativo como aquele feito sob a égide da comunicação alternativa apontada por Peruzzo (2009): um tipo de comunicação que é feita à margem dos aparatos empresariais ou governamentais e que combate os interesses comerciais ou político-conservadores. O alternativo é usado, na grande maioria das vezes, como o contraponto do hegemônico (“jornalismo contra-hegemônico”) – isso porque em nosso país a história do jornalismo alternativo é muito potencializada no período da ditadura militar.

Kucinski (2001) ensina que, no Brasil dos anos 60, o jornalismo alternativo denunciava aviltações sucessivas aos direitos humanos e à democracia impetradas pelo poder estatal. Assim, ele é marcado por um quadro bipolar de poder devido à ditadura militar: em pleno “milagre econômico”, veículos alternativos à narrativa jornalística (entendida como “hegemônica”) denunciavam aviltações sucessivas aos direitos humanos e à democracia.

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. (KUCINSKI, 2001, p.6)

Portanto, analisado como prática na época do regime militar, o conceito de “alternativo” pode ser entendido como alternativo ao poder dominante de um determinado tempo-espaço. Um quadro que separa claramente um tipo de poder dominante de um outro, dominado. Assim, embora em outros países o “alternativo” refira-se basicamente ao estabelecimento de vínculos com minorias e movimentos sociais no jornalismo e à possibilidade de contraponto aos *status quo* econômico e político, no Brasil o jornalismo alternativo foi profundamente marcado pela experiência da ditadura. Um processo violento de silenciamento e censura que, atuante posteriormente na abertura política, ainda ajudou a articular a permanência da concentração dos meios de comunicação nacionais.

Assim, com a abertura política, a identificação do jornalismo alternativo

brasileiro com o contraponto do poder ditatorial teve como efeito um drástico enfraquecimento desse tipo de jornalismo. O jornalismo de massa passa a absorver o que antes era a característica do jornalismo alternativo e a desenvolver narrativas opostas aos partidos eleitos (ou empossados).

Efetivamente, com a abertura, a grande imprensa não foi só recriando uma esfera pública, como o fez apropriando-se de temas até então exclusivos da imprensa alternativa, e recontratando muitos dos seus jornalistas. Opor-se ao governo deixou de ser monopólio da imprensa alternativa. Além disso, a retomada da atividade política clássica, no âmbito dos partidos e de seus jornais, que após a decretação da anistia saíram da clandestinidade, esvaziou a imprensa alternativa de sua função de espaço de realização sociopolítica. (KUCINSKI, 2001, p. 12).

Portanto, além de desenvolver narrativas opostas aos partidos no poder, o jornalismo massivo também passa a empregar trabalhadores de jornais alternativos que foram extintos.

Como ensinam Bona e Carvalho (2015), hoje a popularização das redes digitais e a evidente capilaridade do poder força os teóricos a retrabalhar o conceito de jornalismo alternativo. A busca é pela reconfiguração do termo de modo a articulá-lo tanto às possibilidades da internet quanto a uma efetiva cidadania comunicativa, para além de uma vontade alternativa:

Transformar o combate reativo em proposição tanto de pautas, assuntos não cobertos, vieses diferenciados, novas formas de fazer e ainda entender os sujeitos como cidadãos desse processo de aquisição/produção de informação podem ser os novos desafios do jornalismo alternativo na atualidade. (BONA e CARVALHO, 2015, p. 13).

Góes (2007) ensina que, de acordo com a teoria do enquadramento (ou *framing*) postulada por Goffman, a articulação do enquadramento é ditada pela necessidade de organizar a experiência social. Aqui, o sentido de injustiça é um elemento central: funcionando como um diagnóstico da realidade social, faz um prognóstico e chama para a ação. O enquadramento baseado na injustiça é fundamental para propôr uma ordem alternativa àquela mais difundida.

Enquanto o enquadramento do jornalismo da grande mídia é entendido como “senso comum” e “neutro”, o enquadramento alternativo é relegado a meras “interpretações”. Contudo, como ensina Góes (2007), os enquadramentos minoritários usam o mesmo “gancho” do massivo, mas de forma a problematizar a normalização promovida por este último. Isso se dá, por exemplo, na hierarquia das fontes. Enquanto o jornalismo hegemônico entende como mais confiáveis as fontes oficiais (porta-vozes de instituições e empresas), o jornalismo alternativo destaca a fala de movimentos sociais e minorias.

Na tentativa de definir o conceito de forma a diferenciá-lo de outros tipos de jornalismo, penso que talvez seja adequado focar o enquadramento da notícia proposto pelo jornalismo alternativo. Assim, potencializando o enquadramento, o jornalismo alternativo – diferente do jornalismo comunitário ou popular, caracterizado como iniciativa orgânica aos movimentos sociais, por exemplo – é o que oferece informações alternativas àquelas veiculadas no jornalismo de massa.

Peruzzo (2009) inclui no jornalismo alternativo também a proposta de outras pautas e não somente a mudança no enquadramento. A autora potencializa a acepção social do jornalismo alternativo e a luta pelas garantias e direitos fundamentais promovida por esse tipo de comunicação. Além disso, alerta para a diferença entre os adjetivos “alternativo” e “independente”:

Todo blog pode ser independente ou autônomo, mas nem todos são alternativos, na perspectiva de sua coerência à proposta histórica do fenômeno da comunicação alternativa. Há meios com a finalidade de oferecer conteúdos condizentes com ampliação dos direitos de cidadania e de estabelecer a justiça social, mas há também outros que representam interesses individuais e de autoexpressão, os quais podem ser de diferentes matizes, até mesmo conservadores ou privado-mercantis. Historicamente, a imprensa alternativa no Brasil se pauta por uma linha editorial crítico-progressista em prol da democracia: uma comunicação contra-hegemônica. (PERUZZO, 2009, p. 139).

Embora não concorde com o uso da expressão “jornalismo hegemônico” por implicar o massivo consentimento social¹², acredito que segmentos populacionais minoritários encontram no jornalismo alternativo uma forma de problematizar o *status quo*. Este, promovido pelo jornalismo massivo, é um dos elementos que funcionam no sentido de fortalecer os processos de normalização próprios da governamentalidade. Mas isso não significa que, em seu cotidiano, a maioria das pessoas realmente os reproduza; contudo, embora eventualmente aborde as minorias, o jornalismo massivo organiza-as de forma a potencializar o discurso da diferença atrelado às prerrogativas do marketing, por exemplo. Nesse sentido, Peruzzo (2009) ensina a diagnosticar o jornalismo alternativo em meio a profusão de conteúdos presente nas redes digitais:

Os elementos principais que caracterizam a comunicação como popular, comunitária e/ou alternativa estão no processo, nas práticas sociais, nas relações que se estabelecem, e não no tipo de veículo utilizado, nem em outra característica qualquer (linguagem, propriedade, formato) tomada isoladamente. O que importa é o conjunto da práxis e o significado que tem para a comunidade. O morador pode não participar diretamente da gestão, mas ter espaço para programas, participar das reuniões de pauta etc. Pode não participar das reuniões de pauta, mas ter voz ativa na programação.

¹² Concordo com Deleuze quando diz que “A esquerda é o conjunto dos processos de devir minoritário. Eu afirmo: a maioria é ninguém e a minoria é todo mundo”. Cf. em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>

(PERUZZO, 2009, p 140).

Assim, a abertura de espaço para o protagonismo das minorias – e não só no sentido de simplesmente narra-las – é vital nesse tipo de jornalismo. Para além de ouvir suas fontes, o jornalismo alternativo as utiliza na gestão mesma do veículo. Dentro da imprensa alternativa e ao lado de outras formas dela derivadas (“jornalismo popular alternativo”, “jornalismo alternativo autônomo” e “jornalismo sindical”, por exemplo), Peruzzo conceitua também o “jornalismo alternativo colaborativo”. Este refere-se a veículos que oferecem enquadramentos diferentes dos abordados pelo jornalismo hegemônico e também pautam temas normalmente silenciados. Embora possam ser veículos especializados em uma determinada editoria (cultura, economia, política, etc), sua produção é sempre colaborativa. Ou colaborativa no sentido de contar com o auxílio presencial de voluntários em suas práticas, ou colaborativa no sentido da interação remota oportunizada pelas tecnologias digitais (por meio das quais os usuários contribuem com conteúdo próprio).

No contexto atual, há algo inovador no campo da comunicação comunitária e alternativa, especialmente a jornalística. É a possibilidade real de qualquer cidadão se tornar “jornalista”. Trata-se da prática do “jornalismo cidadão” e de fontes abertas (open sources) da era digital que derruba a figura do gatekeeper e incentiva a participação ativa das pessoas no fazer comunicacional. [...] As novas manifestações alternativas de comunicação, ao incorporar suportes digitais e interativos em tempo real, engendram não só conteúdos diferenciados a partir de novos olhares tendo em vista a desalienação mas também novos procedimentos de ação na construção e na difusão de mensagens, na socialização de conhecimentos técnicos (e outros), na criação de códigos compartilhados de conduta e na instituição de novas relações sociais de produção que põem em suspensão a hierarquia e a burocracia tradicional e o sentido da propriedade privada. (PERUZZO, 2009, p. 143). [Grifos da autora].

3.1.5 O *freelancer* e a “pejotização”: condições de possibilidade do Jornalismo Empreendedor

As palavras de ordem do empreendedorismo, articuladas ao capital-competência, deslocam e multiplicam os discursos sobre o jornalismo e os sujeitos jornalistas. Tais deslocamentos variam de acordo com o ambiente de trabalho e o tipo de vínculo empregatício envolvido.

No mundo do trabalho do jornalismo, os discursos sobre o empreendedorismo foram precedidos pela prática do *freelancer*. Ainda no século XVI, alguns escritores de panfletos eram contratados para escrever cartas de notícias para os tribunais e eram pagos antecipadamente. Nicole Cohen (2017) explica que essa prática sofreu deslocamentos com a emergência dos periódicos comerciais entre os séculos XVII e

XVIII, momento em que os profissionais “coletores de notícias” expandiram suas atividades e ordenaram as bases do jornalismo *freelancer*.

Na passagem do século XVIII para o século XIX é a vez do ordenamento dos jornalistas assalariados (COHEN, 2017), sujeitos marcados pela expansão da potência capitalista sobre o trabalho jornalístico. A força do capitalismo toma envergadura com a produção industrial das notícias: o que antes era um processo criativo individualizado de reunir e escrever notícias passa a ser rotinizado em larga escala, em um padrão racionalizado e marcado pela divisão do trabalho.

Contudo, é preciso destacar que o jornalismo *freelancer* e o jornalismo assalariado não são práticas sucessivas, mas concomitantes. Um tipo de prática não é substituído pelo outro: o que muda é a potência da força. Assim, com a industrialização, o jornalismo assalariado toma uma maior envergadura – mas o jornalismo *freelancer* também compôs o mundo do trabalho da época.

Enquanto jornalistas de jornais norte-americanos começaram a se sindicalizar nos anos 1930-1940, muitos que buscavam autonomia tornaram-se *freelancers*. Considerado historicamente, o trabalho *freelancer* sempre ofereceu uma maneira de os jornalistas ganharem o controle sobre suas condições de trabalho e sobre as obras que criavam. Aqui, autonomia significa recusar-se a ser subserviente a uma única empresa e manter a liberdade de se organizar individualmente no trabalho. Enquanto um pequeno número de jornalistas podia fazer isso com sucesso, transformando experiência, conexões ou reputação em uma carreira *freelance*, o ecossistema midiático nunca foi capaz de suportar um grande número *freelancers* ganhando a vida apenas por meio do jornalismo (COHEN, 2017, p. 136).

A autora frisa que o mito da autonomia do *freelancer* foi potencializado sob os auspícios do empreendedorismo, um discurso que festeja a flexibilização das relações de trabalho embasada no uso das novas tecnologias. Assim, são reforçados determinados elementos que faziam parte do trabalho *freelancer*, como o desejo de autonomia e independência.

Schmitz (2015) conceitua o jornalista *freelancer* como aquele que presta serviços eventualmente para empresas de mídia e recebe como autônomo ou como PJ - Pessoa Jurídica. Assim, eventualmente o profissional cobre um determinado evento, ou então sugere uma pauta que, caso seja aceita pelo veículo, é posteriormente desenvolvida pelo jornalista e entregue à empresa.

Uma derivada perversa da prática da contratação de *freelancers* é o “frila fixo”, profissional que trabalha exclusivamente para uma empresa de comunicação, mas sem qualquer tipo de contrato. É comum que esses jornalistas utilizem equipamento próprio e que cumpram jornadas de trabalho abusivas. A “pejotização” (expressão usada para

nomear a expansão da prática do “frila fixo”) recobre um processo cruel: muitas vezes o profissional celetista é demitido para, em seguida, ser recontratado – agora como empresa (PJ). E pode a partir disso ter o antigo salário reduzido.

Na mídia, a pejotização acelerou-se a partir da década de 1980. Antes ocorria especialmente na contratação de jornalistas de maiores salários, como pessoa jurídica, com o propósito de pagar menos imposto de renda. Desde então a prática disseminou-se em todos os níveis salariais (SCHMITZ, 2015, pp. 5-6).

Além da proliferação de micro e pequenas empresas, novas figuras operacionais tem aparecido nos últimos tempos. Uma delas é o MEI – Microempreendedor Individual¹³, registro para empreendedor informal que preste serviços simples como autônomo. Alguns jornalistas têm usado esse tipo de registro para trabalhos *freela* – seja pelas facilidades no pagamento de impostos, seja por ser uma exigência do empregador. Aliás, existem anúncios de vagas de trabalho explicitamente exigindo a figura do MEI para a contratação de serviços voltados à área do jornalismo. Tal figura parece ser emblemática no contexto de empregabilidade atual e servir como um paliativo em tempos de crise.

A multiplicação de pessoas jurídicas é correlata à potência atual da força do discurso empreendedor, que usa a terceirização e até a quarteirização na elaboração de seus produtos. Trabalho oportuno para exemplificar tais dinâmicas no jornalismo é a pesquisa da professora Roseli Fígaro, da USP, que investigou as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas de São Paulo:

As empresas de comunicação e também as teleoperadoras, agora com o conteúdo para celular, subcontratam agências de conteúdos que recontratam *freelancers* e assim se tem a grande empresa e seus satélites. [...] Esses núcleos, satélites de produção, que fornecem conteúdo e outros serviços, têm geralmente uma pequena equipe que, quando não é multidisciplinar, composta por profissionais de jornalismo, relações públicas e publicidade, tem um desses profissionais exercendo as diferentes funções: idealização de projetos, venda de projetos, produção, realização, comercialização. É o *faz tudo* característico da microempresa, ou melhor, da pessoa jurídica *eu* sujeito que responde, econômica e juridicamente, como organização. (FÍGARO *et al*, 2013, p. 103, grifos dos autores).

Essas diferentes relações tanto econômicas quanto sociais fazem emergir novos olhares e práticas no jornalismo. Como ensina Pasquinelli (2012), aqui é preciso estar atento porque as máquinas reterritorializam as relações de poder precedentes: onde e como se dá a cumplicidade com as novas formas de acumulação do capital digital? Daí

¹³ Nesse sentido, é sugestivo o uso recorrente do adjetivo “independente” em algumas das atividades jornalísticas previstas no Portal do Empreendedor - MEI: Editor de jornais diários independente; Editor de jornais não diários independente; Editor de revistas independente; Editor de vídeo independente; Fotógrafo independente. Cf em <http://www.portaldoempreendedor.gov.br/temas/quero-ser/formalize-se/atividades-permitidas>

a importância de discutir limites – tanto aqueles que a construção/circulação da notícia encontra no ambiente digital, quanto as fronteiras referentes às condições de trabalho dos jornalistas.

Também há jornalistas que voluntariamente deixam o emprego fixo em busca de tempo para outras atividades; contudo, condenam a prática do “frila fixo” como uma forma de burlar a CLT. Um deles é Maurício Oliveira, autor do livro “Manual do frila – o jornalismo fora da redação”. Apesar de afirmar ter alcançado satisfação profissional e qualidade de vida com a escolha, alerta ser importante desmistificar o romantismo de ser “pautado por si próprio”: “O normal é trabalhar predominantemente sob demanda, cumprindo missões definidas pelo contratante. Nesse meio-tempo, consegue-se emplacar uma ou outra ideia” (OLIVEIRA, 2010, p. 13).

3.1.5.1 Jornalismo Empreendedor

Como já foi dito, um dos deslocamentos importantes neste tempo é a incitação ao empresariamento de si (FOUCAULT, 2008). Ao lado das novas tecnologias, penso que este é um fenômeno importante para a análise dos jornalismo e sujeitos jornalistas que compõem o cenário contemporâneo.

Nesse sentido, Cohen (2017) afirma que o jornalismo empreendedor é potencializado na atual reconfiguração produtiva. Sujeitos empreendedores são instigados a ver a mesma tecnologia que vem permitindo o enxugamento das redações como uma aliada na busca pela conquista do sucesso por si mesmo. O jornalismo empreendedor sugere a criação e exploração de nichos ainda não percebidos pelas grandes corporações de comunicação.

A autora explica que o termo “jornalismo empreendedor” emergiu depois da crise econômica de 2008 nos Estados Unidos, onde escolas de jornalismo passaram a utilizá-lo para redefinir e justificar a própria atuação. Jornalistas empreendedores são convocados por tal discurso para renovar velhos modelos de negócios. Esses sujeitos jornalistas são descritos como heróis individuais capazes de criar e gerir as próprias carreiras:

Em geral, a promessa do jornalismo empreendedor é que nunca houve um momento melhor para o jornalismo como um ofício, graças à proliferação de ferramentas digitais que podem liberar a produção midiática das grandes empresas de mídia – que mudam lentamente – e prover novas possibilidades de contar histórias e de chegar aos leitores. Embora possa haver poucos empregos em tempo integral, diz esse argumento, nunca foi tão fácil para um indivíduo fazer um nome para si mesmo, desde que ele esteja sintonizado com as demandas do mercado e não requeira trabalho seguro. (COHEN,

2017, p. 130).

De acordo com Cohen, a ideologia empresarial surge sob o governo de Margareth Thatcher no Reino Unido, ainda na década de 80 do século passado. De cunho marcadamente neoliberal, tal ideologia justifica a elaboração de políticas governamentais que facilitam o enfraquecimento do Estado de bem-estar. A gestão de corporações enxutas e eficientes pede “colaboradores”, ou seja, empreendedores que tenham entre suas metas superar a burocracia presente no velho pensamento industrial.

De lá para cá, tomam potência termos como “autossuficiência” e “responsabilidade pessoal”: agora vistos como empresários de si mesmos, os colaboradores devem ter “iniciativa”, “energia” e “independência”, sendo “autoconfiantes” para assumir riscos. Nesse contexto, não é de estranhar que a expansão do trabalho precário seja o pano de fundo da crise sindical: as novas redações digitais norte-americanas não são sindicalizadas (COHEN, 2017).

Tomam envergadura políticas voltadas para a indústria criativa, um discurso que alia a cultura às novas tecnologias e entende tal conjunto como motor da economia. Trabalhadores da cultura agora são “empreendedores culturais”, “atribuídos com a responsabilidade individual de encontrar trabalho, gerir suas carreiras e administrar a segurança social” (COHEN, 2017, p. 131). Na Cidade dos Projetos, produtos imateriais são pensados e desenvolvidos para promover a cultura e produzir subjetividades profundamente marcadas pelo uso das novas tecnologias, gerando renda e mitigando os efeitos de miséria do neoliberalismo.

A multitarefa é uma prática que parece tomar velocidade no discurso empreendedor: a tendência agora é que os profissionais acumulem funções (o jornalista que apura e escreve o texto é o mesmo que fotografa, por exemplo – além de muitas vezes ser responsável por postar o conteúdo nas redes sociais), alterando assim a divisão do trabalho. Canavilhas (2015) destaca que essa convergência profissional está articulada à convergência tecnológica. De acordo com o autor, a convergência sentida pelo jornalismo relaciona-se aos deslocamentos nos conteúdos, nas tecnologias, nas empresas e nos profissionais.

Inovações técnicas entram na redação e com isso as empresas entendem que é possível enxugar vagas: extinguem postos de trabalho (como o tipógrafo) e diminuem outros (como o fotógrafo). Canavilhas sustenta que, se por um lado os profissionais do jornalismo passam a viver sob a exigência do desenvolvimento de conteúdos diferentes para a mesma pauta (foto, vídeo e texto), por outro eles “viram aí uma oportunidade

para melhorarem o seu produto final: as notícias” (2015, p 6). O autor afirma que nem a multitarefa e nem a multiplataforma devem ser problematizadas¹⁴, mas sim a questão do “tempo”: é o elemento tempo que dificulta o trabalho do profissional convergente, porque a compressão dos prazos compromete a qualidade do produto.

Outra característica do jornalismo empreendedor é a necessidade de promover a marca de quem o executa. O chamado *self-branding* é uma das habilidades do empresário de si: ele deve ser capaz de tornar-se visível e assim conquistar reputação. Uma prática que antes era reservada aos produtos e empresas passa a ser imprescindível também para os sujeitos jornalistas empreendedores. A autopromoção deve ser feita de forma a aumentar a circulação de seu trabalho na rede e assim intensificar o número de usuários. Essa realidade funciona no sentido de potencializar o capital social não só para tornar-se conhecido, mas porque os jornalistas empreendedores são pagos nos moldes da economia dos cliques. Na avaliação de Cohen (2017), a prática do *crowdfunding* é uma forma de automarketing e seus praticantes dispensam uma grande quantidade de tempo não-remunerado no planejamento do financiamento coletivo.

De todo modo, o jornalismo empreendedor dá prioridade à demanda: seus profissionais devem ser preparados para atender ao desejo dos clientes – a audiência e os anunciantes. Portanto, ele deve suprir as necessidades do mercado. Ao priorizar a demanda, o discurso do jornalismo empreendedor normaliza ou ordena as práticas profissionais de tal modo que elas “poderiam se referir a qualquer indivíduo de espírito empresarial e que não têm aplicação óbvia para a especificidade da produção jornalística” (COHEN, 2017, p. 134).

Retomando a ideia de variação no conceito de “jornalismo” (ou seja, justamente porque ele não é uno), penso que há sim práticas profissionais próprias do jornalismo empreendedor. Embora não sejam fielmente condizentes àquelas ditadas pelo jornalismo tradicional, não deixam por isso de ser jornalísticas. Mesmo que voltadas à economia dos cliques, tais práticas incluem a elaboração de estratégias para se fazer compreender pelo público, e de forma a que este também entenda estar diante de um texto jornalístico. Empreendedor, hegemônico, alternativo ou independente – para ser jornalismo precisa conquistar credibilidade, mesmo que somente em um restrito segmento populacional.

Concordo com a autora quando ela afirma que “jornalismo empreendedor

¹⁴ Nesse sentido, o autor frisa que elas são, agora, inerentes ao trabalho jornalístico.

significa, de modo amplo, a formação de uma particular subjetividade entre os novos jornalistas” (COHEN, 2017, p. 134). Ela ensina que existem aí três grandes lições a serem entendidas pelos sujeitos que aspiram ser jornalistas empreendedores: precisam ter habilidade para criar o próprio emprego ou empresa; devem praticar a autopromoção (ou *self-branding*), independente de estar ou não empregados; e necessitam aceitar a instabilidade nas condições de trabalho.

Apontada por Cohen, uma consequência da expansão da cultura empreendedora no jornalismo é que, como a maioria dos jornalistas não possui capital inicial, ser jornalista empreendedor significa ser *freelancer*. Contudo, o discurso do jornalismo empreendedor, ao identificar *freelancers* como empreendedores, silencia “questões prementes sobre as condições de trabalho dos *freelancers*, seus efeitos sobre o jornalismo e, criticamente, como tais condições podem ser melhoradas” (2017, pp. 134-135). Assim, a responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso profissional dificulta uma abordagem e avaliação macro do mercado de trabalho jornalístico. Um exemplo é o acesso às credenciais para ingressar nos eventos a serem relatados: de acordo com Cohen, em comparação aos jornalistas assalariados, jornalistas *freelancers* têm mais do que o dobro de chance de ter as credenciais negadas.

A maioria dos jornalistas que trabalham como *freelancer* não consegue acumular rendimentos nem controlar as condições sob as quais desenvolve seu trabalho. Há diferentes graus de independência entre tais profissionais. E, antes de serem vistos como vítimas, importa perceber que os *freelancers* procuram prioritariamente por formas de exercer práticas independentes, embora a necessidade de autoemprego também aí esteja incluída. Mais uma vez, é uma questão de deslocamento das potências entre as diferentes forças que compõem as práticas jornalísticas contemporâneas.

3.1.6 Jornalismo sem fins lucrativos

Segundo Falconer (1999), a expressão “sem fins lucrativos” aparece ao lado de outras – “sociedade civil organizada”, “filantrópicas”, “não governamental”, “solidárias”, “independentes”... – para designar as organizações que atuam no chamado terceiro setor. E acrescenta:

A emergência do terceiro setor representa, em tese, uma mudança de orientação profunda e inédita no Brasil no que diz respeito ao papel do Estado e do Mercado e, em particular, à forma de participação do cidadão na esfera pública. (FALCONER, 1999, sp).

Nesse sentido, entendo que o funcionamento das entidades sem fins lucrativos

opera aliado a outros elementos, como o já mencionado empresariamento de si, as doações de empresas embasadas no discurso da “responsabilidade social” e as estratégias de fomento articuladas pelo governo federal. Nesse sentido, parece oportuno articular, por um lado, o surgimento do terceiro setor e, por outro, a “sociedade civil” como um conceito de tecnologia de governo. Também é possível aproximar a governamentalidade decorrente de macropolíticas e a governamentalidade implicada nas práticas de si (GALLO, 2013), na medida em que tomam força processos de subjetivação importantes na construção de alguns sujeitos jornalistas.

É interessante destacar que muitas das organizações sem fins lucrativos não se reconhecem como “terceiro setor”, justamente pelas inúmeras disputas políticas sobre a conceituação dessa esfera (FALCONER, 1999, sp). Isso porque a construção do termo “terceiro setor” deriva não das entidades que o compõem, mas “de fora para dentro”: enquanto as iniciativas advogam um trabalho independente, não assistencialista e a defesa de direitos fundamentais, elementos alheios a elas colocam em funcionamento um discurso que enfatiza não a independência, mas formas de parceria entre as organizações do terceiro setor, o mercado e o Governo.

Um dos efeitos do discurso que enfatiza a parceria com o setor público e o privado é a necessidade de gerir a entidade não-governamental: há um investimento ao qual é preciso responder de forma eficiente – seja na prestação de contas àquele que fez o investimento, seja na fundamentação de futuros pedidos de financiamento. Tal discurso traz para a linha de frente a força do capital-competência.

As análises sobre a gestão de entidades sem fins lucrativos, de uma forma geral, apontam para a dificuldade que tais organizações encontram no quesito gestão. Nesse sentido, Falconer destaca que se nos anos setenta e oitenta os principais desafios que o terceiro setor enfrentava eram da ordem do reconhecimento público de suas causas, a partir dos anos noventa esses desafios são deslocados para a importância da gestão da iniciativa, de modo a “agir de forma eficiente e eficaz na prestação de serviços” (1999, sp).

Entre as muitas formas de exercer o jornalismo, as chamadas iniciativas sem fins lucrativos aparecem como um dos modos “independentes” de praticá-lo, ecoando a ênfase no trabalho combativo sustentada por outras organizações de mesmo tipo – ênfase, como vimos, deslocada para as parcerias entre as entidades, o mercado e governo.

3.1.7 Jornalismo independente

O jornalismo independente toma força em meio a um cenário de demissões e passarálhos sucessivos nas grandes empresas de comunicação. Embora “independente” evidencie a negação de vínculos do tipo “patrão-empregado”, o adjetivo é usado tanto na literatura quanto pelos próprios jornalistas de forma a aliá-lo – muitas vezes quase como sinônimo – ao “jornalismo sem fins lucrativos”, “jornalismo apartidário” ou “jornalismo empreendedor”. Tais usos dificultam a definição do conceito e produzem confusão ao debruçarmo-nos sobre a teoria.

As perguntas “independente de que?” e “independente de quem?” apontam para a necessidade de abordar o adjetivo de forma relacional (Assis et al, 2017). Assim, ausência de controle, autogestão, liberdade de produção, empregabilidade e outros termos podem ser compostos de forma a articular significados para “jornalismo independente”.

Na expressão “jornalismo independente”, o termo independente pode tanto ser usado aliado ao termo autonomia (sentido afirmativo), como uma forma de apontar para práticas diferentes daquela imposta nas grandes redações (sentido negativo). Aqui, seriam negados o formato, a construção textual e as rotinas, por exemplo. Jornalismo independente seria então

[...] um jeito diferente de fazer o jornalismo, onde as regras do mercado e da indústria convencional não aprisionariam a criatividade e a liberdade autoral dos produtores. O termo “indies” (abreviação para *independents*) também é associado a projetos digitais inovadores, organizações sem fins lucrativos, ou ainda, veículos de comunicação “subversivos” ou contrários ao “sistema”. (ASSIS et al, 2017, p. 7). [Grifos dos autores].

Os autores ressaltam que o termo “independente” irrevogavelmente marca uma negação (“in-dependente”) e que é difícil achar um sinônimo afirmativo. Citando Schultz, dizem que a palavra mais próxima seria “autonomia” e que ela aponta para a ideia de ação e regramento. Contudo, se adotarmos a escolha de Schultz e ressaltarmos o termo “(in)dependência”, podemos aproximarmos um terceiro elemento: o controle. Não autonomia, mas ausência de controle. Porém, tal escolha ainda não é adequada, na medida em que aponta para uma organização jornalística imune aos controles externos. Contudo, pensar sobre essas questões nos ajuda a construir o conceito de “jornalismo independente”, porque assim entendemos a independência como relativa à capacidade de construir “um sistema regulatório eficiente em estabelecer limites claros para combater eventuais arbitrariedades”. Nessa perspectiva, a verificação da independência se dá na análise dos elementos capazes de produzir efeitos de autonomia. E também

daqueles que, pelo contrário, engendram dependência (ASSIS et al, 2017, p. 8).

Há ainda a abordagem que entende a “independência” como independência financeira. Algumas pesquisas sugerem que o adjetivo “independente” de tais iniciativas só se justificaria mediante o cumprimento de duas exigências: primeiro, deve ser legalmente reconhecida como sem fins lucrativos e, em segundo lugar, precisa se manter financeiramente de forma autônoma (PAULINO e XAVIER, 2015, p. 159). De acordo com essa lógica, a independência financeira deve ser resultado da diversificação da receita: quanto mais diversas forem as fontes, maior será a independência editorial.

Discutindo sobre um novo modelo de negócio para o jornalismo, Caio Túlio Costa (2014) cita o relatório “Jornalismo pós-industrial”, escrito por professores do Tow Center e divulgado em 2012. O relatório afirma que o jornalismo bem elaborado sempre precisou ser subsidiado – independente se tem ou não intuito de lucro¹⁵. Além disso, o estudo afirma também que a maior parte do subsídio jornalístico sempre foi aquela vinda dos anunciantes – uma forma privada e indireta de financiamento.

A pesquisa InteratoresUp! liderada por Sérgio Ludtke (2016), que também atua como professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, investiga os novos empreendimentos jornalísticos online. Entre os dados divulgados aparece a descrição de várias fontes de renda dos empreendimentos jornalísticos digitais. Os jornalistas captam recursos por meio de publicidade, assinaturas, editais de fomento, cursos, eventos, produtos editoriais etc. Por outro lado, Ludtke ressalta que a diversificação das fontes “exige mais de recursos que já são limitados. Vender conteúdo, criar cursos, promover eventos são atividades que exigem esforços e recursos que muitas iniciativas não dispõem”. A pesquisa aponta ainda que 18,7% dos veículos pesquisados receberam verbas de fontes não previstas anteriormente, e o professor ressalta que este dado aponta para a capacidade de reinventar o negócio diante das adversidades. Contudo, mais de 20% não receberam nenhum recurso durante a aplicação do estudo.

3.2 O mercado de trabalho do jornalismo

Na tentativa de disponibilizar alguns números sobre o mercado de trabalho dos jornalistas no Brasil, o Volt Data Lab investiu em uma pesquisa por fontes noticiosas, buscando matérias publicadas entre 2012 e 2015 em sites especializados (como o Portal

¹⁵ Nesse sentido, Costa indica como exemplo os jornais brasileiros, que não pagam imposto pelo uso do papel (p. 64).

dos Jornalistas, o Portal Imprensa e o Comunique-se). Sob o título “A conta dos passaralhos”¹⁶, o trabalho contabilizou 1084 demissões em 50 redações (até junho de 2015) – e ressalta que este número deve ser maior porque muitas notícias só indicam o total das demissões, sem especificar a quantidade de jornalistas. E, mesmo que os dados reportados sejam oriundos de fontes não-oficiais (o que eventualmente permite a inclusão de demissões de jornalistas informais), muitas dessas notícias são baseadas em informações das próprias empresas. Demissões em massa anunciadas pelo empregador só incluem trabalhadores formais. Além disso, demissões pontuais (3 ou 4 jornalistas) muitas vezes não são noticiadas e, portanto, não aparecem aqui.

As estatísticas sobre o mercado de trabalho, quando existem, são complicadas e envolvem polêmicas e disputas políticas. Nem os sindicatos, nem a Fenaj – Federação Nacional dos Jornalistas – possuem dados precisos¹⁷. Apesar dos poucos dados disponíveis, é possível fazer alguns cruzamentos. Na pesquisa “O perfil do jornalista brasileiro”¹⁸, elaborada pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com a Fenaj, de 2012, consta que 55% dos jornalistas trabalhavam na mídia e que estes “eram contratados predominantemente com carteira assinada. Somente um a cada quatro eram *freelancers*, contratados como pessoas jurídicas ou com contrato de prestação de serviços”. Mas dados do Caged – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – indicam rápido crescimento das demissões frente às admissões no mercado do jornalismo. Se entre 2010 e 2012 o número de admissões cresceu, de lá para cá o quadro vem mudando.

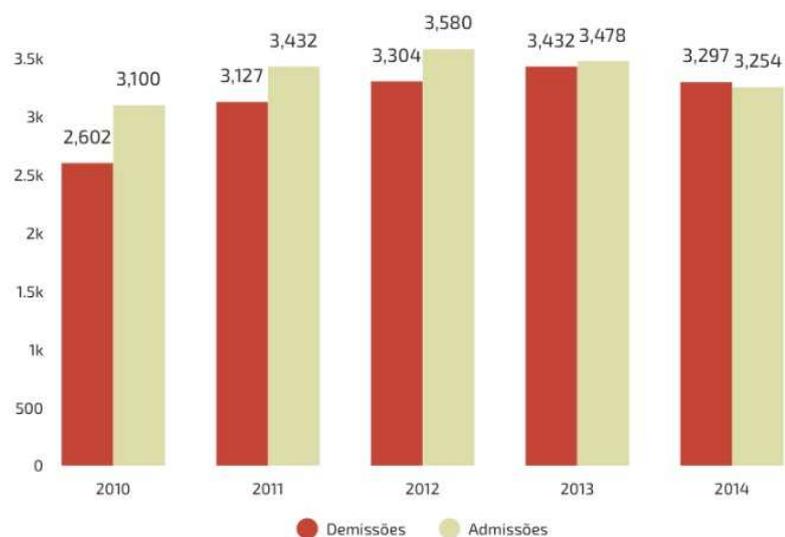
¹⁶Disponível em <https://medium.com/volt-data-lab/a-conta-dos-passaralhos-953e7e254d4a#.v0t0s7coj>

¹⁷ Ao explicar a metodologia utilizada, a pesquisa do Volt Data Lab destaca que, ao receber o pedido sobre os dados, a própria Fenaj respondeu: “não temos os dados solicitados e a melhor fonte é o MTE [Ministério do Trabalho e Emprego], que é responsável pelos levantamentos anuais”. Contudo, há problemas com tais números – além de incluir somente celetistas, também não discrimina se são jornalistas de redação ou de outras áreas (como assessorias de imprensa ou comunicação interna, por exemplo). Outro problema é que o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) não contabiliza “revisores” ou “redatores”, o que impossibilita conhecer os dados precisos sobre o mercado de trabalho dos jornalistas.

¹⁸ Disponível em <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

Admissões x Desligamentos no mercado geral de jornalismo no Brasil

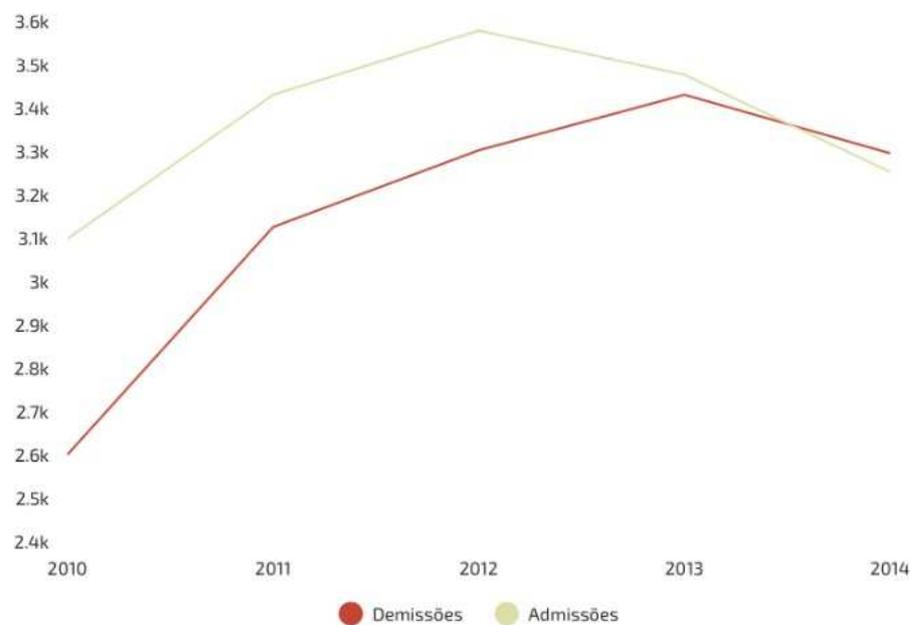
*Inclui profissionais de jornalismo fora de redações



Fonte: CAGED/MTE

Admissões x Desligamentos de profissionais de jornalismo no Brasil

*Inclui profissionais de jornalismo fora de redações



Fonte: Caged/MTE

Se em 2014 as dispensas superaram as contratações em 43 vagas, a pesquisa do Data Volt Lab ressalta que, em março de 2015, as dispensas já superavam as admissões do ano em 57 vagas. E é preciso frisar, aqui, que os dados acima incluem profissionais de jornalismo que trabalham fora das redações. Nesse sentido, o *Comunique-se* publicou matéria¹⁹ em dezembro de 2015 informando que mais de 1400 profissionais da comunicação foram demitidos durante o ano.

Fernanda Lopes (2013) procurou fazer um levantamento de quantos jornalistas existem no Brasil. Ela relata que, ainda em abril de 2009, o Ministério do Trabalho e Emprego contabilizava em torno de 80 mil registros de jornalistas. A pesquisadora, então, foi em busca do número de bacharéis formados nos 10 anos precedentes. Os dados do Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – indicam quase 180 mil novos profissionais formados. Lopes ressalta que, embora vários deles não serem caracterizados como jornalistas por possivelmente terem abandonado a profissão, restam muitos que efetivamente aderiram a ela. Assim, conclui que “Quando se compara o número de graduados e de efetivos detentores de registro profissional, o que se vislumbra é que, dos que concluíram a faculdade, a maior parte não se encaminhou para a atuação profissional formalizada” (LOPES, 2013, p. 155).

O quadro pintado pelos números aponta para a criação de novos meios para a prática do jornalismo. Uma criação que já está em andamento, levada a cabo por empresas inovadoras ou iniciativas sem fins lucrativos que vêm experimentando alternativas – principalmente no ambiente digital. Contudo, o ordenamento discursivo da academia parece indicar um descompasso entre a caracterização do jornalismo (e dos jornalistas) da grande redação e aquele operado fora dela. Nesse sentido, Deuze e Witschge (2015) apontam para a necessidade de atentar também para as práticas jornalísticas operadas para além das redações – e para os profissionais que as executam.

As controvérsias inerentes aos deslocamentos na atualidade funcionam como cabos de guerra que disputam a construção do verdadeiro e do falso. Os valores envolvidos em tais formulações constituem e são constituídos por cada um de nós, de diferentes formas e em diferentes espaços. Mas como encontrar e seguir pistas que permitam delinear algumas das práticas e sujeitos jornalistas que trabalham fora das grandes redações? Ensaiai respostas a tal questionamento é a intenção do próximo capítulo.

¹⁹Disponível em <http://portal.comunique-se.com.br/especiais/79757-2015-chega-ao-fim-com-mais-de-1-400-demissoes-na-area-de-comunicacao>

Capítulo IV

As condutas e seus rastros

A ideia é seguir as condutas do Nonada e de seus integrantes, de modo a produzir um mapeamento que indique os valores, processos de liberação e práticas de liberdade que atravessam a história do coletivo. Esse capítulo foi construído de modo a mostrar, em um primeiro momento, o conceito de ética em Foucault. Depois, discuto como os rastros digitais podem servir de guia nessa empreitada. Para isso, explico diversos usos da internet na composição do jornalismo. O Nonada não tem sede e, portanto, a ideia é seguir os atores que mantêm o Nonada atuante no principal ambiente em que ele se estende no tempo.

4.1 Sujeito e verdade

A última fase dos estudos de Foucault discute as relações entre o sujeito e os jogos de verdade, de maneira a colocar em evidência as relações do sujeito consigo mesmo. Mas a perspectiva da análise combate o entendimento a-histórico das relações entre sujeito e verdade: o imperativo socrático “conhece-te a ti mesmo”, aqui, é abordado de forma diferente daquela fundada pelo pensamento racional. Isso porque, como explica Foucault (2010a), a necessidade de conhecer a si mesmo é típica da modernidade; para os gregos, pelo contrário, a busca era pelo “cuidado de si”. Antes o “sujeito de verdade” do que o “sujeito da verdade”.

Os gregos compreendiam que a verdade transforma o sujeito em sua historicidade prática, enquanto “homem de experiência”: “Por si mesmo, o sujeito não é capaz de verdade a não ser que transforme seu ser, pois a verdade não é o que complementa o sujeito, mas aquilo que o coloca em jogo, o interroga e o transforma” (GROS, 2010, p. 320). A troca e a transformação, processos basilares para o cuidado de si, acontecem na experiência, vista como local de reciprocidade entre a verdade e o sujeito. Nas palavras de Ortega (1999), “a experiência constitui algo do qual se sai transformado” (p. 43), e tal transformação ocorre também mediante um trabalho sobre si mesmo.

A filosofia moderna, por seu turno, entende o sujeito como capaz de verdade,

mas de uma perspectiva em que a verdade é uma verdade transcendental e a-histórica: é a sua descoberta que permite ao sujeito ser capaz de tornar-se ele mesmo. A ênfase no conhecimento da verdade, dessa forma, pressupõe a exterioridade dos termos “verdade” e “sujeito” e legitima a neutralidade: é neutro porque, justamente, a verdade independe do sujeito; ela é preexistente, fundante, algo a ser descoberto para que através dela, finalmente, o sujeito seja capaz de conhecer a si mesmo. Portanto, a experiência aqui é secundária, só confirma os poderes de conhecimento do sujeito. Não há produção ativa por parte do homem, já que ele – e a verdade que o determina – é anterior a qualquer experiência possível. A verdade é causa e a experiência é mera consequência dessa causa.

Retomando a filosofia grega, Foucault ensina que o cuidado de si é anterior ao conhecimento de si e problematiza os tipos de subjetivação implicados no “cuida de ti mesmo” e no “conhece-te a ti mesmo” para mostrar a que ética sua obra se refere ao falar do cuidado de si. A ética foucaultiana diz respeito a uma ética da existência, uma estética que é alcançada mediante exercícios práticos sobre a vida mesma e que têm como objetivo a transformação de si.

A ética é a avaliação do que fazemos, mas uma avaliação que usa como régua os modos de existência implicados em nossas práticas. O saber é feito de formas (enunciável e visível); o poder é feito de forças e embates entre forças; a ética também concerne ao uso da força, mas o que importa agora é a relação da força consigo mesma: as regras discutidas aqui são regras facultativas por serem derivadas da relação de si consigo. E se por um lado elas são facultativas, por outro são autoimpostas – é essa imposição voluntária que o sujeito aplica sobre si mesmo que dá o tom do conceito de ética em Foucault.

A hipótese repressiva – o poder, antes de ser aquilo que diz não, condicionaria a produção ativa da resistência²⁰ – encontra seu limite no cuidado de si. As discussões éticas em Foucault derivam de sua angústia frente à negatividade das relações de poder e da integração poder-saber: como ultrapassar a linha do poder? Como inventar novas possibilidades de vida que não sejam fundadas em uma resposta ao poder – por isso sempre uma resposta “reativa” -, mas em uma criação “ativa” e afirmativa da vida?

Jogos de verdade articulados às possibilidades de vida são práticas em que o

²⁰ O entendimento do poder como produtivo não impediu que o filósofo se deparasse com a impossibilidade da afirmação da vida. Afirmação no sentido nietzscheano do termo, ou seja, a invenção de possibilidades de vida para além dos saberes e dos poderes que nos constituem.

sujeito ingressa por meio da fala franca (ou parresía). É a coragem da verdade de um sujeito que empenha sua vida nesse dizer a verdade. A verdade e o sujeito são processos articulados e o foco da análise é, portanto, o governo das condutas.

As condições de possibilidade dessa ética não são fundadas na moral individualista, mas na política – até porque a fala franca exige a presença do outro. Se o poder é importante na justa medida em que integra os modos de subjetivação, o tema central da obra foucaultiana é o sujeito; e, na ética, ao cuidar de si mesmo o sujeito pratica sua liberdade. Mas é importante destacar que a ética é um dos eixos de análise, e não o único. Isso é importante porque os três eixos dos estudos foucaultianos – o saber, o poder e a ética – funcionam paralelos e concomitantemente, de forma a se atravessarem mutuamente. É nesse sentido que a fala franca aparece articulada às técnicas da governamentalidade e às práticas de si (FOUCAULT, 2011, p. 9).

Nas sociedades ocidentais modernas cuidar de si mesmo é uma prática vista com suspeita: seria uma forma de egoísmo, uma contradição com o interesse pelo cuidado do outro e uma irresponsabilidade com um sacrifício necessário de si. Mas Foucault ressalta que é justamente o governo de si mesmo que regula o governo sobre os outros: quem não governa a si próprio é escravo de seus apetites e, caso chegue a governar, governará mediante abuso de poder de modo a atender anseios puramente pessoais. A ética, pelo contrário, exige “um cuidado de si que, pensando em si mesmo, pensa no outro” (FOUCAULT, 2012, p. 267).

O cuidado de si mesmo como prática de liberdade pressupõe a liberdade como condição ontológica da ética. Indica um êthos, uma maneira de ser ou de se conduzir que é visível para os outros e que envolve “o conhecimento de certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade” (FOUCAULT, 2012, p 262-263). É uma forma concreta de liberdade porque na ética essa liberdade é problematizada como êthos, como conduta de si: não ser escravo nem de si, nem dos outros.

Ser capaz de governar a si mesmo conduz a uma ética que possibilita ao sujeito jogar o jogo da verdade com o mínimo de dominação possível. A preocupação ética é articulada à luta política pelo respeito aos direitos: o cuidado de si instrumentaliza as estratégias de luta contra os estados de dominação. Os processos de assujeitamento são problematizados de modo a abrir espaço para que os efeitos das diferentes formas de constituir a si mesmo sejam repensados.

E como se dão as formas diferentes de constituição de si? Penso que a resposta a essa questão é necessária, porque o cuidado de si visa justamente questionar os processos de assujeitamento de forma a transformá-los em processos de subjetivação – dobrar a força que nos sujeitava sem que ela deixe de ser força. Mais do que isso: a tarefa é relacionar os processos de assujeitamento com eles mesmos, de modo a evidenciar as regras obrigatórias deles derivadas e, ao mesmo tempo, criar regras de si para si mesmo – regras inerentes às práticas de liberdade.

4.2 Governamentalidades: os processos de liberação e as práticas de liberdade

A governamentalidade, como bem apontada por Sílvio Gallo (2013), pode ser abordada tanto de uma perspectiva de “governo sobre os outros” quanto a partir do entendimento de “governo de si”. Nesse sentido, penso que a arqueologia e a genealogia lidam mais detidamente com questões de governo sobre os outros. É claro que aí a resistência também aparece como uma resposta a tais governos, até porque a sucessão arqueologia-genealogia-ética é da ordem do atravessamento e não da linearidade. Assim, é uma questão de ênfase.

Gallo (2013) ensina que os processos de liberação se referem a movimentos imersos em questões macropolíticas que, ao impor outra conformação às tecnologias de governo, “produzem novas amarras que pedirão novos processos de liberação” (p. 388). Tais processos embasam suas ações no conceito de liberdade e enfatizam as relações de poder mais próximas às instâncias políticas.

A arqueologia investiga as condições de possibilidade do saber, este sempre determinado pela relação entre duas formas irreduzíveis uma à outra – o visível e o enunciável. E é oportuno perceber que aqui há o mesmo movimento contra o imperativo socrático já apresentado no início deste capítulo: o visível e o enunciável são formas de exterioridade. Isso quer dizer que não se parte de uma realidade aparente para, a partir dela, buscar uma interioridade preexistente. A análise arqueológica trabalha, sobretudo, para mostrar a exterioridade constitutiva das palavras e das coisas (FOUCAULT, 2010).

O conceito de exterioridade evidencia a integração saber-poder e mostra que a atualização das relações de força efetua-se nos regimes de verdade das práticas discursivas e não discursivas: “visível e enunciável só entram em relação indireta mediante condições que só pertencem ao jogo das forças. (...) O Ver e o Falar sempre estiveram inteiramente presos nas relações de poder que eles supõem e atualizam” (DELEUZE, 2005, p. 89).

Assim, não é a formação histórica – ou o saber – que remete a um diagrama de poder, mas o contrário. O jogo das forças no diagrama do poder é que remete às estratificações presentes nas formas do saber. Por isso se diz que o poder tem o primado sobre o saber; é pela mesma razão que se diz, também, que o diagrama de poder é instável: quem lhe dá estabilidade é, justamente, a formação estratificada do saber. O diagrama é um não-lugar, ou melhor, “lugar apenas para as mutações. De repente, as coisas não são mais percebidas, as proposições não são mais enunciadas da mesma maneira...” (DELEUZE, 2005, p. 92).

Nas relações de poder, a resistência tem o primado porque só há relação de poder entre sujeitos livres – os sujeitos podem ser mais ou menos assujeitados, mais ou menos subjetivados, mas são sempre e sobretudo livres. Nesse sentido, é importante compreender que a luta das forças não é derivada da forma Estado, por exemplo. O que aqui está em jogo são problemas de captura e não de pertencimento. O Estado não produz relações de poder, ele as reproduz. É essa a justificativa para o foco no governo e não no Estado. Governar é afetar outros elementos: as instituições supõem as relações de força e as atualizam em torno de uma instância molar como a lei, o dinheiro ou a grande mídia. Por outro lado, os processos de atualização das forças incluem divergências que por sua vez formam um sistema de diferenciação formal. E essa diferenciação multiplica as possibilidades de vida e torna a mudança possível.

De acordo com Gallo (2013), as práticas de liberdade são práticas ativas. Elas produzem saídas, linhas de fuga, investindo nas relações cotidianas a partir de micropolíticas. Elas contornam os processos de totalização e de representação, de modo a travar a luta em um outro campo: a ética.

Mas, como já foi dito, a política e a ética são contíguas e as duas são compostas por relações de poder. Exercitar o governo de si implica o governo dos outros, porque só quem governa a si mesmo pode governar os outros de forma justa. Do mesmo modo, bem governar os outros implica bem governar a si mesmo. Além disso, o governo de si precisa da presença de um amigo ou de um guia, um conselheiro.

[...] a própria governamentalidade, se tem uma faceta macropolítica, também desdobra-se em uma relação consigo, em um ocupar-se de si mesmo. Mas, pensando em termos micropolíticos, na direção de uma ética como estética da existência, o ocupar-se consigo mesmo, o cuidado em construir uma vida bela e justa, faz-se na contraposição a um sistema de dominação, faz-se na construção de fissuras a este grande modelo de relações, produzindo linhas de fuga e uma espécie de resistência ativa, que produz, que cria e transforma nas próprias brechas do modelo instituído. É por isso que, num modelo político centrado nas ideias de segurança e de produção de seguridade, as práticas de liberdade são uma opção pelo risco, pelo instável, pelo heterogêneo.

(GALLO, 2013, p. 389).

Outra opção para explorar a relação entre a governamentalidade macropolítica e a governamentalidade micropolítica é o posfácio de “A hermenêutica do sujeito”, escrito por Frédéric Gros (2010). Mas antes disso, penso ser importante discutir o conceito de maioria kantiana resgatado por Foucault, de modo a aproximá-lo da ideia de governo de si e dos outros através da crítica ao ser histórico.

No final do século XVIII, Kant (2008) publica um texto onde defende que o uso da razão é um processo que pode nos libertar do estado de menoridade. Este seria caracterizado por uma obediência a regras alheias, quando nos comportamos e conduzimos nossa vontade de acordo com a autoridade de outro. Assim, o ser humano é responsável pelo próprio estado de menoridade e o uso da razão deve ser exercitado de acordo com o espaço em que é utilizado: deve ser livre no público e submisso no privado.

O uso privado da razão é aquele em que o homem se comporta como peça em uma máquina, ou seja, “tem um papel a desempenhar na sociedade e funções a exercer” (FOUCAULT, 2008b, p. 339). Já o uso público da razão é o exercido pelo indivíduo como cidadão. Delineia-se assim, de acordo com Foucault, um curioso paradoxo: o uso público e livre da razão é a melhor garantia de obediência. Ao revisitar esse texto de Kant, o autor destaca que sua novidade é marcar a diferença do hoje relacionada à história, ou seja, o que estamos deixando de ser; além disso, o entendimento do iluminismo como uma tarefa particular destaca o exercício de pensar contra si mesmo: como poderia ser de outra maneira?

Para além de posicionar-se a favor ou contra o iluminismo, é evidente que somos marcados por ele. De acordo com Foucault, mais vale perceber a busca pela maioria como uma atitude filosófica que demarca um *éthos* de crítica ao ser histórico, onde o que está em jogo é o esforço de pensar nas fronteiras – uma atitude-limite. Portanto, o exercício do pensamento caminha para a busca dos limites atuais do necessário, ou seja, “do que não é, ou não é mais, indispensável para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos” (FOUCAULT, 2008b, p. 345).

Seguir as pistas da contingência que nos faz ser o que somos abre a possibilidade de deslocar as práticas que nos constituem. A liberdade, nessa lógica, exige a experimentação de si. É correndo riscos que o indivíduo percebe onde os deslocamentos são possíveis, quais mudanças são desejáveis e como elas podem tomar forma. Recusa, portanto, de qualquer modelo que se intitule universal ou radical.

Aqui, penso ser apropriada a contribuição de Gros (2010), na medida em que ele explica “a governamentalidade da distância ética”. No exercício de suas funções profissionais, aquele que cuida de si mesmo deve lançar mão de uma limitação quantitativa que o impeça de identificar sua própria vida com a função que exerce.

Trata-se sobretudo – e esta é uma inversão radical do processo de identificação estatutária – de não procurar estabelecer o que se é a partir do sistema de direitos, de obrigações que nos diferenciam e situam em relação aos outros, mas de interrogar-se sobre o que se é para inferir daí o que convém fazer, no geral ou em uma ou outra circunstância, mas sempre segundo as funções que se tem de exercer. (FOUCAULT, apud GROS, 2010, p. 487).

Gros ensina que a soberania com relação a si mesmo é a única soberania que se deve proteger. E é essa soberania sobre si que determina as relações que travamos com os outros. É a distância ética, paradoxalmente, que permite ao sujeito reconhecer-se como membro de uma comunidade, ajudando a dar forma e medida a sua atividade profissional, porque a distância ética ajuda o sujeito a compreender “o sistema de necessidades no qual se está inserido” (FOUCAULT apud GROS, 2010, p. 486).

A contemporaneidade é marcada pela falência do estado de bem estar e pela adoção da crise como um modo de vida (ZIZEK, 2011). E é preciso destacar, uma vez mais, que os processos de sujeição decorrentes do modo de vida contemporâneo integram o uso da razão, tanto público quanto privado. De acordo com Zizek, hoje o que é revolucionário é o capitalismo, que transformou a paisagem do mundo por meio do avanço da tecnologia e da falência da ideologia. A percepção da maioria foi alinhada em processos de assujeitamento próprios da lógica neoliberal. Ser capaz de governar a si mesmo implica a aceitação da inevitabilidade da realidade socioeconômica do capitalismo, sistema continuamente reiterado pela mídia de massa.

Na busca pelo estado de maioria (aquele que prima pelo pensamento contra si mesmo), Zizek (2011) também destaca a potência das práticas experimentais: são elas que podem mudar as coordenadas do jogo. Por integrar a constituição mesma de tal processo, a convivência simultânea de acertos e erros torna inevitável a proliferação de monstros. Mas é justamente por meio dessas tentativas que o novo pode emergir.

4.2.1 O jogo da democracia: o jornalista e o jornalismo alternativo

O parresiasta é aquele que profere o discurso verdadeiro, é quem efetivamente pensa e vive o que diz, assumindo todos os riscos em nome dessa verdade. Ele “faz valer sua própria liberdade de indivíduo que fala” (FOUCAULT, 2010b, p. 63), independente de seu estatuto social – parresiasta pode ser qualquer um.

Esse exercício perigoso da liberdade envolve consequências, já que é proferido em meio a outras pessoas que também desejam comandar. É também absolutamente necessário, porque uma das funções da *parresía* é justamente limitar o poder dos governantes. Contudo, a *fala franca* envolve alguns paradoxos. Em uma sociedade democrática, onde todos têm o direito de falar, é importante ressaltar que nem todos praticam esse dizer-a-verdade e que isso

[...] produz uma diferença, que é a da ascendência exercida por uns sobre os outros. O discurso verdadeiro, e a emergência do discurso verdadeiro, está na própria raiz do processo de governamentalidade (FOUCAULT, 2010b, p. 169).

As disputas sobre a verdade envolvem uma série de tecnologias que constituem tanto quem entra na luta pela fabricação do verdadeiro e do falso quanto as condições que permitem tais valorações serem engendradas de determinada forma e não de outra. A rarefação discursiva faz parte do jogo que legitima a democracia. Foucault ressalta ironicamente que a democracia ameaça o dizer-a-verdade, mas que, por outro lado, a existência mesma da democracia depende do discurso verdadeiro.

Um direito fundamental da democracia é a isegoria, ou seja, o direito constitucional que qualquer cidadão tem de tomar a palavra. Contudo a *parresía* se refere a uma prática política efetiva: ela é a coragem da verdade, a coragem de viver o que se diz, de efetivamente acreditar no próprio discurso – e de correr perigo por conta disso. Ela abre espaço para efeitos perigosos, precisamente porque não são conhecidos.

Baseado em Platão, Foucault define o conceito de liberdade como a primeira consequência da democracia – e a *parresía* é essencial para essa liberdade. Por outro lado, a liberdade de falar o que se quer abre espaço para que alguém se dirija a multidão com o único intuito de conquistá-la através da adulação. Sendo assim, o que permitiria o reconhecimento do discurso verdadeiro? Foucault indica *a prática de si* como resposta. É exatamente nessa face da *parresía* (onde ela deve guiar os que governam) que se torna evidente a clivagem entre a Retórica e a Filosofia.

A Retórica é a arte da palavra, da persuasão: é a lisonja que aparece como a sombra da *parresía*. A retórica é dirigida a muitos e tem o poder de convencer tanto do verdadeiro como do falso. A Filosofia, neste contexto, é dirigida também aos indivíduos – e como uma forma de ensinar as almas a separar o verdadeiro do falso. São dois modos de ser do discurso que pretendem dizer a verdade. É aqui que Foucault afirma que todo discurso verdadeiro deve ser considerado uma *prática*, que a verdade é resultado de um *jogo de veridicção*, e que toda ontologia deve ser analisada como

invenção.

O filósofo como parresiasta é em sua própria vida o agente da verdade – mas, em sua relação com a política, esse dizer-a-verdade toma a forma de um cara a cara. A filosofia não diz o que o poder deve fazer, mas o seu discurso verdadeiro precisa ligar-se à ação política: “A questão da filosofia não é a questão da política, é a questão do sujeito na política” (FOUCAULT, 2010b, p. 290). Nesse sentido, *a parresía* filosófica não quer convencer o outro de que é ela quem sabe: a veridicção é uma função permanente de um discurso que se experimenta a todo momento.

Tendo como pano de fundo o conceito de *parresía*, Fernández e Manibardo (2016) defendem que o jornalista profissional da grande mídia está limitado pelos constrangimentos das práticas jornalísticas que constituem a imprensa hegemônica:

Decir la verdad y oponerse a las iniquidades cometidas por el poder es contradictorio cuando es un elemento de la maquinaria persuasiva. Las rutinas profesionales que entronizan el llamado objetivismo, bajo la premisa de la neutralidad y la información instantánea, enmascaran una selección ominosa y partidaria de los acontecimientos para favorecer los intereses de los centros de poder global. El resultado es que la profesionalización en los circuitos de periodismo comercial reprime la búsqueda de la verdad que, paradójicamente, es el principio fundamental de la ética periodística. (FERNÁNDEZ e MANIBARDO, 2016, p. 13).

Nesse sentido, os autores sustentam que não são somente as limitações próprias aos modos de funcionamento de um grande veículo de comunicação comercial que impedem a coincidência entre a *parresía* e o jornalista. Para além dessa óbvia limitação, há também o sistema da autorreferencialidade. Tal processo torna muito difícil que um pensamento contestador a essas próprias práticas encontre espaço.

[...] el periodista interioriza los valores y prejuicios que reverbera el aparato mediático: se educa y socializa por los propios medios de desinformación y se convierte así en reproductor de las confusiones informativas que favorecen los intereses de los grandes grupos mediáticos. (FERNÁNDEZ e MANIBARDO, 2016, p. 14).

Assim, a escolha por trabalhar em veículos que tem a resistência à grande imprensa como um de seus próprios fundamentos parece indicar condições mais propícias para a possibilidade do exercício da fala franca. Por outro lado, é bem verdade que os constrangimentos são inerentes à vida mesma.

De todo modo, a luta pela criação de novos veículos, a construção de uma pauta alheia à da grande imprensa e, conseqüentemente, a procura por vozes normalmente limitadas pela rarefação discursiva demonstram um processo que procura potencializar a multiplicidade. E a cacofonia de vozes da multidão evidencia o problema fundamental da representação na democracia contemporânea. Assim, a oposição entre multidão e povo ilustra a guinada epistemológica proposta por Virno (2008). O povo

está fatalmente ligado à unidade política e à existência do Estado. Já a multidão é irreverente em sua multiplicidade, é

[...] uma forma de existência política que se afirma *a partir de* um Uno radicalmente heterogêneo ao Estado: o Intelecto público. Os Muitos não fecham acordos, nem transferem direitos ao soberano, porque já dispõem de uma ‘partitura’ comum: não convergem nunca em ‘*volonté générale*’ porque já compartilham o *general intellect* (VIRNO, 2008, p. 138).

A multidão luta por multiplicar os espaços não governamentais de decisão política. O inimigo, aqui, é aquele que procura fracionar a linha de fuga; por outro lado, o amigo é aquele com quem é travada uma relação de solidariedade ao longo dessa mesma linha. Assim, o direito de resistência da multidão busca “preservar uma transformação já acontecida, em sancionar um modo comum de ser que já sobressai com ênfase” (VIRNO, 2008, p. 147).

Mas como proceder na análise dessas disputas? Quais são os pontos de convergência do comum? Onde a luta contra os processos de assujeitamento pode se dar, e qual é o lugar da ruptura com verdades que diminuem a potência de vida?

As novas possibilidades de emissão promoveram uma outra relação com o público – mas também oportunizaram uma outra relação do jornalista com as chances de exercer a profissão. Ao insistir em reduzir o jornalismo à coleta de fatos e o jornal a uma ferramenta de informação neutra, parte da mídia tradicional também diminui a importância dos efeitos das notícias e do trabalho de seus profissionais. Em um tempo onde o público tem facilitado o acesso direto às fontes e a outros dados constituintes das matérias, “a mitificação da objetividade e da imparcialidade (...) acaba por ocultar as implicações éticas e políticas da produção da notícia. Esse ocultamento é prejudicial à própria credibilidade” (ODDO, 2015). E boa parte dessa credibilidade, vale lembrar, é composta pelos nomes de seus profissionais.

Em um cenário de desprestígio, jornadas extenuantes, acúmulo de funções e crise de emprego, alguns jornalistas – seja pela frustração no trabalho, seja buscando uma oportunidade – arriscam planejar e executar projetos independentes. E, na era das redes, o digital atinge na raiz a ideia de dependência entre armazenamento e distribuição. Uma outra maneira de publicar e fazer circular informações é inaugurada pelas redes eletrônicas, problematizando o papel do jornalista nessa nova configuração de mundo. Os polos de emissão não-centralizada multiplicam-se e o contato generalizado entre os usuários fortalece o sentido de comunidade e proximidade – mesmo não havendo contato físico (LEMOS, 2007).

A mídia tradicional e as novas possibilidades de emissão convivem neste tempo

que desloca velhos valores e produz outras formas de vida, para além do projeto moderno de identidade e imobilidade (BAUMAN, 2001). São muitas as informações que possibilitam outra visada de mundo, alternativas àquelas difundidas pelos veículos e empresas da Indústria Cultural.

A crise no mercado de trabalho, a interatividade e formas diferentes de produção da notícia desencadeiam um processo de mudanças estruturais no jornalismo (ADGHIRNI e PEREIRA, 2011). Hoje, e cada vez mais, as novas tecnologias impactam as formas de dar e receber notícias. A portabilidade e a conseqüente ubiquidade do acesso intensificam a ênfase na produção frenética do conteúdo – prática que tem como correlato a diminuição do tempo para a apuração e cultivo das fontes, por exemplo. Mas a democratização dos meios é uma boa notícia e parece ser também uma oportunidade para a reinvenção dos processos jornalísticos. Como ensinam Malini e Antoun (2013), a publicação deixa de ser o estágio final da notícia: é a conversação que completa – e muitas vezes disputa – os efeitos de sentido da informação original.

Os meios de comunicação são uma das instâncias de controle sobre a produção e transmissão da verdade (FOUCAULT, 2007). Penso que, com a proliferação das trocas de informações possibilitada pela internet, existe uma possibilidade maior de luta pela construção da verdade – inclusive de si mesmo. A multiplicidade de canais online permite problematizar de modo mais visível a construção do discurso verdadeiro e dos processos de assujeitamento. Além disso, o próprio público procura – quando não propõe – versões contrárias sobre a mesma história, ou então navega em busca de histórias que não encontram espaço nos veículos mantidos pelos grandes conglomerados de mídia.

4.3 Da ruptura com a norma à multiplicidade dos modos de vida: as lições de junho de 2013

Como ensina Nora (1977), todas as sociedades precisam domar o acontecimento e a sociedade moderna exorciza-o através da repetição. Porque o acontecimento “irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais” (RODRIGUES, 1993, p. 27) e produz o efeito de colocar em suspenso referências e valores caros à vida em comum. No ocidente, tais valores giram em torno de ideais iluministas profundamente articulados à democracia neoliberal.

A repetição possibilita sedimentar o espaço deixado inicialmente vago pela ausência dos sentidos – espaço que de imediato é ocupado por uma profusão

desordenada deles. Repetindo incansavelmente o acontecimento, este é esvaziado de “novidade” e paulatinamente é dotado de um sentido que neutraliza sua natureza selvagem. Por viabilizar a construção de um determinado sentido, o ecossistema midiático operaria potencialmente um enorme poder de integração social.

De acordo com Rodrigues (1993), para alcançar o status jornalístico, o acontecimento deve oferecer características que satisfaçam os parâmetros de notabilidade e, quanto mais imprevisível, maior a chance de se tornar notícia. Já segundo Alsina (2009), para que um acontecimento chame a atenção do sistema jornalístico e seja abordado midiaticamente, ele deve marcar uma ruptura com a regra. A perversidade dessa lógica faz com que grandes problemas sociais como a fome e as desigualdades econômicas sejam excluídas da principal condição para alcançar a visibilidade midiática. Isso porque tais injustiças aparecem de forma permanente ao longo da história e, por integrarem a paisagem social, não demarcam aquela ruptura.

Tendo em vista as disputas e batalhas narrativas online, parece importante analisar se hoje o “enorme poder de integração social” da mídia de massa ainda é tão grande assim. Além disso, antes de pensar nos parâmetros de notabilidade que apontam para a ruptura com a regra, parece fundamental indagar sobre as possibilidades de deslocá-la.

A regra é aqui entendida como a norma, no sentido de normalização (FOUCAULT, 2008 e EWALD, 1993). É um conjunto de técnicas de governo sobre as condutas e os modos de vida, de forma a organizá-los em torno do comportamento “normal”. É a estratégia do gerenciamento do risco: não há estranhos. Os comportamentos são previstos e a liberdade existe, mas dentro de limites apropriados. Ao invés de dizer “não”, a questão do governo debruça-se antes sobre estratégias de gestão, ou seja, o problema aqui é pensar como e até que ponto deve-se atender ao desejo da população. E a grande mídia, como instância molar de poder, lida com tais questões – mesmo que aqui a estratégia opere no sentido contrário, ou seja, destacando os comportamentos e práticas desviantes.

Muitas disputas narrativas servem de exemplo para a dificuldade em articular os modos de vida contemporâneos em torno de uma determinada conduta. Usando o caso das Jornadas de Junho, gostaria de evidenciar tais disputas e “desvios” de conduta que produziram um efeito de “ocupação” na mídia de massa.

As manifestações de junho de 2013 podem ser entendidas como um “acontecimento” nos termos de Nora (1977). Nos vimos como que envolvidos pela poeira do combate, em um instante imenso onde o conceito de desobediência civil foi colocado

em xeque por uma grande parte da sociedade - nas ruas, nas redes e na própria grande mídia. É um exemplo singular, sem dúvida. Mas a capacidade de fazer poeira e de desnortear a “bússula do adversário” (VIRNO, 2008), paradoxalmente, tornou possível colocar as diferenças no centro do palco – e perceber alguns dos lampejos de veículos menores. Em meio a lutas e combates, movimentos de captura e resistência disputaram a enunciação do discurso verdadeiro.

A cobertura feita pela mídia de massa das manifestações de junho foi primeiramente marcada por um discurso de condenação; mediante a reação social a esse discurso, mudaram as regras do jogo, mas de forma a manter a aparência de imparcialidade. A emergência de novos grupos de mídia na cobertura dos protestos, como a Mídia Ninja, deu visibilidade a histórias e versões que não encontravam espaço nas notícias veiculadas pela grande mídia.

A veiculação de outras narrativas pelas redes sociais instaurou uma nova relação de força na produção de sentidos sobre as manifestações. Um dos efeitos de tais relações foi a expulsão de jornalistas da grande mídia, um tipo de ação que produziu notas de entidades representativas como a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)²¹ em apoio aos profissionais.

Ação que produziu inúmeros textos foi a agressão de manifestantes que resultou na morte do cinegrafista da rede Bandeirantes Santiago Andrade. Tais ditos verteram de várias instâncias: imprensa de massa, imprensa alternativa, perfis de redes sociais, entidades representativas e publicações voltadas para jornalistas. Aqui, pelo menos dois aspectos foram decisivos na repercussão. Primeiro: em meio à já conhecida e constante ação violenta da polícia nos protestos, esse episódio foi protagonizado por manifestantes. Segundo: a vítima foi um jornalista – e vítima fatal. As disputas de sentido, que primeiramente recaíram sobre a violência contra os jornalistas e a disponibilidade ou não do uso de equipamento de proteção pelos profissionais na cobertura dos eventos, não tardaram em versar especificamente sobre a violência dos manifestantes.

Por outro lado, em um momento onde a multiplicidade de modos de vida engendrou formas de dar-se a ver, foi emblemática a cena protagonizada pelo apresentador Datena, no dia 13 de junho, no programa Brasil Urgente – e relatada por Viana (2013). Imagens da quarta mobilização pelo passe livre em São Paulo eram

²¹ A nota, divulgada no início de julho de 2013, repudia o ataque tanto por parte da polícia quanto pelos manifestantes e está disponível em <http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=3888>

transmitidas, acompanhadas da fala do apresentador que repudiava o movimento. Como de costume, Datena lançou a enquete do programa – naquele dia, focada na marcha na cidade de São Paulo: “Você é a favor desse tipo de protesto?”. Os números não confirmaram a expectativa da produção e o apresentador procurou uma razão que explicasse o que havia saído errado: “Será que nós formulamos mal a pergunta? ‘Você é a favor de protesto *com baderna*?’ Eu acho que essa seria a pergunta. [...] Faça a pergunta do jeito que eu pedi, por favor [...] por que aí fica claro, que senão o cara não entende”. Analisando a anedota, Viana explica:

O erro, para Datena, não estava na pesquisa, mas em sua deturpação, gerada pelas próprias imagens que então eram transmitidas ao seu lado [...]. Os manifestantes ainda não haviam chegado à rua da Consolação, onde uma tropa espetacular os aguardava para, como nos atos anteriores, demonstrar, ao vivo, de que matéria é feito nosso estado de direito. O equívoco não estava lá nem cá: os telespectadores sabiam muito bem do que se tratava; e a pesquisa não mentira ao diferenciar as “manifestações pacíficas” dessa que então estava sendo transmitida. O erro estava nas ruas. (VIANA, 2013, pp. 54-55).

Sim, o “erro” estava nas ruas. E mais do que isso: também circulava amplamente nas redes sociais, fazendo com que a TV fosse “ocupada pela segunda tela, a internet” (MALINI, 2013, *online*).

As manifestações de junho e seus efeitos foram – e talvez ainda sejam – determinantes no processo de reconfiguração do jornalismo. A enorme visibilidade dos eventos colocou em evidência e problematizou as práticas jornalísticas e os valores que historicamente vem definindo o que é o jornalismo. É certo que a norma nunca é universal – mas, se a exigência social muda, os desempenhos individuais também se transformam, e vice-versa. Há aí um deslocamento dos limites:

Que estranha sociedade é a sociedade normativa. Como qualquer outra, ela exclui, sem que esta exclusão implique um juízo prévio de natureza. Ela é polaridade, diferença de potencial, tensão entre um passado e um futuro. Tem as suas exigências. Naturais nunca, sociais sempre. Coloca, pois, no seu próprio seio o princípio de uma partilha de valorização. Mas procura ao mesmo tempo as discriminações que lhe são consequentes. Duas estratégias são possíveis: aumentar o limiar das aptidões, e chama-se a isso formação, educação, normalização; visar a modificação daquilo que impõe a definição da partilha, e chama-se a isso resistência (EWALD, 1993, pp. 117-118).

De acordo com o autor, a necessidade de novas medidas é ditada pelas práticas sociais e econômicas e pela tecnologia. E, já que vivemos na era da normalização, é então a medida comum o objeto da luta.

4.4 Deslocamentos no trabalho e a problematização da ética

O mundo do trabalho, de forma geral, vem passando por uma prodigiosa transformação. E as profissões cuja prática recai sobre o chamado trabalho imaterial são

especialmente reestruturadas por tal deslocamento – incluindo aí o jornalismo. Nesse sentido, Deuze e Witschge (2015) ensinam:

Nós temos que revisitar a questão central sobre o que o jornalismo é para as considerações conceituais - a construção normativa do jornalismo através da ideologia e da cultura reforçada em trabalhos acadêmicos e publicações profissionais - e para a prática - dada a natureza cada vez mais fragmentada, em rede e atípica do mercado de trabalho para a produção de notícias. (DEUZE e WITSCHGE, 2015, p. 8).

É preciso aqui deixar claro que não se nega a existência ou a importância da grande redação, mas que hoje ela convive cada vez mais com formas diferentes de se fazer jornalismo. Além disso, ela mesma – a grande redação – se encontra atravessada por regimes de trabalho diferentes, com profissionais contratados por tempo indeterminado ou não, presentes na redação ou trabalhando de casa, organizada tanto por equipes focadas em projetos de curto prazo quanto por jornalistas empenhados na cobertura de notícias de rotina.

Em tal contexto, marcado por uma miríade de diferentes formas de trabalho, Deuze e Witschge (2015) destacam que o trabalho acadêmico, em sua maioria, segue normalizando um objeto cada vez mais difícil de ser contido. É certo que o *freelancer* há muito tempo existe na prática do jornalismo. Porém, como ensinam os autores, o importante é perceber que esse trabalho atípico hoje é o mais comum – e não o contrário.

Esses jornalistas são ignorados pelas pesquisas acadêmicas sobre a população de jornalistas ao redor do mundo. O mesmo vale para o trabalho que eles fazem, como eles o fazem e o que ser um jornalista significa para eles. (DEUZE e WITSCHGE, 2015, p. 7).

Fenômenos contemporâneos vêm deslocando os modos de fazer jornalismo. A cibercultura, por exemplo, problematiza a relação do sujeito jornalista tanto com o público – influência sobre pautas e fontes – quanto com os modos de trabalhar – o chamado jornalismo multiplataforma²² e as diferentes formas de circulação do conteúdo. Tais práticas suscitam resistências e retomadas, mas o grau de deslocamento nas práticas jornalísticas e no sujeito jornalista varia. Falar em “sujeito” jornalista remete, forçosamente, aos processos de assujeitamento integrados aos discursos que circulam na sociedade contemporânea. Mais especificamente, remete ao discurso que procura instituir “o” sujeito jornalista.

Sendo a variação dos deslocamentos produto de uma certa composição das forças, a investigação também envolve dois níveis de análise: a da proveniência, que busca

²² Elaboração de conteúdo para diferentes suportes: texto, vídeo, fotografia e áudio são pensados tanto para alimentar a web quanto para a elaboração de materiais destinados à outras plataformas, como as plataformas móveis (smartphones e tablets), a televisão, o rádio e o impresso.

identificar os instintos em jogo, e a da emergência, que procura a pura distância da luta pela descrição das forças em combate (FOUCAULT, 2007). O pesquisador descreve as estratégias, as condições de possibilidade das violências por fim instaladas em um sistema de regras, por um lado, e as emergências que deslocam tal sistema, por outro. O estudo enfatiza a descontinuidade na história e em nós mesmos, abrindo espaço para novos enfrentamentos porque não admite repouso.

Há deslocamentos provocados por fenômenos específicos deste tempo: fenômenos que são traduzidos em práticas profissionais que engendram valores e, de uma forma ou de outra, possibilitam ao sujeito jornalista problematizar processos de sujeição. Tal problematização abre a possibilidade de o sujeito jornalista livremente aplicar sobre si mesmo regras de conduta com vistas a práticas de liberdade. E tais regras de conduta não tem a ver com a moral ou com o código moral – estes sim participantes do saber e do poder que nos constituem.

A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-se a valores transcendentais (é certo, é errado...); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica. Dizemos isso, fazemos aquilo: que modo de existência isso implica? (DELEUZE, 1992, pp. 125 e 126).

Para auxiliar na diferenciação entre moral e ética, César Candioto (2013) explica que a moral, nessa perspectiva de análise, é entendida como a conduta prevista em códigos morais propostos por aparelhos prescritivos (famílias, instituições educativas, igrejas etc) e explica que tais códigos são formulados de forma explícita em uma doutrina coerente. Também podemos entender a moral como a moralidade dos comportamentos, ou seja, em que medida os indivíduos atendem àquelas regras.

Candioto (2013, p 222) fala então na “genealogia da ética”, explicando que para Foucault interessa analisar o modo que o sujeito conduz a si mesmo diante das regras e entender assim o “sujeito moral” que é constituído nesse processo de resposta às regras.

Para além de uma conformação à moral ditada pelos aparelhos prescritivos, Foucault ensina que uma “ação moral” implica também

uma certa relação a si; essa relação não é simplesmente "consciência de si", mas constituição de si enquanto "sujeito moral", na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se. Não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral; nem tampouco constituição

do sujeito moral sem "modos de subjetivação", sem uma "ascética" ou sem "práticas de si" que as apoiem. (FOUCAULT, 1984, pp. 28 e 29).

Portanto, o interesse recai sobre as condutas dos jornalistas; os modos como os sujeitos *escolhem efetivamente* se conduzir. Também importa seguir pistas que nos permitam entrever os valores que povoam a conduta do veículo eleito pela análise – porque essa também exprime as escolhas da equipe. E os valores apontam para o jogo do verdadeiro e do falso, ou seja, eles implicam determinada construção de verdade e estão imersos em fenômenos e elementos que povoam um tempo específico – a atualidade.

Penso que mapear as práticas do Nonada, tanto no site quanto na *fanpage* do Facebook são operações que nos permitem entrever valores e condutas. Além disso, também a pesquisa dos membros da equipe no Google nos indica o que é importante para cada um deles. Os rastros digitais são indicadores daquilo que Bruno Latour (2012) chama de agência: a agência é uma ação que ajuda a manter um determinado coletivo atuante. Além disso, de acordo com o autor, objetos digitais são tanto intermediários quanto mediadores de ações. Assim, a ideia é seguir os valores do Nonada ao longo do tempo através dos rastros online – tanto do veículo quanto dos membros de sua equipe atual.

Nessa empreitada de mapeamento e descrição, o que deve ser selecionado? Como os objetos digitais nos ajudam a seguir as transformações éticas do Nonada em seus quase 8 anos de existência? Como o jornalismo aí se vê problematizado – e também, claro, o sujeito jornalista? Passo agora a apontar os elementos digitais que podem auxiliar em tal desafio.

4.5 A contribuição da Teoria do Ator-Rede na análise das condutas

Na era do capitalismo cognitivo, o ruído dos meios torna-se cada vez mais audível e visível. Eles são incorporados pela lógica cultural de uma sociedade voltada para a medição do risco como forma de normalização social e que alia dispositivos de segurança à lógica disciplinar própria das sociedades industriais (FELINTO, 2011). A materialidade dos meios integra o funcionamento do capitalismo pós-industrial e sua agência provoca reconfigurações nos sistemas. Investigar ou mapear esses deslocamentos implica em reconhecer que os meios são potencialmente criativos e permitem, facilitam, dificultam ou impedem a emergência e as condições das práticas profissionais: “Que fazer dos meios em uma época em que as máquinas se ‘comunicam’

cada vez mais com outras máquinas, em sistemas fechados nos quais o mais importante é a manutenção de seu funcionamento?” (FELINTO, 2011, p.242, grifos do autor).

Tanto a emergência de novas ferramentas na rede – que facilitam e estimulam a produção e a circulação de informações – quanto as práticas de internautas que colocam em xeque a legitimidade do jornalista como único emissor legítimo das “notícias que interessam” instauram uma séria crise no modelo da Indústria Cultural. Massiva e fechada, a cultura pré-internet viabilizava a prerrogativa do jornalista como única figura capaz de produzir e divulgar os discursos do mundo sobre o mundo. A internet revolucionou as práticas de produção e circulação e hoje diariamente emergem na rede novas formas de comunicação interativa, irreverentes, abertas e descentradas. Blogs, fotologs, redes sociais e outras plataformas colaborativas subvertem a lógica tradicional: a produção de conteúdo *online*, incontrolavelmente, escapa aos ditames da Indústria Cultural.

É cada vez mais difícil manter a artificial separação entre Ciência e Sociedade, porque nosso mundo é construído na espessura mesma da relação que necessariamente é travada entre os dois polos. Na esteira de Latour (2012), é preciso deixar claro que não se nega a materialidade das coisas, bem pelo contrário. Os não-humanos interagem conosco, e é pelos híbridos que este mundo é engendrado. Nesse sentido, uma das grandes transformações por que passa o jornalismo é no uso das novas tecnologias na produção da notícia (ADGHIRNI e PEREIRA, 2011): cada vez mais a busca em bancos de dados e o imediatismo guiado pela necessidade da convergência suplantam o tempo que antes era dedicado ao cultivo de fontes e à verificação dos fatos, por exemplo. Também a portabilidade e a ubiquidade de conexão são elementos cruciais para a emergência do jornalismo como hoje o conhecemos (SILVA, 2013).

As redes sociais forçaram a transformação da abordagem inicial feita pela mídia de massa sobre as Jornadas de Junho, por exemplo. De acordo com Malini e Antoun (2013), enquanto a mídia de massa está embasada na lógica do “todo mundo está falando nisso”, e caracteriza o conceito de Guerra da Informação, a lógica dos perfis está baseada na premissa “meu amigo recomendou”, e demarca a Guerra em Rede. Tanto a primeira lógica quanto a segunda lançam mão de táticas de monitoramento e de laços afetivos para funcionar. Elas disputam a legitimidade para assumir o lugar de fala da narrativa pública.

Exemplos de recursos de redes sociais como meios de produção/apropriação de narrativas são os eventos no Facebook e as *hashtags* no Twitter (MALINI, 2013,

online). Participando do evento na plataforma, os internautas têm a possibilidade de fazer circular conteúdo multimídia e construir narrativas comuns a partir de diferentes elementos. A interface facilita a circulação das narrativas através de recursos como “curtir”, “seguir”, “comentar” e “compartilhar”.

As lutas que inicialmente tinham como objetivo o transporte público e o direito à cidade – e que culminaram nas chamadas Jornadas de Junho, em 2013 – serviram de mote para muitas análises das práticas de resistência que unem a rua e as redes. No Twitter, a multidão que tomou conta das ruas se fez presente em uma variedade de *hashtags* - #vemprarua, #tarifazero, #passelivre etc. Malini (2013) explica que as imagens aéreas produzidas pela grande mídia ficaram nas mãos dos internautas que estavam em casa. Recebendo relatos dos que foram para a rua e se apropriando do conteúdo veiculado na mídia de massa, os chamados “ativistas de sofá” impulsionaram a circulação de novos olhares e de outras formas de contar os acontecimentos.

Destaca-se a grande circulação de determinados *twetts* alcançada por perfis sem grande popularidade, mas que conseguiram falar de uma perspectiva partilhada por muitos. Além disso, Malini (2013, *online*) frisa que a potência de tais afirmações não foi revertida em um aumento dos seguidores ou de popularidade para esses perfis. No mesmo sentido, também é preciso distinguir a atuação do *probblogger* e do “blogueiro de rua” (MALINI e ANTOUN, 2013). O primeiro acompanha os assuntos mais populares para capitalizar conexões; o segundo – figura emergente da cibercultura – usa o *streaming* para transmitir ao vivo, e no meio dos acontecimentos, para amigos e parceiros. Produzindo conteúdo ao mesmo tempo em que participa da ação, o “blogueiro de rua” ocupa a rede social e faz dela, antes de qualquer coisa, uma mídia de vazamento.

É importante perceber a capacidade de flexibilização do capitalismo de fluxos. Nesse sentido, Primo ensina: “Ao mesmo tempo que as mídias digitais contribuem para a intervenção política e para movimentos de resistência, o grande capital também se reinventa” (2013, p. 20). Todavia, para além da competência do biopoder²³ em converter o dissenso online em proveito próprio, o autor alerta que o diferencial deste tempo está no que hoje atravessa tanto o capitalismo de fluxos quanto a resistência a ele: o protagonismo do conhecimento e da colaboração.

²³ Biopoder é um termo discutido por Foucault (2008a) que conceitua o poder que se inscreve na própria vida. Hardt e Negri (2010) usam o termo para articulá-lo ao conceito de Império; este designa a atual transferência de soberania dos Estados nacionais para um tipo de *governança mundial*. Essa governança articula outras formas de governo com o objetivo de apropriar-se da produção biopolítica da população.

Pasquinelli (2012) alerta que o avanço da sociedade de controle deleuziana abriu espaço para uma forma de controle biopolítico. Essa forma seria o que vivenciamos hoje: a sociedade de metadado²⁴. Ele usa a Máquina de Turing “como o modelo empírico mais geral e mais à mão para descrever as entranhas dos assim chamados trabalho imaterial e capitalismo cognitivo” (p. 17). Apoiado nas ideias de Simondon, ele explica que a máquina é um relé, ou seja, tem um ponto para a entrada de energia e outro para a entrada da informação. Através de um artigo de Alquati, contemporâneo de Simondon, Pasquinelli liga o conceito de máquina cibernética ao de informação valorizante: esta é transformada, ao entrar na máquina, em conhecimento maquínico. É assim que, ao passar o conhecimento dos operários para a linguagem cibernética (bits), a informação é investida de valor. Pasquinelli explica que Alquati ecoa o pensamento marxista ao conceituar a máquina como uma forma de acumular mais-valia e ao entender o saber vivo que a alimenta como um campo de resistência a ela. Nesse sentido, o *general intellect* representa a potência de um saber que extrapola qualquer objetivação:

O intelecto *geral* [general intellect] se apresenta não só ‘cristalizado’ na máquina, mas *difuso* atravessado em toda a ‘fábrica social’ da metrópole. Então, logicamente, se o conhecimento industrial desenhara e operara máquinas, também o conhecimento coletivo fora da fábrica tem de ser *maquínico*. Aqui é preciso atentar cuidadosamente para as manifestações do intelecto geral [general intellect] que atravessa toda a metrópole, para tentar entender onde o encontramos ‘morto’ ou ‘vivo’, já ‘fixado’ ou potencialmente autônomo. Por exemplo, em que medida hoje o tão celebrado Software Livre e a chamada cultura livre são cúmplices das novas formas de acumulação do capitalismo digital? (PASQUINELLI, 2012, p. 13).

Convertendo o significado em ação, o código e os programas de software podem ser entendidos como protagonistas de acumulação da mais-valia sobre o conhecimento geral. Nesse sentido, ao medir a produção das relações sociais, o metadado mede o valor dessas relações transformando-as em mercadoria (mais-valia de rede). Em seguida, essas informações são usadas para alimentar a inteligência da máquina, cristalizando o conhecimento do comum previamente mapeado (mais-valia de código). Finalmente, emerge a nova forma de controle biopolítico: a vigilância. Ela serve como instrumento de prevenção e controle que lança mão de dados ativamente produzidos pelos usuários, constituindo assim a chamada “sociedade do metadado”.

Como não há poder sem resistência, cabe ressaltar que existem modos diferentes de fazer falar os rastros digitais (BRUNO, 2012). Ao invés de compreendê-los como evidência a serviço da vigilância, a Teoria Ator-Rede aborda-os como “inscrições de

²⁴ “Informação sobre informação” (PASQUINELLI, 2012, p. 20).

ações” na composição de coletivos. Aqui, interessa “seguir os atores”: por um lado, mapeando a formação de padrões de ordenamento; por outro, cartografando as condições de emergência dos limites impostos pelas forças da resistência a esse mesmo ordenamento.

Law (1992) diz que, na maior parte do tempo, lidamos com as coisas sem perceber que são compostas em redes. Isso acontece quando a rede age como um bloco único – ou, na linguagem de Latour (2000), como uma caixa-preta – e assim desaparece. Em seu lugar, surge uma ação ou um autor. Esse efeito de estabilidade da rede, ou pontualização (LAW, 1992), é mais comum em redes nas quais o efeito de seu ordenamento alcança ampla performatividade. Dito de outro modo, a pontualização é mais frequente em redes que determinam *rotinas*.

Na construção das notícias, o jornalismo da grande redação internalizou práticas possibilitadas pelas novas tecnologias. Um dos efeitos dessa internalização foi jogar os artefatos tecnológicos na invisibilidade, silenciando sobre o papel decisivo dos não-humanos – tanto na construção (uso de buscadores como o Google ou das redes sociais para a escolha de fontes, por exemplo) quanto na recirculação²⁵ da notícia (ZAGO, 2013).

A lógica da filosofia moderna embasada no imperativo socrático do “conhece-te a ti mesmo” serve de fundamento a hermenêutica do sujeito a qual estamos acostumados. Um mundo fundado na figura de um sujeito que dota sentido às coisas, um real determinado pela dicotomia corpo e espírito: o espírito conduziria ao sentido, enquanto o corpo seria secundário e um agente potencialmente falseador da verdade das coisas. Felinto (2006) explica que essa hermenêutica relega o corpo (ou superfície) a um mero instrumento de expressão do sentido que deve ser encontrado no fundo das coisas. Esse fundo é o espírito ou a imaterialidade primeira da verdade, um suposto sentido pré-determinado somente à espera do ato interpretativo: é a profundidade em detrimento da superfície, a verdade como exterior ao sujeito e às práticas.

Em contraposição ao sujeito hermenêutico, Felinto (2006) enfatiza a análise da materialidade ou superfície de inscrição. Em vez de estudar o que é dito, o interesse recai no fato de que é dito. A exterioridade enfatiza as tecnologias de inscrição como condições de possibilidade para a emergência do sentido (as possibilidades peculiares

²⁵ Para além da apuração, produção, circulação e consumo, Zago (2013) indica a recirculação como uma quinta etapa no processo jornalístico. Assim, a recirculação acontece quando as notícias são filtradas e comentadas pelos interagentes em espaços públicos mediados – no caso, o Twitter.

do conteúdo jornalístico online e não do impresso, por exemplo). A medialidade destaca que os meios de transmissão, ou mídias, efetuam-se em um canal material que acaba por produzir ruídos, e é preciso analisar também a relação entre o significado e o que é excluído dele por ser entendido como ruído e não como comunicação (um exemplo aqui é o tempo de carregamento da página de um site). O estudo da corporalidade debruça-se sobre a agência dos corpos, agência que só existe quando o corpo sofre restrições em suas possibilidades. Um corpo encontra outro que lhe apresenta resistência (os controles ou a vigilância online, por exemplo): o local de sofrimento desse corpo é um espaço privilegiado para análise.

Latour (2012) ressalta que, no mapeamento da composição de coletivos, interessa analisar o trabalho de rede (*worknet*), muito mais do que a rede de trabalho (*network*). Na medida em que existe um trabalho de amarração de rede, de aliciamento e apoio entre pessoas e objetos, é que a rede de trabalho pode atuar. Portanto, há um esforço para a expansão e fortalecimento do coletivo que deve ser analisado enfatizando o trabalho em rede: é a partir dele que percebemos a formação de um agrupamento. Se não há esse trabalho primordial de estratégia para a composição do grupo, não há grupo. Partindo da ideia de *worknet* trazemos para o centro do palco o empenho contínuo de amarração e composição. Talvez a agência dos objetos se torne mais visível na medida em que as ações do trabalho de rede, embora planejadas por humanos, seriam impensáveis se não existissem objetos digitais que as permitissem.

Como diz Latour (2012), a agência dos objetos se torna mais clara justamente quando eles não funcionam ou impedem alguma coisa: links quebrados, carregamentos de páginas web lentos demais, posts censurados automaticamente pelo algoritmo. Essas operações problemáticas, que nos frustram ou até nos enfurecem, são exemplos da agência dos objetos: quando nos limitam, percebemos e atentamos mais a sua atuação – ou a falta dela.

O trabalho de rede, ao contar com a agência dos objetos, leva o coletivo para lugares inesperados. Por meio da agência dos não-humanos, os participantes do grupo, suas propostas, sua visão de mundo, são estendidos pela rede. Objetos dão a ver narrativas e imagens, fortalecem valores e ações. Objetos podem ser mais do que simples intermediários: eles podem se comportar como verdadeiros mediadores quando são capazes de agregar outros elementos ao coletivo e torná-lo mais forte.

Para Malini e Antoun (2013), na Guerra em Rede é preciso atentar – além para as lutas pelas narrativas online – para outras duas camadas estratégicas de disputa: a que

gira em torno do controle sobre as plataformas tecnológicas e a que demarca a batalha pela normatização da internet e das práticas online.

Se por um lado “o jornalismo parece não ter reelaborado o seu papel neste cenário de permanente troca de informações e de conexões ubíquas” (MIELNICZUK, 2013, p. 122), por outro certas polêmicas também demarcam um fértil espaço de luta. É o caso daquelas que giram em torno da supressão de *posts* protagonizadas por censores do Facebook. É também o caso da que discute a regulamentação da internet (a começar pelo Marco Civil da Internet) e dos direitos autorais – aqui, dependendo de como essa caixa-preta for fechada, seus efeitos podem ter um profundo impacto tanto na reestrututuração do jornalismo como na liberdade das trocas que hoje proliferam na rede. Isso porque a escolha da licença de proteção intelectual participa tanto do alcance do conteúdo próprio quanto das práticas de uso sobre conteúdos alheios.

4.5.1 Métricas

Para além de legitimar ou depreciar a cibercultura, interessa analisar de que forma os sujeitos jornalistas do Nonada se apropriam de conceitos e premissas sobre as quais as práticas jornalísticas se sedimentaram. Além disso, interessa mapear se criam ou promovem mutações em suas práticas jornalísticas, transformações essas que impliquem também no comprometimento pessoal do sujeito jornalista com regras de conduta, visando práticas de liberdade e a afirmação de si. Há aqui um pressuposto de que as ferramentas digitais têm potencial para deslocar o jogo das forças: elas facilitam o compartilhamento de conteúdo e a produção colaborativa, e oportunizam a aproximação entre iniciativas de mesmo tipo. Por outro lado, as facilidades do ambiente digital também guardam armadilhas de vigilância e controle sobre as práticas de compartilhamento e colaboração.

Exemplo da relação complexa entre tecnologia e processos de sujeição, Christofolletti e Vieira (2015) destacam que o apego às métricas é uma derivada do teor positivista no jornalismo – os números indicariam o grau de credibilidade e o sucesso do veículo. Apesar de considerarem que o conhecimento de tais números ajuda a orientar negócios e pautas, os autores alertam que o superdimensionamento dessas práticas faz com que os esforços jornalísticos mirem, sobretudo, a otimização dos índices digitais:

Tais tensões impactam na cultura e na prática do jornalismo online, contribuindo para a adoção de medidas desesperadas de atração da atenção do público, não devidamente ancoradas em valores jornalísticos ou sequer em

estratégias comerciais. As pressões por resultados imediatos, as incertezas sobre como reagem os públicos nesse ecossistema tão complexo, e o abandono de parâmetros efetivamente informativos criam essa “cultura de cliques”, um espírito de manada que contagia todos os postos da cadeia produtiva jornalística (CHRISTOFOLETTI e VIEIRA, 2015, p. 79).

Outros autores problematizam a relação entre o apego aos números e o conceito da informação como produto. É o caso de Fígaro *et al* (2013): de acordo com a obra, a ênfase no conhecimento do “público alvo” seria a expressão da informação como mercadoria e não da notícia como um direito do cidadão. Por outro lado, Ziller e Moura (2011) defendem a ideia de que ignorar o “público alvo” é também uma forma de exclusão. As autoras constroem tal argumentação com base no sucesso dos jornais populares: antes dele, os jornais de referência já sabiam que havia uma grande parcela da população que era ignorada pela mídia de massa; contudo, boa parte das explicações recaiam sobre a precarização cultural de tal público e não sobre a “inadequação editorial” dos veículos.

As tecnologias digitais se alinham, assim, aos procedimentos de gerenciamento do risco: as métricas são técnicas que, ao acompanhar o comportamento dos usuários, usam tais dados para o desenvolvimento de estratégias de persuasão. Dito de outro modo: as estratégias de persuasão usam esses dados anteriores procurando, a partir deles, prever e produzir comportamentos.

Um dos grandes impactos sobre o trabalho jornalístico na atualidade é, como já foi dito, a rede mundial de computadores. E se ela possibilitou a potencialização da diversidade dos pontos de vista, também criou novas formas de vigilância e controle. Nesse sentido, as métricas funcionam como um modo de pressão sobre o trabalho dos jornalistas. A elaboração do conteúdo passa pela medição exata da audiência.

[...] você, efetivamente, não sabe quantas das pessoas que leem o *The New York Daily News* [versão impressa] leem a sua história. Mantendo uma grande página *web*, temos a tirania da informação. Nós passamos a saber exatamente quanto por cento de todas as paradas que são feitas sobre aquela página foi exatamente para a sua história. [...] E você sabe. Você sabe exatamente quem de fato passou por lá. (SLADE apud MARCONDES FILHO, 2009, p. 136) [grifos do autor].

É possível, então, questionar a potência atual do sistema autorreferente (jornalista, colega, chefes, veículos concorrentes) que por tanto tempo determinou a elaboração dos conteúdos? Em caso positivo, isso parece destacar, antes de um suposto fortalecimento das práticas da própria audiência, mais uma forma de controle sobre as práticas profissionais.

Por outro lado, se a autorreferencialidade dá-se a ver em práticas como a do *ombudsman* (espaço de “autocrítica” elaborado por um jornalista da própria

redação), o uso das novas tecnologias permitiria subverter esse sistema de modo a tornar mais visíveis – seja pela ironia dos memes, seja pela explicitação das lutas pelas narrativas em espaços de comentários – as rotinas de produção das notícias?

4.5.2 A escrita e os jogos de verdade na era informática

A nova composição de forças nos meios de comunicação vem deslocando a elite da informação – vinculada aos monopólios de produção de conteúdo. Emerge uma nova elite, responsável pelo avanço tecnológico e protagonista na articulação de técnicas de controle a distância. As grandes empresas de tecnologia ditam as formas mais populares de socialização online, e adaptar-se a esse quadro é tarefa que integra os grandes desafios da indústria de conteúdo.

Tecnologias disruptivas são aquelas que interrompem um processo em curso (COSTA, 2014) e redes sociais como o Facebook são exemplos de tecnologias disruptivas – não só em relação aos jornais tradicionais, mas também aos portais de notícia online. E isso porque alteram as formas de produção, desenvolvimento e distribuição do conteúdo jornalístico.

Sintomaticamente, “condenado a compartilhar” é um dos subtítulos usado por Caio Túlio Costa em seu relatório sobre “Um modelo de negócio para o jornalismo digital”. Mesmo que a intenção do autor tenha sido propor ideias e estratégias para o jornalismo *com* fins lucrativos, a liberação de pelo menos parte do conteúdo é vista como fundamental para o desenvolvimento e sustentabilidade das mídias em ambiente digital.

Os limites e controles ditados pelo algoritmo do Facebook são polêmicos. Costa (2014) explica que o intitulado Edge Rank funciona com base em três fontes de dados: *Affinity Score*, *Edge Weight* e *Time Decay*. A primeira mede o grau de conexão do indivíduo e sua afinidade com as outras pessoas; interessa a proximidade da relação, quantas vezes nós falamos com alguém e qual a periodicidade dessa conversação. Assim, a afinidade é medida de acordo com as ações envolvidas na relação e o grau de esforço despendido nessas ações. Nesse jogo, uma curtida vale menos que um comentário, por exemplo. A segunda fonte calcula o peso de cada ação e esse peso é distribuído de acordo com aquilo que o indivíduo acha mais interessante: caso você tenha procurado uma determinada página para curti-la, essa ação tem maior peso do que se você se tornasse fã dessa página por tê-la visualizado em um anúncio publicitário. A última fonte de dados, *Time Decay*, mede a atualidade de um conteúdo: quanto mais

antigo, menos pontos. Todos esses controles fazem que com o usuário só visualize 20% do que deveria.

Como o Facebook tira vantagem disso? O algoritmo permite que o Facebook diminua o alcance dos comentários para então cobrar para que eles sejam exibidos para quem deveria ter acesso automático a todos eles, ou acha que tem. Por isso o Facebook introduziu a possibilidade de o usuário patrocinar seus próprios comentários. Pague algum dinheiro e, em troca, o Facebook amplia o alcance de seus comentários. (COSTA, 2014, p. 67).

As chamadas *fanpages* tiveram início em 2007²⁶ e essa ação fez com que empresas, produtos e celebridades trouxessem audiência para o Facebook. Tornou-se comum a disponibilização, em sites externos, de um botão apontando para a *fanpage* da empresa/programa/veículo responsável pelo site. No caso dos veículos eleitos pela presente proposta de pesquisa, todos possuem tais links. Em função do algoritmo, as postagens podem ou não chegar a todos os seus seguidores. Ali, a distribuição dos pesos é determinada em função do interesse do usuário, não da *fanpage* – ou dos editores. Além disso, os conteúdos podem ser censurados caso infrinjam as políticas editoriais do Facebook. Para exemplificar, Costa relata a censura sofrida por um conteúdo postado pela Folha de São Paulo sobre a ocupação da Câmara Municipal de Porto Alegre em junho de 2013. Naquela ocasião, o conteúdo foi tirado do ar porque os manifestantes apareciam nus na fotografia e o autor da matéria teve a conta bloqueada por 24 horas: “Além de não ter garantida a distribuição de seu conteúdo para 100% de seus seguidores, a Folha, um jornal com 92 anos de vida, viu-se sob censura da rede e sem possibilidade de conversa” (COSTA, 2014, p. 69).

Por outro lado, as publicações podem contar com o trabalho dos leitores quando eles compartilham conteúdo online: é a chamada “superdistribuição”. A ideia é que a mídia deve aprender a lidar com isso, porque ter ou não o conteúdo digital registrado em *copyright* não faz diferença: a superdistribuição é praticamente impossível de ser controlada. Assim, Costa indica a elaboração de um “manual de mídias sociais” para ser utilizado tanto em caso de crise da marca como por ocasião de um evento imprevisível (caso dos desastres naturais, por exemplo). Além do manual, o autor alerta para o treinamento de toda a equipe da empresa no uso das redes sociais – o que evitaria os custos com pessoal especializado e envolveria “toda a redação em um projeto 100% digital” (COSTA, 2014, p. 86).

Assim, o mapeamento das campanhas para novos colaboradores, do valor

²⁶ Contudo, perfis de qualquer coisa que não fossem pessoas – organizações, empresas, instituições – só se viram obrigados a converter-se em *fanpage* em 2011.

dispensado às métricas, da relação com a plataforma Facebook, podem dar pistas sobre os deslocamentos nas práticas e nos sujeitos jornalistas que mantêm o veículo em funcionamento. Também o mapeamento da atuação dos integrantes fora do veículo ajuda a delinear o que é ou não valorado por eles.

Sabemos agora quais objetos podem nos dar pistas para tentar dar conta, minimamente, da pergunta “Como o Nonada se estendeu no tempo?”. Mas como proceder nessa pesquisa? Que instrumentos usar e como abordá-los? Passamos agora a uma breve discussão sobre o conhecimento científico e, em seguida, à apresentação dos instrumentos de pesquisa.

Capítulo V

Compondo relatos de risco

Essa pesquisa atenta para a agência dos elementos humanos e não humanos na transformação das ações que mantêm o coletivo Nonada atuante. Para isso, procura mapear as ações sugeridas pelo Nonada, e quem posteriormente as assumiu – e eventualmente as ações assumidas pelo Nonada e quem inicialmente as sugeriu, atentando para as superfícies de inscrição que permitiram a rastreabilidade de tais relações.

A busca pelas informações acontece via levantamento dos rastros digitais. O trabalho de rastreamento digital foi feito em três plataformas diferentes: na ferramenta de busca do Google, no site nonada.com.br e na *fanpage* do Facebook “Nonada – Jornalismo Travessia”. Tais superfícies de inscrição foram utilizadas para rastrear cada um dos componentes da equipe atual do Nonada, os colaboradores e os parceiros. Também foram usadas para descrever as mudanças em suas práticas jornalísticas ao longo do tempo.

A busca pelos rastros dos componentes da equipe foi feita usando o nome de cada um deles – associado à palavra-chave “-nonada” no campo de busca do Google. Dentre os resultados, desconsidere os que estavam ligados aos serviços de indexação automáticos. Abri um documento no editor de texto do OpenOffice para cada nome rastreado e listei os registros.

Posteriormente, opere a busca pelo nome de cada um deles no site nonada.com.br. No site, foram duas técnicas diferentes usadas na busca por cada um dos doze nomes: uma via marcador de autoria, e outra por meio da ferramenta de busca interna do site. Ao final dessa fase, também abri um documento no Office para cada integrante, listando os resultados específicos das buscas no site (marcador e ferramenta de busca interna). A lista dos resultados da busca no site foi organizada de modo a delinear um histórico de cada integrante. Cada matéria em que o integrante participou foi listada – independente se sua atuação foi como redator ou como fotógrafo. Assim, cada matéria foi cadastrada mediante 8 campos específicos: link (que já traz em si o título da matéria), data, editoria, autor do texto (marcador autoral e colaboradores

eventuais), foto (autoria das fotos), outros recursos (matéria multimídia – origem de eventual áudio/vídeo/gif/mapa), número de compartilhamentos e número de comentários.

O rastreamento na *fanpage* mirou a complementação dos materiais institucionais (alguns deles não foram replicados no site, como por exemplo as chamadas para novos colaboradores ou fotógrafos). Para registrar a *timeline* do Nonada, rolei a página da *fanpage* até o primeiro post (registrado em agosto de 2011). Fiz um *print scream* de cada postagem selecionada e a coleí no software *Paint*, intitulando-a com a data de sua publicação. Criei uma pasta para cada ano e aloquei as imagens criadas de acordo com cada período.

A metodologia proposta pela Teoria do Ator Rede prevê ênfase na descrição dos movimentos do trabalho de rede, e não na análise dos dados. Potencializar a descrição é uma forma de dar prioridade à superfície, e não à profundidade. Essa argumentação é um modo de desviar da análise hermenêutica, atentando mais para as superfícies de inscrição. Contudo, sei que não é possível evitar a análise dos dados. Assim, procuro tanto descrever os empíricos eleitos pela pesquisa quanto analisá-los.

Tento trazer para o centro da pesquisa a ideia de *worknet*: mais do que uma rede de trabalho, o Nonada é um trabalho de rede em movimento. É um coletivo informal que precisa ser continuamente mantido por esforços sucessivos de agrupamento e atuação, o que demanda a elaboração de estratégias específicas.

Na busca pelo objetivo geral da pesquisa - entender como o coletivo Nonada perdura no tempo -, elaborei 6 objetivos específicos. São eles: desdobrar alguns dos participantes que mantém o coletivo unido; mapear as inclinações pessoais dos integrantes, de modo a entender como vieram a fazer parte do Nonada e que valores agregam ao coletivo; atentar para a agência dos elementos não humanos na transformação das ações que mantém a formação do coletivo; listar quem sugere ações posteriormente assumidas pelo coletivo Nonada; descrever os modos como os atores tentam estabilizar o coletivo, mapeando formatos, padrões e metrologias eventualmente visíveis no material selecionado site e na *fanpage*; compreender os valores que viabilizam a duração do coletivo no tempo.

O critério de escolha dos espaços para a coleta dos dados se deu da seguinte forma: o site, porque é a plataforma na qual o Nonada publica sua produção e nomeia seus integrantes; a *fanpage* porque, de acordo com os próprios atores, o Facebook é a

principal plataforma de comunicação com seu público; e o buscador do Google porque ali eu tinha a oportunidade de mapear rastros digitais externos ao Facebook e ao site.

No site, busquei dados referentes à produção de cada integrante e mapeei eventuais hábitos de republicação e fluxos de publicação. Tais dados foram importantes para compor uma cronologia do coletivo. Através deles tive acesso as mudanças dos integrantes e das editorias ao longo do tempo, aos períodos mais dormentes e também aos mais ativos. No Facebook, a *fanpage* traz conteúdos - inclusive institucionais - que só foram divulgados ali. No Google, surgiram pistas sobre a vida de cada integrante - para além de sua atuação no Nonada.

Todos os dados coletados são organizados de modo a delinear o trabalho de rede do coletivo: como ele se formou, de que modo é operado, quem o Nonada retoma e, eventualmente, quem é retomado por ele - e quais objetos produzem diferença nas ações ao longo desses processos. A partir daí a análise volta-se para os efeitos dessa composição: que formatos ou padrões resultam dos processos e de que forma os laços entre a equipe, e entre o coletivo e os colaboradores e parceiros são fortalecidos.

Assim, a descrição e análise dos dados foi dividida em três partes. Na primeira, opero uma descrição do desenho do site oficial, atentando para algumas mudanças pelas quais passou ao longo do tempo. Também descrevo e analiso os marcadores de autoria presentes nas matérias publicadas em *nonada.com.br*, de modo a chegar aos integrantes - tanto atuais quanto passados. Ainda na primeira parte, descrevo as editorias atuais do Nonada e o uso dos diferentes formatos (notícias, reportagem, resenha, coberturas, artigos de opinião e entrevistas) ao longo do tempo. Na segunda parte, apresento os integrantes atuais do Nonada e os dados da pesquisa feita sobre cada um deles via Google. Também relato a participação dos colaboradores ao longo do tempo por meio de sua participação nos conteúdos publicados no site. Na terceira parte, apresento os materiais institucionais publicados pelo Nonada - tanto no site quanto na *fanpage*.

Após a apresentação e análise dos dados, a ideia é relatar a experiência da pesquisa, os elementos que podem ser retomados em um outro momento, alguns dos impasses que encontrei no caminho e os deslocamentos que senti em mim mesma ao longo dessa jornada. Isso é feito na parte final, intitulada “Travessias”.

A Teoria do Ator-Rede ensina que qualquer pesquisa pode falhar. É dessa ideia que deriva o conceito de “relatos de risco”. Assumindo então a falha como um risco inerente aos relatos, passo agora a descrever os dados, ordenando-os cronologicamente na tentativa de organizar a resposta ao problema de pesquisa.

PARTE 1

O site

O site oficial do coletivo é o nonada.com.br, embora ainda seja possível acessar o nonada.com.br/portal e também o blog nonadajor.wordpress.com/. Os dois últimos hoje estão fora de uso, ou seja, não recebem nenhuma atualização. Contudo, penso que a referência a eles seja necessária em um estudo que toma o mapeamento digital como instrumento de pesquisa. A existência desses espaços dá pistas sobre o funcionamento do Nonada – seja pela sobreposição de sítios paralelos por um período de tempo (caso do site oficial e do portal), seja pelo pouquíssimo conteúdo disponibilizado (caso do blog desenvolvido no *wordpress*).

Embora atualmente abandonados, tanto o portal quanto o blog nos permitem re-trazar a história do coletivo. Um exemplo são os podcasts do Nonada. Ao todo, o coletivo produziu 66 programas – o primeiro em 09/09/2010 e o último em 04/06/2016. Foram 3 programas subsequentes: o PodNonada, que teve suas 4 edições produzidas entre 09/09/2010 e 16/08/2011; o Estação Nonada, com 30 edições produzidas entre 15/01/2014 e 30/12/2014; e o Jabá, com 32 edições entre 06/03/2015 e 15/06/2016.

O rastreamento dos podcasts foi trabalhoso. Isso porque somente alguns funcionam em nonada.com.br. Como iniciei a aproximação pelo site oficial – até mesmo porque na época eu ignorava a existência do nonada.com.br/portal –, imaginei que só estavam disponíveis os 12 programas que aparecem preservados lá²⁷. Contudo, ainda restavam 54 postagens dos podcasts nas quais os programas estavam inacessíveis.

Quando passei a rastrear o coletivo via ferramenta de busca do Google, nonada.com.br/portal apareceu. Navegando nele, me surpreendi ao perceber que ali os podcasts estavam, quase todos, online. Dos 66 programas, somente 4 não estão disponíveis no portal: as edições S03E04 e S03E13 do programa Jabá (isso porque houve problemas no computador da própria rádio onde o Jabá era produzido – a saber, MínimaFM – e os programas não foram gravados) e as edições PodNonada03 e PodNonada04.

Há diferenças técnicas na disponibilização dos programas. Alguns foram

²⁷Nominalmente: Jabá S03E07, Jabá S03E22, Jabá S03E23, Jabá S03E24, Jabá S03E25, Jabá S03E26, Jabá S03E27, Jabá S03E28, Jabá S04E29, JabáS04E30, JabáS04E31 e JabáS04E32.

disponibilizados via plugin do Mixcloud, outros foram alocados no próprio portal, em formato mp3 – e há ainda um caso em que o programa foi disponibilizado em plugin do Soundcloud. Quanto ao formato mp3, que é o de maior quantidade, inclui quase todas as edições gravadas do Jabá e do Estação Nonada, assim como PodNonada 01 e 02. Nesse sentido, no caso do PodNonada, se podemos ouvir os PodNonada 01 e 02 no portal, não conseguimos fazer com que as edições 03 e 04 sejam ali executadas. No site oficial, nem mesmo visualizamos o plugin – agora, em nenhuma das edições do PodNonada. O que vemos é, em PodNonada01, “[audio:http://www.nonada.com.br/wp-content/podcast/Podcast_Nonada_090910.mp3]”; em PodNonada02, “[audio:http://www.nonada.com.br/wp-content/podcast/nonada.mp3]”; em PodNonada03, “[audio:podcastgames.mp3]”; e em PodNonada04, “[audio:podcastcomics.mp3]”. Portanto, podemos perceber que enquanto PodNonada 01 e PodNonada02 são *links inativos*, PodNonada03 e PodNonada04 são *arquivos*. Talvez por isso esses dois últimos não funcionem nem no portal, nem no site oficial.

Quanto aos programas Estação Nonada e Jabá, excetuando-se as edições S03E04 e S03E13 (que não puderam ser gravadas, como já explicado), todos estão online no portal. Ali, todas as edições do Estação Nonada (foram 30) e as primeiras 21 edições do Jabá (exceto a S03E07) parecem ter sido carregadas no próprio sítio. Por outro lado, todas as edições do Jabá a partir de S03E22 (ou seja, 11) foram disponibilizadas através de plugin do serviço de *streaming* online Mixcloud, e essas faixas estão alocadas na conta “RafaelGloria”²⁸. Somente a edição S03E07 não foi alocada no Mixcloud, mas no Soundcloud. Assim, neste caso, o plugin que visualizamos é o do Soundcloud e a conta onde esta edição foi carregada chama-se “nonada”.

Seguindo os atores, fiz um levantamento do conteúdo de áudio existente nas contas “RafaelGloria” (Mixcloud) e “nonada” (Soundcloud), para além dos programas descritos acima. Esse movimento de pesquisa me informou onde o Nonada aloca determinadas faixas de áudio presentes em algumas reportagens multimídia, além de refinar minha percepção sobre ações do próprio coletivo. A conta “RafaelGloria” no Mixcloud possui 13 faixas, dentre as quais 11 são as relativas aos podcasts. Restam duas. Uma delas chama-se “Monólogos#1”, referente a uma experimentação que o jornalista divulgou no “Contagens”, espaço mantido por Rafael na plataforma Medium. A segunda faixa é “Fala sobre a mediação no Museu”, um depoimento colhido por ele

²⁸ Rafael Gloria é o editor-fundador e idealizador do Nonada. É o único integrante que se manteve de 2010 até hoje. Os integrantes atuais são apresentados no relato do próximo mapeamento.

durante a produção da reportagem “Museu Estadual do Carvão completa 30 anos em compasso de abandono”, publicada no site oficial em 18 de maio de 2016. A reportagem foi a primeira a receber apoio do financiamento coletivo do Nonada e recebeu menção honrosa na categoria Reportagem Cultural no Prêmio Ari de Jornalismo de 2016. No Soundcloud, a conta “nonada” engloba 7 faixas. Uma é referente ao programa JabáS03E07, que aqui aparece sob o título “Jabá#7 – Hqs”. Há mais uma faixa do programa, intitulada “Programa Jabá – série Visões sobre o Jornalismo Cultural”, que tanto no portal quanto no site aparece sob o nome “JabáS03E06”, postada no portal em 18/04/2015. Contudo, esse conteúdo é um daqueles que foi carregado no portal e não disponibilizado via plugin do Soundcloud. No site, embora sua postagem marque o mesmo dia que a postagem no portal, ele é um dos que estão indisponíveis. As outras 5 faixas são conteúdos de áudio que foram integrados à duas reportagens multimídia publicadas no site. A faixa “Mc Linn em Porto Alegre” faz parte da matéria “Linn da Quebrada dá voz à luta das travestis”, escrita por Airan Albino²⁹ e publicada no site em 05/05/2017. Já as faixas³⁰ “Trecho de 'e se alguém o pano', por Eliane Marques”, “Os Meninos Engraxates', por Ana dos Santos”, “Poesia Negra', por Lilian Rocha” e “Considerações', por Taiasmin Ohnmacht” são parte da reportagem “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?”, redigida por Priscila Pasko³¹ e publicada no site em 06/03/2017. Essa matéria também foi uma das reportagens financiadas pelo *crowdfunding* do Nonada.

A maioria dos programas de rádio do Nonada trazem entrevistas e comentários da cena cultural de Porto Alegre, mas alguns são voltados para ações específicas do coletivo. Quatro deles, em especial, chamam a atenção por pautar momentos importantes. O PodNonada01, postado em 09/09/2010, foi o primeiro programa produzido e apresenta a proposta do coletivo. O Jabá S03E12, postado em 22/06/2015, anuncia o lançamento do zine Travessias#1 e conta com a participação dos escritores convidados para aquela publicação. O Jabá S03E21, postado em 16/09/2015, é uma edição comemorativa dos 5 anos do Nonada e conta com a participação de várias pessoas que produzem ou produziram conteúdo para o site. Finalmente, o Jabá S03E26, postado em 17/11/2015, aborda a novidade integrada ao site do coletivo: o blog Veredas,

²⁹ Integrante atual que ingressou no Nonada em 2015.

³⁰As faixas trazem o registro sonoro das vozes das escritoras abordadas na matéria; uma depois da outra, elas declamam um trecho de suas obras. Os títulos trazem o nome da obra da qual o trecho em questão foi retirado, seguido do nome da escritora que teve a voz registrada ali.

³¹ Integrante responsável pelo blog Veredas, empenhado em discutir a literatura de autoria feminina. Priscila também ingressou no Nonada em 2015 e se mantém até hoje.

de Priscila Pasko, um espaço especialmente dedicado ao tema da autoria feminina na literatura.

Relatar a distribuição do conteúdo sonoro serve também para destacar a agência dos objetos. Eu senti isso de uma maneira muito forte ao não conseguir ouvir os programas no site – e depois voltei a experimentar a percepção dessa agência ao finalmente acessá-los no portal. Os programas de rádio são uma parte importante da história do Nonada – sem eles, portanto, eu perderia uma parte dela. Outra atuação dos objetos como mediadores são as faixas de áudio que compõem algumas matérias: elas fazem diferença no conteúdo jornalístico, aproximando o leitor tanto da fonte quanto do tema da reportagem.

O rastreamento digital é feito de modo a seguir os atores, como ensinado por Latour (2012). Para a Teoria do Ator-Rede, os laços entre os atores são feitos e desfeitos de diferentes formas, em diferentes tempos e em diferentes espaços. Com isso a linearidade, tão cara a outros tipos de pesquisa, aqui nos escapa. Mas essa dificuldade é e deve ser inerente ao trabalho de descrição. Os dados nos levam adiante: quando percebemos, já não estamos no mesmo lugar, embora isso não queira dizer que não vamos voltar a esse mesmo local mais adiante. Nós voltaremos, mas mais “amarrados”, percebendo mais articulações e ligações do que nos era possível visualizar da primeira vez que passamos por lá. Se por um lado essa operação parece tornar o relato repetitivo em alguns momentos, ela oportuniza ver o mesmo objeto digital sob uma perspectiva diferente. Assim, por exemplo, o podcast “PodNonada04” é um programa postado no site, mas que infelizmente aparece com o link quebrado. Da primeira vez que fiz o mapeamento em nonada.com.br, imaginei que esse programa, provavelmente, era só mais um em uma série de conversas e entrevistas culturais que o Nonada costuma fazer. Não pensei que o “PodNonada04” se destacaria de alguma forma. Logo depois, mapeando o nonada.com.br/portal, percebi que os podcasts ali estavam funcionando. Contudo, quando tentei acessar o “PodNonada04”, observei que ele também não funciona no portal. Esse fato me fez pensar que, como não havia forma de acessar o conteúdo, não encontraria mais nenhuma referência a ele. Qual não foi minha surpresa quando, ao pesquisar o Nonada no mecanismo de busca do Google, um dos resultados me levou para um plano de ensino de uma disciplina de Jornalismo em Quadrinhos. Ofertada no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto/MG, a disciplina previa em sua bibliografia complementar “PAIM, Augusto. Entrevista: Jornalismo em Quadrinhos. Podcast Nonada – Jornalismo travessia. Disponível em:

<http://www.nonada.com.br/2011/08/podnonada04.>”³²

O fato do link estar quebrado não diminui o feito: um material produzido por um coletivo de jornalismo gaúcho em seu primeiro ano de vida atravessou o sul do Brasil e chegou no sudeste, marcando presença nos conteúdos indicados em um curso de graduação em Jornalismo de Minas Gerais. Para a Teoria do Ator-Rede, portanto, o PodNonada04 é um actante: ele faz diferença nos esforços do coletivo Nonada em reagregar o social, na medida em que repercute o veículo no sudeste e o torna conhecido em locais distantes daquele em que foi produzido.

Importa perceber que, no mapeamento dos rastros digitais, a linearidade cede lugar aos aparecimentos inesperados; surgem desvios imprevistos que, se aceitos pelo pesquisador, podem levá-lo a descobertas surpreendentes. Por isso, mais adiante voltarei a abordar os programas de rádio citados aqui como oportunos à investigação, a fim de compor o relato quanto às ações propostas pelo Nonada e que são abordadas nos podcasts, de uma forma ou de outra. Dito isso, volto à descrição de alguns dos desvios que apareceram na época do rastreamento digital via buscador do Google, para depois chegar ao relato das mudanças no site do Nonada ao longo do tempo.

O site nonada.com.br/portal recebeu a última postagem em 27 de julho de 2016. O mesmo conteúdo aparece no site oficial (nonada.com.br), porém a distribuição do material é diferente. Isso porque o nonada.com.br/portal foi abandonado antes da mais recente mudança das editorias, ocorrida em maio de 2017. No tempo da última postagem no portal, as editorias eram “Artes Cênicas”, “Artes Visuais”, “Cinema”, “Literatura”, “Música”, “Políticas Culturais”, “Seriados”, “Quadrinhos”, “Jogos Digitais” e “Jornalismo”.

Novamente aparece um desvio: outro espaço usado pelo coletivo e que foi rastreado no mapeamento digital³³ foi o blog nonadajor.wordpress.com/. Nele, há somente duas postagens: uma resenha e uma nota editorial, esta explicando porque o Nonada colocou o blog no ar. Houve um problema técnico com o site, que naquele momento estava *offline*. Assim, o blog foi criado com o intuito de publicar o conteúdo produzido no período usado para solucionar os problemas técnicos do site. No mesmo texto ficamos sabendo que os efeitos da falha técnica foram piores do que o esperado e exigiram a repostagem de todo o conteúdo produzido pelo coletivo durante seus 4 anos

³²http://www.jornalismo.ufop.br/jornalismo/PDs/Matriz2/CSA525_Jornalismo_em_Quadrinhos_PD_M2.pdf

³³O blog apareceu tanto na pesquisa via Google quanto nas publicações da *fanpage* do Nonada, mas não no site.

de existência (a publicação é de 6 de agosto de 2014). De acordo com a nota, tal material contava com mais de 700 textos naquele momento. A nota ainda destaca que o problema técnico do site foi referido em uma postagem na *fanpage* do Nonada, feita “há algumas semanas”. Seguindo o rastro digital, pesquisei a *timeline* do Nonada salva anteriormente e achei a postagem, explicando que o site estava *offline*. Ela foi publicada em 13/07/2014. Como já referido, há somente dois conteúdos postados no blog: uma resenha (do filme “Gardiões da Galáxia”/2014) e a nota editorial. Os dois foram postados no dia 06 de agosto de 2014. Aliás, a mesma resenha já havia sido publicada na íntegra em outra postagem na *fanpage* no dia 31 de julho, ou seja, antes mesmo do blog ir ao ar³⁴. No dia 06 de agosto, há uma nova postagem da resenha na *fanpage* – mas dessa vez somente como objeto anexo, ou seja, para ler a resenha é necessário clicar no link disponível, levando o usuário até o blog. Em outras palavras, o conteúdo não está disponibilizado no corpo da postagem. Agora, o texto do post somente traz a informação de que o blog foi criado para funcionar enquanto o site está *offline* – assim, a resenha em si (pelo menos nesta postagem) só pode ser *acessada* via *fanpage*, mas não lida ali.

Mais uma vez, destaco a agência dos objetos: caso o site não enfrentasse problemas técnicos, provavelmente não haveria um post que trouxesse o texto da resenha em próprio seu corpo. Compartilhar o texto de uma matéria na íntegra é algo muito raro na *fanpage* e, só por isso, aquele post já se diferencia dos outros. Do mesmo modo, o post com conteúdo anexado de “NONADAJOR.WORDPRESS.COM” nos diz, na primeira visada e sem a necessidade de ler o texto do post, que há um outro espaço digital usado pelo Nonada – agora, um blog e não um site.

1.1 As mudanças no *layout* do site *nonada.com.br* ao longo do tempo

Quanto ao *nonada.com.br*, penso ser adequado descrever as transformações gráficas que o atravessaram ao longo dos anos. Isso porque a interface carrega com ela marcas que dão a ver transformações no próprio coletivo. Um exemplo são as mudanças nas editorias; outro, o uso do *copyright* nos primeiros anos e a adoção, mais adiante, da flexibilização dos direitos autorais.

Usando o Archive.is, que é um site de arquivamento automático de páginas web,

³⁴Cf em
<https://www.facebook.com/NonadaJor/photos/a.188681644533366.42129.186967834704747/667748779959981>

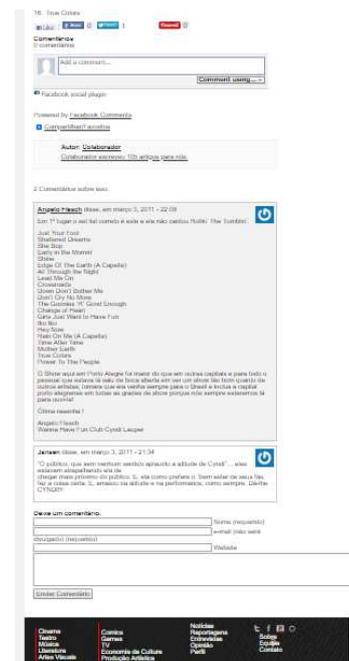
foi possível capturar a interface utilizada pelo Nonada em 2012 (figuras 1 e 2), 2013 (figuras 3 e 4), 2014 (figuras 5, 6 e 7), 2015 (figuras 8 e 9) e 2016 (figuras 10 e 11). Os elementos gráficos de cada uma são fontes importantes para o rastreamento digital. Ao nos mostrar o *layout* usado em cada ano, as telas também nos contam uma parte da história do coletivo.

Tela 1 – 2012a



Fonte: Archive.is

Tela 2 – 2012b



Fonte: Archive.is

Na página capturada pelo Archive.is em 2012, a tarja preta localizada no cabeçalho da página nos informa sobre as editorias “Cinema”, “Música”, “Literatura”, “Artes Visuais”, “Comics”, “Games”, “Economia da Cultura” e “Mais”. Na busca pelo quê estaria dentro desse “Mais”, dirijo a atenção para o rodapé, onde sou informada da existência de outras editorias (além das anunciadas no cabeçalho): “Teatro”, “TV” e “Produção Artística”. Também no rodapé, aparece outra forma de classificar o conteúdo, agora pelo formato: “Notícias”, “Reportagens”, “Entrevistas”, “Opinião” e “Perfil”.

Voltando ao cabeçalho, na tarja vinho vemos os símbolos das redes sociais usadas na época: Twitter, Facebook, Youtube e Orkut. Também na tarja vinho, logo abaixo da caixa de busca do site, há links para “Sobre”, “Equipe”, “Contato”, “Apoiadores” e “Anuncie no Nonada”, seguidos, na linha abaixo, por “Notícias”, “Reportagens Especiais”, “Resenhas”, “Podcasts”, “Videocast” e “Arquivo”.

O corpo da página mostra a disposição de botões das seguintes redes sociais logo depois do texto: Facebook (“like” e “share”), Twitter (“Tweet”) e Pinterest. Essa parte

da página também nos indica o uso do plugin do Facebook para comentários, além de um espaço suplementar de comentários em formulário próprio (mais abaixo). Ainda mostra, no espaço entre o plugin de comentários do Facebook e o formulário próprio para comentários, a palavra “autor” em negrito, seguida do nome do redator linkado (no caso, “Colaborador”) e, alinhado abaixo, os dizeres “Colaborador escreveu 105 artigos para nós” (também linkado).

No corpo da página, acima e à direita, há uma coluna com “Posts relacionados”, destacando cinco matérias sugeridas como relacionadas ao conteúdo visível no momento. Abaixo desse material, na mesma coluna, podemos ver dois boxes com anúncios publicitários: “DaCapo Marketing” e “Braxel - fomento mercantil”.

Tela 3 – 2013a



Fonte: Archive.is

Tela 4 – 2013b



Fonte: Archive.is

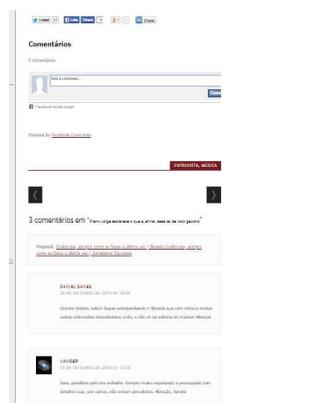
Em 2013, o *layout* da página tem pouquíssimas alterações, com destaque para a inclusão do botão, no corpo da página – logo abaixo do texto – do Google+ (“g+1”). É possível perceber, também, que os anúncios publicitários permanecem os mesmos.

Tela 5 – 2014a

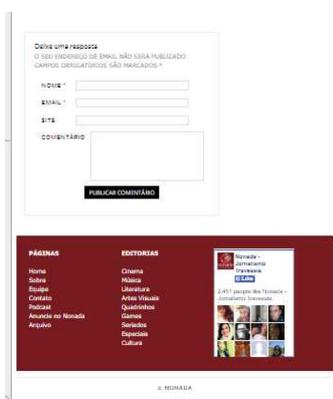


Fonte: Archive.is

Tela 6 – 2014b



Fonte: Archive.is



Tela 7 – 2014c

Fonte: Archive.is

Em 2014 a página ganha uma borda branca. As fontes são outras e o título da matéria agora é na cor preta, ao invés de vinho. Também há alterações nas informações do cabeçalho: na borda branca, acima da tarja vinho, vemos links alinhados à esquerda para “Home”, “Sobre”, “Equipe”, “Contato”, “Podcast” e “Anuncie”. Alinhados à direita estão os símbolos das redes sociais, mas agora o Orkut desaparece e o primeiro deles deixa de ser o Twitter. Na ordem, aparecem Facebook, Twitter, Google+, YouTube e Instagram. Por outro lado, nos botões das redes sociais dispostos logo abaixo do texto, no corpo da página, o botão “Tweet” agora aparece em primeiro lugar, seguido de “Like” e “Share” do Facebook, “g+1” do Google+, e “in” do Instagram. Nota-se, também, a ausência do botão do Pinterest.

No cabeçalho, outras duas mudanças: na tarja vinho, alinhado à direita, agora aparece um box comprido e branco, com os dizeres “Anuncie sua empresa aqui!”. Aliás, não vemos mais anúncios na página – pelo menos, não na captada pelo Archive.is. A

segunda mudança é a supressão de “Videocast” – tanto do cabeçalho quanto do rodapé (embora o botão do YouTube mantenha sua posição ao lado das outras redes sociais, localizadas na borda branca superior).

As editorias também mostram alterações: abaixo da tarja vinho há uma tarja preta onde podemos ler o nome de cada uma delas. Permanecem “Cinema”, “Música”, “Literatura”, “Artes Visuais” e “Games”. “Quadrinhos” substitui o antigo “Comics” e aparecem duas novas editorias: “Seriados” e “Especiais”. Há ainda a editoria de “Cultura”, mas ela só aparece no rodapé da página e não no cabeçalho. Desaparece a classificação formal do conteúdo (“Notícias”, “Reportagens”, “Entrevistas”, “Opinião” e “Perfil”).

No espaço entre o plugin do Facebook para comentários e o formulário de comentários do site – espaço que no ano anterior era ocupado pelo destaque do autor e do número de suas contribuições –, aparece “Pingback”³⁵, seguido de palavras-chave linkadas para o mesmo conteúdo.

A coluna à direita do corpo da página, que antes trazia os “Posts relacionados”, agora abriga o campo de busca do site, seguido de três boxes, um abaixo do outro. Hierarquicamente, eles trazem os dizeres “Estação Nonada – Cultura para ouvir”, “Nonada nas redes sociais” (com os símbolos Twitter, Instagram, YouTube e Google+, seguidos abaixo do botão “Facebook Nonada”, em destaque no box) e, finalmente, “Rádio Estação Web”. Há ainda mais duas novidades, agora no rodapé. A primeira é a inclusão de um plugin do Facebook para a *fanpage*. Ali, logo depois do botão “like”, podemos ler: “2.451 people like Nonada-Jornalismo Travessia”. A segunda novidade é o surgimento de “© Nonada” ao final do rodapé, anunciando, portanto, o regime de *copyright* no conteúdo produzido pelo coletivo.

³⁵De acordo com a Wikipédia, pingback é um método “para autores web solicitarem notificação quando alguém linka um de seus documentos. Isso permite aos autores manter um controle de quem está linkando ou referindo-se a seus artigos”. Cf em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pingback>.

Tela 8 – 2015a



Fonte: Archive.is

Tela 9 – 2015b



Fonte: Archive.is

A captura feita em 2015 mostra que houve mudança já no cabeçalho. Os links presentes na borda superior da página, alinhados à esquerda, marcam a ausência do “Podcast” (embora ele ainda exista, aparece no rodapé e não no cabeçalho) e, em seu lugar, o link “Colabore”. Os símbolos das redes sociais alinhados à direita seguem os mesmos: Facebook, Twitter, Google+, YouTube e Instagram.

A tarja vinho do cabeçalho traz, alinhado à esquerda, o slogan do Nonada reformulado – embora de modo geral o desenho seja bem parecido com o anterior, há uma clara mudança nas fontes: “nonada”, agora, é escrito em letras minúsculas. À direita do slogan, o box comprido permanece, mas agora com outro fundo e outros dizeres. O fundo é a arte do zine Travessias#1, e sobre ele os dizeres: “zine Travessias”, acompanhado, do lado direito do box, por “Clique aqui para saber mais”.

A tarja preta, responsável por apresentar as editoriais em destaque, traz algumas novidades. Desaparecem “Quadrinhos”, “Games” e “Especiais” e surgem “Artes Cênicas”, “Economia” e “Mais”. Em busca do “Mais”, vamos até o rodapé e lá reencontramos “Comics”, que havia sido substituído por “Quadrinhos” em 2013. Também encontramos “Games”, “Seriados” e “Especiais” que, embora tenham perdido o destaque no cabeçalho, permanecem ativos.

No corpo da página, ao final do texto, outra mudança: não há mais “Tweet” nos botões das redes sociais, somente “Like” e “Share” do Facebook, g+1 do Google+, e “In” do Instagram. No espaço dos comentários, não aparece nem o plugin do Facebook, nem o formulário próprio do site – contudo, podemos ler logo abaixo dos botões das redes sociais o sub-título “Comentários” e, abaixo dele, “0 comentários”. No final do corpo da página, mais uma mudança - “Pingback” é substituído por “Tagged”.

A coluna alinhada à direita do corpo da página mostra o campo de pesquisa do site no topo, seguido de três boxes: o primeiro com a arte do “Percurso Negro”, uma série especial de reportagens escritas por Airan Albino; o segundo é o das redes sociais, já presente na interface do ano anterior; e o terceiro anuncia o novo programa radiofônico do Nonada: “Jabá – ouça cultura” e, no canto esquerdo do mesmo box, “ouve lá na mínima.fm”.

O rodapé permanece com as características de 2014, exceto a lista das editorias que, como já foi dito, deixa de lado “Quadrinhos” e passa a mostrar “Comics”, juntamente com “Cinema”, “Música”, “Literatura”, “Artes Visuais”, “Games”, “Seriados”, “Especiais” e “Artes Cênicas”. Ainda no rodapé, à direita das editorias, continua o box com o plugin da *fanpage* no Facebook, assim como o símbolo do *copyright* (“© Nonada”) na borda inferior da página.

Tela 10 – 2016a



Fonte: Archive.is

Tela 11 – 2016b



Fonte: Archive.is

A captura feita pelo Archive.is em 2016, diferente dos anos anteriores, mostra a capa do site. Os links presentes na borda branca superior trazem alterações: desaparecem “Anuncie” e “Colabore” e, em seu lugar, surgem “Como Apoiar” e “Cursos”. Permanecem “Home”, “Sobre”, “Equipe” e “Contato”. Também não há alterações nos símbolos das redes sociais alinhados à direita.

A tarja vinho segue com o mesmo slogan do Nonada apresentado no ano anterior; contudo, o box comprido sobreposto a ela e alinhado à direita agora traz os dizeres “Apoie o Jornalismo Independente!!!”, e seu fundo mostra a arte desenvolvida

para este selo³⁶.

As editorias em destaque são “Cinema”, “Música”, “Literatura”, “Artes Visuais”, “Artes Cênicas”, “Seriados”, “Políticas” e “Mais”. Ao verificar o rodapé em busca do que estaria dentro de “Mais”, percebemos a falta de “Políticas” nas editorias listadas. As outras editorias citadas constam ali, seguidas das editorias que não ganharam destaque no cabeçalho e que, provavelmente, estão inseridas em “Mais”: “Comics”, “Games” e “Especiais”.

Como esta captura é da capa do site, o corpo da página é diferente dos descritos anteriormente – todos eles de páginas internas. O primeiro elemento, posicionado logo abaixo da tarja presente no cabeçalho e tão largo quanto ela, é uma galeria interativa que remete aos conteúdos de destaque no site. Só visualizamos o conteúdo da foto que aparecia na tela no momento da captura. Esta imagem traz, em seu rodapé e alinhado à esquerda, o título da matéria: “Literatura periférica em destaque no Sarau dos Não Lidos”. Contudo, cinco pequenos círculos alinhados à direita do título nos indicam o número de fotos dessa galeria interativa. São cinco círculos, sendo os quatro primeiros da cor cinza e o último, vinho – a alteração da cor nos diz que o conteúdo do quinto círculo é o que estamos visualizando aqui.

Abaixo da galeria, o corpo da página aparece dividido em três colunas. A coluna da esquerda e a do centro trazem os destaques do site: cada uma delas mostra três chamadas diferentes – ou seja, são seis chamadas. As chamadas são estruturadas da seguinte forma: cada uma é encimada por uma estreita tarja vinho, com fontes brancas sobrepostas à esquerda, indicando a(s) editoria(s) nas quais aquele conteúdo foi alocado. Abaixo dessa tarja, há uma foto, seguida logo depois pelo título da matéria. Disposto abaixo do título podemos ler um *lead* explicativo. Pesquisando aquele conteúdo no site, verifiquei que o *lead* presente na capa não aparece necessariamente na página da matéria.

As editorias presentes nas seis chamadas de capa são: “Jornalismo, Políticas Culturais, Reportagem”; “Artes Cênicas, Reportagem”; “Coberturas; Especiais”; “Cinema, Resenha”; “Jornalismo, Opinião” e “Cinema, Resenha”. Portanto, nem todas as editorias presentes nas chamadas de capa aparecem na página analisada. As editorias formais não aparecem em nenhum outro local (“Reportagem”, “Resenha”, “Coberturas”

³⁶Trato a arte da campanha “Apoie o Jornalismo Independente!!!” como um selo porque é sua presença no corpo da página que demonstra quais reportagens publicadas no site foram financiadas com o *crowdfunding* do Nonada.

e “Opinião”). Também não vemos em nenhuma outra parte da capa as editorias “Jornalismo” e “Políticas Culturais”, embora esta provavelmente seja a editoria “Políticas”, presente na tarja preta com as editorias em destaque e ausente na lista das editorias localizada no rodapé da página.

Abaixo das duas colunas que trazem as chamadas de capa estão os botões responsáveis pela navegação cronológica do site. São cinco botões, onde podemos ler o seguinte: “1”, “2”, “3”, “161” e “Próxima”; os botões “3” e “161” estão intercalados por “...”. Portanto, sabemos que o site, naquele momento, contava com 160 páginas somente para listar o conteúdo – e não mostrá-lo. Contudo, como não temos acesso a nenhuma delas, não sabemos quantas chamadas aparecem em cada uma das páginas referentes a listagem cronológica do conteúdo.

A coluna da direita, no corpo da página, é encimada pelo campo de busca do site. Abaixo dele, hierarquicamente, aparecem: box com arte do zine “Travessias#1”; box com arte do “Veredas”; box com arte do “Percurso Negro”; box “Nonada nas Redes Sociais” (os dois últimos permanecem iguais ao ano passado). Percebemos a inclusão dos dois primeiros boxes, ausentes no ano anterior, e a supressão do box que em 2015 divulgava o programa Jabá.

O rodapé permanece o mesmo do ano passado – exceto a lista das editorias, como já mencionado. Há alguma alteração no design do plugin da *fanpage*, que agora traz como fundo a arte do selo “Apoie o Jornalismo Independente!!!”. Contudo, o rodapé também nos traz duas surpresas. Diferente dos anos anteriores, a borda branca inferior nos mostra a adesão do Nonada ao uso das licenças livres referentes aos direitos autorais: “(CC) BY-NC”, seguido, na linha abaixo, por “Nonada”. A segunda novidade é a marca do desenvolvedor do site, localizada nas duas últimas linhas da borda branca inferior: “Design e Desenvolvimento”, seguido pelo slogan da “Three Content”.

A última captura de página do Nonada no Archive.is, ou seja, logo após a de 2016, já é de 2018. Aliás, nesse ano a página capturada foi a do portal (www.nonada.com.br/portal) e não do site oficial. Portanto, o Archive.is não apresenta captura de páginas de www.nonada.com.br em 2017 e nem em 2018.

O trabalho de re-traçar o site de 2017 e 2018 precisou contar com elementos suplementares. O primeiro é uma nota institucional publicada em 15/05/2017 no site. Intitulada “Nonada muda site para refletir um novo jornalismo cultural”, a nota anuncia:

Um novo caminho acaba de ser traçado em nossa travessia. Modificamos o layout de nosso site a fim de representar nossa busca por um jornalismo cultural alternativo. Deixamos de lado as editorias clássicas do jornalismo

tradicional, na medida em que não refletiam mais o modo como entendemos a Cultura. Por que delimitar a Cultura quando ela é viva, pulsante e em constante transformação? Quando ela é plural? Aprendemos ao longo desses anos que a diversidade e a profundidade nos assuntos são essenciais para continuarmos existindo: aprendemos sim na prática e em conjunto, a partir das diversidades de visões das pessoas que compõem a equipe. E isso demorou tempo e muita reflexão. Então, você não verá mais uma editoria de “Cinema”, ou de “Literatura”. A grande novidade no layout criado por Arthur Freitas é a nuvem de tags, que aqui chamamos de “Temas Frequentes”, o nome já explica por si só. Nosso objetivo é destacar as questões sociais relativas às culturas representadas por nossas matérias. Ainda continuaremos cobrindo com afinco o campo artístico, fazendo resenhas de filmes, shows, fazendo reportagem sobre políticas públicas. Mas continuamos aprendendo e descobrindo novas formas de cultura. Cultura popular, cultura LGBT, cultura feminista, cultura quilombola. O Brasil é esse mosaico infinito de expressões, e é isso que buscamos conhecer cada vez mais e representar em nossas matérias. Cultura para além do sinônimo estrito de obra artística. Cultura como o conjunto de elementos que representam as mais variadas formas de viver. Na verdade, tudo se encontra e se conecta nessa longa travessia de quase sete anos.

Portanto, em 2017 o Nonada derruba as editorias organizadas por conteúdo - “Cinema”, “Música”, “Literatura”, etc. - e retoma as editorias organizadas por forma, que existiam em 2013 e foram suprimidas no ano seguinte. Apoiada nessa nota editorial, em minhas observações sucessivas do site ao longo de 2017 e no fato de que não houve nenhum anúncio de reestruturação em nonada.com.br de lá para cá, opero com a hipótese de que o *layout*, a partir de maio de 2017, corresponde ao desenho atual do site.

Em 2013 as editorias por forma eram sete: “Notícias”, “Reportagens”, “Entrevistas”, “Opinião”, “Perfil” (localizadas no cabeçalho) e “Reportagens Especiais” e “Resenhas” (localizadas no rodapé). Em 2017, as editorias por forma são seis: “Notícias”, “Reportagens”, “Entrevistas”, “Coberturas”, “Resenhas” e “Opinião”. Portanto, “Perfil” e “Reportagens Especiais” não foram resgatadas, e foi criada a editoria “Coberturas”.

A página perde a borda branca, e a tarja vinho se estreita: agora localizada no alto do cabeçalho, ela traz alinhadas à esquerda as paletas “Sobre”, “Equipe”, “Como Apoiar”, “Cursos”, “Fundo de Apoio à Mídia Alternativa”, “Veredas” e “Contato”. Assim, o “Veredas” ganha destaque na página, como também o “Fundo de Apoio à Mídia Alternativa”, uma iniciativa do Nonada criada em fevereiro de 2017. A “Home” agora só pode ser acessada via slogan do Nonada, posicionado abaixo da tarja vinho e centralizado no cabeçalho. Alinhados à direita das paletas, na tarja vinho, aparecem os botões para as contas do Nonada no Facebook, Twitter, Medium e Instagram. Somem, portanto, Google+ e YouTube, e pela primeira vez aparece o Medium. Encerrando o cabeçalho, visualizamos as editorias, posicionadas em linha, abaixo do slogan do

Nonada - da esquerda para a direita: “Notícias”, “Reportagens”, “Entrevistas”, “Coberturas”, “Resenhas” e “Opinião”.

A capa, no corpo da página, ganha um mosaico de 5 fotos no topo, cada uma com três linhas de texto ao pé da imagem. A primeira linha traz a data seguida da editoria em que a matéria foi alocada; a segunda linha contém o título da matéria; e a terceira linha indica o marcador de autoria sob o qual o conteúdo foi cadastrado. Todas as linhas estão linkadas: a data e o título remetem ao conteúdo da foto; a editoria leva à lista dos conteúdos cadastrados nela; e o marcador de autoria remete à lista de conteúdos produzidos por aquele autor.

Ainda no corpo da página da capa, logo abaixo do mosaico de fotos, há uma lista com as seis publicações mais recentes. Contudo, os conteúdos que aparecem no mosaico de fotos acima não se repetem nessa lista. Esta é organizada da seguinte forma: à esquerda visualizamos a foto da matéria e, alinhadas à direita da foto, três linhas de texto. A primeira, em fonte pequena, traz a data e a editoria; a segunda, em fonte média, indica o título da matéria; e a terceira informa o marcador de autoria. Ao final da lista, alinhado abaixo e à esquerda da última foto, há um botão quadrado, na cor vinho, onde lemos – em fonte branca, caixa alta – os dizeres “Publicações Mais Antigas”.

A terça parte à direita do corpo da página, abaixo do mosaico de fotos e ao lado da lista cronológica do conteúdo, é encimada pelo campo de busca do site. Abaixo dele, visualizamos o selo da campanha “Apoie o Jornalismo Independente!!!”, linkado para o *crowdfunding* do Nonada na plataforma Catarse.me. Finalmente, abaixo deste selo visualizamos box com a arte do blog Veredas, linkado para o conteúdo nele publicado.

Quando a página visualizada é uma página interna de conteúdo, embora o cabeçalho e o rodapé se mantenham, o corpo muda. No topo do corpo da página aparece, centralizada, a data de publicação do conteúdo. Abaixo dela, vemos a foto que ilustra a matéria, seguida da especificação da autoria, no caso de o conteúdo ser “Por Colaborador”. O “Por Colaborador” é um dos marcadores de autoria usados na assinatura dos conteúdos – além de “Por Colaborador”, há ainda um marcador para cada integrante da equipe (atual ou progresso)³⁷. O marcador de autoria aparece abaixo da

³⁷Desde que o integrante tenha postado conteúdo textual durante o tempo em que participou da equipe. Por isso, pessoas que não são mais integrantes e que eventualmente publicam conteúdo no Nonada, o publicam sob o marcador “Por Colaborador”. O mesmo vale para publicações anteriores a participação daquela pessoa como integrante do Nonada. Por outro lado, se o conteúdo foi postado durante a vigência de sua participação na equipe, o material aparece sob o marcador de autoria com seu nome. Assim, por exemplo, existem textos de Airan Albino marcados “Por Colaborador” e outros textos, também dele, com o marcador “Por Airan Albino” - estes indicando que foram publicados já na

foto que ilustra a matéria e no topo da terça parte da página à direita do texto. Abaixo do marcador de autoria, na mesma coluna, aparece mais um elemento: o selo “Apoie o Jornalismo Independente!!!”, linkado para “nonada.com.br/como-apoiar/financiamento-coletivo/”.

Após a exposição do conteúdo em si, alinhado à esquerda vemos os dizeres “Compartilhe isso:”, seguidos, na linha de baixo, pelos botões “tweetar” (Twitter) e “compartilhar” (Facebook). Abaixo, também alinhado à esquerda, o espaço dos “Comentários” (plugin do Facebook para comentários), seguido pelas “tags:” que etiquetam o conteúdo. Finalmente, ao pé do corpo da página visualizamos uma tarja vinho, centralizada. Ela funciona como um botão cronológico do conteúdo. Contudo, ao invés de mostrar números em suas extremidades, mostra o título das matérias posterior e anterior.

O rodapé é reproduzido da mesma forma, independente da página visualizada – capa ou interna. Agora, ele é marcado por uma larga tarja cinza escuro e mantém o plugin para a *fanpage* do Nonada – alinhado à esquerda e com o fundo ilustrado pelo selo “Apoie o Jornalismo Independente!!!”. Aqui também visualizamos três novidades. Uma delas é a descrição precisa do tipo de licença autoral assumida pelo Nonada. Alinhado à direita do plugin da *fanpage* podemos ler: “Licença Livre”, seguido abaixo pelos dizeres “O conteúdo do nonada pode ser compartilhado e replicado (exceto para fins comerciais), desde que contenha a autoria e o link para o texto original”. Outra novidade é a assinatura, no final do rodapé, por outro desenvolvedor: “mantido por wordpress / feito por arthr” - onde o “arthr” está linkado para <https://arthr.me/> (portfólio online do profissional). A última novidade, já destacada pela nota editorial lançada pelo Nonada em maio de 2017 e reproduzida mais acima, é a nuvem de tags. Alinhada à direita do texto explicativo sobre a licença autoral, ela traz os “Temas frequentes” no conteúdo do Nonada. Cada palavra elencada ali possui um tamanho próprio da fonte Georgia (tamanho esse relacionado ao número de vezes que aquela palavra foi taguada no conteúdo).

Seguindo os atores – inclusive os não-humanos -, abri as tags e contei os textos inscritos em cada uma delas. Também registrei, em cada tag, a data do primeiro e do último texto elencado por ela. Claro que a ação de tagear os textos foi operada, no

época em que Airan integrava a equipe fixa do coletivo. Portanto, no caso do conteúdo produzido por integrantes (atuais ou pregressos), o que produz a diferença no marcador de autoria é a época em que os textos foram postados. O caso dos marcadores de autoria é relatado na próxima seção.

mínimo, em maio de 2017 – mês em que a nuvem de tags passou a funcionar no site. Contudo, voltamos ao maior ensinamento da Teoria do Ator-Rede: “siga os atores”. Sempre, siga os atores. Assim, mesmo que o texto tageado tenha sido publicado em, digamos, 2011, o coletivo considerou válido marcar aquele texto com uma palavra ou expressão que o *revitalizasse*. Este termo me parece apropriado na medida em que os textos tageados terão uma forma suplementar de rastreamento no site – qual seja: a nuvem de tags. Assim, textos já antigos são “aliciados” pelas tags de forma a dotá-los de uma potência maior de força. O próprio Nonada, na nota transcrita acima, ressalta que o objetivo da nuvem de tags é “destacar as questões sociais relativas às culturas representadas por nossas matérias”, na medida em que o que o coletivo entende como Cultura se desloca – e o gênero jornalístico do Nonada é o jornalismo cultural. O tamanho das tags dá a ver, portanto, os tipos de cultura mais pautados pelo coletivo.

Tabela 1 - Tags

Tag	Tam. fonte	Número textos	1ª publicação	Última publicação
porto alegre	22	255	02/11/10	24/07/18
cultura negra	17,6	94	16/12/14	30/07/18
arte engajada	15,9	70	08/03/12	30/07/18
empoderamento	15,6	66	18/01/13	08/05/18
música popular brasileira	15,3	56	12/12/10	29/03/18
feminismo	14,8	50	08/03/12	09/05/18
história	14,4	46	18/10/10	05/05/18
direitos humanos	14,4	45	08/06/12	18/07/18
Lgbt	13,5	37	07/06/12	19/03/18
políticas culturais	13,3	35	01/07/14	24/07/18
opinião	13,3	35	15/02/11	26/10/16
protesto	12,8	32	26/05/12	18/07/18
identidade de gênero	12,5	29	31/05/14	05/12/17
festival	12,5	29	12/11/10	02/08/17
veredas	11,4	23	05/11/15	08/05/18
cinema brasileiro	11,4	23	16/06/12	30/06/18
samba	11,2	22	12/12/10	27/03/18
machismo	11,2	22	30/10/14	05/12/17
rap	11	21	11/06/15	20/05/18
cultura popular	11	21	23/06/12	30/05/18
poesia	10,8	20	31/10/12	08/05/18
ditadura militar	10,8	20	25/10/10	18/07/18
desigualdade social	10,6	19	21/08/12	30/06/18

nonada	10,4	18	30/08/11	15/12/17
jornalismo	10,4	18	01/12/10	19/06/18
américa latina	10,4	18	11/04/11	23/04/18
política	10,2	17	02/04/15	13/06/17
racismo	9,9	16	18/01/13	12/03/18
cultura indígena	9,9	16	20/07/15	03/05/18
hip-hop	9,6	15	11/06/15	02/07/18
áfrica	9,4	14	09/05/15	18/06/18
hollywood	9,1	13	18/12/14	10/08/17
espaços públicos	9,1	13	01/07/14	06/03/18
ditadura	9,1	13	09/07/12	18/07/18
periferia	8,6	12	28/04/15	30/07/18
fotografia	8,6	12	22/12/10	11/01/17
cultura latina	8,6	12	15/10/10	23/04/18
crítica feminista	8,6	12	05/11/15	05/12/17
carnaval	8,6	12	25/02/11	27/03/18
memórias	8,3	11	07/11/12	27/03/18
fronteiras do pensamento	8,3	11	15/10/10	28/05/15
cultura nordestina	8,3	11	23/06/12	29/03/18
empoderamento feminino	8	10	27/10/15	22/06/16
a ³⁸	8	10	14/07/16	15/12/17

Fonte: elaborado pela autora

O texto mais antigo etiquetado foi “O ponto de partida da minha ficção é sempre uma experiência pessoal’, diz Mario Llosa em Porto Alegre”, publicado em 15/10/10. Ele foi marcado com duas tags: “cultura latina” e “fronteiras do pensamento”. Esta, aliás, também foi a primeira tag abandonada – em 28/05/15 –, o que parece indicar que notícias ou coberturas do evento Fronteiras do Pensamento deixaram de ser prioridade para o veículo. Contudo, levando em consideração que o tagueamento foi feito em 2017, talvez esse conteúdo seja importante para o Nonada na medida em que as tags também são um lugar de memória do coletivo.

É oportuno perceber, ainda, que ao acessar o conteúdo via nuvem de tags, a parte final do corpo da página se altera. Agora, após os comentários ao pé do texto, aparecem as tags eleitas para marcá-lo. No caso da matéria citada no parágrafo acima, além das tags “cultura latina” e “fronteiras do pensamento”, visualizamos mais três: “literatura latina”, “mario vargas llosa” e “peru”. Lembramos, portanto, que a nuvem de tags da

³⁸ Não entendi o propósito dessa tag.

capa refere-se somente aos temas mais frequentes, e não a sua totalidade.

Os últimos textos tagueados são dois, publicados em 30/07/2018. As coberturas “Akilombamento na UFRGS: Movimento negro luta para frear fraudes no uso de cotas raciais” (etiquetada como “cultura negra”; “educação”; “empoderamento”; “políticas públicas”; “porto alegre” e “racismo”) e “Autores aclamados, Colson Whitehead e Geovani Martins dividiram mesa na Flip” (tags “arte engajada”; “cultura negra” e “periferia”). Novamente, a nuvem de tags age como um objeto que funciona como um mediador, na medida em que dá maior visibilidade a determinados temas.

O importante é mostrar o quanto a mudança dos elementos do site dá a ver deslocamentos operados no e pelo próprio coletivo ao longo dos anos. Assim, sabemos que em 2012 o Nonada aceitava anúncios – uma prática que se manteve até 2015. Percebemos que, embora tenha abandonado a categorização formal das matérias em 2014, ela é retomada em 2017 – mas de uma outra maneira. Sabemos que houve um tempo em que o coletivo produzia podcasts e videocasts, e que teve contas no Orkut, Pinterest e YouTube – mesmo que na interface atual não haja rastro evidente delas. Notamos a adoção do *copyright* em 2014 e 2015 e a prática de licenças livres a partir de 2016.

A observação das mudanças no site nos permite perceber um progressivo destaque à rede social Facebook (nos comentários e na criação de uma *fanpage*), a menção ao “Veredas” e a divulgação de, pelo menos, um zine (“Travessias#1”). Também notamos o surgimento da oferta de cursos próprios e da campanha “Apoie o Jornalismo Independente!!!” a partir de 2016, e de um “Fundo de Apoio à Mídia Alternativa” em 2017.

Os rastros presentes nas mudanças que o *layout* do site sofreu ao longo do tempo dão a ver que em algum momento entre 2015 e 2016 o coletivo operou um notável deslocamento em suas práticas. Se antes elas eram marcadas pela busca de patrocinadores e pelo regime fechado sobre os direitos autorais, a partir dali as práticas voltam-se para o fortalecimento do jornalismo independente, de patrocinadores do tipo “pessoa jurídica”, e passam a pautar um tipo de conteúdo mais voltado ao jornalismo alternativo. Contudo, também é possível perceber – em meio a essa virada, atravessando-a – a progressiva envergadura que o Facebook adquire nas relações do Nonada.

Por outro lado, não há rastro de que em algum momento o Nonada tenha lançado mão de estratégias de exposição do conteúdo destacado por métricas produzidas pelos

acessos ou compartilhamentos. A métrica adotada é a das tags, ou seja, dos temas – destacados pelo Nonada – que atravessam seus conteúdos. Como a maioria das telas capturadas pelo Archive.is são de páginas internas, pode ser que em algum momento o Nonada tenha adotado listas de “mais acessadas” ou “mais compartilhadas”. De todo modo, sabemos – pela capa de 2016 e pelas análises de 2017 e 2018 – que nos últimos três anos a única listagem de conteúdo existente no site é cronológica e que a métrica via tags foi introduzida em 2017.

1.2 Os marcadores de autoria

O conteúdo do site, na “Home”, é organizado em uma lista cronológica – do mais recente para o mais antigo. Todas as postagens são marcadas de acordo com a autoria. Assim, cada uma das pessoas que compõem ou que já fizeram parte da equipe do Nonada tem seu próprio marcador (por exemplo, “por Rafael Glória” ou “por Mariana Sirena”). No caso de matérias produzidas por pessoas que não fazem parte da equipe, o marcador é “por Colaborador”. Para saber quem elaborou este conteúdo, é necessário acessar a página específica de cada matéria – ali o autor é nomeado na primeira linha do texto. Há autores colaboradores que já foram ou são integrantes – o que os define como “colaboradores” é o tempo em que o conteúdo foi postado. Assim, os marcadores de autoria com o nome do autor são marcadores que funcionam somente no tempo em que aquela pessoa fez parte da equipe fixa do site. Se o conteúdo é publicado fora desse período, o marcador usado é “Por Colaborador”.

Seis marcadores de autoria da equipe trazem uma breve descrição dos autores e por meio dela nos aproximamos de alguns dos valores assumidos por alguns dos integrantes. Assim, sabemos que Thaís Seganfredo “Escreve preferencialmente sobre políticas culturais, culturas populares e arte engajada”; Rafael Gloria é “Jornalista, mestrando em Comunicação na UFRGS e Editor-Fundador do Nonada – Jornalismo Travessia. Acredita nas palavras e nas pessoas”; Airan Albino é “Editor, apaixonado por Carnaval e defensor do protagonismo negro. Gosta de escrever sobre representatividade, resistência e identidade cultural”; Ananda Zambi é “Editora, nordestina, nômade e entusiasta de produções autorais. Gosta de escrever sobre música e qualquer coisa que seja cultura”; Iarema Soares é “Apaixonada por literatura. Ama escrever sobre o protagonismo negro nos mais diversos campos de conhecimento”; e Glauber Cruz é “Cinéfilo de nome e vivência, um apaixonado por contar histórias”.

Os marcadores sem descrição são os de Giulia Barão, Julia Manzano, Raphael

Carrozzo, Priscila Pasko e Thayse Uchôa (Laura Galli, embora esteja listada na aba “Equipe” do site, não possui marcador próprio). Além desses, os marcadores “Por Colaborador” e “Por Nonada” também não trazem nenhuma descrição. O primeiro refere-se a todos que publicam no Nonada, mas não integram a equipe fixa – ao menos no momento da publicação daquele conteúdo. O segundo é um marcador genérico: ao abrirmos as páginas registradas sob ele, tanto pode ser um texto assinado somente “Por Nonada” como pode ser uma matéria que, além do marcador, traga a especificação da autoria na primeira linha do texto. Como os autores listados em “Por Nonada” nem sempre fazem parte da equipe fixa do coletivo, acredito que esse marcador seja usado em textos que (além dos que foram escritos por mais de um integrante) exprimem os valores do grupo.

Pesquisando o marcador “por Colaborador”, inicialmente fiquei confusa. Isso porque, como relatei antes, há colaboradores (“por Colaborador”) que são também autores (“por Fulano de Tal”). Paulo Finatto, Fernando Halal, Edgar Aristimunho, Daniel Sanes e Ricardo Facchini (entre outros) aparecem tanto como autores quanto como colaboradores – o que indica que, em algum momento entre 2010 e 2018, essas pessoas foram integrantes.

A lista cronológica de conteúdo ocupa 180 páginas, cada uma delas com 6 resultados – exceto a capa, que também traz as 5 matérias em destaque no topo da página. Assim, o cálculo é $6 \times 180 + 5 = 1085$. Há uma discrepância entre o total apurado nas listas dos autores sob cada marcador (somadas, contam 1230 postagens) e o total apresentado na lista cronológica (1085).

Percebi essa discrepância mediante a metodologia que utilizei no mapeamento dos autores. Para minimizar/zerar o risco de seguir a lista cronológica das postagens – e me atrapalhar com os autores mais os colaboradores – optei por clicar em cada marcador de autoria e abrir uma janela sobressalente que contivesse apenas a produção referente àquele autor específico. Assim, listava a produção desse autor, fechava a janela sobressalente e seguia percorrendo a lista até a autoria seguinte – para então repetir o mesmo procedimento, até chegar, enfim, ao final da lista. Concluída essa parte, anotei o número de páginas da lista cronológica do conteúdo total, e o número de páginas da lista cronológica do conteúdo do marcador “por Colaborador”.

Ao usar a janela sobressalente, a busca pelo autor tem endereços como <http://www.nonada.com.br/author/colaborador/>, <http://www.nonada.com.br/author/colaborador/page/2/>, até a [page/46](http://www.nonada.com.br/author/colaborador/page/46/). Em todas essas

páginas (“/author/”), a montagem das 5 postagens mais recentes é suprimida: há o cabeçalho da página, o logo seguido das paletas das editorias e, finalmente, a lista cronológica com as postagens daquele autor específico. Também esta lista é visualizada contendo 6 postagens por página – inclusive a última. Segue que o cálculo das postagens com o marcador “por Colaborador” fica assim: $6 \times 46 = 270$.

Além do problema com a sobreposição autor/colaborador, há a dificuldade adicional de listar os fotógrafos que participam tanto das matérias postadas pelos integrantes quanto daquelas postadas pelos colaboradores. Isso porque os fotógrafos não têm um marcador: quem determina a autoria no marcador da equipe (“por Fulano de Tal”) é sempre o nome do escritor, e não o do fotógrafo. Portanto, para mapear os fotógrafos foi necessário acessar cada uma das postagens do site. Relato essa operação na seção dedicada aos “Colaboradores”. Por ora, a intenção é mostrar os números do conteúdo publicado em cada marcador para então definir um índice de publicação/ano produzido pelo Nonada. A tabela, que traz em negrito os nomes dos integrantes atuais e dos marcadores genéricos “Colaborador” e “Nonada”, ficou assim:

Tabela 2 – Marcadores de autoria

Marcador	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
1. Mariana Sirena	27	29	32	8	-	4				100
2. Ariel Oliveira	10	6	25	4						45
3. Rafael Glória	28	38	31	16	39	37	10	4	2	205
4. Colaborador	36	53	45	7	15	50	39	13	12	270
5. Daniel Sanes	15	44	40	9	6	18	5			137
6. Leila Ghiorzi	14	18	22	-	2					56
7. Vinícius Fontana	6	10	1							17
8. Cadu Caldas	4	1								5
9. Paulo Finatto		13								13
10. Gustavo Dutra			16	12	9	25				62
11. Mariana Gil			1							1
12. Edgar Aristimunho			2	2	8	5	1			18
13. Ricardo Facchini				19						19
14. Thaís Seganfredo					9	12	15	17	5	58
15. Júlia Corrêa						2	3			5
16. Airan Albino						13	5	5	1	24
17. Ananda Zambi						6	6	4	2	18
18. Raphael Carrozzo						23	2	-	-	25
19. Fernando Halal						6	3			9

20. Nonada	11	21	26	7	65					
21. Giuliano Barão	3	6	-	-	9					
22. Priscila Pasko	9	16	7	3	35					
23. Júlia Manzano	5	9	4	1	19					
24. Marianna Fraga		6	-		6					
25. Thayse Uchôa			1	-	1					
26. Iarema Soares			2	3	5					
27. Kelly Freitas			-							
28. Laura Galli				-						
29. Glauber Cruz				3	3					
Total/ano:	140	212	215	77	88	229	147	83	39	1230

Fonte: elaborado pela autora

Esse mapeamento nos mostra, em tese, que 27 pessoas fazem ou já fizeram parte da equipe fixa do Nonada. Por outro lado, também nos indica que possivelmente existiram integrantes que não chegaram a possuir marcadores próprios. Por exemplo: caso Laura Galli saia do grupo antes de ser criada sua assinatura via marcador de autoria, o único registro de sua participação na produção de conteúdo é a sua assinatura, no texto, das publicações alocadas em “Por Nonada”. Um mapeamento feito em um cenário assim provavelmente trabalharia com a hipótese de que Laura foi uma colaboradora e não integrante da equipe.

A tabela acima traz o nome de Kelly Freitas: esse caso não é hipotético. Kelly realmente fazia parte da aba “Equipe” em maio de 2017 – tempo em que eu estava operando o levantamento de dados. Ela não tinha um marcador próprio e nem publicou texto sob o marcador “Por Nonada”. Sua contribuição são dois conteúdos “Por Colaborador”, datados de 11/12/2015 e 9/11/2016. Portanto, presumo que Kelly pretendia seguir escrevendo para o site e que participou das reuniões – sendo incluída na aba “Equipe”. Contudo, em algum momento posterior, precisou se desligar do coletivo e não chegou a gerar registros digitais permanentes de sua atuação como integrante.

A matéria mais antiga publicada com o marcador “Por Nonada” é de setembro de 2014. Presumindo que os textos alheios publicados ali compartilham dos valores do coletivo, ao rastrear os conteúdos aparecem republicações da Agência Brasil e do Brasil de Fato (ambos linkados nos textos). Usando as tags para descrever os conteúdos retomados pelo Nonada, as matérias da Agência Brasil foram etiquetadas como “arte engajada; cultura negra; periferia” (30/07/2018); “amazônia; cultura nordestina; cultura popular” (20/06/2017); “a; história [sic]; memórias; música popular brasileira”

(26/10/2017); “biografia; cultura negra; samba” (14/02/2017); e “cultura indígena; cultura negra; cultura popular; políticas culturais; samba” (17/01/2017). No caso do Brasil de Fato, as tags foram “arte engajada; cultura negra; direitos humanos; LGBT; política; protesto; rap; samba” (29/05/2017).

Os outros textos produzidos por terceiros e assinados “Por Nonada” foram escritos por Priscila Mengue – “cinema brasileiro; machismo; porto alegre” (07/08/2015); Rafael Faustino – “opinião; porto alegre; protesto” (18/06/2015); Thays Cruz, em parceria com Thaís Seganfredo – “arte engajada; empoderamento feminino; feminismo; porto alegre” (22/03/2016); a fotorreportagem de Louise Soares – “arte engajada; manifestação; políticas culturais; porto alegre; protesto” (18/12/2016); Lorenzo Leuck – “amazônia; cultura indígena; desigualdade social; porto alegre” (23/03/2017) e “cinema brasileiro; cultura indígena; porto alegre” (27/03/2017); Marcelo Martins – “a; cultura negra; empoderamento” (14/11/2017); nova fotorreportagem de Louise Soares – “cultura negra; cultura popular; hip-hop; poesia; porto alegre” (12/11/2017); e ainda outra fotorreportagem, agora de Carol Ferraz – “comunidades tradicionais; cultura negra; direitos humanos; manifestação; porto alegre; protesto” (16/03/2018).

Lembramos que as tags foram criadas em maio de 2017 e que o etiquetamento dos textos anteriores a esse momento foi operado retrospectivamente. Novamente, há uma revitalização dos temas e um investimento sobressalente de força nessa revitalização na medida em que tais conteúdos são assinados pelo marcador do coletivo. Além disso, as republicações assinadas “Por Nonada” também indicam um direcionamento da potência da força do *worknet* para a Agência Brasil e o Brasil de Fato (assim como para os colaboradores que assinam os outros textos elencados nesse marcador). Por outro lado, ainda exprime uma envergadura na credibilidade do conteúdo publicado pelo Nonada – concretizada na retomada de matérias produzidas por veículos que possuem credibilidade própria.

De certa forma, ao assinar os textos, o coletivo assume as ações relatadas por eles e que, de acordo com as tags, contemplam pautas minoritárias: cultura negra, cultura indígena, cultura nordestina, cultura popular, feminismo, LGBT, empoderamento, arte engajada, políticas culturais. Além disso, retomam protestos e manifestações, fazendo da atuação política na rua um valor importante para o Nonada.

1.3 As Editorias

Como a descrição do *layout* do site informou, a última reforma das editorias derrubou a organização por conteúdo, dando prioridade ao formato da matéria. Assim, desde maio de 2017, as editorias do Nonada são “Notícias”, “Reportagens”, “Entrevistas”, “Coberturas”, “Resenhas” e “Opinião”. Ao mudar a organização do conteúdo no site, a maior parte das matérias antigas foi redistribuída nas novas editorias – mas nem todas. Por isso há um descompasso entre os números dessa tabela e os números da tabela de conteúdo postado nos marcadores de autoria.

Rastreei os conteúdos de cada editoria de forma a compreender a mudança no coletivo ao longo dos anos. Para isso, segui a lista cronológica do conteúdo³⁹ disponibilizada em nonada.com.br e anotei a editoria atual indicada em cada entrada. Segue a tabela com o número de conteúdos alocado em cada uma das editorias hoje vigentes:

Tabela 3 – Editorias atuais

Ano	Resenha	Opinião	Reportagem	Entrevista	Cobertura	Notícias	Total
2010	18	0	10	13	16	62	119
2011	66	0	7	9	15	82	179
2012	48	1	1	7	34	101	192
2013	19	1	0	3	9	28	60
2014	34	1	0	16	9	1	61
2015	134	7	13	29	13	1	197
2016	55	26	26	20	12	3	142
2017	18	11	14	12	4	18	76
2018 (até 30/07)	até 14	6	6	4	5	4	39

Fonte: elaborado pela autora

Os números grifados em vermelho mostram os picos nas editorias e os números destacados em azul, os picos de cada ano. A tabulação dos dados brutos mostra, já na primeira visada, um grande declínio na produção de conteúdo em 2013 e 2014. Por outro lado, os picos de produção total do coletivo aparecem em 2012 e 2015. Em 2017 o Nonada volta a baixar a quantidade de publicações.

³⁹ Há ainda algumas páginas administrativas que são mostradas na lista cronológica, como “Arquivo” (página que reúne alguns marcadores de autoria mais antigos), além das matérias antigas que não foram realocadas nas editorias criadas em 2017 – o que concorre para a discrepância entre os números.

Quanto ao formato, 2015 foi o ano das resenhas e também do maior número de entrevistas publicadas em um único ano na história do Nonada. Os artigos de opinião e as reportagens encontram seu maior fluxo em 2016 – embora nesse ano, de todas as editorias, também o formato “resenha” tenha sido o mais numeroso. O ano de maior número de coberturas foi 2012, ainda que a maior parte das publicações desse ano tenha sido na editoria de notícias e, em segundo lugar, na de resenhas.

O menor fluxo de publicação em cada editoria em números brutos – ou seja, comparado ao fluxo anual de cada uma delas –, também é um dado importante a ser registrado. Assim, percebemos que o Nonada nasceu com baixa publicação de resenhas (2010). Não há registro da editoria de opinião em 2010 e 2011, e nos três anos seguintes houve somente 1 conteúdo publicado nela. Outra editoria que não marca publicação alguma em determinado período é a de reportagens, em 2013 e 2014 – e em 2012 registra somente 1 conteúdo publicado. O ano de menor número de entrevistas é 2013 e o de coberturas, 2017. Por fim, a editoria de notícias registra somente 1 publicação em 2014 e em 2015.

Para visualizar a distribuição do conteúdo pelas editorias no decorrer do tempo, relacionei o número de postagens em cada uma delas, a cada ano, com o total das publicações naquele ano. Dessa forma, pude elaborar dados estatísticos que me fornecessem um desenho mais detalhado do movimento na produção do Nonada com o passar dos anos. Assim, em 2010, o Nonada nasceu prioritariamente publicando notícias (52,10%). A produção de conteúdo já contava com resenhas (15,12%), coberturas (13,44%), entrevistas (10,92%) e reportagens (15,12%), mas não havia ainda conteúdo intitulado “opinativo” – embora as resenhas o sejam, não são nomeadas como “artigos de opinião”.

No ano seguinte, 2011, as notícias continuam sendo as mais publicadas (45,81%), seguidas também das resenhas (36,87%), coberturas (8,37%), entrevistas (5,02%) e reportagens (3,91%). Assim, embora a hierarquia do conteúdo publicado em cada editoria permaneça a mesma, há uma leve queda na produção de notícias, coberturas, entrevistas e reportagens. Por outro lado, a porcentagem de resenhas mais que dobra em relação ao ano anterior. Também nesse ano não há registro na editoria de Opinião.

Em 2012 as notícias voltam a atingir o fluxo registrado em 2010 (52,60%) e o índice das resenhas baixa um pouco (25%), embora essa editoria ainda se mantenha como a segunda mais produtiva. A editoria de coberturas também permanece em terceiro lugar no fluxo de publicação, mas registra mais do que o dobro da porcentagem

que lhe competia no ano anterior (agora são 17,70%). A hierarquia segue a mesma: depois das coberturas aparecem entrevistas (3,64%) e reportagens (0,52%), sendo que esta registra somente um terço da produção de 2011. É ainda em 2012 que surge o primeiro conteúdo publicado em “Opinião” (0,52%).

O ano de 2013 é o último onde a editoria de notícias aparece como notavelmente dominante na produção do Nonada (46,66%). A hierarquia se mantém: depois das notícias, aparecem as resenhas (31,66%) - registrando uma leve alta com relação ao ano anterior -, seguida das coberturas (15%), entrevistas (5%) e opinião (1,66%). Por outro lado, a editoria de reportagens – finalizando a tendência de queda apontada em 2012 – não computa nenhuma postagem.

De 2013 para 2014, muda a hierarquia do fluxo de publicação das editorias. A editoria de notícias despenca: de 46,66% passa a registrar somente 1,63% do total dos conteúdos produzidos pelo Nonada. Agora, a editoria dominante é resenhas (55,73%), seguida pelas entrevistas (26,22%), coberturas (14,75%) e opinião (1,63%). A editoria de reportagens, do mesmo modo que no ano anterior, não apresenta nenhum registro.

Em 2015 a supremacia das resenhas é reafirmada (68,02%) e, embora as entrevistas continuem marcando o segundo maior fluxo de publicação (14,72%), neste ano elas representam quase a metade do índice de 2014. Depois de dois anos sem registro, as reportagens voltam ao conteúdo do Nonada e dividem o lugar de terceira editoria mais produtiva com a editoria de coberturas (6,59%). Opinião agora é responsável por 3,55% do conteúdo, alcançando o dobro do índice do ano anterior. Por último aparecem as notícias, com minguados 0,50%.

Embora as resenhas sigam liderando a produção de conteúdo em 2016, agora essa editoria é responsável por 38,73% (quase a metade do índice de 2015). As entrevistas, ainda que mantenham o índice do ano anterior, passam a ocupar o terceiro lugar no fluxo de publicação (14,08%). Opinião e Reportagem sofrem um notável aumento na produção e figuram em segundo lugar (18,30% cada uma). As coberturas escorregam para o quarto lugar (8,45%), ainda que registrem um leve aumento na produção do conteúdo. Notícias permanece sendo o material de menor publicação, embora agora marque participação em 2,11% das postagens do ano.

O ano de 2017 marca o retorno da importância da editoria de notícias, que salta para 23,68% - e divide o primeiro lugar na produção de conteúdo do Nonada com a editoria de resenhas. Reportagem mantém a segunda maior participação (18,42%), seguida pelas entrevistas (15,78%) e pelos artigos de opinião (14,47%). Por último

aparecem as coberturas, com 5,26%.

Os dados de 2018 exprimem o conteúdo postado até 31 de julho⁴⁰. Assim, eles indicam somente uma tendência para o ano. Até aquela data, as resenhas registravam a maior participação no conteúdo (35,89%), seguidas pelas reportagens e artigos de opinião (com 15,38%), coberturas (12,82%), e entrevistas e notícias – cada uma com 10,25%.

Percebemos o quanto analisar a produção das editorias por ano auxilia no delineamento das mudanças operadas no decorrer do tempo. Os dados brutos, embora nos informem sobre a produção total do conteúdo nos quase 8 anos de vida do Nonada, não são de muita ajuda quando procuramos pelos deslocamentos e transformações. Estes sim são capazes de nos deixar entrever os valores que foram revigorados, abandonados e retomados com o passar dos anos. Afinal, é o movimento que torna presente a travessia⁴¹.

Analisar a série histórica das editorias nos permite perceber os deslocamentos operados pelo coletivo e que integram sua busca por permanecer atuante com o passar dos anos. O Nonada nasceu muito apoiado na veiculação de notícias e tornou a produção de resenhas uma das marcas mais singulares de seu conteúdo. Investiu na veiculação de coberturas nos primeiros anos, mas perdeu o fôlego ao enfrentar uma notável crise, forte o bastante para literalmente anular a produção de reportagens, e que ali permaneceu por quase dois anos (2013 e 2014). Para superar esse período, o coletivo se segurou na publicação de notícias (2013) e de resenhas (2014). Em 2014, a estratégia de produção passou a fortalecer o fluxo de entrevistas: estas vão encontrar seu maior número de publicação em 2015, assim como as resenhas. Em 2016 foi a vez de revitalizar a produção das reportagens – e de cultivar os artigos de opinião, de modo a torná-los tão presentes quanto aquelas. Praticamente abandonada a partir de 2014, em 2017 o coletivo retoma a produção de notícias de forma que elas alcançam, agora, os mesmos índices das resenhas – esta, aliás, uma editoria potente o bastante para atravessar com relativa firmeza os quase oito anos de vida do Nonada.

⁴⁰ Essa foi a data limite de coleta dos dados tanto no site quanto na *fanpage*.

⁴¹ O conceito de “Travessia” adotado pelo Nonada corresponde a experiência de vida e trabalho dos integrantes ao longo do tempo. Isso é demonstrado no decorrer da Tese.

PARTE 2

As pessoas

Quem são as pessoas que produzem os conteúdos publicados no Nonada? Essa seção se dedica a apresentação dos integrantes atuais e dos colaboradores. Os primeiros são apresentados em detalhe. Os últimos, por serem em grande quantidade, têm a atuação relatada por meio da produção de estatísticas, de forma a re-traçar sua atuação ao longo do tempo nos conteúdos do site.

2.1 Os integrantes

Para conhecer um pouco mais os integrantes atuais do Nonada, passo a detalhar alguns materiais que retornaram na busca pelo nome de cada membro no Google e, eventualmente, no LinkedIn e na Plataforma Lattes. O objetivo aqui é relatar pistas que sugeriram formação e trabalho e, talvez, indiquem espaços compartilhados de atuação estudantil ou profissional.

Posteriormente, apresento dados referentes a adoções ideológicas, afetos ou interesses pessoais, de modo a compreender quais laços aproximam cada um dos integrantes atuais às características do coletivo Nonada. Contudo, nesse caso não consegui dados de todos os 12 integrantes. De todo modo, penso que são registros importantes porque exprimem inclinações próprias de cada um, para além do exercício profissional necessário para seu sustento.

2.1.1 Trabalho e formação

Ananda Zambi veio de Maceió cursar jornalismo na UFRGS e deve concluir o curso em 2018. Estagiou na Câmara Municipal de Porto Alegre até 2016 e presumo que hoje ainda estagia no Departamento de Difusão Cultural da UFRGS⁴². Thayse Uchoa, assim como Ananda, deve se formar em jornalismo na UFRGS em 2018. Raphael Carrozzo concluiu a graduação (também em jornalismo) em Vitória, no Espírito Santo, e mora em Porto Alegre desde, pelo menos, o segundo semestre de 2015. Mantém um

⁴²Encontrei um release desse departamento indicando Ananda como contato para informações sobre o evento em questão (<http://www.jornalnopalco.com.br/2017/05/28/unimusica-apresenta-shows-gratuitos-de-zeca-baleiro-estrela-leminski-teo-e-alice-ruiz-nesta-semana-ingressos-a-partir-desta-segunda-dia-29/>)

blog de crítica de cinema⁴³ e, de acordo com seu perfil no Facebook (e com o do empresa), trabalhou como *social media* na Jazz Comunicação até junho de 2016. Também encontrei referência ao seu nome em um *release* divulgado no blog da empresa CoMusic no final de 2015, onde consta que Raphael trabalhou como operador de câmera. Formada na UFRGS em 2016, Iarema Soares é jornalista e acredito que trabalha como redatora na agência Voxx⁴⁴. Por alguns retornos da busca, acredito que Thayse e Iarema participam do movimento negro feminista.

Thaís Seganfredo, Rafael Gloria, Giulia Barão, Ananda Zambi, Glauber Cruz, Thayse Uchôa e Iraema Soares são ou foram estudantes de jornalismo na UFRGS. Giulia e Laura Galli também, contudo a primeira é formada em Relações Internacionais e graduanda em Letras, e a segunda é formada em História. Airan Albino, Priscila Pasko e Julia Manzano cursaram jornalismo na PUCR e formaram-se todos em 2014. Raphael, por outro lado, cursou jornalismo na FAESA, centro universitário localizado em Vitória/ES.

Atentando para a reicidência dos locais de trabalho/estágio, aparecem três espaços compartilhados, embora não necessariamente no mesmo período: Jornal do Comércio (Thaís, Rafael, Priscila e Iarema); Jornal da UFRGS (Thaís e Rafael); e o Departamento de Difusão Cultural, também da UFRGS (Giulia e Ananda). Quanto aos trabalhos remunerados atuais, Airan atua como diagramador na Uffizi Comunicação e Relacionamento e Julia é assistente de marketing na LAE Educação Internacional. Giulia e Rafael seguem o caminho acadêmico – ela é mestranda em Estudos Latinoamericanos em Salamanca/Espanha, e ele cursa o mestrado em Comunicação da UFRGS. Não consegui apurar informação relativa a qualquer trabalho atual nesses dois últimos casos.

Penso que, para além dos espaços de trabalho compartilhados, é importante seguir as marcas que nos falam sobre as práticas e experiências profissionais dos integrantes. Nesse sentido, levantei dados de Priscila Pasko, Iarema Soares, Airan Albino, Thaís Seganfredo e Rafael Gloria. Não consegui achar informações sobre os outros membros além das que já foram apresentadas.

Priscila é a integrante com mais experiência no mercado de trabalho. Ela trabalhou na BandNews⁴⁵, no Jornal do Comércio⁴⁶ e na Rádio Web⁴⁷. Também

⁴³<https://janelacinematografica.wordpress.com/>

⁴⁴Pistas dessa atuação são relatadas a seguir.

⁴⁵Cf em <https://www.coletiva.net/noticias/sergio-couto-estreia-no-comando-do-bandnews-3->

trabalhou como locutora e produziu conteúdo como *freelancer* para vários veículos, como a revista Voto⁴⁸ e a revista Vox⁴⁹. Há matérias assinadas por ela no conteúdo de divulgação da Feira do Livro de 2016⁵⁰. No YouTube, há um vídeo chamado “Escola de Poesia & Wole Soyinka”, postado no canal "Odisseia de Arte Channel" em 18/10/2017⁵¹ - na descrição, Priscila aparece como responsável pela pesquisa de imagens. A produção é da Escola de Poesia, projeto coordenado por Eliane Marques.

Priscila também é mencionada em matéria⁵² que divulga as premiações, no Ari de Jornalismo 2015, das reportagens produzidas pelo Extra Classe, jornal mantido pelo Sinpro/RS. A jornalista conquistou o primeiro lugar na categoria "Reportagem Cultural", com a matéria "Vida de artista na terceira idade"⁵³. Seu nome também foi indicado para a mesma premiação em 2013⁵⁴. Embora não tenha ganho, ela ficou entre os finalistas na categoria "Reportagem Cultural", com a série "Guardiões da Memória", publicada no JC.

Iarema Soares é referida nas edições 19 e 20 da revista Criare⁵⁵, uma publicação da Voxx Press Comunicações Ltda, como responsável pela “Redação, entrevistas e pesquisa”. Ela também participa da edição de 28/06/2018 da revista Noize, quando produziu a matéria de capa⁵⁶ da edição.

Airan Albino aparece como participante do elenco de um vídeo publicitário do iPlace. O vídeo foi postado no YouTube, no canal “Choise Atores e Modelos”, em 11/08/2017⁵⁷ O jornalista também disponibilizou um portfólio com vários trabalhos de diagramação feitos por ele – incluindo três edições da revista Papo Reto, da CUFA

edicao,168116.jhtml

⁴⁶Cf em <http://www.tve.com.br/2015/04/frente-a-frente-recebe-a-vice-presidente-do-club-de-editores-do-rs/>

⁴⁷Cf em <https://agenciaradioweb.com.br/agencia/>

⁴⁸Cf em <https://contactout.com/Priscila-Pasko-5471642>

⁴⁹Cf em <http://ielrs.blogspot.com/2013/08/>

⁵⁰Pelo que pude apurar nos levantamentos, as matérias de divulgação da Feira do Livro de Porto Alegre deixam de ficar acessíveis quando sobrevem a edição seguinte. Assim, só é possível rastrear esse material através de eventuais republicações em outros locais da web. No caso do trabalho de Priscila na edição de 2016, pude percebê-lo por meio de uma republicação em um blog. O texto, aliás, é uma cobertura do Sarau dos Não Lidos, encontro promovido pelo Nonada e integrante da programação da Feira do Livro de Porto Alegre de 2016. Cf em <http://cemanosdeitabuna.blogspot.com/2016/11/feira-do-livro-porto-alegre-os.html>

⁵¹Cf em <https://www.youtube.com/watch?v=lWB2xqxbndI>

⁵²Cf em <https://www.sinprors.org.br/comunicacao/noticias/extra-classe-e-triplamente-contemplado-no-premio-ari-de-jornalismo/>

⁵³Cf em <https://www.extraclasse.org.br/edicoes/2015/03/vida-de-artista-na-terceira-idade/>

⁵⁴Cf em <https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=142994>

⁵⁵Cf em <http://criaretijuca.com.br/revista-criare/>

⁵⁶Cf em <http://noize.com.br/noize-78-de-frente-com-deusa-uma-conversa-com-elza-soares/#1> e

⁵⁷Cf em <https://www.youtube.com/watch?v=4Sew5gtiMMI>

(Central Única das Favelas), uma edição do Primeiro Caderno do jornal Folha da Manhã (Famecos/PUCRS) e um relatório anual do TRI (sistema de Transporte Integrado da prefeitura de Porto Alegre)⁵⁸. Seu perfil na plataforma About.me não especifica onde e por quanto tempo ele trabalhou⁵⁹.

O nome de Thaís Seganfredo aparece em uma solicitação de entrevista a Milton Neves, publicada em 04/05/2018⁶⁰, onde ela informa ser jornalista da Revista Press. Outro registro informa que ela e Rafael Gloria são os jornalistas responsáveis pela Agência Gloria de produção de conteúdo⁶¹. O perfil de Thaís na plataforma About.me⁶², assim como o de Airan, não especifica sua experiência profissional – a única especificação é a que informa seu trabalho atual. Lá, podemos ler: “Nonada – Jornalismo Travessia”.

O portfólio de Rafael Gloria, na paleta “Trajetória”⁶³, traz informações que o rastreamento pelo Google não pôde especificar – por exemplo, sua atuação como *freelancer*. Só pela leitura das matérias assinadas não é possível dizer se aquele material foi produzido por um celetista ou por um *freelancer*. Esse tipo de informação é apurado, eventualmente, nos portfólios ou currículos disponibilizados na rede. Assim, o portfólio de Rafael esclarece:

Tem experiência em jornalismo impresso e digital, colaborando com periódicos como Correio do Povo, Jornal do Comércio e Jornal Metro. Também tem vasta experiência na cobertura cultural, sendo editor-fundador do site Nonada - Jornalismo Travessia e do Zine Travessias, publicação destinada a traçar perfis jornalísticos. Apresentou programas de rádio na Ipanema, Rádio Estação Web e na Mínima.fm. Também foi o responsável pelas reportagens e textos da publicação RUA SETE, do Santander Cultural, assim como um dos idealizadores do projeto editorial.

A procura por Rafael Gloria aponta sua atuação como integrante da assessoria de imprensa da Feira do Livro de Porto Alegre em 2017⁶⁴, e como repórter (pelo portfólio, sabemos que em regime de *freelancer*) do Jornal do Comércio na edição de 2013 do mesmo evento⁶⁵. Em 2014, uma matéria veiculada no JC informa sobre o lançamento do programa de rádio GameRS. Veiculado na Mínima.fm, a execução do projeto é de

⁵⁸Cf em <https://issuu.com/airanalbino>

⁵⁹Cf em <https://about.me/airanalbino>

⁶⁰ Cf em <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/seco-pra-voce/seco-pra-voce-palmeiras-nota-8-4-7-e-chega-fundo-dis>

⁶¹Cf em <https://www.clippings.me/users/agenciagloria>

⁶²Cf em <https://about.me/thais.seganfredo>

⁶³Cf em <https://www.rafaelgloria.info/trajetoria>

⁶⁴Cf em <http://www.osul.com.br/comeca-feira-do-livro-de-porto-alegre/> e <https://g1.globo.com/rs-rio-grande-do-sul/noticia/feira-do-livro-inicia-montagem-da-estrutura-no-centro-de-porto-alegre.ghtml>

⁶⁵Cf em <http://coletiva.net/noticias/2013/10/jc-inicia-cobertura-da-feira-do-livro-nesta-sexta-feira/> e <https://www.jornaldocomercio.com/acontecendo/reporter-vira-pauta-por-um-dia/>

Rafael Gloria e Lucas Molina⁶⁶. Há onze edições do programa disponibilizadas no canal GameRS no YouTube⁶⁷. Aliás, o Nonada estabeleceu parceria com o Game RS em uma matéria divulgada em nonada.com.br no dia 2 de setembro de 2014⁶⁸, onde Rafael Gloria informa que o conteúdo do programa passa a ser compartilhado no site em formato de texto. Finalmente, há um conteúdo publicado na Coletiva.net em 2012 citando Rafael Gloria e Guilherme Machado como produtores da Revista Segundo Controle que, assim como o Game RS, é voltada para a cobertura de jogos⁶⁹.

Em busca de informações que me auxiliassem a entender como Laura Galli chegou até o Nonada, recorri ao buscador do Google e usei como parâmetro as expressões “Laura Galli” + “Nonada”. Entre os oito resultados, um deles foi o Trabalho de Conclusão de Curso de Douglas Freitas⁷⁰. Douglas é colaborador do Nonada, seja publicando textos, seja acompanhando algum integrante da equipe como fotógrafo. Além disso, Douglas integrava a equipe da extinta Revista Bastião, um veículo parceiro do Nonada. No TCC, elaborado para o curso de Jornalismo da UFRGS e depositado no final de 2017, o nome de Laura aparece entre os agradecimentos.

A pesquisa pelo nome de Laura na plataforma LinkedIn retornou um perfil chamado “Laura Spritzer Galli”⁷¹, historiadora formada na UFRGS e mestranda do PPG em História da mesma instituição. O currículo indica a passagem de Laura, em 2010, pelo projeto Unimúsica, do Departamento de Difusão Cultural da UFRGS – um local por onde circularam também Giulia Barão e Ananda Zambí, mas em datas diferentes.

A referência ao mestrado me fez buscar o currículo lattes de Laura⁷² e lá soube que ela concluiu tanto o bacharelado (2013) quanto a licenciatura (2015). Um detalhe que chama a atenção é o título da Dissertação, que aponta para uma discussão sobre as relações sociais no carnaval de rua de Porto Alegre. Tal observação é interessante na medida em que o carnaval foi o objeto da primeira matéria escrita por Laura para o Nonada. Além disso, tanto o TCC do bacharelado quanto o da licenciatura aborda o tema “mulheres”, outro assunto basilar na pauta atual do Nonada.

Glauber Cruz publicou 3 vezes no site e em todas elas com marcador próprio – ou seja, ele nunca publicou sob “Por Colaborador”. As matérias foram postadas em

⁶⁶Cf em <https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=170743>

⁶⁷Cf em <https://www.youtube.com/channel/UC-vbivtNxcu8uZObIgMzn2A>

⁶⁸Cf em <http://www.nonada.com.br/2014/09/toren-uma-jornada-de-crescimento-dentro-e-fora-do-jogo/>

⁶⁹Cf em <http://coletiva.net/noticias/2012/11/jogos-digitais-e-o-foco-da-revista-segundo-controle/>

⁷⁰<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/177691/001063078.pdf?sequence=1>

⁷¹<https://www.linkedin.com/in/laura-spritzer-galli-6291b052/>

⁷²<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4338101D8>

2018, nos dias 6 e 23 de fevereiro e em 14 de maio, e todas foram tageadas com “cultura negra”. A busca por informações sobre esse integrante retornou com poucos resultados. Acabei sabendo somente, graças ao seu perfil no Facebook⁷³, que Glauber é estudante de jornalismo na UFRGS desde 2015 e atualmente é estagiário na UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

2.1.2 Os integrantes na rede

Até aqui, apresentei os dados referentes aos espaços de formação e trabalho de cada integrante. Agora, trato daqueles integrantes⁷⁴ que, além das informações profissionais e estudantis, aparecem em outros espaços da web – como fontes de reportagens ou como autores de artigos científicos, por exemplo. O gosto pessoal de cada um é aí delineado de uma forma mais clara e penso que rastrear seus interesses é importante para compreender o que os atraiu e os manteve atuando no Nonada.

Eventuais cursos oferecidos pelos integrantes também são descritos aqui, porque entendo que são fruto de interesses pessoais e não de uma relação de trabalho que tenha como único objetivo “pagar as contas”. Ao voltar os olhos para os temas abordados em tais aulas, esses integrantes exprimem, sobretudo, um interesse pessoal. Além dos cursos, também são relatadas participações em eventos, como palestras e mesas de debate. Ao fim e ao cabo, a atuação dos integrantes do Nonada exprime suas escolhas, seus gostos, suas bandeiras – e esses encontros muitas vezes derivam da experiência como integrantes do Nonada, embora nem sempre a divulgação dos eventos faça referência a sua ligação com o coletivo.

Julia Manzano aparece como co-autora em três artigos científicos divulgados entre 2011 e 2012. Na revista *Interin*⁷⁵, ela publicou “Imprensa das colônias de expressão portuguesa: Visão de conjunto”, em parceria com Antonio Hohlfeldt, Caroline Corso de Carvalho e Júlia Pereira Tarragó. Outro artigo divulgado em 2011 foi “O cinema brasileiro nas páginas de Movimento: autonomia da indústria nacional e defesa da cultura popular”⁷⁶, também em co-autoria com o professor Antonio Hohlfeldt, dessa vez na revista *Famecos*. Finalmente, em nova parceria com Antonio Hohlfeldt, e Elisa Casagrande, em 2012 ela publica o artigo “A América Latina nos jornais brasileiros

⁷³<https://www.facebook.com/glaubeercruz>

⁷⁴ Dentre os 12 integrantes, em três casos não consegui pistas para além das relatadas em “Trabalho e formação”: Raphael Carrozzo, Giulia Barão, Laura Galli e Glauber Cruz.

⁷⁵Cf em <http://www.redalyc.org/pdf/5044/504450765002.pdf>

⁷⁶Cf em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9469>

alternativos Opinião e Movimento (1972-1976)”⁷⁷ na revista Comunicação e Informação.

Julia publicou um texto sobre filmes de terror em 2013, no site Fila K⁷⁸. Em parceria com Felipe Iesbick, ela escreveu sobre filmes que abordam zumbis e elaborou uma lista das dez melhores produções sobre o tema. Em 2015, a jornalista volta a publicar um conteúdo⁷⁹ sobre filmes de zumbis: dessa vez, em parceria com Jeferson Arenzon e Jorge Quillfeldt, ela entrevista o crítico de cinema Carlos Primati.

Em 2013, Júlia aparece como fonte na matéria “Policiais sem identificação detêm alunos de Jornalismo da Famecos”⁸⁰, publicada no site EditorialJ. A matéria versa sobre a detenção de alunos da Famecos durante um protesto no Largo Zumbi dos Palmares, ocorrido em 2013. Júlia participou do ato e acabou sendo levada para a 3ª Delegacia de Polícia Civil. Ela teve sua câmera apreendida quando registrava a ação da polícia durante o protesto. A matéria informa que, na época, Júlia foi “acusada de ter depredado o patrimônio público na região da avenida João Pessoa, onde ela afirma não ter estado naquela noite”. Ainda de acordo com o texto, “Para Júlia, as redes sociais são a melhor forma de denunciar os casos de agentes da BM não identificados: 'A denúncia pelo Facebook é a forma mais eficiente”.

Júlia figura novamente como fonte em setembro de 2017, mas agora como crítica de cinema. Ela foi consultada sobre o filme “Mulher-Maravilha”, aliás uma produção que foi tema de uma resenha de sua autoria publicada no Nonada em junho do mesmo ano. Na matéria⁸¹, postada no site do jornal NH, ela afirma:

Ver que mulheres são fortes, que mulheres sabem lutar, que mulheres enfrentam os vilões sozinhas – papel que era sempre reservado aos homens – abre diversas portas no imaginário das pessoas. [...] A imagem do corpo feminino era sempre objetificada como algo ora desejável, ora proibido, ora ignorado. Já em Mulher-Maravilha nós vemos que o corpo dela é uma arma. A ideia de empoderamento através da luta é maravilhosa.

Ananda Zambi possui dois blogs, ambos inativos. O “Constant Day”⁸² funcionou apenas em 2009, entre agosto e dezembro, e versava sobre moda, filmes e música. Já o blog “Alegria de Segunda-feira”⁸³ teve sua primeira postagem em março 2009 e a

⁷⁷Cf em <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22492>

⁷⁸Cf em <http://www.filak.com.br/d7/comment/reply/772>

⁷⁹Cf em <http://frontdaciencia.blogspot.com/2015/05/zumbis.html>

⁸⁰Cf em <http://www.editorialj.eusoufamecos.net/site/acontece/policiais-sem-identificacao-detem-alunos-de-jornalismo-da-famecos/>

⁸¹Cf em https://jornalnh.com.br/_conteudo/2017/09/blogs/entretenimento/setima_das_artes/2166981-0-sucesso-de-mulher-maravilha.html

⁸²Cf em <http://constantday.blogspot.com/>

⁸³Cf em <http://anandazambi.blogspot.com/>

última, em setembro de 2014. Este blog parece ser mais pessoal do que o primeiro, registrando pensamentos e cenas da vida cotidiana que levam a autora a tecer considerações filosóficas sobre a vida.

O “Alegria de Segunda-feira” nos informa que Ananda é “alagoana de criação” e veio morar na capital gaúcha em fevereiro de 2013. Em 30/07/2013, Ananda postou o texto “Isso é preconceito?”⁸⁴, onde ela relata suas impressões quanto ao preconceito dos sulistas com relação aos nordestinos, e vice-versa. Assim, para os nordestinos, no Sul (“lê-se: de São Paulo pra baixo”) “todo mundo tem olho claro e é loiro. Onde a única coisa que se faz é tomar chimarrão, comer churrasco e dizer 'Bah, tchê!'. Onde não existe pobreza. Onde todo homem é gay. Onde todos são xenofóbicos e querem exterminar o que não é da tua terra”. Já os sulistas veem

[...] o Nordeste (lê-se: de São Paulo pra cima) como uma coisa só, uma cidade só: não existem nove estados, apenas infinitas praias, umas iguais às outras. Onde o que não é praia, é sertão. Onde não existe nenhum lugar alto, em que dá pra sentir frio. Onde todo mundo é baiano. Onde todo mundo é cabeça-chata e feio. Onde todo mundo é pobre e burro.

Entre um e outro emaranhado de preconceitos, Ananda relata como se sente com relação a eles, partindo de sua experiência como uma “alagoana de criação” morando, agora, em Porto Alegre:

O principal problema que tenho com esses estereótipos é em distinguir até onde é brincadeira e até onde é preconceito de verdade. Nunca havia sofrido preconceito na vida. Desde que cheguei já me senti, sim, ofendida algumas vezes (e a sensação é horrível). Mas não sei se é certo se sentir assim; não sei se brigo com todos, alegando que ninguém sabe nada ou se rio de tudo, sendo até capaz de engolir sapos; fico um pouco confusa.

Os resultados da pesquisa sobre Ananda também informam que ela é compositora e cantora. Possui uma conta no Soundcloud⁸⁵ onde postou nove faixas com músicas suas. Em outubro de 2017, Ananda foi uma das compositoras/criadoras que participaram do festival internacional “Sonora - Ciclo Internacional de Compositoras”⁸⁶, ocorrido em Porto Alegre.

Thayse Uchôa foi aluna do Emancipa, curso pré-vestibular que tem como objetivo “a conquista de vagas na Universidade para estudantes negros e de escola pública”⁸⁷. Ela é citada como uma das alunas que ingressou em uma universidade pública, aparecendo como aprovada no curso de Relações Públicas da Unipampa em

⁸⁴Cf em <http://anandazambi.blogspot.com/2013/07/isso-e-preconceito.html>

⁸⁵Cf em <https://soundcloud.com/ananda-zambi>

⁸⁶Cf em <http://grcportoalegre.com/sonora-tem-sua-segunda-edicao-em-porto-alegre/>

⁸⁷Informação na paleta “sobre” da *fanpage* do Emancipa.

2013⁸⁸.

Em setembro de 2016 Thayse é citada como fonte em “Pretagô em cena: a representatividade dos atores negros”⁸⁹, matéria jornalística que versa sobre o grupo de teatro Pretagô. O texto explica que Thayse, embora tenha pouca disponibilidade de horários, procura acompanhar as atuações do grupo porque participar “de eventos que tenham negros atuando” faz com que se sinta representada, além de acreditar que sua presença é “uma forma de incentivo”. A matéria traz uma citação direta, onde Thayse afirma: “Para mim, é muito importante ver essas pessoas ocupando um lugar de fala, seja na universidade ou nos palcos. Nós, negros, sabemos o quanto nossa presença impacta quando assumimos uma posição de protagonismo”.

Iarema Soares foi oradora, junto com Gabi Paula, na formatura da turma de Comunicação Social da UFRGS 2015/2. O discurso foi filmado e o vídeo postado no canal "Leonardo Baldessarelli", no YouTube, em 01/03/2016⁹⁰. As oradoras ressaltam o fato de ser aquela a última turma formada em Comunicação Social, tendo em vista a mudança curricular "verticalmente" instituída pelo Ministério da Educação, extinguindo o curso de Comunicação Social e criando o curso de Jornalismo (mudança que passou a ser obrigatória em todos os cursos de graduação do país no primeiro semestre de 2016). As oradoras falam, ainda, sobre a crise no mercado de trabalho e na vida dos jornalistas. Iarema afirma:

Em um cenário onde somos cada vez menos jornalistas, em uma realidade em que atuamos nas mais diversas frentes de comunicação, é imprescindível que tenhamos uma integração ampla com as outras áreas. São essas áreas que tem acolhido os profissionais submetidos à inúmeros passaralhos em redações de todo o país, demissões que sobrecarregam os jornalistas e difundem o padrão do profissional multimídia como algo indispensável ao novo jornalismo – quando na verdade essa prática mascara o acúmulo de funções que desvaloriza ainda mais a categoria.

Iarema comenta sobre a força da reportagem como forma de denunciar injustiças sociais, e caracteriza o jornalismo como “uma atividade que tem o potencial de ecoar vozes e dar visibilidade aos marginalizados”, possibilitando a seus profissionais “o exercício de olhar o outro”. E interroga: “Se, enquanto jornalistas, não formos capazes de questionar nossa sociedade e contribuir para a sua transformação, qual é o sentido dessa profissão?”.

As oradoras também abordam o feminismo e problematizam a

⁸⁸Cf em <https://redeemancipa.org.br/2013/02/parabens-aos-192-estudantes-da-rede-emancipa-aprovados-nas-universidades/>

⁸⁹Cf. em <http://www.betaredacao.com.br/pretago-em-cena/>

⁹⁰Cf em <https://www.youtube.com/watch?v=wS0NR5mWDdY>

representatividade negra na academia. Nesse sentido, Iarema ressalta que, embora a maioria da população brasileira seja negra, são poucos os negros que conseguem chegar ao ensino superior – por conta do racismo e das inúmeras violências e humilhações sofridas por eles no decorrer da vida. A população negra ainda “tem sua estética menosprezada, sua mão de obra depreciada e sua juventude dizimada” e, portanto, esses problemas ainda precisam ser superados.

A jornalista aparece como fonte na reportagem “Negra, crespa e empoderada”⁹¹, que fala sobre a luta das novas gerações de mulheres negras contra o racismo e a desigualdade de gênero. Ali, Iarema relata sua trajetória pessoal no empoderamento negro feminino. Publicado em julho de 2016, o texto conta que

Os fios alisados fizeram parte da sua vida dos seis aos 22 anos e, ao longo desse tempo, foi preciso vestir diferentes armaduras para ser aceita e respeitada pelos colegas. Ser a mais inteligente da turma era um dos conselhos dados por sua mãe, que lhe ensinava: você precisa ser, no mínimo, duas vezes melhor que os colegas, pois a cor da sua pele cria uma barreira.

Iarema explica que essa era uma forma de autoafirmação, na medida em que assim ela “não ficava por baixo”, se sentia valorizada, e era respeitada pelos colegas. Seu ingresso no movimento negro veio depois de uma experiência de intercâmbio na Irlanda. Isso porque, ao viver fora do país, Iarema sentiu falta dos produtos que usava para alisar os cabelos. Ao buscar informações online sobre técnicas de alisamento, ela passou a acompanhar vlogueiras⁹² que discutiam moda e feminismo. Esse foi o início de uma “fase de descobrimento”. Assim, “Ao retornar ao Brasil, percebeu que, além de um discurso de combate ao racismo, deveria ter mais poder sobre si e assumir uma estética negra de resistência”. Sobre o processo de transição capilar, Iarema conta:

Fui cortando meu cabelo e me descobrindo. Hoje percebo que isso estragou toda uma infância linda que eu poderia ter tido, porque eu não gostava da minha imagem. Quando vejo as guriazinhas alisando o cabelo, percebo que a gente precisa muito de representatividade.

Os resultados da busca por “Iarema Soares” trazem ainda duas participações suas em eventos. Um deles⁹³ foi organizado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, e contou com a participação de três mulheres negras graduadas em Comunicação - Iarema foi uma delas. O encontro, intitulado “Roda de Conversa: Empoderamento Negro Feminino & Comunicação”, aconteceu no dia 10/05/2017 no prédio da Reitoria da UFRGS. O outro foi a mesa “Que Produção É essa que Está Sendo Chamada Literatura

⁹¹Cf em https://issuu.com/camila.oliveira/docs/revista_ceos_n_2_final_bx/46

⁹² Blogs cujo conteúdo predominante não é o texto, mas o vídeo.

⁹³Cf em <https://www.facebook.com/events/1338191169594474/>

Negra?”⁹⁴, ação que integrou o 3º Encontro de Escritores Negros do Rio Grande do Sul, ocorrido em Porto Alegre nos dias 4 e 5 de novembro de 2017. Nele, Iarema participou da discussão como “pesquisadora e jornalista”, ao lado dos escritores Ana dos Santos, Luiz Maurício de Azevedo e Oscar Henrique Marquese. Entre os resultados da busca há, ainda, um agradecimento à Iarema, feito pelas professoras coordenadoras em um relato do evento “Enegrecer as ideias e os corações”⁹⁵, promovido e executado no IFRS-campus Porto Alegre em outubro de 2017.

Thaís Seganfredo aparece em um post do grupo Gemis⁹⁶, publicado em agosto de 2016. O texto critica o assédio à repórter da Zero Hora Nathália Carapeços durante o protesto “Atocha Olímpica”, promovido por integrantes do movimento Ocupa Minc. A ideia era promover uma manifestação contra os jogos olímpicos no país, e o material de divulgação do protesto informava que os organizadores iriam comparecer com figurinos que “escrachassem” os atletas – de preferência, com roupas alusivas à troca de gênero, dando como exemplo a roupa de banho feminina (“maiôs”). O post do Gemis descreve a intervenção de Thaís Seganfredo e de Débora Fogliatto (integrante do Gemis) junto aos organizadores do ato. Elas questionaram o “quão revolucionário” é um ato onde homens usam trajes femininos para protestar, reforçando assim uma visão caricata das mulheres desportistas. A argumentação ainda sustentou que “As atletas sofrem com a opressão de gênero no esporte e na mídia, tendo seus corpos sexualizados, seu rendimento ignorado, seus salários diminutos em comparação aos homens (entre os 100 atletas mais bem pagos do mundo, há apenas duas mulheres)”.

O Trabalho de Conclusão de Curso⁹⁷ de Thaís Seganfredo, defendido em 2016, foi intitulado “Uma outra cultura é possível: o jornalismo cultural alternativo do Brasil de Fato”. Nele, ela agradece “Às jagunças e jagunços do Nonada - Jornalismo Travessia, pela amizade e por seguirem comigo na luta por um jornalismo cultural alternativo cada vez mais consciente e problematizador”, e também “Ao Rafael, por dar início a tudo

⁹⁴Cf em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2017/11/encontro-debate-presenca-negra-na-literatura-cj9kikrnx0gyq01lcnqni9w.html>

⁹⁵Cf em https://www.poa.ifrs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2556

⁹⁶O texto foi republicado no site do Nonada, em 10/08/2016. Como a postagem original (no blog do Gemis) está com problemas no acesso, indico o link para a republicação: <http://www.nonada.com.br/2016/08/coluna-gemis-engracado-para-quem-o-protesto-atocha-olimpica-e-omachismo-da-esquerda/>

⁹⁷Cf <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=12&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj-mqjf447VAhVBTJAKHQ2BakQFghMMAs&url=https%3A%2F%2Fwww.lume.ufrgs.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F10183%2F157366%2F001013388.pdf%3Fsequence%3D1&usq=AFQjCNEjmQfsk3vOB19qKvGPKAeHpY8Y2A> em

isso e dividir comigo as horas mais desafiadoras e bonitas desta travessia”. O trabalho analisa a cobertura cultural do Brasil de Fato, e seu resumo explica que

O jornalismo dito alternativo, cujo reconhecimento se consolidou durante a resistência à ditadura militar, ressurgiu nos últimos anos, abordando pautas progressistas e alinhadas à esquerda. Tendo como perspectiva uma visão política sobre a cultura, sua função social e as representações acerca da sociedade, procurou-se analisar os principais temas encontrados na editoria de cultura do jornal, a fim de descobrir como um veículo alternativo aborda matérias culturais.

Thaís Seganfredo figura, ainda, como uma das apoiadoras de uma carta⁹⁸, redigida pela Setorial Nacional Ecosocialista do PSol. O documento é intitulado "Carta por uma Candidatura Indígena, Anticapitalista e Ecosocialista à Presidência do Brasil" e formaliza o registro de Sônia Guajajara à pré-candidatura presidencial no partido. O texto explica que Sônia é coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, e foi divulgado no site do PSol em 02/02/2018. Como as subscrições ao texto são divididas em duas partes, uma com os nomes dos filiados e outra com os nomes dos apoiadores, presumo que Thaís não seja filiada, mas somente apoia a pré-candidatura.

Outro documento que integra os resultados da busca por “Thaís Seganfredo” é a página do evento “Freenet: Até onde vai sua liberdade na internet?” no Facebook⁹⁹, divulgando a projeção do filme “Freenet” e o debate subsequente. Partindo da ideia de que, na internet, somos consumidores e cada vez mais também produtores, o documentário discute os conceitos de liberdade e anonimato na rede, problematizando o uso dos dados dos usuários, as possibilidades de acesso e a privacidade. Thaís é uma das debatedoras, ao lado de Chico Prates Jr (Partido Pirata do Rio Grande do Sul), Gabriel Galli (co-fundador do Freeda – Espaços de Diversidade e membro do Fórum Internacional Software Livre), Vagner Ribas e Joel Grigolo (do Hackerspace Matehackers) e Sheila Uberti (FotoLivre.org).

O nome de Airan Albino apareceu em várias matérias jornalísticas¹⁰⁰ que divulgavam a exibição do filme “O Caso do Homem Errado”. A história versa sobre a execução de Júlio César de Melo Pinto, assassinado pela Brigada Militar em Porto Alegre em 1987. O caso ficou famoso quando a imprensa divulgou fotos que mostravam o operário vivo entrando na viatura e, pouco mais de meia hora depois, seu

⁹⁸Cf em <https://www.psol50.org.br/wp-content/uploads/2018/02/Carta-de-apresentacao-ao-PSOL-para-registro-da-pre-candidatura-de-Sonia-Guajajara-a-presidencia-do-Brasil.pdf>

⁹⁹Cf em <https://www.facebook.com/events/797332293701655/>

¹⁰⁰Cf, por exemplo, a matéria divulgada no site do jornal Correio do Povo em <https://www.correiodopovo.com.br/ArteAgenda/Variedades/Cinema/2018/3/645513/Documentarios-que-focam-questoes-sociais-entram-em-cartaz-nesta-quinta>

corpo ser desembarcado no hospital morto a tiros. O documentário entrou em cartaz no início de 2018. Nas matérias, Airan é mencionado como o jornalista mediador do debate subsequente à sessão de estreia promovida pelo CineBancários. Quase um ano antes, em 16/05/2017, Airan publicou uma cobertura/resenha do pré-lançamento do filme no site do Nonada¹⁰¹.

A reportagem “Em protesto, estudantes bloqueiam Reitoria da UFRGS”¹⁰², publicada no jornal Zero Hora em 07/03/2018, traz Airan como uma das fontes. O tema eram os efeitos da reunião entre a reitoria da UFRGS e o movimento negro, onde estava sendo discutida uma nova metodologia para a verificação da autodeclaração de raça na disputa pelas vagas cotistas na universidade. A matéria explica: “O principal ponto da discórdia é que, com o novo regramento, o aluno poderá ser considerado negro e ingressar como cotista caso apresente documentação demonstrando que pais ou avós são pretos ou pardos”. O movimento negro, contrário à mudança, afirma que o racismo é direcionado àquele que carrega no corpo as marcas da negritude e que, por isso, é injusto que as cotas contemplem quem, embora seja descendente de negros, apresenta um fenótipo branco. Durante a reunião, o movimento negro organizou uma aula aberta em frente à Faculdade de Educação, no campus central da UFRGS em Porto Alegre. Uma das pessoas que assistiam a aula era Airan, que declarou: “É dever de quem está aqui se opor ao que a UFRGS está promovendo. Ela está tentando embranquecer a universidade”.

No final de 2017 Airan publicou dois artigos na coluna “Lado Negro”, no site “Voz – Pessoas no Plural”¹⁰³. Sua descrição como autor indica que ele, além de ser jornalista formado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, também “É especialista em Jornalismo Digital pela Pucrs. Tem cursos de extensão na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sobre Literatura Afro-Americana e sobre Escritores Negros”. A primeira postagem foi feita em 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Intitulada “Consciência e invisibilidade Negra”, nela Airan argumenta que há um apagamento proposital dos nomes de pessoas que fizeram a história do movimento negro. Para além de Zumbi dos Palmares, há muitos

¹⁰¹Cf em <http://www.nonada.com.br/2017/05/o-caso-homem-errado-expoe-o-genocidio-de-jovens-negros-no-brasil/>

¹⁰²Cf em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/03/em-protesto-estudantes-bloqueiam-reitoria-da-ufrgs-cjehqqr3j014t01r4nd5z3dpek.html>

¹⁰³Cf em <https://vos.social/colunas/lado-negro/>

homens e mulheres que lutaram contra as opressões sofridas pela negritude – mas tais nomes não são divulgados como merecem. Ao expor suas ideias, Airan afirma:

Sou de Porto Alegre, nascido e criado, e só em 2015 passei a conhecer eventos de identidade e resistência do povo negro da cidade. **Porto Alegre é uma cidade com uma segregação absurda.** Todos nós, moradores da Capital, sabemos disso. No momento em que falamos os nomes dos bairros Moinhos de Vento e Restinga, conseguimos enxergar a cor dos moradores. Conseguimos fazer as associações de branco e negro; rico e pobre; central e periférico; bom e ruim; organizado e bagunçado; limpo e sujo. E fazemos isso sem esforço nenhum, “é natural”. [Grifos do autor].

O segundo artigo de Airan publicado na coluna “Lado Negro” é “Padrão e Segmento”. Ele versa sobre séries online e aborda a identificação dos espectadores com a cor dos personagens. A argumentação expõe o preconceito que habita a ideia de que negros só se interessam por produções que trazem personagens negros. Depois de apontar o próprio interesse nas produções ou temporadas que trazem personagens negros, Airan provoca:

Mas então, eu era o cara chato que só gostava das séries que tinham negros? Sim, porque isso realmente acontecia; e não, porque eu não estava fazendo nada de diferente dos meus amigos brancos. Assim como toda pessoa branca se identifica com personagens brancos, eu, negro, me identificava com os personagens negros. O grande problema dessa comparação é como nos é apresentada essa identificação: o branco é o padrão, e o negro é o segmento. É pesado e triste perceber isso.

Em 28/11/2015, Airan conduziu a “Conversa aberta com Airan Albino – Jornalismo independente e Cultura Negra”, durante a realização da quarta edição do evento “Fugere Urbem”¹⁰⁴, no Vila Flores. Achei registro de uma matéria, divulgada no jornal Zero Hora, com o título “Projeto Vuelta al Mundo, no Vila Flores, realiza evento com temática sobre a Consciência Negra”, mas infelizmente ela não está mais acessível.

Os últimos registros da busca por Airan Albino são referentes à revista Bandeiras, um projeto desenvolvido por ele e outros colegas que foi premiado no 27º SET Universitário da Famecos/PUCRS. A publicação, vencedora na categoria “Publicação Impressa – Revista”, foi postada por Airan em sua conta no Issuu¹⁰⁵, e a premiação foi divulgada no Coletiva.Net¹⁰⁶ em 25/09/2014.

A busca pelo nome de “Priscila Pasko” retornou com um grande número de resultados. Ela é a integrante mais velha do Nonada, possui longa experiência como *freelancer* e, ultimamente, tem participado de muitos eventos – como mediadora, palestrante ou proponente de cursos.

¹⁰⁴Cf em <https://vilaflores.wordpress.com/2015/11/25/fugere-urbem-iv/>

¹⁰⁵Cf em <https://issuu.com/airanalbino/docs/bandeiras>

¹⁰⁶Cf em <http://coletiva.net/noticias/2014/09/mostra-competitiva-reconhece-producao-academica-em-comunicacao/>

A jornalista teve o blog¹⁰⁷ “Por uma linha que caiba”, hoje desativado, com publicações de 2012 até 2015. Espaço de escrita ainda ativo – além do Veredas – é o tumblr de Priscila¹⁰⁸, “Parece a vida mas é real” onde ela escreve habitualmente desde outubro de 2014.

Priscila aparece como fonte em uma matéria divulgada em junho de 2015¹⁰⁹, que versa sobre “As vantagens do Home Office”. Lá, ela é descrita como um exemplo de profissional que investiu no trabalho autônomo produzido a partir de casa. Assim, Priscila organizou uma estação de trabalho em seu apartamento, embora suas reuniões aconteçam no espaço urbano externo, como em cafés, ou então no escritório dos clientes. Como vantagem do *home office*, a matéria destaca a flexibilidade do horário de trabalho e a redução de custos quando comparado à organização da estação de trabalho em uma sala comercial. Como desvantagem, aponta para a linha tênue que separa o trabalho da vida privada quando aquele é executado em casa. Outra desvantagem seria a solidão: “Priscila lamenta a falta de colegas. Segundo ela, 'mesmo que você passe o dia em contato no MSN e no Gtalk (mensageiros instantâneos), não é a mesma coisa'. A jornalista aproveita quando sai para produzir matérias para conversar pessoalmente”.

Priscila participa como autora no livro “Novas Contistas da Literatura Brasileira”, publicado pela editora Zouk em 2018. Contudo, não consegui apurar o título do conto produzido pela jornalista – somente a descrição do livro, no site da editora¹¹⁰.

Em uma nota divulgada no jornal Jornalistas & Cia¹¹¹, na edição de 16 a 22 de maio de 2018, há uma referência ao curso “Hora da Chamada! As escritoras na sala de aula”, ministrado por Priscila na FestiPoa Literária. Voltado aos professores do Ensino Fundamental II e do Médio, “O encontro tem como objetivo reivindicar espaço das mulheres na história, no mercado editorial, nas premiações, na academia e em festivais literários”.

No Guia oficial da Feira do Livro de Porto Alegre¹¹², de 2017, Priscila aparece em duas atividades: "Conceição Evaristo: A palavra como herança, mesa-redonda com a autora, Priscila Pasko e Luiz Maurício Azevedo" e "Ó mãe, me diz o que é ser feminina! - Protagonismo das mulheres na literatura. Participantes: Moema Vilela, Priscila Pasko e

¹⁰⁷Cf em http://lounge.obviousmag.org/por_uma_linha_que_caiba/

¹⁰⁸Cf em <https://pareceavidamasereal.tumblr.com/>

¹⁰⁹Cf em <http://www.empreendedoresweb.com.br/vantagens-do-home-office/>

¹¹⁰Cf em <http://www.editorazouk.com.br/pd-5787d6-novas-contistas-da-literatura-brasileira.html>

¹¹¹Cf em <http://www.jornalistasecia.com.br/edicoes/jornalistasecia1153rn16.pdf>

¹¹²Cf em http://hannahbeineke.com/wp-content/uploads/2017/10/GUIA3_Final.pdf

Natália Borges Polesso. Mediação: Christina Dias. Promoção: Associação Gaúcha de Escritores – AGES".

Os resultados da pesquisa por Priscila Pasko informam também sobre outros encontros em que ela participou – como mediadora, debatedora ou ministrante. Assim, sabemos que em março de 2018¹¹³ houve um encontro chamado “Literatura de autoria de mulheres – da escrita à leitura: Entre conversas e leituras”, ministrado por Priscila e promovido pela Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. A matéria do Sul21 informa que a trajetória da jornalista no blog Veredas foi o “fio condutor” do curso. O texto descreve Priscila como “jornalista e escritora. Idealizadora e editora do blog Veredas (nonada.com.br/veredas), espaço que discute e divulga a literatura produzida por mulheres, que pertence ao site Nonada – Jornalismo Travessia”. Informa também que ela “Integra o Grupo de Pesquisa Permanente em Literatura de Autoria Feminina de Porto Alegre, coordenado pela escritora Lélia Almeida. Também integra a coletânea 'Novas contistas da literatura brasileira' (Editora Zouk), a ser lançada em março de 2018”. Ainda em março de 2018, um release¹¹⁴ divulga a programação do evento 6º Sesc Mulher, que prevê a participação de Priscila como mediadora da mesa "Prosa em pauta", com a participação das escritoras “Valesca de Assis, Patrona da Feira do Livro de Porto Alegre 2017 e Renata Wolff, finalista no Prêmio Jabuti com o livro Fim de Festa”. Outro release¹¹⁵ publicado em março de 2018 - agora no site da Câmara do Livro - divulga o encontro “Tessituras”, promovido pela Câmara Rio-Grandense do Livro em parceria com o IFRS-campus Restinga. A aula "Literatura de autoria feminina, com a jornalista Priscila Pasko" integra o programa do curso, assim como a de "Sensibilidade e vozes ao narrar uma história", ministrada pelo Nonada.

Em setembro de 2017, o site do IFRS-campus Porto Alegre publicou um release¹¹⁶ do “Enegrecendo Setembro”. O evento contou com a participação de Priscila e de Jefferson Tenório na apresentação da obra de Cidinha da Silva, e “a discussão girou em torno dos temas resistência, representatividade e autorreconhecimento identitário da população negra e não-negra”. Uma matéria divulgada no site do jornal No Palco¹¹⁷, também em setembro, aborda a mesa redonda com a autora Conceição Evaristo, que

¹¹³Cf em <https://guia21.sul21.com.br/livros/biblioteca-publica-do-rs-promove-encontro-sobre-literatura-de-autoria-de-mulheres-com-jornalista-priscila-pasko/>

¹¹⁴Cf em <https://www.sesc-rs.com.br/noticias/60-sesc-mulher-movimenta-porto-alegre-com-atracoes-culturais/>

¹¹⁵Cf em http://www.camaradolivro.com.br/noticias_det.php?id=396

¹¹⁶Cf em http://poa.ifrs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2539

¹¹⁷Cf em <https://www.jornalnopalco.com.br/2017/09/13/mesa-redonda-com-a-escritora-mineira-conceicao-evaristo-aborda-a-palavra-como-heranca-na-feira-do-livro-de-porto-alegre/>

contou com mediação de Priscila. O encontro integrou a Feira do Livro de Porto Alegre em 2017. Em maio do mesmo ano, há uma referência¹¹⁸ à palestra "Mulheres que escrevem sobre mulheres: a criação de uma linhagem na literatura de autoria feminina", ministrada por Priscila no Clube de Leitores. Na postagem, que conta com uma pequena entrevista com Priscila, a jornalista afirma que “Por pressão — e apenas por pressão — de diversos grupos e iniciativas que exigem maior representatividade de escritoras (incluindo aqui autoras negras, por exemplo), enxergamos uma pequena mudança”. Em abril, Priscila é novamente referida na imprensa¹¹⁹, agora como homenageada, na Semana do Livro, pelo trabalho desenvolvido no Veredas. Os homenageados pela Câmara Rio-Grandense do Livro são descritos como Amigos do Livro, ou seja, “profissionais e organizações com trabalho de destaque na literatura no ano anterior”. A cerimônia aconteceu no dia 25 de abril. Em maio de 2017, Priscila foi convidada para ministrar uma aula na disciplina Estudos Culturais, no curso de Letras da Uniritter, que tem como professora titular Fernanda Oliveira¹²⁰. Na aula, intitulada “Veredas além do cânone: a literatura de autoria feminina abrindo espaços nas estantes”, Priscila questionou os alunos sobre as mulheres que eles já haviam lido e se conheciam escritoras negras gaúchas. Também falou sobre a importância da atuação de editoras como a Editora Mulheres e sobre o conceito de genealogia na literatura de autoria feminina, desenvolvido pela professora Lélia Almeida – aliás, no mês anterior a jornalista já havia oferecido palestra abordando a genealogia na literatura de autoria feminina no Clube de Leitores¹²¹. Também em abril, Priscila mediou debate sobre o filme “Martírio”¹²², que ocorreu logo após a exibição. O filme aborda a luta dos Guarani e Kaiowá pela retomada de seus territórios. A atividade aconteceu no CineBancários e contou com a participação do co-diretor Ernesto de Carvalho e do indigenista José Otávio Catafesto de Souza. Outro evento divulgado¹²³ em abril foi o minicurso “As personagens femininas em 'O Tempo e o Vento'” ministrado por Lélia Almeida e Priscila Pasko no Centro Cultura CEEE Érico Veríssimo. Em março, Priscila participou pela

¹¹⁸Cf <https://www.facebook.com/clubedeleitores/photos/a.1157040554425000.1073741828.238764106252654/1193144284147960/?type=3> em

¹¹⁹Cf em http://www.camaradolivro.com.br/noticias_det.php?id=369

¹²⁰Cf em <https://www.uniritter.edu.br/noticias/noticias/veredas-alem-do-canone-a-literatura-de-autoria-feminina-em-destaque-na-uniritter>

¹²¹Cf em <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/11/porto-alegre-ganha-novo-espaco-para-cursos>

¹²²Cf em <http://cinebancarios.blogspot.com/2017/04/martirio-chega-ao-cinebancarios-e-ganha.html>

¹²³Cf em <https://br.eventbu.com/porto-alegre/as-personagens-femininas-em-o-tempo-e-o-vento-de-everissimo/2022216>

primeira vez do evento Sesc Mulher¹²⁴ – naquele ano, em sua quinta edição. A “jornalista e autora” mediou a mesa “Poesia em Pauta”, que contou com a participação de Eliane Marques e Maria Capri – duas autoras consagradas com o Prêmio Açorianos de Literatura. Outra matéria que divulga o evento foi publicada no site do jornal Correio do Povo¹²⁵, na mesma data. Dessa vez, o texto indica que “também escritora, Priscila Pasko tem se dedicado, nos últimos anos, à questão do espaço das mulheres na literatura, por isso foi destinada pela organização do evento para estar presente nesta atração”. Contudo, não há referência clara nem ao Nonada, nem ao Veredas. Também em março, Priscila ministrou aulas para alunos da rede pública sobre a obra de Clarice Lispector, ação desenvolvida no projeto Sesc Mais Literatura¹²⁶. Em fevereiro, a seção Ilustríssima do jornal Folha de São Paulo publicou matéria¹²⁷ sobre a emergência de projetos brasileiros que abordam a valorização de escritoras - entre eles, o Veredas.

Em novembro de 2016, o blog do Conselho Municipal de Cultura de Porto Alegre divulgou¹²⁸ o evento CinePapoPoético, promovido pela Associação Negra de Cultura em parceria com a Biblioteca Josué Guimarães. A atividade incluiu uma roda de conversa, que contou com a presença de Priscila, sobre a invisibilidade da literatura negra no Rio Grande do Sul. Participaram da mesa Lilian Rocha, Vitor Diel, Ana dos Santos e Luiz Maurício Azevedo. Depois da conversa, houve o lançamento do curta-documentário "Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia", filme que traz depoimentos de organizadores, artistas e participantes dos saraus que aconteceram entre novembro de 2015 e abril de 2016 em Porto Alegre. A ideia dos encontros foi fortalecer a produção da literatura negra. Priscila também participou da Feira do Livro de Porto Alegre de 2016¹²⁹, em um bate-papo com a escritora sul-africana Futhi Ntshingila. Priscila e a escritora Julia Dantas participam da conversa sobre o espaço da mulher no mercado editorial e a literatura africana. Em julho, a jornalista volta a integrar uma mesa em evento comemorativo do Dia da Mulher Negra¹³⁰. Ela participou da mesa que teve como

¹²⁴Cf em <http://fecomercio-rs.org.br/2017/03/20/poesia-em-pauta-esta-entre-os-destaques-desta-3a-feira-2103-no-sesc-mulher/>

¹²⁵Cf em <http://www.correiodopovo.com.br/ArteAgenda/Variadas/Literatura/2017/3/612954/Evento-em-Porto-Alegre-debate-o-feminino-na-poesia>

¹²⁶Cf em <https://www.jornalahora.com.br/2017/03/24/palestra-instiga-a-obra-de-clarice-lispector/>

¹²⁷Cf em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/02/1860524-poeta-cria-coletivo-com-330-escritoras-em-curitiba-e-prepara-lancamentos.shtml>

¹²⁸Cf em <http://cmcpoa.blogspot.com/2016/11/cinepapopoetico-acontece-no-dia-22-de.html>

¹²⁹Cf em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/livros/noticia/2016/10/conheca-cinco-escritores-estrangeiros-que-estao-na-feira-do-livro-de-porto-alegre-7862179.html>

¹³⁰Cf em <https://www.sul21.com.br/jornal/dia-da-mulher-negra-ajudamos-a-construir-o-brasil-mas-ainda-nao-somos-respeitadas/>

tema a escrita e o mercado editorial para autores negros e para mulheres, ao lado do jornalista Vitor Diel e do pesquisador Luiz Maurício Azevedo. Em maio, na FestiPoa Literária¹³¹, Priscila mediou a mesa "Um teto todo nosso: as escritoras e os espaços literários", que contou com a participação das escritoras Julia Dantas, Cíntia Moscovich e Eliane Marques.

A partir daqui são descritas as referências encontradas com o nome de Rafael Gloria. Via de regra, elas não deveriam falar diretamente do coletivo, ou então apenas abordá-lo como coadjuvante. É o caso dos cursos ministrados por Rafael; embora tenham parte do valor arrecadado destinado ao coletivo, eles são ministrados pelo jornalista Rafael Gloria – profissional que, entre outras experiências, também atua como editor-fundador do Nonada. Os cursos são apresentados como fruto de uma experiência que, embora inclua o Nonada, o transcende.

Contudo, alguns resultados da busca pelo nome de Rafael Gloria se confundem com a história do Nonada. Isso porque há textos publicados por ele em espaços externos ao Nonada que falam sobre o coletivo. As postagens têm um tom pessoal: Rafael descreve esperanças, angústias, vivências. Os outros integrantes não publicaram conteúdo descrevendo sua experiência no coletivo, então a seleção de seus textos foi mais clara. E mais fácil.

Ainda que essa seção procure por resultados que, de um modo geral, não falem ou não se detenham no Nonada, no caso de Rafael é impossível proceder dessa forma. Seus escritos fazem coincidir as duas linhas – o Nonada e Rafael. Seus afetos, suas escolhas, suas expectativas são compostas, também, pelo Nonada. E vice-versa. Por isso – e porque os conteúdos foram publicados no blog/Medium Contagens, indicativo de que o próprio Rafael os trata como escritos pessoais –, essas publicações foram alocadas aqui.

O primeiro blog pessoal de Rafael foi o Contagens, criado na plataforma blogspot¹³² em 2007. Com foco em artigos de opinião, jornalismo e ficção literária, por quase dez anos o jornalista publicou textos nesse espaço. E foram muitos: o blog marca quase 500 postagens. A última data de 30/11/2017, embora Rafael tenha deixado de publicar ali ainda em 2015. Mas isso porque em 24/02/2015, o Contagens ganhou uma

¹³¹Cf em <http://festipoaliteraria.blogspot.com/2016/05/programacao.html>

¹³²Cf em <http://contagens.blogspot.com/>

nova casa e passou a ser publicado na plataforma Medium¹³³. Com a última publicação em 11/12/2017, este espaço conta com 35 postagens.

No antigo blog, a postagem de 2017 (“Contagens em novo espírito”) por um lado é um lembrete de que o blog passou para a plataforma Medium e, por outro, é uma afirmação do quanto esse espaço ainda é importante na vida de Rafael: “Mas eu amo esse blog e esses textos, que contam uma parte importante da minha vida. Não pretendo acabar com esse blog, mas sinto que não faz mais sentido escrever aqui”. Aliás, um dos textos resgatados do tempo do blogspot a serem relatados nessa seção, originalmente postado em 13/02/2012, foi republicado no Medium em 21/10/2015 (“Crônicas de um repórter novato – parte XXII”).

Em 2009, Rafael criou o “Blog Sintonizados”, cuja primeira postagem data de 26/06/2009. Ele serviu como uma forma de colocar em prática o projeto “Proposta Temática”. Por meio dele, vários blogueiros entravam em contato e participavam enviando textos de acordo com o tema sugerido, este previamente acertado entre os participantes. Periodicamente, o então estudante de jornalismo postava a temática e os blogueiros produziam e enviavam textos sobre o assunto. No editorial¹³⁴, Rafael explica a intenção: os temas serviam de estímulo para que as pessoas visitassem os blogs dos amigos e conhecessem sua produção. Uma das regras, listadas no editorial, informa: “Quem participar deve se linkar a esse blog para ficar atualizado em relação aos outros participantes, podendo fazer novas parcerias”. A última postagem desse espaço foi em 07/02/2012.

O gosto de Rafael pela ficção literária é evidenciado pelo amplo número de postagens desse tipo. Outra marca do conteúdo são as discussões sobre o jornalismo e as semelhanças e diferenças entre o trabalho do escritor e o ofício do jornalista. Em uma postagem de 17/12/2010, Rafael afirma que quem quer escrever, deve escrever sempre e tornar essa ação um hábito. Entre o escritor e o jornalista, a diferença é que o escritor literário não precisa viver o que escreve. O jornalista, contudo, “realmente necessita presenciar um acontecimento para escrever tal reportagem, precisa recolher dados, respeitá-los. Há certas regras que não podem ser modificadas no discurso jornalístico, mesmo que você seja o mais vanguardista de todos”¹³⁵.

¹³³Cf em <https://medium.com/@contagens>

¹³⁴Cf em <http://blogsintonizados.blogspot.com/2009/07/editorial.html>

¹³⁵Cf em <http://contagens.blogspot.com/2010/12/dos-3-anos.html>

No dia 31 de julho de 2010, Rafael posta o texto “Crônicas de um repórter novato – parte XIX”¹³⁶, onde relata o processo de nascimento do Nonada. O projeto, previsto para ser lançado pouco mais de um mês depois, “É um site na área do Jornalismo cultural, onde queremos fazer matérias com mais profundidade, reportagens culturais na internet mesmo”. Ele conta que o começo não foi fácil e envolveu uma série de etapas: contratar uma *webdesigner*, discutir o *layout* e o logo com os colegas, escrever o projeto, definir as primeiras pautas, procurar fotógrafos, organizar a atuação dos editores, elaborar os podcasts e videocasts. Já nesse texto, Rafael fala que seriam elaborados vídeos para apresentar as editorias.

Daí é mais uma confusão de juntar as nove pessoas, que também tem estágio e outras ocupações, para se gravar o futuro vídeo editorial. Lembrando que ninguém ganhará nada para trabalhar no site. É um pessoal interessado em mostrar serviço e fazer as coisas com qualidade – quem sabe, depois, as coisas não se ajeitam?

O jornalista ainda diz que “é muito legal ver a sua ideia tomando forma e sendo também modificada pelas pessoas que entram no processo”. Ele frisa que “em breve” o coletivo precisará de colaboradores e disponibiliza o endereço de e-mail do Nonada para quem tiver interesse em participar.

Um texto escrito pelo professor de jornalismo literário Vitor Necchi¹³⁷ e publicado na rede provavelmente em 2012 narra o empenho de Rafael na criação do Nonada. O professor destaca que a história serve de mote para discutir a triste realidade do jornalismo cultural – um gênero que além de encontrar pouco espaços nos jornais, também parece ter abandonado o formato mais nobre do jornalismo: a reportagem. Assim, de acordo com Necchi, o então estudante de jornalismo Rafael Gloria “pretende lançar um site de cultura destinado a publicar o que deseja ler e não encontra com facilidade: reportagens”. Essa vontade de Rafael é vinculada, no texto, a duas experiências. A primeira foi sua participação como bolsista de iniciação científica em um projeto de pesquisa sobre o “Diário do Sul”, um jornal que circulou na década de 80 e que tinha como slogan “Cultura na capa”. O veículo apostava no jornalismo cultural de profundidade concretizado em longos textos que dessem conta das várias fontes presentes em cada pauta. A segunda experiência mencionada por Necchi foi o estágio de 2 anos na editoria de cultura do Jornal do Comércio. “No novo trabalho, cumpria um jornalismo conciso, apressado e superficial”, onde as matérias eram curtas e rasas, e os

¹³⁶Cf em <http://contagens.blogspot.com/2010/07/cronicas-de-um-reporter-novato-parte.html>

¹³⁷Cf em <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/Em-tempos-de-jornalismo-digital-a-reportagem-est%C3%A1-no-limbo.pdf>

critérios de noticiabilidade muito flexíveis. Rafael não concordava nem com as pautas contempladas pelo jornal, nem com a qualidade do conteúdo. Portanto, a ideia do Nonada nasceu, por um lado, para resgatar um jornalismo cultural já quase esquecido e, por outro, ultrapassar a superficialidade do conteúdo de cultura oferecido pela grande imprensa.

Ainda no primeiro semestre de 2010, Rafael participou do 2º Congresso de Jornalismo Cultural promovido pela revista *Cult*, dois meses antes de sair do JC. No congresso, ele ouviu a defesa de um olhar afim: textos longos, afinco na apuração, multiplicidade de perspectivas. Também nessa época, cursou uma disciplina que tinha como trabalho final o desenvolvimento de um projeto jornalístico – e foi aí que os primeiros traços do Nonada surgiram. Para implementá-lo, Rafael convidou seis colegas da faculdade e dois do JC.

A justificativa para o nome do coletivo também é relatada por Necchi. “Nonada” é a primeira palavra do livro “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa. “Travessia” é a última. Assim, “Rafael considera que [Nonada] se trata de uma palavra marcante, fácil de lembrar e que 'tem tudo a ver com cultura'”. A justificativa para “Travessia” é “de ordem pessoal. Ainda inspirado pelo universo roseano, ele e seu grupo pretendem encarar o site como 'travessia', ou seja, aprender fazendo – Nonada seria a ponte”.

Em março de 2012, Rafael posta um texto¹³⁸ no Contagens informando que sua formatura aconteceu no dia 12 de fevereiro e que continua trabalhando no Nonada:

Muita coisa mudou nessa parte da minha trajetória, muitos colegas que ajudaram a fundá-lo saíram ou abandonaram a ideia; outros ficaram. Contudo estamos mantendo a chama ainda ativa – mesmo com todas as dificuldades conhecidas do jornalismo autônomo. Há muita colaboração, muita gente que apoia a ideia e que nos faz seguir em frente. Nossa resposta nas redes sociais e nos acessos é boa. A procura de agora deve ser a de descobrir um meio de tornar o site rentável ou, pelo menos, que se “pague” sozinho. É um caminho complicado, mas vamos ter que tomá-lo. [Grifos do autor].

Também nesse texto ficamos sabendo que o TCC de Rafael abordou a cobertura dos videogames no *New York Times* – gosto que se expressaria na produção da Revista Segundo Controle ainda no final de 2012 e no programa Game RS em 2014, como mostrou o levantamento dos dados profissionais dos integrantes.

A postagem do dia 15 de maio do mesmo ano¹³⁹ mostra um Rafael angustiado com sua condição de recém-formado. Buscando emprego, enviando currículos,

¹³⁸Cf em <http://contagens.blogspot.com/2012/03/cronicas-de-um-reporter-novato-parte.html>

¹³⁹Cf em <http://contagens.blogspot.com/2012/05/meu-eu-jornalista.html>

esperando retornos. Preocupado com seu “eu jornalista” - perguntando a si mesmo se este era suficiente -, questionando a própria qualidade como profissional. Contudo,

[...] eu cheguei em casa e abri a internet e o facebook e os emails e vi a receptividade do pessoal que começou a compartilhar a ideia de arranjar mais colaboradores para o Nonada e vários emails de gente querendo colaborar e eu fiquei um pouco feliz. Não sei, eu fiquei feliz. É bom sentir que se acertou – nem que seja ao menos uma vez.

O ano seguinte marcaria o início de uma crise no Nonada que se estenderia até meados de 2014. Essa crise foi mostrada nos números analisados na seção “Editorias”. Os escritos de Rafael em 2013 nos dão pistas das dificuldades – e também indicam como ele enfrentou esse período. Em 9 de julho¹⁴⁰, ele escreve: “sinto que estou dando um tempo há certo tempo, para ser redundantemente explicativo. Foi preciso para voltar a acreditar nas minhas possibilidades, nos projetos, para tentar abrir um caminho em toda essa confusão que foi o semestre passado”. Ele segue relatando que, depois da formatura, o estranhamento entre o que Rafael entende ser o bom jornalismo e a lógica do jornalismo do mercado se intensificou. Sobreveio uma crise de identidade que o paralisou por um longo tempo, e que ele ainda está “entre” muitas coisas. Embora seja difícil assumir tais percalços, “é só admitindo que se torna vivo, que os problemas aparecem na nossa frente e conseguimos combatê-los”.

Na última postagem do ano¹⁴¹, ele relata que 2013 foi um ano difícil, que trouxe mais coisas ruins do que coisas boas – ficou muito tempo sem escrever e questionou suas qualificações. Contudo, “um ano ruim é normal”, assim como um ano bom: importa é registrar o que aconteceu, “para que o ano que vem seja diferente”.

A primeira reunião entre os integrantes que fundaram o coletivo aconteceu em maio de 2010. O fato é mencionado na postagem “De repente, quatro anos”¹⁴², de 19/05/2014. Rafael conta, na época, que ainda trabalhava como estagiário na editoria de cultura do JC e estava cheio de novas ideias por conta de sua participação no congresso da Revista Cult. Reunindo colegas tão “passionais” quanto ele, executaram o projeto – enfrentando, além das exigências do conteúdo propriamente jornalístico, os desafios de implementar um projeto independente:

E, de repente, já se tinha uma data para o lançamento (um pouco mais tarde, no dia onze de setembro), de repente já se tinham problemas com prazos, de repente pessoas saíram e outras pessoas entraram. Nós não sabíamos o que estávamos fazendo no começo, principalmente em termos de vender um produto. Todos nós éramos jornalistas e pensávamos basicamente na produção do conteúdo, da matéria, do enfoque.

¹⁴⁰Cf em <http://contagens.blogspot.com/2013/07/sentir-se.html>

¹⁴¹Cf em <http://contagens.blogspot.com/2013/12/agora-e-claro.html>

¹⁴²Cf em <http://contagens.blogspot.com/2014/05/de-repente-quatro-anos.html>

Mesmo assim, o Nonada “acabou sendo maior que todos nós que passamos por ele”. Rafael, a essa altura, já era o único dos integrantes fundadores ainda presente no coletivo. Ele conta que, enquanto alguns sumiram, outros até mesmo largaram o jornalismo.

Mas o Nonada não sumiu, porque eu estou cada vez mais convencido de que eu não sei fazê-lo sumir. E, claro, é minha culpa, eu admito. Porque o Nonada também sou eu, ou eu me confundo com ele. É para onde eu volto sempre, meu porto seguro do jornalismo, que me conectou a várias pessoas, que me levou interagir com diferentes conhecimentos e, o mais importante, que ajudou a definir a minha vida. Eu aprendo tentando, eu tenho ideias a partir de diálogos e trocas. O Nonada proporcionou isso tudo para mim, porque me fez entrar em contato com algumas pessoas incríveis. E tenho certeza que não é só eu que me sinto assim em relação ao site.

Ele explica que, na época, alterações estavam sendo implementadas. Entre elas, uma mudança de *layout* e a adoção de pautas voltadas para novos artistas. Ao encerrar o texto, Rafael nomeia suas expectativas: quer “fazer uma série de entrevistas com jornalistas da área cultural”, “entrevistar escritores”, “desenvolvedores de jogos digitais”, “artistas de rua”, economistas da cultura, “cineastas cults e não cults”, “músicos de qualquer tipo”. O tempo mostrou que Rafael fez com que cada uma dessas expectativas se concretizasse.

A postagem de fim de ano de 2014¹⁴³ nos diz que este foi um ano melhor do que o anterior. Rafael acreditou e aceitou mais, passando a enxergar melhor o que ele poderia “vir a fazer”. A chave é “escrever” e, entre outras coisas, apostar no jornalismo cultural em sua vida profissional, porque “Minha vida gira em torno disso tudo. E me transforma periodicamente”.

Continuamos seguindo a profusa escrita de Rafael, mas agora no Medium. Em 03/08/2015¹⁴⁴, ele fala sobre conviver com a angústia da incerteza quanto às escolhas que fez e ao que o futuro pode lhe trazer. “Vou dormir de madrugada me remexendo, e sinto que sempre viverei com a dúvida dentro de mim. *'Será que vai dar certo?'*” Contudo, conviver com a incerteza, mais do que uma angústia, é uma necessidade: “O que eu não posso esquecer é o quanto ela me faz crescer também”.

Em novembro do mesmo ano, publica dois textos abordando o jornalismo. O primeiro versa sobre “O que é sucesso no jornalismo para você?”¹⁴⁵. Diz que muitas vezes se questionou sobre isso e, eventualmente, já acreditou na solução imposta por outros. Ela reza que “é preciso seguir em uma grande empresa de comunicação para ser

¹⁴³Cf em <http://contagens.blogspot.com/2014/12/eu-nao-sou-mais-eu.html>

¹⁴⁴Cf em <https://medium.com/@contagens/mantra-mau-527920f8d0f6>

¹⁴⁵Cf em <https://medium.com/@contagens/o-que-%C3%A9-sucesso-no-jornalismo-para-voc%C3%AA-9437dd6c91be>

um grande profissional”. Rafael afirma que a força dessa visão normalmente reside na posição privilegiada que alguns jornalistas têm sobre os outros. Contudo, diz que essa “ideia romântica” está mudando. Embora o jornalismo da grande redação ainda exista, já não deve ser uma meta para os profissionais. Até porque a noção de “verdade” inerente à figura mística do repórter é “muito contestável”. Outro problema é que o jornalismo “parece, cada vez mais – ou, de repente, sempre foi – uma profissão para **quem pode** e não **para quem quer**” (Grifos do autor):

As complicações no mercado são tantas (a falta de vaga, o mau salário, a desvalorização) que só quem tem uma segurança monetária e familiar prévia tem a capacidade continuar tentando se dar bem nessa área. Apenas quem já tem uma situação financeira estável terá a possibilidade de continuar estudando e se especializando para, quem sabe, se diferenciar e conseguir um emprego e, então, fazer um freela para completar a renda...

Por ser uma profissão elitizada, a alteridade raramente aparece no conteúdo produzido nas grandes redações. Rafael explica que a ideia do texto não é desmotivar os colegas, mas fortalecer a valorização de conquistas externas àquela visão imposta. Afinal, precisamos acreditar que o sucesso no jornalismo “**pode e deve** ser cada vez mais plural – e quero dizer em todos os sentidos - para se abrir um leque de novas possibilidades de experimentação” (Grifos do autor).

O texto segue apontando para novos elementos que vêm compondo a cena do jornalismo e do jornalista na atualidade: o aumento do número de publicações online, a diminuição das publicações impressas, o efeito das cotas na formação – que oportuniza “uma maior diversidade de visão de mundo nesses novos comunicadores” –, e a emergência de outros modelos de gestão no jornalismo – como o *crowdfunding*. Rafael aconselha a investir em projetos paralelos, mesmo que eles demorem a alcançar a sustentabilidade:

Penso que você deve apostar em algo que acredita e trabalhar nessa ideia o melhor possível, aos poucos, como um projeto paralelo. Mesmo que não renda financeiramente por um tempo, ela pode acabar dando certo depois, influenciando outras pessoas, movimentando a roda jornalística.

Para ele, é preciso multiplicar as perspectivas ao falar de jornalismo, de modo a “tentar remodelar o pensamento em relação a profissão e a esse sucesso imposto”.

O segundo texto escrito em novembro de 2015 é “Manual para jornalistas tímidos – parte I”¹⁴⁶, onde Rafael conta que era muito tímido. Aliás, essa característica também é narrada no texto de Necchi, onde o autor se mostra surpreso diante da liderança do então estudante de jornalismo: mesmo com toda sua timidez, Rafael foi

¹⁴⁶Cf em <https://medium.com/@contagens/manual-para-jornalistas-t%C3%ADmidos-parte-i-7f5e3974a1ff>

capaz de se fazer ouvir e de persuadir outras pessoas para implementar o projeto do Nonada.

Na postagem do Medium, Rafael conta que sua ideia, desde o quinto ano do Ensino Médio, era “trabalhar com as palavras”. Seu gosto pela leitura e pela escrita o levou a pensar em cursar Letras, mas o jornalismo oferecia uma maior possibilidade de exercer a escrita. E foi o que fez, mesmo percebendo que os amigos não levavam muita fé na ideia de um sujeito tímido ser jornalista. Contudo, precisou “superar essa ideia de que para se fazer jornalismo é necessário ser a pessoa mais COMUNICATIVA ou EXPANSIVA do mundo. Não é verdade. A maioria da comunicação do corpo nem acontece verbalmente” (Grifos do autor). Inclusive, a grande parte dos bons jornalistas que conhece não são pessoas expansivas – “alguns deles nem são muito simpáticos”.

Diz que a superação da timidez é uma tarefa diária e que a experiência torna essa luta mais fácil. Mas, “Ao mesmo tempo, também acho que esse foi um dos motivos que me levou a fazer jornalismo. A ideia de mostrar que eu posso fazer isso também”.

No final do ano, a postagem “Então 2015, você foi bom?”¹⁴⁷ informa que esse foi um ano excelente para Rafael. No seu entendimento, foi quando ele percebeu a superação de problemas que apareceram dois anos antes:

Acredito que esse ano começou lá atrás, como todos, mas me refiro a 2013, quando tive um péssimo período e decidi que as coisas seriam diferentes. Decidi que apostaria no jornalismo, que apostaria em tentar fazer as coisas do meu jeito, mesmo que demorasse, mesmo que não fosse algo imediato. E não é que dois anos depois eu começo a colher alguns frutos?

Sabemos pelo levantamento dos integrantes do coletivo ao longo do tempo que esse foi o ano da renovação do Nonada, quando ingressou a maioria dos integrantes atuais: “2015, você veio com uma enxurrada de projetos novos, projetos independentes que foram levados a frente por pessoas apaixonadas pelo que fazem”. Ele conta que o Nonada manteve por todo ano um programa na Mínima.fm (o Jabá) e que aprendeu muito entrevistando os convidados. Também lembra que esse foi o ano do lançamento do zine Travessias#1, “a primeira publicação impressa do Nonada”, feita em parceria com pessoas das quais “me orgulho muito”.

[...] o Nonada parece que encontrou de vez o seu caminho, com o site repleto de pautas e assuntos interessantes, sempre calcados no caráter independente, colaborativo, cultural e alternativo. Sim, porque esse é e, cada vez mais, deve ser o nosso caminho. Para o ano que vem já estamos preparando mais atividades, e duas grandes novidades. Em breve, revelaremos...

Acredito que as duas novidades sejam o Curso de Jornalismo Alternativo e a

¹⁴⁷Cf em <https://medium.com/@contagens/ent%C3%A3o-2015-voc%C3%AA-foi-bom-7756f071a589>

campanha de financiamento coletivo – iniciativas importantes do Nonada que foram lançadas no início de 2016. Ele encerra o relato lembrando de seu trabalho na produção do zine Rua Sete para o Santander Cultural. Já em sua segunda edição, o projeto foi uma parceria com Anelise de Carli, diagramadora responsável, também, pelas duas edições do zine Travessias.

Em agosto de 2016 Rafael posta três edições do podcast “Monólogos”, uma experimentação sonora de curta duração onde ele fala sobre diversos assuntos. Na edição piloto¹⁴⁸, o jornalista comenta o lançamento do zine Travessias #2. Para essa publicação, compôs um perfil inventado de um mineiro que descobre a importância da greve para a melhoria das condições trabalhistas. Ele explica que o perfil foi estruturado em cima de dados colhidos por ele na época da apuração que resultou na matéria “Museu do Carvão completa trinta anos em compasso de abandono”. Esta foi a primeira reportagem publicada no Nonada financiada pela campanha de *crowdfunding* – e Rafael informa que o zine Travessias#2 também contou com esse incentivo. O tema de cada zine também é mencionado pelo jornalista: o primeiro versou sobre “Mudança de vida” e o segundo trouxe perfis apoiados na ideia de “Memória”.

Ao falar sobre a importância do movimento grevista, comenta que ela se torna ainda mais necessária diante do governo interino e golpista de Michel Temer - “Sim, eu vou usar a palavra golpista aqui, ok?”. Direitos que historicamente foram conquistados pelos mineiros estão, no presente, sendo perdidos “a troco de nada”.

Embora comente que, na noite de lançamento do Travessias#2, o Nonada vendeu quase 50 zines, frisa que o “coletivo” não visa o lucro. Contudo, “É claro que a gente está procurando ter no mínimo uma sustentabilidade para o nosso trabalho, e estamos conseguindo um pouco com o financiamento”. É a primeira vez, em seu blog, que Rafael se refere ao Nonada como um “coletivo”.

Ainda na edição piloto do Monólogos, ele informa que está compondo um grupo de não-ficção, de modo a discutir livros e contos dos quais gosta e que “outras pessoas poderiam curtir também”. Ele anuncia que o primeiro encontro do grupo será no restaurante El Pasito, no dia 17 de agosto, e que a intenção é criar textos. Afirma que gosta muito de produzir perfis e que “a ideia do jornalismo autoral também é muito boa – e falta muito isso por aqui. Quanto mais a gente puder incentivar isso, melhor, né?”.

No dia 3 de agosto de 2016, dois dias depois de postar o programa piloto, Rafael

¹⁴⁸Cf em <https://medium.com/contagens/podcast-mon%C3%B3logos-piloto-8a1f2619ae44>

disponibiliza a segunda edição de Monólogos. Nela, ele comenta suas leituras para a seleção do mestrado em Comunicação da UFRGS e diz que está estruturando o projeto de pesquisa. Rafael efetivamente é aprovado e, no ano seguinte, começa mais uma etapa em sua formação. A pesquisa pelos rastros digitais do integrante retornou com dois artigos científicos, ambos publicados em 2017. O primeiro foi “Coojornal como objeto de pesquisa: mapeamento dos estudos realizados sobre o jornal”, trabalho em parceria com a professora Aline Strelow, publicado nos anais do 11º Encontro Nacional de História da Mídia e disponibilizado no Lume/Repositório Digital da UFRGS¹⁴⁹. O segundo, de autoria única, foi publicado nos anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, e chama-se “Critérios de Noticiabilidade no Jornalismo Alternativo: O Caso do Coojornal”¹⁵⁰. Aliás, é oportuno relatar, nesse sentido, duas outras marcas da importância do Nonada na vida de Rafael. A primeira aponta diretamente para o que, um ano depois, seria seu projeto de pesquisa do mestrado. Ainda em julho de 2015, o Jabá levou ao ar uma série de programas com entrevistas sobre a prática do Jornalismo Alternativo. No dia 10, Rafael entrevistou os integrantes da Revista Bastião; no dia 17 foi a vez da Revista O Dilúvio; dia 31 o programa pautou a Revista Capitolina. E no dia 24 Rafael entrevistou¹⁵¹ o jornalista e escritor Rafael Guimaraens – justamente sobre o Coojornal (“Série Visões sobre o Jornalismo Alternativo entrevista o histórico cooJornal”). A segunda marca é a participação de Rafael Guimaraens no Curso de Jornalismo Alternativo de 2016: ele e Julia Manzano ministraram a aula do dia 23 de abril - “Pra que(m) serve o jornalismo alternativo?”¹⁵².

A terceira edição do Monólogos¹⁵³, postada uma semana depois da primeira (dia 08/08/2016), traz um relato da experiência de Rafael como professor. No dia 6 de agosto ele ministrou a aula “Formatos e narrativas: novos modus operandis do jornalismo”, ao lado de Giulia Barão, na primeira edição do Curso de Jornalismo Alternativo do Nonada. Ele conta como foi sua primeira experiência como professor:

Não sei se foi bem uma aula, acho que foi mais uma troca de experiências que eu quis fazer. Eu estava bem nervoso pra variar, né? Quando eu faço alguma coisa pela primeira vez, eu fico mais nervoso ainda – imagina então... Mas foi legal [...]. Eu tentei falar um pouco sobre escrever no jornalismo, [...] sobre perfis também, reportagem autoral, que são duas paixões minhas – o jornalismo e a escrita. [...]. A gente fez um exercício em que eles tinham

¹⁴⁹Cf em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169553?locale-attribute=es>

¹⁵⁰Cf em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1161-1.pdf>

¹⁵¹Cf em <http://www.nonada.com.br/portal/2015/07/programa-jaba-s03e16-serie-visoes-sobre-o-jornalismo-alternativo-entrevista-o-historico-coojornal/>

¹⁵²Cf em <https://www.facebook.com/NonadaJor/posts/949270371807819>

¹⁵³Cf em <https://medium.com/contagens/podcast-mon%C3%B3logos-3-8daf1b9bc983>

que reescrever uma notícia – uma parte de uma notícia – de uma forma mais livre, né? E a gente percebe como as pessoas, às vezes, [...] estão muito acostumadas àquela mesma regra. Parece que a gente vai de fórmula para fórmula na vida – ainda mais a gente que trabalha com as palavras. A gente aprende no vestibular que tem que escrever a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Aí depois tu entras na faculdade de jornalismo [...] e a gente aprende a fazer o lead – uma fórmula. Mas eu acho que a gente tem que fugir dessa fórmula um pouco para [efetivamente] fazer algo que toque as outras pessoas, né? E foi legal, foi uma ótima experiência. [...] Enfim, acho que é uma coisa que eu gostaria de fazer mais.

O tempo, mais uma vez, demonstraria o trabalho de Rafael na construção e concretização de seus objetivos. Em outubro daquele mesmo ano ele projetou e executou a oficina “Jornalismo Cultural na Contemporaneidade”¹⁵⁴, no Santander Cultural. Em 2017, vieram mais quatro atividades: em março, a primeira edição do curso de “Escrita Criativa no Jornalismo” foi ministrada no Centro Cultural Érico Veríssimo¹⁵⁵; em julho, a Fundação Ecarta recebe novamente um curso de Rafael – dessa vez, o “Laboratório de Jornalismo Cultural: reflexão e prática”¹⁵⁶; em setembro é a vez da segunda edição do “Escrita Criativa no Jornalismo”¹⁵⁷, em outra parceria com o Centro Cultural Érico Veríssimo; finalmente, em outubro, Rafael oferece a primeira edição de “Jornalismo Cultural: em busca de alternativas e de diversidade”, agora na Unisinos¹⁵⁸. Para o ano de 2018, foi planejada a oferta desse mesmo curso, também na Unisinos, em janeiro¹⁵⁹ – mas a atividade foi cancelada. Rafael então tentou executar a atividade na Unisinos em maio¹⁶⁰, mas novamente não houve inscritos suficientes. Contudo, ainda em maio, o curso é ministrado, mas agora na Fundação Ecarta¹⁶¹. Em agosto, “Histórias de Vida: oficina criativa no jornalismo” foi oferecido na Univates¹⁶²; também em agosto, a terceira edição do curso “Escrita Criativa no Jornalismo” é ofertada, novamente na Fundação Ecarta¹⁶³. Rafael ainda tem dois cursos programados¹⁶⁴ para esse ano: a quarta edição do “Escrita Criativa no Jornalismo”, a ser

¹⁵⁴Cf em https://www.sympla.com.br/jornalismo-cultural-na-contemporaneidade-reflexao-e-pratica__92456

¹⁵⁵Cf em <http://www.unicos.cc/coletivo-nonada-promove-curso-de-escrita-criativa-no-jornalismo/#.W4r6cOhKjtQ>

¹⁵⁶Cf em <http://coletiva.net/noticias/2017/06/fundador-do-nonada-comanda-laboratorio-de-jornalismo-cultural/>

¹⁵⁷Cf em <https://www.coletiva.net/noticias/editor-chefe-do-nonada-apresenta-curso-de-escrita-criativa-no-jornalismo.227662.jhtml>

¹⁵⁸Cf em <https://www.facebook.com/events/118277132172819>

¹⁵⁹Cf em <https://guia21.sul21.com.br/cursos/abertas-as-inscricoes-para-o-curso-de-extensao-em-jornalismo-cultural-no-campus-porto-alegre-da-unisinos/>

¹⁶⁰Cf em <https://www.coletiva.net/jornalismo-/-jornalismo-cultural-na-contemporaneidade-pauta-curso-de-rafael-gloria.271256.jhtml>

¹⁶¹Cf em <http://www.jornalistasecia.com.br/edicoes/jornalistasecia1152ad09.pdf>

¹⁶²Cf em <https://www.univates.br/extensao/cursos/738>

¹⁶³Cf em <https://www.ecarta.org.br/projetos/ecarta-anfitriã/oficina-de-escrita-criativa-no-jornalismo/>

¹⁶⁴Cf em https://www.facebook.com/pg/rafaelsilveiragloria/events/?ref=page_internal

ministrado em um endereço na Cidade Baixa, em setembro, e “Jornalismo na Sala de Aula: Nova Base Curricular”, uma parceria com Thaís Seganfredo, a ser executado em outubro na Camp – Escola de Cidadania (mesmo local onde ocorreu a segunda edição do Curso de Jornalismo Alternativo do Nonada, no ano anterior).

O rastreamento digital de Rafael informa, portanto, que ele projetou ao menos 12 cursos entre 2016 e 2018. Em todas as ofertas, ele destinava parte do valor arrecadado com as inscrições para o financiamento coletivo do Nonada.

Por ocasião do curso “Laboratório de Jornalismo Cultural: reflexão e prática”, oferecido em julho de 2017 na Fundação Ecarta, Rafael concedeu entrevista ao programa Estação Cultura, da TVE/RS¹⁶⁵. Ele esclarece que, em sua opinião, o jornalismo cultural precisa pensar sobre a própria prática, que hoje gira em torno de divulgação, notas e agendamento. Nesse sentido, o jornalista ressalta que é necessário investir na reportagem e na crítica, e também ser capaz de “cobrar as coisas”. Afirmado que esse deve ser o caminho do jornalismo cultural, Rafael usa o jornalismo independente do Nonada como exemplo: “É a gente vê que têm iniciativas que estão seguindo esse caminho, principalmente no lado independente. A gente tem o Nonada, que já está há sete anos no ar, onde a gente tenta fazer esse trabalho – de serviço e de trazer essas questões maiores da cultura e não só o produto cultural”.

Ainda durante a entrevista ao Estação Cultura, ao ser indagado sobre o maior desafio do jornalismo cultural aprofundado, Rafael não hesita: “o espaço”. Ele diz que, quando há qualquer corte no jornal, a primeira editoria a perder páginas é a Cultura. Contudo, para resgatar o próprio valor, ela precisa tratar seus temas com seriedade. E como o impresso “infelizmente não tem mais muitos assinantes”, o caminho é o digital. Destaca, ainda, videocasts e podcasts como tendências da área, exemplificando a atuação de youtubers especializados em resenhas de livros e séries.

Voltando ao blog Contagens, ainda em 2016 há uma postagem a respeito dos “Seis anos de Nonada, e o que eu aprendi sobre jornalismo”¹⁶⁶. A primeira frase provoca: “Como era mesmo?”. Resgatando a história do nascimento do Nonada, o jornalista relembra que no tempo da primeira reunião, ocorrida “em um apartamento pequeno e cheio de afeto em uma rua do Bom Fim”, o site ainda nem tinha nome. Ele foi escolhido somente depois de várias reuniões periódicas entre os integrantes.

¹⁶⁵Cf em https://www.youtube.com/watch?list=PLEVHKqwu2VEg-RTXqXwr5TVuMhWlgF3aH&v=h_E_nwQyoD8#t=8m10s

¹⁶⁶Cf em <https://medium.com/@contagens/seis-anos-de-nonada-e-o-que-eu-aprendi-sobre-jornalismo-f3b6c78a4c71>

Os mais chegados sabem dessa história gigante, essa história que reúne tanta gente. Penso em um dia contá-la detalhadamente em uma série de textos. Uma espécie de memória. Porque é algo que vale realmente deixar para a posteridade. E porque seis anos é MUITO tempo. Ainda mais para um jornalismo de caráter independente, alternativo, cultural, colaborativo—brinco que somos mais velhos que a Agência Pública¹⁶⁷! [Grifos do autor].

Rafael explica que a primeira lição aprendida no Nonada é que “ninguém faz nada sozinho”, principalmente no jornalismo. Segundo ele, essa é uma área que precisa de pessoas, de diversas vozes, de contato. Para fazer um bom jornalismo, você precisa gostar de gente. O segundo aprendizado é questionar os padrões:

Mas você só consegue isso, quando você se questiona também. E você só consegue quando tem contato com pessoas de visões de mundo diferente de você, pessoas que têm experiências de vida que você nunca terá, pois você não compartilha da mesma formação, credo, ou origem deles. Ainda mais na área cultural. Por isso, para o jornalismo trazer temas diversos para a discussão, que realmente questionem padrões impostos, é preciso dar espaço para essas pessoas.

Tal declaração deixa clara a necessidade de que as pautas minoritárias sejam produzidas pelas próprias minorias, por quem sente na pele a dor e a delícia de fazer parte daquela realidade. Esse é um valor muito forte do Nonada atual. Embora ele apareça de um outro modo em conteúdos mais antigos do coletivo¹⁶⁸, na época a cobertura de pautas minoritárias era ainda muito tímida.

Rafael destaca o fato de não haver pluralidade de vozes nas grandes redações – o que se reflete na produção do conteúdo. Mas ele diz que não quer falar sobre “a redação”, porque “não cabe no Nonada, não temos um local específico”. A partir daí, problematiza a hierarquização editorial do próprio Nonada, na medida em que ela ainda reproduz muito a organização da grande mídia. Então, anuncia que “estamos caminhando para uma nova formatação nesse sentido também, o próximo passo. É todo um grande trabalho e que nós vamos descobrindo ao longo do tempo, fazendo mesmo. Errando e acertando”. Em maio do ano seguinte, como já vimos, o Nonada derrubaria as

¹⁶⁷ A Agência Pública de Jornalismo Investigativo nasceu em março de 2011.

¹⁶⁸ A matéria “Super-heróis gays e o mercado editorial estadunidense”, postada por Ariel Oliveira em 7 de junho de 2012, problematiza a questão – embora não aplicada ao jornalismo, mas à produção das histórias em quadrinhos. Depois de informar que duas das maiores editoras passaram a incluir personagens gays em seus quadrinhos, Ariel afirma: “Esses heróis, no entanto, ainda são mais isca para público do que de fato gays. Gays não se identificam com esses personagens assim como negros não se identificam com personagens negros – e pelo mesmo motivo. Eles não são verossímeis pois são escritos e desenhados por pessoas que não conhecem a realidade específica que estão escrevendo. [...] Assim, um autor gay poderia espontaneamente criar uma história com personagens gays; ela seria mais autêntica, mais verossímil, mais socialmente relevante e pareceria mais interessante para o público – gay ou não. Não um personagem que é hétero em absolutamente tudo na história, exceto o fato de ser gay, apenas citado uma vez ou outra aleatoriamente, sem ter nada a ver com a narrativa. A atitude da DC e da Marvel, por louvável que seja, é sim interesseira e não evidencia qualquer tentativa de mudança por parte das editoras”. Cf em <http://www.nonada.com.br/2012/06/recortes-comics-super-herois-gays-e-o-mercado-editorial-estadunidense/>

editorias por conteúdo (Cinema, Música, Literatura etc.) e implementaria as editorias por formato, vigentes até hoje (Notícias, Reportagens, Coberturas, Entrevistas, Opinião e Resenhas).

A terceira lição que Rafael aprendeu com a experiência no Nonada foi a importância do tempo – mas não sua velocidade, pelo contrário. A qualidade do texto só é atingida com uma produção dedicada, o que exige um prazo mais longo do que o oferecido no mercado jornalístico.

Quando lançamos o Nonada, em 2010, muita gente ainda acreditava que ninguém lia texto grande na internet. O que se provou uma grande besteira. Do mesmo modo, acho que o tempo de publicação nunca foi um fator tão importante para nós. Não somos um veículo hard-news. Não vamos escrever uma análise do show logo após o fim dele. É claro, já fizemos isso, mas aprendemos que não é do nosso interesse.

A última lição relatada por Rafael é a necessidade de “voltar a se empolgar com o que você faz”. E ele liga esse reencantamento às mudanças que o Nonada passou ao longo dos anos.

Quando começamos, não tínhamos esse caráter ativista do jornalismo alternativo e da democratização da mídia, o Nonada era um espaço de jornalismo independente, que sempre desejou fazer uma travessia no jornalismo cultural, aprofundar e diversificar os assuntos culturais e não ficar apenas em agenda e notas. Essa é a nossa pedra fundamental. Mas depois de 2013 começamos a ter esse caráter mais de contestação nas pautas, a equipe praticamente se reformulou, atraímos pessoas que também pensavam como nós, as pautas ligadas a questões de direitos humanos e de expressão de grupos sociais foram naturalmente surgindo. Ao mesmo tempo, fomos criando também novos espaços, como um programa de rádio online, o Zine Travessias (de perfis jornalísticos), um modelo de financiamento que ainda será melhorado e que originou um Curso de Jornalismo Alternativo. Conseguimos alcançar uma sustentabilidade jornalística, pagando despesas e também incentivando a formação de novos veículos alternativos (é o trabalho final do curso).

Ele fecha o texto dizendo que viver a crise de 2013 no Nonada foi muito importante para fazer uma reavaliação e, assim, planejar o futuro com mais qualidade. Portanto, “se apaixonar de novo de tempos em tempos, acho que esse é um dos segredos de qualquer relação. Sei que esse é o meu segredo com o Nonada. Me apaixonar de novo, e de novo, e de novo, e de novo...”.

O último conteúdo do blog, selecionado aqui, foi postado em 30/11/2017 sob o título “Jornalismo independente não deve ser menosprezado”¹⁶⁹. Rafael inicia dizendo que muita gente não valoriza o que não dá retorno imediato e, em seguida, critica aqueles que não trabalham na área e consideram a produção de uma reportagem como algo fácil. Contudo, ele ressalta:

¹⁶⁹Cf em <https://medium.com/contagens/jornalismo-independente-n%C3%A3o-deve-ser-menosprezado-ae293c7ec8af>

O pior, entretanto, está dentro do próprio jornalismo, quando colegas jornalistas tendem a desvalorizar projetos de caráter independente ou alternativo, porque não se recebe dinheiro de forma imediata. Projetos que por não seguirem exatamente a hierarquização de grandes exemplos midiáticos consolidados não deveriam ser levados a sério. Projetos que seriam apenas “projetos paralelos”, que não seriam uma real opção para se informar, ou pior, que estariam desvalorizando o mercado da comunicação porque muitos deles dão espaço para pessoas que não são necessariamente formadas em jornalismo escreverem. [Grifos do autor].

Por serem praticados fora do *mainstream*, veículos alternativos sofrem com a desconfiança de muitos. Ele diz que o Nonada também sofre com essas questões. Mais do isso: o próprio Rafael vivencia essa desconfiança na pele.

Vivi e vivo essa transição: já fui desacreditado, debochado, menosprezado por tentar trabalhar de forma independente no jornalismo. Mas o tempo, sempre ele, aliado ao trabalho sério mostra que a minha postura em frente a uma profissão que muda constantemente está sendo correta. O Nonada está realmente contribuindo para a melhora da sociedade quando trabalha com o jornalismo de forma constante e ética, aberta ao mundo e o problematizando. O melhor: está sendo reconhecido por instituições e pelo público, o mais importante.

Rafael destaca que não escreveu para “se gabar”. Ao invés disso, para ele esse texto serve “para afirmar, reafirmar, gritar que estamos aqui há sete anos, fazemos um trabalho justo, ético, que mesmo não remunerado de forma sistemática está provando ter o seu valor. E isso é uma coisa grande demais para ser diminuída ou menosprezada”.

É possível perceber que todos os integrantes do Nonada possuem interesses e experiências de vida que ajudam a constituir o coletivo. O mapeamento de Julia Manzano na web demonstra seu interesse pelo jornalismo alternativo, ainda na época da graduação. Outro fato importante foi sua experiência como manifestante – e a repressão que sofreu. A defesa da denúncia pelas redes sociais indica uma prática afim ao Nonada, assim como a abordagem do empoderamento feminino. Ananda Zambi experimentou na pele os efeitos do preconceito e traz como uma de suas marcas a cultura nordestina. Além disso, no coletivo ela encontra espaço para trabalhar com uma de suas paixões: a música. Seja escrevendo resenhas, seja ministrando a oficina de crítica musical, a jornalista é atravessada pela musicista. Thayse Uchôa, aluna do ensino público, cotista, apoiadora do protagonismo negro e do impacto social que esse protagonismo gera. Iarema Soares, crítica do mercado de trabalho, do profissional multimídia e da finalidade do jornalismo e do jornalista; defensora de um jornalismo atento à multiplicidade de vozes e à visibilidade das minorias, e de um jornalista preocupado com o “exercício de olhar o outro”; uma mulher que problematiza a estética e que experimentou o racismo também aí, e interessada na literatura de autoria negra. Thaís Seganfredo, militante feminista, admiradora da arte engajada, e dedicada às práticas - de

estudo e trabalho - do jornalismo alternativo; apoiadora da luta indígena e do fortalecimento da representação política dessa cultura; Airan Albino, articulado ao movimento negro, também estudou a literatura produzida por negros; denuncia o apagamento da negritude na história, assim como o preconceito embutido nas premissas “padrão e segmento”. Priscila Pasko, jornalista premiada e com experiência em grande redação que, ao trabalhar no “home office”, se sente sozinha pela ausência dos colegas; que, embora trabalhe em casa, faz reuniões na rua e aproveita as saídas para conversar com outras pessoas. Uma profissional que planeja e propõe cursos sobre a literatura de autoria feminina, participa de várias mesas de debate e articula essas experiências com a produção do Veredas.

Podemos ver nos textos que Rafael tem uma preocupação constante com o jornalismo de qualidade e aprofundado. Desde cedo questionava os padrões do jornalismo praticado no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, criava de si para si mesmo normas para uma prática considerada ideal – para além dos padrões normativos externos. E o Nonada era o espaço por excelência para praticar essas normas. Há uma disciplina na produção de textos e uma problematização de si que atravessa o conteúdo postado nos blogs. Questiona o “eu jornalista”, buscando lapidar sua formação – não apenas fazendo cursos, mas governando a própria conduta – de si para si mesmo. Várias vezes questiona a imposição dos padrões externos e estranha as “regras para o sucesso”. Há uma superação da timidez marcando essa jornada, assim como o enfrentamento de desafios de administração e de gestão do site.

A longevidade do Nonada deve muito ao empenho de Rafael: ele é o único integrante fundador que permanece. Vimos que desde 2009, antes mesmo de projetar o Nonada, o então estudante articulou uma rede de blogueiros. As pessoas eram incentivadas a não só postar conteúdo, mas visitar os blogs participantes e a estabelecer novas parcerias. A habilidade de Rafael para o *worknet*, ou seja, em articular relações parece tão singular quanto sua tenacidade.

Ele relata a sobreposição de jornadas de trabalho da equipe desde a época em que a maioria ainda atuava como estagiário; menciona o abandono dos participantes ao mesmo tempo em que fala do ingresso de novas pessoas no Nonada. É tanto individualmente quanto em grupo que o conceito de Travessia funciona: aprender fazendo, errando e acertando. Experimentando. A experimentação faz parte da história do Nonada e também da de Rafael: tanto o blog Sintonizados quanto os Monólogos são exemplos disso. Outro valor que compõe o Nonada e/ou Rafael é a incerteza e sua

potência para o crescimento e a transformação.

A vontade para a diversidade antropológica da cultura nas pautas vai aparecer com força mais adiante: é por meio das relações travadas no Nonada que Rafael demonstra essa inclinação. Ainda em 2015 ele destaca a importância das cotas na universidade para a formação de jornalistas que tenham um perfil diverso daquele visto nas grandes redações, em geral elitizado. Em 2016 o valor da diversidade é ressaltado no aprendizado que a troca proporciona – troca com pessoas com visões de mundo diferentes e experiências “que você nunca terá, pois não compartilha da mesma formação, credo, ou origem”. Mas isso só é possível questionando os padrões – inclusive em si mesmo. Ao dar espaço para essas pessoas, o jornalismo ganha em pluralidade de pautas e de perspectivas.

Em suas próprias palavras, Rafael define o Nonada como “um porto seguro do jornalismo”. A relação de Rafael com o coletivo funciona também como uma forma de “voltar a se empolgar com o que você faz” em uma área onde o mercado de trabalho não valoriza seus profissionais, oferece baixos salários e poucas oportunidades. Portanto, é compreensível sua afirmação de que, com relação ao Nonada, “eu não sei fazê-lo sumir (...). Porque o Nonada também sou eu, ou eu me confundo com ele”. O último relato demonstra a experiência pessoal de ser “debochado”, “menosprezado” e “desacreditado” por “tentar trabalhar de forma independente”. É também um exemplo de que a superação de tais julgamentos é um dos elementos que integra a longevidade do Nonada.

Ao fim e ao cabo, dobrar as forças de sujeição de modo a relacioná-las com elas mesmas é uma ação necessária à constituição de uma vida ética. Todos os integrantes do Nonada alcançados pelo mapeamento digital, de uma forma ou de outra, dão pistas dessa prática. E mesmo não achando registros suplementares dos outros membros da equipe, sabemos que todos trabalham no Nonada sem receber salário ou renda – isso só acontece eventualmente, quando há produção de reportagens financiadas.

2.2 Os colaboradores

Tão importantes quanto os integrantes da equipe são os colaboradores do Nonada. O estudo dos marcadores de autoria nos mostrou que o autor “Colaborador” foi responsável por 251 publicações ao longo do tempo. Contudo, qual foi o grau de participação desse marcador na produção de conteúdo do coletivo ao longo do tempo? A tabela a seguir mostra a porcentagem de conteúdo que, ano a ano, foi publicado no

marcador “Por Colaborador”¹⁷⁰.

Tabela 4 – Conteúdo dos colaboradores

Ano	Total de postagens	Postagens de “Por Colaborador”	% de “Por Colaborador”
2010	119	36	30,25%
2011	179	53	29,60%
2012	192	45	23,43%
2013	60	7	11,66%
2014	61	15	24,59%
2015	197	50	25,38%
2016	142	39	27,46%
2017	76	13	17,10%
2018	39	12	30,76%

Fonte: elaborado pela autora

Lendo a tabela percebemos o marcador “Por Colaborador” registrou a maior participação bruta na produção de conteúdo em 2011 (50 postagens) e a menor em 2013 (7 postagens). Contudo, os dados brutos não correspondem ao maior percentual de conteúdo postado “Por Colaborador” ao longo do tempo, que foi registrado em 2018 (30,76%). Por outro lado, como os dados de 2018 só incluem as postagens feitas até o dia 31 de julho, esse índice é somente uma tendência para o ano. Assim, voltando a analisar a tabela – agora atentando para os anos em que o registro cobre todo o conteúdo produzido –, vemos que a maior participação desse marcador na produção total do Nonada foi em 2010. A menor participação no conteúdo em relação ao total produzido no ano foi registrado, assim como o menor número bruto de conteúdos, em 2013. É oportuno ver como 2014 reverte os índices de 2013 (ano do início da crise de produção no Nonada): se antes o percentual de participação de “Por Colaborador” estava em 11,66%, agora esse índice mais que dobra, chegando a 24,59%. O marcador dos colaboradores aí foi responsável, praticamente, pela quarta parte de publicações do ano. Parece razoável supor que foi, também, uma força importante no processo de superação da crise iniciada em 2013.

¹⁷⁰Embora esse marcador não exprima *todos* os conteúdos produzidos pelos colaboradores – esse fato é explicado mais adiante.

Para compreender como esse material é distribuído, retomamos o quadro das editorias atuais do Nonada, mas agora somente com os dados do conteúdo postado sob o marcador “Por Colaborador” - e que foram registrados nas editorias vigentes¹⁷¹:

Tabela 5 – “Por Colaborador” nas editorias

Ano	Notícias	Reportagem	Entrevista	Coberturas	Resenhas	Opinião	Total
2010	8	3	3	5	8	0	27
2011	14	1	0	4	26	0	45
2012	2	1	3	18	20	0	44
2013	0	0	1	0	6	0	7
2014	0	0	7	0	4	1	12
2015	1	1	4	3	33	6	48
2016	1	8	4	1	14	11	39
2017	0	5	2	0	3	3	13
2018	0	1	1	1	4	5	12
Total	26	20	25	32	118	26	247

Fonte: elaborado pela autora

Desdobrando as editorias na série histórica e somando os dados registrados em cada ano, vemos que o formato mais popular são as resenhas: elas representam quase a metade de todo o conteúdo veiculado em “Por Colaborador” na história do coletivo (47,77%). Seguindo a hierarquia dos formatos mais populares nesse marcador de autoria, aparecem as coberturas (12,95%), as notícias e os artigos de opinião (10,52% cada uma), as entrevistas (10,12%) e as reportagens (8,09%).

Os dados indicam o formato mais publicados em “Por Colaborador” no ano. As resenhas lideraram em 2010,2011,2012,2013,2015 e 2016. Contudo, em 2014 foram as entrevistas; em 2017, as reportagens; e, nos primeiros 7 meses de 2018, os artigos de opinião.

¹⁷¹Há necessariamente um desnível entre o número das publicações postadas em “Por Colaborador” e, nessas, o número das postagens marcadas com as novas editorias. Como explicado mais acima, embora a grande parte do conteúdo do Nonada tenha recebido uma marcação que o coloque em uma das editorias vigentes a partir de maio de 2017, isso não aconteceu em *absolutamente todas* as postagens. Por exemplo: a postagem “Programa Viva a Dança entrevista o Gafieira Club”, de 30/04/2015 – ou seja, publicada 2 anos antes da reforma das editorias –, traz somente a marca da editoria de artes cênicas, hoje extinta. Cf. em <http://www.nonada.com.br/2015/04/vivaa-danca-entrevista-o-gafieira-club/>.

Comparando os formatos anuais mais populares de “Por Colaborador” com o total de publicações da editoria em questão naquele ano, encontramos dados que permitem precisar com mais rigor o grau de participação do conteúdo postado nesse marcador. Assim, embora o valor bruto mostrado acima nos indique que 2015 foi o ano em que as resenhas dominaram o conteúdo de “Por Colaborador”, com 33 de um total de 48 postagens, o número total de resenhas publicadas em 2015 foi 134. Afinal, o estudo detalhado do conteúdo publicado pelo Nonada desde o seu nascimento já nos informou que 2015 foi o ano das resenhas. Portanto, o grau de participação de “Por Colaborador”, aqui, registra um índice de 24,62%.

O maior grau de participação deste marcador nos quase 8 anos de vida do Nonada aparece em 2018 – e em outra editoria: Opinião. Cinco dos seis artigos opinativos postados em 2018 (dados publicados até 30/07) são de “Por Colaborador”, registrando uma participação de 83,33%. Depois desse, o índice mais alto é o de 2010, marcando 44,44% de participação de “Por Colaborador” no total de resenhas publicado.

2.2.1 Listando os colaboradores

A tentativa de discriminar os nomes dos colaboradores busca precisar o número total de colaborações e apontar o número de colaborações por tipo – texto, foto ou vídeo. Dessa forma, o conteúdo gerado pelos colaboradores parecerá multiplicado, já que uma mesma postagem pode ser publicada com texto, foto e vídeo – mas cada um deles é um elemento diferente da matéria. Mapear essa diferença interessa na busca por compreender quem colabora com o Nonada e como colabora. Apurar o nome dos colaboradores e as datas em que suas contribuições foram publicadas também possibilita construir uma linha do tempo dos colaboradores.

Levando em conta que os marcadores de autoria destacam os redatores do conteúdo, o gesto de consultar cada uma das publicações permite registrar as vezes em que as colaborações são publicadas em “Por Colaborador” e as que foram incorporadas em marcadores da equipe. Tal pesquisa alcança, por exemplo, as colaborações de fotógrafos que acompanharam a pauta de um integrante redator – nesses casos, o material é publicado no marcador do integrante redator e não no marcador “Por Colaborador”. Também acontece de um integrante publicar, em seu marcador, textos de terceiros – é o caso de Priscila Pasko, quando convidou algumas escritoras para escrever para o Veredas. Penso que esse tipo de ação é muito pontual, projetada mirando em uma contribuição bem específica em uma série peculiar de textos, e talvez por isso foi

julgado mais adequado publicá-los sob o marcador de Priscila (que aliás também participa da composição da matéria). Até porque, em última análise, o marcador “Por Priscila Pasko” é o marcador do Veredas: ela é a criadora desse espaço especial do site dedicado ao tema da escrita feminina, e é também autora de quase todas as 37 postagens registradas ali. Inclusive, o marcador de Priscila foi usado somente duas vezes fora do Veredas. A primeira no dia 05/04/2016, em uma resenha sobre um show de Elza Soares e a segunda no dia 24/08/2016, em uma fotorreportagem de Douglas Freitas com texto escrito por Priscila (que também assistiu ao evento abordado na matéria). Assim, exclusivamente para fins didáticos e de forma a contemplar os objetivos desta Tese, considero todo material produzido por terceiros e publicado sob marcador de autoria de um dos integrantes da equipe como um tipo de contribuição¹⁷² ao coletivo.

Tabela 6 – Colaborações e contribuições

Ano	Colaboradores (T)	Colaboradores Novos	Colaborações	Contribuições
2010	32	32	35	24
2011	22	15	42	42
2012	24	18	50	18
2013	11	6	11	11
2014	19	16	18	11
2015	56	44	57	48
2016	56	44	52	44
2017	43	31	17	32
2018	17	8	15	12
Total		214 colaboradores	297 colaborações	242 contribuições

Fonte: elaborado pela autora

A coluna “Colaboradores (T)” mostra o total de colaboradores no ano. Não há soma total nessa coluna porque tais números - embora expressem o número de pessoas que colaboraram com o Nonada em cada ano – não levam em consideração a repetição de um mesmo colaborador na linha do tempo. Assim, um colaborador x pode ter

¹⁷²Quando operei o detalhamento das colaborações, passei a diferenciar colaboração de contribuição. É uma forma de mostrar, didaticamente, que aquela é uma matéria produzida na íntegra por colaboradores (publicada sob o marcador “Por Colaborador”), enquanto essa é um elemento (foto, vídeo ou texto) dentro de uma matéria maior (publicada sob o marcador de autoria de um dos membros da equipe).

produzido conteúdo em 2010, 2011 e 2012, por exemplo – e ele figura em cada um desses anos, porque o número indica o total de colaboradores naquele ano específico. Além dessa ressalva, há outra: tais números indicam o total de colaboradores, independente se o conteúdo foi publicado em “Por Colaborador” ou se foi publicado em um marcador de algum integrante. Proceder de tal modo faz com que alcancemos os colaboradores de todos os elementos presentes no conteúdo (texto, imagem ou vídeo). Caso apurasse tais números somente em “Por Colaborador”, a pesquisa perderia os elementos produzidos pelos colaboradores (fotografias, por exemplo) que foram publicados sob o marcador de um integrante. Portanto, a busca pelos números se deu a medida em que eu visualizava cada uma das matérias publicadas e listava os autores de cada elemento participante daquele conteúdo: redator (texto), fotógrafo ou ilustrador (imagem) e cinegrafista (vídeo). Aliás, ao destacar os diferentes elementos do corpo das matérias, percebi que 53% do material produzido pelos colaboradores é imagem (ilustração ou foto), 46% texto e 1% vídeo. “Colaboradores novos” registra os colaboradores que passaram a contribuir em cada ano. Aqui sim os nomes não se repetem, e por isso é possível somar os números de modo a chegar ao total de colaboradores do coletivo¹⁷³: 214.

As duas últimas colunas levam em conta o marcador de autoria com o qual o conteúdo foi disponibilizado. Assim, conteúdos publicados sob “Por Colaborador” são denominados “colaborações”; já conteúdos publicados sob qualquer outro marcador, são chamados de “contribuições”. Portanto, a soma dessas duas colunas exprime o total de elementos (texto, imagem e vídeo) produzidos pelos colaboradores – aí sim independente do marcador de autoria sob o qual eles foram publicados: 539.

O movimento dos colaboradores no tempo mostra que os anos de 2015 e 2016 foram os que mais atraíram colaboradores: 56 em cada um. Por outro lado, os dados de 2013 nos indicam que esse foi o ano em que o Nonada teve menos participação de

¹⁷³Contudo, preciso fazer uma ressalva: ao visualizar o conteúdo, percebi que nem sempre as legendas das fotos explicitam se aquela imagem era produto de assessoria de imprensa. Lido com a suposição de que essa falta foi mais presente nos primeiros anos do Nonada, porque a pauta do veículo não era tão local e “minoritária” como é hoje. Se pautas mais amplas e “normativas” podem ser ilustradas lançando mão de bancos de imagens gratuitos, as pautas minoritárias - por cobrirem temas e problemas específicos e locais - sofrem mais com a falta de fotógrafos. Assim, penso que a falta da creditação da imagem às assessorias ou banco de dados (mas nunca ao fotógrafo) foi mais corriqueira entre 2010 e meados de 2015. Um dos indícios que caminham nesse sentido é a data da primeira campanha do Nonada lançada exclusivamente para buscar colaboradores fotógrafos: 1º de outubro de 2015. A campanha foi executada exclusivamente na *fanpage* do Nonada no Facebook e pode ser visualizada em <https://www.facebook.com/NonadaJor/photos/a.188681644533366.42129.186967834704747/852707698130754/?type=3>

colaboradores – 11. Um dado interessante está no ano de 2014: embora o número total de colaboradores no ano tenha sido baixo – 19 pessoas –, esse é o período em que a relação “total de colaboradores – colaboradores novos” foi a mais alta da história do coletivo – 84% eram pessoas que nunca haviam colaborado com o Nonada. Em 2015 e 2016 essa taxa segue alta (78%). A tabela mostra, ainda, que a taxa mais baixa de novos colaboradores está em 2013 (54%).

A relação “total de colaboradores – colaboradores novos” só é aplicada a partir do segundo ano do coletivo, 2011, porque obviamente os colaboradores do primeiro ano são todos novos colaboradores. A taxa de 2011 é mediana quando relacionada ao restante da série – 68% do total de colaboradores são novos. Em 2012 o índice sobe para 75%, mas a tendência de alta é revertida no ano seguinte, como já explicado. Embora os dados de 2013 demonstrem a crise pela qual o Nonada passou, o alto índice da relação “total de colaboradores-colaboradores novos” registrado em 2014 nos fala de um movimento de renovação. E esse movimento parece ter se mantido constante nos três anos seguintes (os anos de 2015 e 2016 mostram o mesmo índice – 78,57% - e 2017 registrou 72% de colaboradores novos). Os dados usados nas tabelas são os registrados no site até o dia 31 de julho de 2018. E, embora a taxa do último ano marque 47% de novos colaboradores, não a considero a mais baixa da série histórica porque os números não correspondem ao ano completo.

Outra relação passível de ser traçada é a porcentagem de elementos produzidos pelos colaboradores que foram publicados sob “Por Colaborador” - ou seja, as “Colaborações” - e aqueles postados sob qualquer outro marcador – as “Contribuições”. Aqui, a taxa mais alta de colaborações corresponde ao ano de 2012: 73% do conteúdo produzido pelos colaboradores foi publicado sob o marcador “Por Colaborador”. Já a mais baixa foi registrada em 2017 (34%), único período em que esse índice ficou abaixo de 50%¹⁷⁴. Novamente, friso que os dados de 2018 não são completos e, somente para fins de registro, informo que 55% do conteúdo produzido por colaboradores nos primeiros 7 meses do ano foram publicados sob o marcador “Por Colaborador”.

Pesquisar o marcador sob o qual o conteúdo dos colaboradores foi publicado pode nos dar pistas sobre o tipo de pauta mais produzido pelo Nonada em cada um de seus anos de existência. Isso porque, ao analisar o conteúdo produzido pelos integrantes, percebemos que a grande maioria produz quase exclusivamente textos. E, se

¹⁷⁴Os dados relativos aos outros anos são: 59% em 2010, 50% em 2011 e 2013, 62% em 2014, e 54% em 2015 e 2016.

lembrarmos que pautas locais e minoritárias geralmente exigem a presença de fotógrafos, percebemos o quanto a participação dos colaboradores é crucial para o coletivo. Seguindo essa lógica, 2017 foi o ano em que esse tipo de pauta esteve mais presente – o que também talvez explique o mote da campanha de financiamento coletivo em 2018 (culturas minoritárias). Outro indício mostrado por esses números é, por outro lado, o quão pouco a produção da equipe de 2012 dependeu da agência dos colaboradores, na medida em que as imagens eram mais gerais (sugerindo o uso de bancos de imagens online e fotografias produzidas por assessorias).

Penso que altos índices de “Contribuições” apontam para o fortalecimento do trabalho colaborativo entre integrantes e colaboradores. Afinal, as pautas conjuntas tornam necessária a presença concreta do colaborador na rua, junto ao redator. Há uma troca, de experiência e de afetos, que parece ser menos potente quando o colaborador apenas envia o conteúdo para ser editado e publicado. Neste último caso, embora o colaborador possa estar presente nas reuniões de pauta, depois disso o contato é feito online, dispensando qualquer tipo de troca física entre colaboradores e integrantes.

As “Colaborações” indicam uma separação mais clara entre as pautas produzidas pela equipe do Nonada e aquelas geradas pelos colaboradores. E, se por um lado o marcador “Por Colaborador” destaca a participação de pessoas externas à equipe no site do coletivo, por outro ele também frisa que naquele conteúdo o trabalho colaborativo foi menos intenso: a co-participação dos integrantes se dá somente no momento da reunião de pauta, na edição e na publicação (estes últimos executados de forma remota).

Tabela 7 – Conteúdo dos colaboradores por tipo de produção

Ano	Colaboradores (T)	Elementos (T)	Média
2010	32	59	1,84
2011	22	84	3,81
2012	24	68	2,83
2013	11	22	2
2014	19	29	1,52
2015	56	105	1,87
2016	56	96	1,71
2017	43	49	1,13
2018	17	27	1,58

Fonte: elaborado pela autora

Para compor a tabela acima, utilizando tanto os dados de “Colaborações” quanto os de “Contribuições”, somei o número de colaboradores no ano (primeira coluna) e os elementos por eles produzidos no ano (segunda coluna). A busca é pela média da participação pessoal dos colaboradores em cada período.

Relacionando os totais de colaboradores e dos elementos (texto, imagem e vídeo) produzidos por eles a cada ano, percebemos maior número de participação recorrente por colaborador em 2011 (3,81), seguido de 2012 (2,83) e 2013 (2). Essas taxas demonstram que, nesses anos, determinados colaboradores participaram com mais frequência na produção do Nonada.

Em 2011, somente Fernando Halal participou de 22 pautas como fotógrafo – e em duas delas também redigiu o texto; o colaborador redator que mais contribuiu foi Edgar Aristimunho, com 9 textos. Em 2012, na produção fotográfica de colaboradores aparece Fernando Halal novamente, com 11 pautas; no texto, Ricardo Facchini contribuiu 9 vezes. Em 2013 – ano em que o Nonada passou pela sua maior crise de produção –, Ita Pritsch participou de 5 pautas como fotógrafa e a redatora Carolina Teixeira contribuiu com 5 textos.

Embora as taxas dos outros anos não sejam tão altas, penso que é importante destacar os colaboradores que mais participaram do Nonada ao longo do tempo. Em 2010 Fernando Halal participou de 8 pautas como fotógrafo e em uma delas também produziu texto e vídeo; Paulo Finatto contribuiu com o maior número de textos entre os colaboradores: 5. Em 2014 Henrique Coradinni redigiu 4 textos e Ita Pritsch fotografou 4 pautas. No ano seguinte Ita volta a ser a fotógrafa que mais contribuiu, agora em 13 pautas, e João Vicente Ribas redigiu 8 textos (em 4 deles, João também fotografou). O fotógrafo que mais participou de pautas em 2016 foi Erick Peres, em 7 ocasiões; já o colaborador que mais publicou textos foi o grupo Gemis, que produziu 6 colunas durante o ano.

A relação conteúdo/colaborador de 2017 é a mais baixa da série histórica (1,13) e, realmente, entre os fotógrafos o maior número de participações em pautas é 2, sendo que 5 são as pessoas que contribuíram 2 vezes: Louise Soares, Douglas Freitas, Carol Corso, Lidiane Bach e Gisele Endres. O maior número de contribuições textuais também é 2, mas somente um colaborador redator publicou duas vezes em 2017: Mairon Rodrigues. Penso que esse dado talvez aponte para a potência do caráter de

diversidade que atravessou o Nonada em 2017: se por um lado a média de produção do colaborador foi menor, por outro há uma diversificação no olhar sobre as pautas veiculadas – pelo menos no que tange aos colaboradores fotógrafos. No ano seguinte, 2018, a fotógrafa que participou de mais pautas foi Carol Ferraz, por 4 vezes – sendo que em uma delas também redigiu o texto. Quanto aos redatores desse ano, a mais presente foi Eliane Marques, também por 4 vezes.

PARTE 3

O Nonada por si mesmo

Depois de apresentar o site e alguns de seus elementos, e de apresentar os integrantes e a agência dos colaboradores, passo agora a mostrar a *timeline* que construí mediante outros dados coletados no mapeamento digital. A ideia é compor uma narrativa de cada ano de atividade do Nonada operando prioritariamente com o conceito de *worknet*. Por outro lado, a ética foucaultiana atravessa os elementos e também é apontada nos relatos.

A busca pelo que o próprio coletivo tem a dizer sobre sua atuação me levou a coletar materiais institucionais publicados desde 2010. Os materiais institucionais foram coletados no site e na *fanpage*. Isso porque, embora o site seja o veículo oficial do Nonada, há conteúdos institucionais que foram divulgados exclusivamente no Facebook.

2010 O jornalismo independente e a diversidade das editorias

O primeiro conteúdo institucional rastreado foi a postagem “Anuncie”, no site do Nonada. Ela aparece, na lista cronológica de conteúdo, com a data de 20 de julho de 2010, embora ao clicar na postagem e abri-la, não esteja datada. Seu texto é curto: “Entre em contato conosco pelo e-mail nonada@nonada.com.br e manifeste seu interesse. Anuncie no Nonada – Jornalismo Travessia, e incentive iniciativas independentes e culturais, como a nossa”. Dez dias depois foi postado o texto ““Bem-vindos”. Portanto, ainda que hoje a prática de anúncios no site tenha sido abandonada, ela foi a primeira a ser operada na busca pela sustentabilidade do Nonada.

Em setembro, no dia 9, são postados dois conteúdos institucionais no site: o videocast “Editorial Nonada 01” e o podcast “PodNonada01”. O primeiro traz um depoimento de cada integrante a respeito de sua afinidade pessoal com a editoria pela qual é responsável. Participam Rafael Gloria (Games), Maurício Cuduro (Música), Vinícius Fontana (Cinema), Ariel Oliveira (HQ's), Carlos Eduardo Caldas (TV), Leila Ghiorzi (Economia da Cultura), Guilherme Brendler (Literatura) e Mariana Sirena (Artes Visuais).

Além de falar sobre seu interesse por games, Rafael conta como a ideia do site

nasceu. Ele cita sua experiência como bolsista em uma pesquisa “na área do jornalismo cultural” e afirma: “acho que essa é uma [área] em que ninguém se aprofunda mais” e que “as matérias poderiam ser mais críticas e reflexivas. É essa a proposta do Nonada – Jornalismo Travessia. Essa é a nossa travessia: fugir do comum e entrar mais na profundidade das matérias”. Ele também ressalta que outra função do Nonada é “trazer novas editorias” com temas que não aparecem muito na grande mídia – além de oferecer, nas “editorias mais clássicas”, conteúdo mais aprofundado e “assuntos que fogem um pouco dos cadernos culturais diários”. Os integrantes informam que as novas editorias foram criadas “mais pelo que a gente realmente achava que era mais importante ter”.

Rafael destaca que “O Nonada quer utilizar todas as ferramentas que a internet proporciona”, sejam as redes sociais ou a produção de podcasts e videocasts. Ressalta que o Nonada vai montar um programa de podcast por mês, abordando algum tema da cultura, além de produzir “vídeos editoriais com atualização mensal e isso é um diferencial nosso, eu acho. Uma coisa que a gente pensou para ser específica do Nonada, uma marca nossa”.

No PodNonada01 participam Rafael Gloria, Ariel Oliveira, Leila Ghiorzi, Cadu Caldas e Maurício Cauduro. Pela primeira vez, ao ser abordada a necessidade de reportagens mais aprofundadas no jornalismo cultural, é mencionada a importância de prazos mais longos na composição das matérias. Também é justificada a escolha por criar um veículo na internet. É mais barato (se por um lado o digital exige uma *webdesigner*, por outro no impresso há um gasto contínuo com a gráfica); possibilita a produção de podcasts e videocasts; chega a um maior número de pessoas (embora seja “difícil definir o público que lê na internet”); facilita a interação com o público. Além disso, na internet há espaço – o número de caracteres deixa de ser um limite.

Os integrantes falam sobre as pesquisas que fizeram antes de colocar o site no ar. Eles estudaram os sites de cultura que existiam no sul do país e dizem ter ficado impressionados porque encontraram poucos. Além disso, “o que tem é um outro perfil – é muito mais humorístico, muito mais focado nessa questão do entretenimento”. Eles destacam a prática da mera transposição do conteúdo em sites de grandes jornais: “Normalmente o que existe são sites que tem versão impressa, não são veículos exclusivos da internet, não é pensado para a internet. É o conteúdo do impresso que é só passado para a internet”. Fazem também a crítica do uso das redes sociais pela grande imprensa, cujos perfis no twitter “são muito mais do tipo RP [Relações Públicas] do que

para interagir com o público. E a intenção do Nonada é a interação”. Os integrantes ainda informam que não pretendem focar no serviço, ou seja, dar simplesmente a agenda de eventos artísticos que estejam acontecendo na cidade.

Ficamos sabendo que, inicialmente, o Nonada convidava especialistas para compor artigos de opinião e assim veicular perspectivas balizadas. Mais adiante, eles comentam sobre os colaboradores: “já temos colaboradores tanto aqui quanto no exterior que ficaram de mandar textos” e que isso “possibilita outros olhares”. Falam, por outro lado, do que chamam de “espaço aberto”, destinado às colaborações do público: “Na questão do espaço aberto, a gente vai receber dos leitores”. Exemplificam dizendo que essas colaborações podem ser foto, desenho, texto, conto ou ensaio.

Outra informação nova que esse conteúdo traz é a atuação do professor Vitor Necchi como *ombudsman* do Nonada. A equipe do site procurou o professor e ele se interessou pelo projeto “porque a gente vai fazer tudo pela internet e não tem quase isso”. Os integrantes ressaltam que pensaram no jornalista “porque ele não conhece a maioria das pessoas que participam do site” e, como a função a ser cumprida por Necchi é de avaliação, ele teria liberdade para dizer o que está bom e o que está ruim. Sua atuação seria “Mais como um professor mesmo, ele vai dizer o que a gente errou, o que a gente acertou, para na próxima edição a gente melhorar”. Afirmam quererem que tanto o *ombudsman* quanto o público façam a crítica do site.

No dia 20 de outubro o Nonada posta no site o “Vídeo Editorial – Segunda Edição”. Com um terço da duração do vídeo anterior, em pouco mais de 2 minutos assistimos aos depoimentos de Rafael Gloria, Maurício Cauduro e Vinícius Fontana. Eles fazem uma avaliação do primeiro mês de funcionamento, principalmente sobre a periodicidade das postagens. Rafael diz que, quanto à divulgação, “nós exageramos um pouco” antes do site ir ao ar, mas que agora conseguem “divulgar direito as matérias”. O maior número de acessos do site, via redes sociais, partia do Twitter, seguido do Facebook e, por último, do Orkut. Quanto à periodicidade do conteúdo, Maurício Cauduro informa que, na estreia, eles postaram “tudo de uma só vez”, o que gerou um enorme número de acessos na primeira semana e “no resto do mês foram bem menores”. Decidiram corrigir essa prática “já para a segunda edição” e lançar o conteúdo por semana, visando uma distribuição mais harmônica dos acessos. Vinícius Fontana relata que eles pensaram muito nas reportagens, entrevistas e artigos, dando pouca atenção às notícias. Portanto, “para a segunda edição a gente está pensando em colocar as notícias de maneira mais analítica e fora da agenda tradicional”. Rafael

encerra o vídeo anunciando que “na segunda edição do Nonada a gente vai ter um espaço para resenha”, e também a coluna do *ombudsman*. Ele ainda informa que o Nonada agora está com mais um editor de música, Daniel Sanes. Outro ponto de destaque é a participação dos colaboradores: “A gente está com muito mais colaboradores do que na primeira edição. Tem gente escrevendo sobre teatro, cinema, literatura e música”.

Portanto, desde o início o Nonada carrega consigo o conceito de jornalismo independente, a vontade de produzir matérias aprofundadas e a diversidade no conteúdo. Mas penso que essa diversidade é enfatizada nas editorias – um valor que se desloca com o tempo e se dá a ver de outro modo em 2017, quando as editorias são reformuladas. Em 2010, apostava-se na produção de podcasts e videocasts, na interação via redes sociais – e já se fomentava que o público criticasse o veículo e, com isso, ajudasse os integrantes a lapidar o conteúdo. Contudo, o valor do exercício do jornalismo pelos jornalistas ou estudantes de jornalismo e a elaboração de artigos de opinião por especialistas está presente. Há ainda um vínculo de valores muito forte com a experiência acadêmica – até mesmo na referência à atuação do *ombudsman* como um “professor” que apontará os erros e acertos na condução das pautas. Também a menção à “1ª edição” e “2ª edição” do site é peculiar à época do nascimento, lembrando a periodização de um produto noticioso impresso, televisivo ou radiofônico, e não online. Os materiais institucionais de 2010 também nos informam que o Nonada nasceu buscando a sustentabilidade por meio de anúncios – um entendimento que se mantém ainda por algum tempo.

Assim, em 2010 o conceito de diversidade do Nonada estava focado nas editorias, e a travessia era articulada à “cobertura da cultura no jornalismo”. Não havia ainda a composição entre “cultura” e “antropologia”, nem a ideia de que os próprios integrantes do Nonada deveriam trazer, em si mesmos, a multiplicidade cultural.

2011 As primeiras parcerias: Revista Cult e Jornal Rascunho

Não encontrei nenhuma publicação institucional no site durante o ano seguinte, 2011. Isso me fez vasculhar a *timeline* da *fanpage* em busca desse tipo de conteúdo. Por outro lado, há uma limitação técnica no alcance temporal da atuação do Nonada no Facebook. Inicialmente, o perfil do Nonada era pessoal – ele só se tornou uma *fanpage* em agosto de 2011, por força da reestruturação imposta pelo algoritmo (visando a potencialização das páginas publicitárias). Assim, os dados do Nonada no Facebook -

usados para re-traçar a história do grupo - deixam de fora o primeiro ano (presumivelmente, posts de setembro de 2010 a agosto de 2011).

Ao buscar conteúdos institucionais na *fanpage*, confirmei que determinadas ações, mais adequadas ao ambiente das redes sociais, foram divulgadas ali. Ainda que alguns desses posts compartilhem links para o mesmo conteúdo dentro do site, hoje não há mais registro deles em nonada.com.br. É o caso da promoção lançada pelo Nonada no dia 2 de setembro 2011, em comemoração ao primeiro ano do site:

Post 1



Fonte: *fanpage* do Nonada

Embora a postagem indique a existência de conteúdo sobre a promoção no site do Nonada, hoje ele não existe mais. Não consegui localizá-lo nem na lista cronológica, nem pelo buscador do site. Contudo, um post do dia 8 do mesmo mês explica aos usuários como funciona a participação no concurso de 2011:

Hey pessoal, para participar do Concurso Um ano de travessia do Nonada basta postar aqui no mural a sua relação com alguma manifestação artística (Show, filmes, livros, quadrinhos, etc...) e pedir para os seus amigos curtirem! Quem tiver mais curtidas leva uma assinatura anual da Revista Cult, o segundo com mais curtidas do jornal Rascunho e o terceiro um livro com as melhores entrevistas do jornal Rascunho!

Outro fato que só achei registrado na *fanpage* foi a ação, na rua, comemorativa do aniversário do Nonada em 2011. Além de promover o concurso, naquele ano os integrantes do Nonada distribuíram balões vermelhos no Parque da Redenção e, preso em cada balão, um cartão comemorativo com excertos retirados de obras culturais.



Post 2

Fonte: *fanpage* do Nonada

Os materiais institucionais de 2011, assim, nos informam das primeiras parcerias do Nonada com outros veículos: a Revista Cult e o Jornal Rascunho. O uso das métricas aparece no concurso de aniversário, na medida em que os participantes que alcançarem o maior número de curtidas no post que compartilha publicamente o cartaz da promoção levam o prêmio para casa. A atividade comemorativa do aniversário sugere tanto uma estratégia promocional quanto um fortalecimento da relação do conjunto dos integrantes do Nonada com o espaço urbano. Parece ser um modo de experienciar uma atividade em grupo na rua, para além das reuniões de pauta.

2012 Ainda, o valor da formação acadêmica

A lista cronológica do conteúdo no site mostra que lá existem duas postagens institucionais datadas nesse ano. A primeira é “Seja um colaborador do Nonada”, postada no dia 14 de maio, e a segunda é “Especial – Dois anos de Nonada Jornalismo Travessia”, postada no dia 9 de setembro. “Seja um colaborador do Nonada” marca a primeira campanha ostensiva para novos colaboradores. Nela, o grupo informa que o Nonada “vem participando da cena de comunicação cultural digital do país, partindo da realidade de Porto Alegre sem deixar de considerar o que está acontecendo no mundo”. Logo depois, convida os leitores para participar enviando conteúdo, embora restrinja o

convite a quem “é jornalista ou estudante de jornalismo” e “fotógrafos e produtores audiovisuais”. Os interessados devem mandar um e-mail e o Nonada entra em contato informando a data da próxima reunião: “Nesses encontros, costumamos discutir sobre conceitos do campo da cultura, pautas latentes e novas possibilidades de formatos para a internet, num clima informal. Chega aí! Será bem-vindo”.

Três dias depois a mesma campanha chamando colaboradores é publicada na *fanpage*, mas o tom é levemente mais aberto. Depois de falar sobre ser jornalista ou estudante de jornalismo, estende o convite para quem “conhece bastante sobre alguma parte do jornalismo cultural”. Nesse post, não aparece a menção aos fotógrafos e produtores audiovisuais.

No texto comemorativo dos dois anos do Nonada, Rafael Gloria menciona, pela primeira vez, que um dos objetivos do Nonada é “tratar a cultura em suas inegáveis raízes antropológicas”. Diz que tem aprendido muito ao lidar com “todas essas dificuldades de se fazer um jornalismo independente, de procurar sempre novas colaborações e, assim, novos diálogos com diferentes tipos de pessoas”. Aqui também há a afirmação de que “a qualidade deve vir antes do número de clics”. Rafael faz um agradecimento “aos parceiros do Nonada”: a Revista Bastião e o Jornal Tabaré. Ele explica que essas publicações “cederam os prêmios para a comemoração: um ano de assinatura da Revista Bastião e 6 meses do Jornal Tabaré”. Rafael encerra o texto elogiando os parceiros, “Duas excelentes publicações do cenário independente de Porto Alegre que, mais do que isso, se espalharam e conquistaram muitos leitores em vários lugares. Nós do Nonada, admiramos e respeitamos muito o trabalho dos colegas”.

No Facebook somos informados a respeito do concurso em um post datado do dia 11 de setembro. Ele explica que, para participar, o usuário deve curtir a página do Nonada e compartilhar publicamente o cartaz da promoção. Um post do dia 01 de maio comunica que o Nonada criou um perfil no Pinterest e outro, do dia 25 de abril, informa que o *layout* do site está “um pouco diferente, mais dinâmico”. É pela *fanpage* que sabemos da festa dos dois anos do Nonada, marcada para o dia 14 de setembro na Pinacoteca Café. Ainda em 2012, há uma postagem desejando aos leitores feliz natal e, outra, feliz ano-novo.

A campanha em busca de colaboradores carrega em si marcas de alguns valores do Nonada de 2010. Assim, embora o convite na *fanpage* se estenda a quem “conhece bastante sobre alguma parte do jornalismo cultural”, a ênfase à abertura é tímida. Podemos dizer que o convite ainda ecoa restrições ao enfatizar não o interesse, mas sim

o *conhecimento* sobre o jornalismo cultural. Por outro lado, a solicitação do envio de e-mail sinalizando interesse e a informação de que o Nonada entra em contato convidando para a próxima reunião de pauta podem ser entendidas como um padrão de ordenamento que se mantém até hoje.

Ainda que o texto de aniversário mencione as raízes antropológicas da cultura, essa ideia só vai tomar potência mais adiante. Por outro lado, o discurso do jornalismo independente é bem forte e, ao agradecer os produtos da premiação do concurso de 2012, ficamos sabendo que o *worknet* do Nonada arregimentou dois novos veículos parceiros: a Revista Bastião e o Jornal Tabaré.

Embora o grupo mantenha o uso das métricas no concurso promocional, ressalta que a qualidade da informação é mais importante do que o número de cliques. Outra ação notável são os posts desejando feliz natal e feliz ano-novo – é o único ano na história do Nonada em que isso acontece.

2013 O aniversário sem parcerias

Em 2013 há dois conteúdos institucionais no site. O primeiro, postado no dia 29 de março por Rafael Gloria, explica “Por que o jornalismo cultural é importante”. O segundo é o texto comemorativo dos três anos do Nonada, também postado por Rafael Gloria, agora no dia 11 de setembro.

O texto sobre o jornalismo cultural diz que o jornalista da área, muitas vezes, troca ingressos por um espaço no jornal. Também critica a prática de trabalhar como repórter na editoria de cultura de uma redação e, ao mesmo tempo, como assessor de imprensa em empresa da mesma área. Os interesses cruzados acabam levando a um dilema: “Como se mediar? Como ser 'imparcial' nesse caso? Imagino a cena que alguns colegas devem passar diariamente: 'Devo dar esse espaço para o meu cliente?'”. Rafael segue dizendo que é necessário selecionar as pautas de modo a evitar textos “que acabam parecendo mais publicidade do que notícia” e que é “desprezível” quando um jornalista cultural “puxa sardinha” para um artista porque ele é amigo ou conhecido.

Sou jornalista e editor do Nonada então esse texto também pode ser considerado uma autocrítica. É claro que já erramos a mão no site, mas posso afirmar que por fazermos por “amor” e por não termos nenhuma grande empresa ou família de comunicação por trás, somos mais livres para seguir com a linha editorial que quisermos, esboçar o horizonte que desejarmos. Talvez por isso não me lembre de casos de publireportagem no Nonada.

Ele segue dizendo que a editoria de cultura não deve ser entendida como a mais “leve” do jornal, “como se fosse menos importante do que as outras”. Até porque “uma

matéria cultural pode ser tão 'pesada' quanto a notícia de uma página policial". Assim, quando o jornalismo cultural oferece críticas sérias, abre espaço para que jornalistas e leitores troquem experiências; quando produz reportagens aprofundadas, fomenta discussões mais precisas. Rafael fecha o texto dizendo que há limites na qualidade do conteúdo oferecido nas páginas da grande mídia, em função das rotinas produtivas. Contudo, isso não deve ser motivo para inibir o debate das possibilidades de mudança:

O problema, e eu compreendo, é que se tem um certo número de horas para se fechar um jornal. E você precisa preencher os espaços de algum jeito, sejam eles nobres ou não. E eu também entendo, você precisa de dinheiro, então tem que arranjar mais de um trabalho porque o jornalismo, de um modo geral, não paga bem. E você quer viver bem, né? Parece-me cada vez mais complicado ser jornalista sem apoio de outros jornalistas, sem liberdade editorial, sem ter que simplesmente vender a sua mão de obra (e não poder argumentar) em troca de uma "carreira" num grande veículo de comunicação. Mas é muito mais difícil mudarmos esse quadro se não discutirmos sobre esses problemas do jornalismo cultural, se não existir uma troca de experiências, de impressões entre jornalistas. Por que não sonhar com um futuro melhor?

O texto sobre o aniversário de três anos ecoa a crise na qual no Nonada ingressou naquele período. Rafael afirma que, "por mais que não tenhamos muito o que comemorar nos últimos meses", é importante perceber o que já foi construído e também aprender com os acertos e erros. Ele explica que, diferente dos aniversários passados, neste não há "nenhuma promoção ou parceria para celebrar a data", porque o Nonada está passando por "um lento processo de revitalização". Destaca que as poucas postagens do ano e o "parcial abandono" do site pode ser explicado de uma forma mais ampla e de outra, mais próxima. A ampla, enfrentada por qualquer publicação da área cultural, é a dificuldade com a falta de incentivo e a complicada tarefa de manter o veículo funcionando sem uma sustentabilidade estável. Ele cita como exemplo o fechamento da Revista Bravo, ocorrido naquele ano. A explicação "interna" é uma derivada da explicação ampla, na medida em que é muito difícil

[...] se manter como independente em uma realidade na qual todos os integrantes precisam tocar suas vidas, seja estudando, trabalhando ou se mantendo ocupados com outras obrigações. E a consequência é que acabamos deixando as atividades com o site em segundo plano.

Além disso, há também um clima de desânimo, já que "a ideia inicial do site parece ter se perdido". Rafael conta que em 2010 a equipe era "bem maior, em torno de 10 pessoas" e diz que agora não há como manter o mesmo ritmo. As consequências de operar com a equipe reduzida foi cair "na agenda e na publicação de notícias em larga escala". Contudo, informa que o Nonada não vai acabar e, embora ainda defendam a prática de conteúdo aprofundado no jornalismo cultural, precisam repensar o formato de

modo a que a atual equipe dê conta da produção. Para isso, pensam em diminuir as editorias e tornar o site “mais dinâmico, possivelmente mais próximo à disponibilização de conteúdo de um blog”. Explica que a ideia é apostar em três frentes: a “cultura” de modo geral, a “opinião” e o “jornalismo”. Apesar de ainda não haver data definida para implementar tais mudanças, espera concretizar algumas até outubro. Rafael reforça o pedido de colaborações e encerra: “a travessia foi bela e também torta. Assim como a vida, com seus altos e baixos, é preciso sempre caminhar para frente – pois, como diria Guimarães Rosa (nosso padrinho espiritual), o que ela quer da gente é coragem”.

Os textos institucionais de 2013 apontam para o questionamento das atuações dos jornalistas que acumulam uma jornada de trabalho na grande redação e outra em assessoria de imprensa voltada para a mesma área. Ao argumentar, destaca o valor da imparcialidade e a dificuldade do jornalista em exercê-la. Mas a maior marca desse ano é a crise que se instalou no Nonada. O texto de aniversário ressalta essa experiência ao frisar a ausência de um concurso ou de parcerias para comemorar a data. Há um enfraquecimento, portanto, no trabalho de rede do Nonada. As justificativas são a falta de financiamento, a sobreposição de jornadas de trabalho dos integrantes e uma equipe reduzida. O texto afirma que o efeito parece ter sido a perda da ideia inicial do site. Contudo, o Nonada segue defendendo os valores do jornalismo independente e das matérias aprofundadas, e sinaliza uma mudança no formato (semelhante a um blog) – de maneira que a equipe dê conta da produção de conteúdo.

2014 A retomada

O ano de 2014 não registra nenhum texto institucional no site. O Facebook, por outro lado, nos informa que em 20 de agosto o Nonada postou uma nova chamada para colaboradores. Nela, o texto menciona que há 4 anos o Nonada “busca por um jornalismo livre, junto com outros veículos parceiros da mídia independente de Porto Alegre, como a Revista Bastião e o Jornal Tabaré”. A chamada, agora, já não é restrita a “jornalista”, “estudante de jornalismo” ou a quem tem um conhecimento específico de jornalismo cultural – basta ter *interesse* (“Se você tem interesse em jornalismo cultural, entre em contato com a gente!”). No dia 4 de setembro, um post traz a foto das credenciais para o Porto Alegre em Cena. A ação de postar tal conteúdo sugere que conseguir o acesso a eventos não é uma rotina para o Nonada. Penso que credenciais podem ser entendidas como actantes, porque elas facilitam o trabalho jornalístico do veículo. Além do fato de sua posse eximir o jornalista de pagar pelo acesso aos eventos

(e para trabalhar), é uma forma de reconhecimento. Ceder credenciais indica que os produtores dos eventos reconhecem os veículos representados por aqueles jornalistas.

Post 3



Fonte: *fanpage* do Nonada

No dia 18 de setembro, há uma referência à parceria com o GameRS, programa produzido por Rafael e outro colega na Mínima.fm. No dia 15 de outubro, o Nonada ministrou uma oficina de jornalismo cultural na semana acadêmica da comunicação na UFRGS. Esse post explica que o cantor Ian Ramil foi convidado para a roda de conversa e, a partir das perguntas feitas pelos estudantes, eles produziram textos – dentre eles, o Nonada selecionaria alguns para serem publicados no site. Um mês depois é compartilhado um texto produzido por alunos que participaram da oficina: um deles era a futura editora do Nonada Ananda Zambí.

Ainda em 2014, no dia 11 de setembro é publicado um post sobre os “Quatro anos do Nonada – Jornalismo Travessia”, assinado por Rafael Gloria. Esse texto foi exclusivamente postado no Facebook. Rafael inicia dizendo que a trajetória no Nonada “É uma travessia larga de tempo, de vivência e, sobretudo, de autoconhecimento. Mas o que é, exatamente, o Nonada depois desse período todo? Na verdade, já fomos muito e deixamos de ser bastante”. Para entender o que o Nonada é, é preciso “analisar o que ficou em nós depois de toda essa travessia”.

O texto explica que o principal é que o Nonada é um site de jornalismo cultural e, “para nós interessa fazer a cobertura jornalística de expressões artísticas de determinados grupos sociais, assim como seus valores e o que produzem, seja o significado de um produto ou de evento cultural”. Aqui, pela primeira vez, é enunciada com clareza a ideia de uma cobertura voltada para “determinados grupos sociais”. Em seguida, há uma recusa à prática que marcou a produção de 2013, “o caráter noticioso imediato”: “Não daremos mais espaço para imediatismos rasos no Nonada”. A justificativa é que essa prática não exprime a qualidade proposta pelo Nonada e exercê-la é uma forma de incentivar

[...] a exploração dos colegas de profissão, que frequentemente tem sérios problemas de saúde ou de desvalorização (muitas vezes o chamado jornalista multimídia não recebe o salário merecido) devido à extrema correria pelos cliques, pela próxima polêmica ou pela enganosa chamada. Queremos qualidade não só para o jornalismo, mas também para o jornalista.

O texto também anuncia que o Nonada, embora ainda cubra produtos culturais massivos – mas sempre com “o nosso modo de contar e de analisar aquela produção” – passa a priorizar pautas sobre “trabalhos e artistas não consagrados ou conhecidos do grande público”. Isso porque no Nonada “deve sim ter mais espaço para aqueles que normalmente não tem”. Em seguida, afirma:

E, talvez, o mais importante desse aprendizado todo: não somos uma empresa. Não temos um capital, ou um investimento contínuo no site. E exatamente por não termos a organização de uma empresa nunca vamos “falir”. Podemos sim: desistir, cansar, desestimular. Mas não “falir”, “quebrarmos”, etc. Nós já demos muito certo para acontecer isso. A questão é: até quando vamos continuar a dar certo. Até quando vamos continuar a nossa travessia.

O texto fala que há muitas pessoas interessadas em colaborar, que o Nonada está com um outro *layout*, vai lançar um novo programa na Mínima.fm e uma promoção de aniversário. Lamenta o fechamento dos sites “Cinema em cena” e “Impedimento”, e comenta que há poucos editais de fomento e é muito difícil conseguir anunciantes. Contudo, ressalta:

De novo, entretanto, o Nonada não é uma empresa. É bom frisar isso. *Também não somos um coletivo*. Talvez, simplesmente sejamos um grupo de jornalistas a fim de produzir boas matérias de jornalismo cultural, não sei. Talvez pessoas sem noção que já deveriam ter desistido há tempos e continuam. O que sabemos, com certeza, é que é muito bom poder olhar para trás e ver tudo que fizemos e perceber o que ainda podemos fazer. [Grifos meus].

Em 2014, portanto, a chamada para os novos colaboradores do Nonada deixa de lado a restrição à formação e ao conhecimento em jornalismo e passa a enfatizar o *interesse*. Esse é um deslocamento importante em direção à emergência do jornalismo alternativo como um valor basilar do Nonada atual. É também uma marca que se

estende ao conceito de Travessia, de modo a futuramente articulá-lo à diversidade não só nas pautas, mas nos próprios jornalistas. Assim, a ênfase no *interesse* é também uma pista da prática do governo de si. O Nonada começa a deixar de ser somente um lugar para adquirir experiência profissional, e vai se tornando em um espaço possível para o exercício de si. Essa ideia aparece no texto comemorativo dos 4 anos, quando a Travessia é descrita como uma experiência de autoconhecimento: “Já fomos muito e deixamos de ser bastante”. Aparece a recusa da prática de 2013 – “imediatismos” que fortalecem a exploração do trabalho do jornalista e fomentam “a correria pelos cliques”. A busca é pela qualidade, tanto para o jornalismo quanto para o jornalista.

Também as credenciais compõem a busca pela qualidade no trabalho do jornalista. Elas expressam reconhecimento e credibilidade. Penso que são exemplos de objetos atuantes dentro do *worknet*: o acesso é fundamental na produção do trabalho, no reconhecimento do jornalista e do veículo, e na economia dos recursos do site.

A chamada para os colaboradores também marca a volta da menção ao Jornal Tabaré e à Revista Bastião – uma revitalização, portanto, do trabalho de rede. Esse é o primeiro ano em que o Nonada ministra uma oficina e por meio dela conquista a futura editora Ananda Zambí.

Ao repetir a fala sobre os problemas no financiamento, o texto de aniversário menciona a escassez dos editais de fomento e reafirma a dificuldade em conseguir anunciantes. Contudo, destaca claramente que o Nonada não é uma empresa – e também não é um coletivo. A ideia de coletivo, como veremos, vai emergir aliada ao primeiro projeto de *crowdfunding*, dois anos depois.

2015 A emergência do jornalismo alternativo

O concurso mencionado por Rafael no texto de aniversário do ano anterior só seria lançado no início de 2015. Ele aparece pela primeira vez em uma postagem do dia 5 de janeiro de 2015. As regras continuam as mesmas: compartilhar publicamente a imagem do concurso e curtir a *fanpage*. O prêmio é, novamente, a assinatura da Revista Cult. Contudo, dessa vez há uma restrição: não pode participar quem já tiver colaborado com o Nonada. Esse post marca 86 curtidas e 76 compartilhamentos. A título de comparação, o primeiro post do concurso de 2011 marca 1 curtida e nenhum compartilhamento e o primeiro post do concurso de 2012, 2 curtidas e 1 compartilhamento.

Em 2015 há três conteúdos institucionais publicados no site. Três edições do

programa Jabá são dedicadas ao próprio Nonada: uma sobre o lançamento do zine Travessias#1, outro sobre o lançamento do Veredas, e uma edição comemorativa aos 5 anos do site. Há ainda duas¹⁷⁵ páginas internas que foram publicadas nesse ano: a que contém a apresentação do blog Veredas e outra com o título “Colabore”.

O primeiro conteúdo institucional postado foi o “Jabá S03E12 – Na pauta, o lançamento do zine Travessias”, no dia 22 de junho. Participam os autores Gustavo Czekster, Demétrio Ribeiro, Thaís Seganfredo e Rafael Gloria, e a diagramadora Anelise de Carli. O programa é apresentado por Rafael, que destaca o fato de ser uma edição especial, já que “a gente vai fazer um Jabá próprio”. Ele informa que o lançamento vai ser no dia seguinte, no Instituto Goethe, e que a atividade integra o FestiPoa Literária de 2015. Comenta em seguida que “é a primeira publicação impressa do site Nonada” e explica que o zine é composto por cinco perfis que abordam um “momento definidor, a busca de uma ruptura, decisões ou experiências, descobertas que mudam a trajetória daquela pessoa”. Menciona que o ilustrador Paulo Lange e a autora Natasha Castro não puderam comparecer no programa e agradece a contribuição dos dois.

Rafael lembra que quando tiveram a ideia de fazer o zine, “a gente pensou logo na Anelise, porque eu estava ligado ao zine e ao Músculo também”. Músculo é a agência de publicação de zines de Anelise de Carli. Quanto ao zine mencionado por Rafael, acredito que ele se refira ao Rua Sete, um trabalho desenvolvido em parceria com ela para o Santander Cultural e que apareceu no levantamento dos dados profissionais dos integrantes do Nonada. Tanto Anelise quanto Rafael explicam que o processo levou em torno de 7 meses para ficar pronto.

Rafael destaca que a experiência de fazer um zine “é uma coisa que chama as pessoas, porque é colaborativa”. Ele diz sempre ter pensado em perfil, que esse é um conteúdo raro no sul do país e, portanto, “a gente tem que tentar fortalecer isso também”. Outra característica mencionada por ele no programa é o zine ser em papel, o que possibilita o contato físico com o conteúdo, um comentário que imediatamente é apoiado pelo autor e colaborador do Nonada Demétrio Pereira: “O tato tem uma memória”. Rafael, então, fala que “Pensar para escrever no papel é diferente de pensar para escrever no digital. Até jornalisticamente falando, tu pode até chegar lá e depois

¹⁷⁵Há a página dedicada aos zines (“Zine Travessias”), mas ela data do dia 18 de agosto do ano seguinte. Como o coletivo disponibilizou o Travessias#1 um ano após a publicação, penso que talvez a página tenha sido atualizada, perdendo, portanto, a data da postagem original. Na dúvida, ela foi listada nos materiais institucionais de 2016.

mudar alguma coisa no teu texto, mas no impresso não. É um compromisso bem maior que tu assume”. Mais adiante, ele cogita que deve estar só “cansado de ficar olhando para a tela do computador, acho que é isso”.

Um detalhe interessante é que, durante o programa, Rafael menciona que o Nonada está apoiando uma série de shows do músico Felipe Azevedo. Esse fato apareceu na clipagem do Nonada, em um release da Agência Dona Flor que foi postado no dia 7 de junho no site da empresa.

Cada participante do programa relatou o processo de seu trabalho no zine – menos Thaís Seganfredo (“o meu fica de surpresa”). Demétrio Pereira menciona a ajuda de Thaís Seganfredo na produção do perfil escrito por ele (“a Thaís só faltou escrever para mim”). A timidez de Rafael, relatada na seção “Integrantes”, fica patente quando ele fala sobre a produção de seu texto – ele está audivelmente nervoso. Ao final do programa, é feita referência ao trabalho de Priscila Pasko, que a princípio iria escrever para o zine, mas quebrou o braço. Mesmo assim, ela contribuiu na revisão dos textos.

Também no mês de junho, no dia 29, foi postado o texto “Colabore”. Ele é muito parecido com o texto “Seja um colaborador do Nonada”, de três anos antes. Mas dessa vez faz referência a um “jornalismo inclusivo e abrangente” e à vontade de se tornar “mais forte e diverso”:

Tem uma reportagem, crônica, entrevista, resenha ou artigo sobre arte, cultura ou jornalismo e gostaria de publicar no site? Manda um e-mail para nonada@nonada.com.br! O Nonada aceita colaboradores de todos os cantos do Brasil, de todas as formas de expressão artística e cultural. Você também pode participar das nossas reuniões de pauta ou mandar sugestões por e-mail e contribuir para um jornalismo mais inclusivo e abrangente. A equipe é pequena, o veículo, independente, e precisa da sua colaboração para se tornar mais forte e diverso.

Em setembro, no dia 16, foi postado um novo programa do Jabá, dessa vez pautando os cinco anos do Nonada (“Jabá S03E21 – Cinco anos de travessia no jornalismo cultural, independente e alternativo”). Participam Rafael Gloria, Thaís Seganfredo, Ananda Zambi, Raphael Carrozzo, Daniel Sanes, Mariana Sirena e Alina Soares.

Rafael conduz o encontro e pede que cada um dos participantes fale sobre uma pauta que tenha sido importante em sua experiência no Nonada. Alguns dos presentes também escolheram músicas derivadas dessas pautas. Em meio a essas histórias, ficamos sabendo de alguns detalhes que compõem a história do coletivo.

Thaís Seganfredo pediu a música “A menina dança”, dos Novos Baianos. Ela conta que produziu a primeira resenha em 2014, sobre um show de Moraes Moreira.

Aliás, Rafael comenta que essa resenha só foi publicada na *fanpage* porque o site estava fora do ar (o que sugere o porque do abandono quase imediato do uso do blog no *wordpress*, cuja pouca utilidade foi apontada na abertura da análise dos dados). Thaís ainda oferece uma segunda justificativa para a escolha da música: “é uma mulher cantando – a Baby [Consuelo] – e eu acho que resume bem o que gosto de fazer no Nonada. Puxar para esse lado do feminismo e também da música, da cultura brasileira”.

Daniel Sanes escolheu a música “Um rei e o Zé”, do Apanhador Só. Ele conta que já trabalhava como repórter no Jornal do Comércio, na editoria geral, quando conheceu Rafael Gloria. Este sabia que Daniel gostava da área de cultura e o convidou para ser editor de música do Nonada. Naquela época, “o site era bem dividido – agora é mais aberto, tanto que eu já fiz várias pautas fora da música”. Daniel diz que, quando recebeu o convite de Rafael resolveu encarar, “mesmo sabendo que tinha que conciliar com o trabalho”. Comenta que sua primeira pauta foi cobrir um show do Apanhador Só e que havia combinado uma entrevista exclusiva com os músicos. Contudo, achou que não daria tempo de chegar porque “eram já dez e meia da noite e eu ainda estava no jornal”. Mesmo assim, foi ao evento e conseguiu fazer a entrevista com todos eles.

Segundo Daniel, no início todo mundo estava aprendendo a mexer no site: “a internet não era o padrão da faculdade, né?”, e Rafael comenta que, embora hoje seja rotina, na época do nascimento do site havia muito preconceito quanto à ideia da leitura de textos longos na web. Por seu turno, Carrozzo lembra: “o professor na faculdade falava que os textos para a internet deveriam ser rápidos e não muito longos” – e Rafael Gloria ressalta com tranquilidade: “É, mas não é bem assim”.

Carrozzo conta que chegou até o Nonada porque o primo da namorada havia comentado a existência do site: “mandei um e-mail, assim como muitas pessoas, achando que era remunerado. Acho que uns 90% das pessoas que mandam e-mail para o Rafael querem saber isso”. Ficou sabendo que era “tudo colaborativo” e foi convidado para a reunião de pauta. Como não estava “fazendo nada”, pensou que precisava praticar e “estar no meio”, e foi no encontro; a partir daí, começou a produzir conteúdo para o Nonada. Carrozzo diz que gosta especialmente de fazer entrevista e cita algumas: Lenine, Pablo Villaça, Rodrigo Aragão e as atrizes do filme “Que horas ela volta?”, Camila Márdila e Karine Teles. Ele explica que não gosta de fazer entrevistas curtas, preferindo ter tempo para conversar, e Rafael Gloria comenta que a entrevista do Pablo Villaça foi a matéria mais acessada do site naquele ano.

Ananda também fala de sua primeira pauta, fruto da entrevista coletiva com Ian

Ramil durante a oficina de jornalismo cultural promovida pelo Nonada na semana acadêmica da Comunicação, na UFRGS, em 2014. Diz que com a atuação no Nonada ganha experiência, algo muito importante para ela. Afirma gostar mais da área de música e cita duas resenhas de sua autoria, um show de Humberto Gessinger e outro da banda Skank, como trabalhos que a emocionaram – principalmente esse último: “eu fiz a resenha e o Skank compartilhou – e isso significa que estava boa”.

Os participantes passam a listar alguns dos artistas que compartilharam, nas redes sociais, resenhas de seus shows produzidas pelo Nonada: Lenine, Pablo Villaça, Pity, Thiago Pethit, Rita Lee. “Isso é uma coisa engraçada”, diz Rafael, “esse ano os artistas estão compartilhando as matérias”, e Carrozzo sugere uma explicação:

Os artistas entendem que precisam estar próximos do público e dos meios de comunicação – principalmente os independentes. Acho que isso é o legal de trabalhar num veículo independente: o fato de que a gente não tem nenhum patrocínio, não tem ninguém ditando as nossas regras. E isso dá liberdade para o artista falar o que ele quer. Por exemplo, se eu fosse de um grande veículo provavelmente o Pablo não falaria comigo; mas, se falasse, provavelmente não falaria 80% do que disse para mim. Ele poderia até falar, mas sabendo que aquilo seria cortado. Então, acho isso legal.

Alina conta que, assim como Carrozzo, também estava procurando emprego na internet e achou o site do Nonada. Diz que se encantou com o trabalho e entrou em contato com Airan Albino, um amigo que viu ser repórter do veículo. Conversando com ele, soube que era voluntário e ela desistiu. Depois, Airan entrou em contato, pedindo que ela cobrisse um show do Lenine, e argumentou: “Ah, Alina, o que tem que tu não vai ganhar dinheiro? Tu vai ganhar experiência e trabalhar no que gosta”. Foi convencida, fez a pauta e passou a gostar muito de produzir para o site. “É um território mais livre para a criação e é experimental: posso fazer um vídeo que talvez não esteja tão bom, ou uma foto diferenciada – com o movimento borrado e tal – que um jornal mais tradicional não publicaria”. Ela afirma que um território livre é ótimo para quem tem vontade de criar e que “por mais que consiga outro trabalho, eu quero continuar no Nonada porque vou atuar no que eu gosto mesmo”.

Aliás, outro fato destacado pelo grupo presente no programa é a falta de fotógrafos no Nonada: “Fotógrafo é uma coisa que falta, isso tem que salientar aqui, é escasso. A gente tem uma pauta legal para fazer e não tem o fotógrafo. Às vezes é difícil”. Um ano depois o Nonada lançaria a primeira campanha exclusivamente voltada para a chamada de colaboradores fotógrafos.

Comentando que esteve afastada por quase dois anos, Mariana Sirena diz ser “muito legal ver essa renovação que aconteceu”. Acredita que aquela ideia de produzir

pautas aprofundadas e com temáticas diferentes “persistiu ao longo do desenvolvimento do Nonada e agora está mais forte do que nunca”. Rafael concorda e diz acreditar que esse “é o melhor momento do Nonada”. Ele lembra do tempo em que o site postava muitas notícias, e Mariana ressalta que naquela época “a gente achava que a internet tinha muito conteúdo, muita informação, e a gente ia ficar para trás dos outros sites se não acompanhasse essa velocidade”. Outro problema era “a carência das matérias em si: a gente não conseguia produzir, mas tinha que colocar alguma coisa no site”. Daniel diz que essa “foi uma ideia de que deu certo por um tempo, mas é um foco que muitos sites têm hoje em dia”, e Mariana concorda, dizendo que hoje o Nonada tem mais qualidade e não quantidade, e ressalta: “Mas todo esse processo também foi importante, né? A gente foi experimentando”. “E amadurecendo”, diz Rafael, “É um eterno aprendizado”. E Mariana completa: “Uma travessia”.

Rafael fala sobre o zine *Travessias#1*, que no próximo ano, provavelmente, ganhará uma continuação. As fotos da noite de lançamento da primeira edição, no Café Cartum, foram produzidas por Mariana. Ela diz que um dos efeitos mais legais do Nonada em sua vida foi, justamente, proporcionar o encontro com “pessoas que têm interesses afins”.

Mariana e Rafael contam que o nome “Nonada” demorou a aparecer e que foi proposto pelo ex-editor de Literatura Guilherme Brendler. Rafael explica que Guilherme era um colega do JC, e já atuava como jornalista. Hoje, ele trabalha no caderno *Ilustríssima*, do Jornal Folha de São Paulo. Rafael também lembra da ideia inicial de ter um *ombudsman* no Nonada, mas que não deu certo. Contudo, o processo do Nonada foi uma transformação feita de acertos e erros – e não chegou ao fim, diz Mariana: ele vai se transformando de acordo com o contexto e com as pessoas que vão passando a fazer parte dele. Rafael diz, ainda, que hoje o Nonada está em uma nova etapa: “Eu sinto que a gente está conseguindo abordar outros assuntos que a gente queria desde o começo e não conseguia. Acho que mudou muita coisa também no jornalismo, não só com a gente”.

Carrozzo relata uma palestra ministrada por ele e Airan Albino sobre Jornalismo Independente, a convite do Vila Flores. Ele diz ter gostado de compartilhar “nossas experiências, como a gente está fazendo aqui”. Diz que foi legal falar sobre a diferença do trabalho em um veículo de jornalismo independente, os prós e os contras. Mas ressalta:

Eu não vejo contras, mas para algumas pessoas, trabalhar em um veículo sem

remuneração é um contra. Até falam que não é trabalho porque tu não recebe por isso. Eu considero como trabalho sim. Levo muito a sério o que faço aqui. O legal é que o fato de não ter nenhum dinheiro envolvido parece tornar o negócio um pouco mais leve, mais tranquilo, mais amigável. Pelo fato da gente ser nossos próprios chefes, a conversa é aberta: “Ah, não deu pra postar ontem”. Tranquilo, a gente posta amanhã. Claro que tem prazo, mas é flexível – e isso é muito mais relaxante.

Alina lembra que a entrevista com Lenine foi uma coletiva e que havia mais dois repórteres presentes, ambos de veículos tradicionais – na ocasião, ela acompanhava Carrozzo como fotógrafa. Conta que o cantor se surpreendeu com a qualidade dos questionamentos de Carrozzo: “Rapaz, essa pergunta é muito boa! Que bom que você escutou a minha música”. E Alina destaca que se sentiu valorizada, porque o cantor “reconheceu o nosso trabalho na frente dos outros jornalistas”. Daniel Sanes finaliza afirmando: “A gente faz com responsabilidade. Aliás, acho que temos até mais responsabilidade porque a gente faz o que gosta, faz porque gosta. Se não, não faria isso sem remuneração. Faz porque gosta e com todo o cuidado. É realmente um trabalho feito com muito carinho”.

No decorrer do programa, foram citados nomes de colaboradores e de ex-integrantes do Nonada: Gustavo Dutra, Ita Pritsch, Giulia Barão, Airan Albino, Mariana Gil, Fernando Halal, Júlia Manzano, Ariel Oliveira, Priscila Pasko, João Vicente Ribas, Leila Ghorzi, Maurício Cauduro, Vinícius Fontana. Há referência, ainda, ao nome de três pessoas, mas não ao sobrenome: Laura, Paulo e Carolina. De todo modo, os participantes dizem que há muitos mais e que todos foram importantes na composição do Nonada.

Em 4 de novembro é publicada a página “Sobre o Veredas” no site do Nonada. Informa que o blog questiona “o pouco espaço cedido a escritoras no mercado editorial. Mas também aqui, busca-se outros”. A intenção é tanto divulgar quanto discutir esse tipo de literatura – incluindo a produzida na academia.

No dia 13 de novembro de 2015, Rafael Gloria e Thaís Seganfredo conduzem a edição especial do Jabá que versa sobre o lançamento do Veredas. Priscila Pasko participa do programa falando do novo espaço dedicado à literatura de autoria feminina no site Nonada. Ela afirma que acredita muito no trabalho do Nonada e que se sente segura “sob esse guarda-chuva”. A ausência ou a falta de espaço das mulheres na literatura foi o que instigou a criação do Veredas.

A jornalista fala sobre a primeira matéria publicada no blog, “Imaginário, voz e autoria feminina na literatura”, uma entrevista com a professora Rita Schmidt postada no dia 5 de novembro: “A ideia não é quantificar – eu acho que o importante é a

informação e que ela seja compartilhada –, mas o fato de ter tido 1200 curtidas/compartilhamentos, e que continua crescendo, diz que significa alguma coisa essa discussão, tocar nessa ferida”.

Ao comentar a matéria, Thaís destaca a parte da entrevista onde a professora fala sobre as leituras obrigatórias do processo seletivo da UFGRS¹⁷⁶: “Não é cobrada a leitura de mulheres e a gente nunca pensou nisso”. Priscila então comenta que, embora tenha mais perguntas do que respostas, pensa que “o movimento feminista está crescendo aos poucos, pelo menos ganhando mais força, sendo discutido na universidade. Então acho interessante discutir essas coisas em que muitas vezes a gente nem parava para pensar”.

Thaís destaca a importância de que outros veículos culturais atentem para o tema, de forma a dar mais visibilidade para a discussão. E ressalta:

Claro que os homens não vão entender certas vivências que as mulheres escrevem. Um homem nunca vai saber o que é sair na rua, levar uma cantada e ter medo de responder, por exemplo. Mas é muito importante que os homens também leiam e descubram a literatura produzida por mulheres.

Priscila responde informando que muitas mulheres estão entrando em contato e contribuindo, e que é muito legal “abrir a janelinha do messenger ou o e-mail e ver as pessoas mandando sugestões”. Ela também frisa que Veredas está sempre aberto para colaborações: “a gente aceita sugestões de pauta porque quanto mais ampliar isso, melhor. Uma pessoa que é da academia, uma escritora, um leitor – são pessoas que têm visões diferentes. Por isso é importante colaborar”.

Rafael diz não lembrar de ter lido mulheres no Ensino Médio, e Priscila responde que percebe um movimento circular sobre a questão: “A indicação de leitura por parte do professor é fundamental, mas quem são esses professores? Eles leram mulheres? Costumam ler mulheres? Daí tu volta na academia. Então, a sensação que eu tenho é a de um ciclo, que precisa ser quebrado em algum momento”.

Thaís expõe um questionamento pessoal incitado pelo lançamento do Veredas: a visibilidade das escritoras negras: “Quando a gente pensa sobre isso aqui no Brasil, me vem à cabeça Carolina de Jesus, que era uma analfabeta e começou a escrever diários da própria vivência. Ano passado foi o aniversário de cem anos dela. Penso na Conceição

¹⁷⁶Ao ser questionada por Priscila sobre como a academia pode colaborar na valorização da escrita feminina, a professora Rita Schmidt responde: “Por exemplo, no vestibular da UFMG, o *Úrsula* (Maria Firmina dos Reis, 1859) foi incorporado como leitura obrigatória. Na leitura obrigatória da Ufmg, nem Clarice Lispector, reconhecida mundialmente é incorporada, foi uma vez, um ano. Lya Luft, uma vez também. É preciso ver para querer”. Cf em <http://www.nonada.com.br/2015/11/imaginario-voz-e-autoria-feminina-na-literatura/>

Evaristo também, que é contemporânea”. Priscila concorda que as escritoras negras também precisam ser lidas, e ressalta: “não existe uma literatura feminina única – isso é burrice, dizer que mulher escreve tudo igual”. Thaís apoia: “cada mulher tem sua própria vivência, né?”.

Priscila cita a pesquisa da UNB coordenada pela professora Regina Delcastagnè, que versa sobre o perfil dos personagens produzidos na literatura brasileira contemporânea. O estudo também compila dados dos escritores, que apontam “maioria de autores brancos, com 93,9%, e homens, com 72,7%”. E problematiza: “É de se pensar que tipo de literatura a gente está lendo. Não invalidando esses aqui, mas os dados dizem muito sobre quem não fala. O que a gente está deixando de ler? Que outro tipo de realidade e de escrita?”. Thaís lembra então que metade da população brasileira é negra, mas que isso não aparece na cena literária do país.

A jornalista responsável pelo Veredas informa que a periodicidade do blog será semanal, “até porque a gente pensou em dar um tempo para a pessoa ler – é uma matéria um pouco maior, né? A gente não tem esse desatino de simplesmente 'jogar' [conteúdo no site]”.

Priscila relata o evento de lançamento do Veredas, ocorrido no Aldeia no dia 5 de novembro e que contou com a presença de Rafael e Thaís. Muitas pessoas perguntaram se haveriam mais encontros sobre a literatura de autoria feminina, e Priscila diz que pretende sim fazer isso, embora ainda não tenha pensado no formato. Ela também cogita criar uma seção no Veredas com as dicas de leitura dadas tanto nos encontros (público e convidadas) quanto no decorrer das entrevistas realizadas pelo blog.

Durante o programa, Priscila também cita o dicionário de escritoras do século XIX lançado pela editora Leia Mulheres: são três volumes com mais de 1300 páginas cada. Rindo, ela diz: “Vai me dizer que não tem escritoras mulheres? Dá vontade de bater na cabeça de alguém com o dicionário!”. E Thaís completa: “Dá vontade de bater nos editores de jornalismo cultural, né?”.

Voltando os olhos para a *fanpage* do Nonada, o conteúdo institucional no Facebook cresceu exponencialmente em 2015. No dia 13 de janeiro, há um post comemorando os 3 mil likes alcançados pela página e outro no dia 24 de novembro, celebrando os 4 mil. Em 23 de abril o Nonada divulga o novo logo: com arte de Marianna Fraga, tem o “visual mais livre” para intensificar a ideia de “fluidez e movimento”. No dia 4 de maio, é compartilhado o formulário “Quem lê o Nonada?”,

anunciando a primeira pesquisa de público.

No dia 26 de maio um post anuncia o lançamento do zine Travessias#1 durante a FestiPoa Literária e em 20 de junho o evento é criado na *fanpage*. Uma postagem de 23 de junho informa que o zine foi uma parceria com Anelise de Carli, da Agência Músculo, e divulga os locais onde o zine pode ser adquirido gratuitamente: Aldeia, Casa de Cultura Mário Quintana, Fabico e Famecos. O mesmo post explica que o zine também está sendo vendido por 5 reais em feiras gráficas, por e-mail ou pela própria *fanpage*.

No contexto da aprovação da criminalização da homofobia, na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, o Nonada publica dois posts na *fanpage* em 26 de junho. O primeiro é a imagem do logo com as cores do arco-íris. O segundo, uma ilustração publicada pela Mídia Ninja onde a estátua da liberdade beija a deusa da justiça, e anuncia a proposta de oferecer “pautas mais inclusivas e que representem a diversidade da cultura”.

Uma nova campanha para colaboradores é divulgada no dia 13 de julho e o post explica que “O Nonada é um site colaborativo” e assim não há remuneração. Também no dia 13, é compartilhado o evento comemorativo “Café, carton e zines”, em uma noite produzida em parceria com a Músculo para divulgar o Travessias#1. No dia 20, compartilha o evento “Semana Inaugural da Casa Vuelta”, divulgando a palestra do Nonada sobre “jornalismo independente e o funcionamento do nosso trabalho”. No dia 22, um post informa que o zine Travessias#1 pode ser adquirido “em nossa loja online” - contudo, o link hoje não funciona.

Em setembro, pela primeira vez o Nonada usa a expressão “jornalismo alternativo”. Ela parece em no post de chamada para o Jabá especial de aniversário. Em outubro é lançada a campanha para fotógrafos, onde a prática do Nonada é caracterizada como “jornalismo independente e alternativo”. Ainda em outubro, no dia 30, é adicionado o evento de lançamento do Veredas.

Novembro traz dois posts institucionais que ajudam a re-traçar a história do Nonada. No dia 10 é compartilhada a matéria de Priscila Pasko “Falando em escritoras...”, que disponibiliza lista com livros indicados durante a roda de conversa na noite do lançamento do Veredas. Dia 11 é divulgada a sessão do filme “Elena”, de Petra Costa, um evento comemorativo aos 5 anos do Nonada.

Finalmente, em dezembro, é anunciado o “Veredas nas prateleiras”, um projeto em parceria com o Nonada. A intenção é negociar espaço especialmente dedicado à

literatura de autoria feminina em sebos e livrarias. Há um agradecimento às escritoras, pesquisadoras e leitoras que sugeriram dicas de autoras e obras para otimizar a organização do espaço; também há um agradecimento às livrarias Baleia, Palavraria e Sapere Aude! por aderirem ao projeto.

Esse foi o último ano em que o Nonada realizou um concurso promocional. Por meio dele, ficamos sabendo da revitalização da parceria entre o Nonada e a Revista Cult. A campanha apelando aos novos colaboradores, agora, é justificada pela vontade do veículo em praticar um “jornalismo mais inclusivo e abrangente” e “mais forte e mais diverso”. A referência ao jornalismo independente se mantém.

O programa Jabá especial de aniversário confirma a importância do fotógrafo na cobertura, destacando que houve boas pautas que não puderam ser produzidas pela ausência do fotógrafo. O programa também nos informa que a maioria dos candidatos a colaboradores pensam que o trabalho é remunerado. Aqui, a justificativa de que mesmo assim vale a pena atuar no Nonada aborda o ganho de experiência, o estabelecimento de contato com o meio jornalístico e cultural, e o fato de trabalhar com o que gosta. Entre os que tomam para si a tarefa, há menções ao Nonada como um território livre que incentiva a criação e a experimentação; um veículo que por oferecer maior flexibilidade nos prazos estabelece uma relação mais amigável, leve e relaxante com quem trabalha nele; um espaço em que seus jornalistas dedicam maior atenção às suas práticas e, na medida em que o sujeito *faz o que gosta e porque gosta*, a sensação de responsabilidade é maior.

A falta de remuneração não descaracteriza o fato de que é um trabalho – e os integrantes entendem que é uma satisfação compartilhar suas experiências no Nonada com outras pessoas. O efeito dessas experiências faz com que o Nonada se transforme: ele muda de acordo com as pessoas que o compõem.

Há também a referência ao *worknet* quando é dito que os próprios artistas pautados pelo Nonada compartilham as resenhas e entrevistas que os abordam. A justificativa é tanto uma necessidade de divulgação por parte do artista quanto a liberdade de fala que ele experimenta ao conceder entrevista a um veículo independente. A ausência de grandes anunciantes e a prática de textos longos têm como efeito um conteúdo mais fidedigno. Assim, alguns artistas creditam maior confiança à possibilidade de que sua fala não será cortada no processo de edição. Portanto, as métricas são articuladas à qualidade do conteúdo – inclusive na fala de Priscila (na edição do Jabá sobre o lançamento do Veredas), que remete à ideia de que o número de

compartilhamentos/curtidas exprime tanto o interesse do público sobre o tema da literatura de autoria feminina, quanto a importância de “tocar nessa ferida”. A fala de Priscila também destaca o *worknet* quando relata a procura do público via e-mail ou Facebook.

A campanha de colaboradores de 2015, lançada na *fanpage* em julho, ressalta o caráter colaborativo do site e frisa que o trabalho é não-remunerado. Ela ainda ressalta que busca “pessoas interessadas em todos os segmentos da cultura”. É também nesse ano que, pela primeira vez, o Nonada fala de sua prática como “jornalismo independente e *alternativo*”. A composição entre os termos desloca a ideia de “independente”, porque a articula à prática de uma cobertura minoritária. Essa composição apareceu logo depois da produção da série “Visões sobre o Jornalismo Alternativo” no programa Jabá (o último da série foi divulgado na *fanpage* em 31 de julho), em uma postagem comemorativa dos 5 anos (compartilhada no dia 10 de setembro). Dos quatro veículos que fizeram parte da série, um já era parceiro do Nonada (a Revista Bastião) e outros dois viriam a ser (o Coorjonal – na pessoa do jornalista Rafael Guimaraens – e a Revista Capitolina). Seus integrantes ministrariam aulas na primeira edição do curso de Jornalismo Alternativo do Nonada, criado e executado no ano seguinte. Há aí um trabalho de rede, na medida em que o Nonada assume ações executadas por parceiros e, logo depois, articula a ação dos parceiros de forma a fortalecer a prática do jornalismo alternativo e independente. Outros parceiros que aparecem em 2015, agora articulados via Veredas, são as livrarias Baleia, Palavraria e Sapere Aude! – além de todos os que fizeram parte da composição do zine Travessias#1.

Penso que a construção do trabalho em rede do Nonada também alude ao conceito de *general intellect*. Composto intelecto e ação, ela exprime afirmativamente um excedente de conhecimentos que são aplicados na defesa de modos de vida para além daquelas padronizadas (seja no mercado, na academia ou na vida). A intelectualidade de massa produz relações políticas visíveis na intensificação da cooperação entre diferentes saberes e subjetividades: afinal, o que fundamenta a organização do *general intellect* é viver e trabalhar para além da lógica neoliberal.

O surgimento da prática da pesquisa de público é uma métrica singular no contexto do Nonada em 2015. Se por um lado seus dados podem afinar a produção de conteúdo ao perfil do público do veículo, por outro lado podem produzir uma rarefação de outra prática: a dos jornalistas “fazerem o que gostam e porque gostam”. Talvez por isso a pesquisa tenha sido descontinuada depois da segunda edição – mas o fato de ter

sido repetida em 2016 sugere que sua força se manteve no Nonada por algum tempo. Penso que esse também foi um deslocamento importante na história do coletivo.

2016 É tempo de “coletivo”

Quanto à campanha de 2016, ela não está mais online. Porém, embora eu não tenha feito nenhum print screen da página, montei uma tabela com os dados relativos a essa campanha na época da qualificação da tese.

A campanha do financiamento coletivo de 2016 nasceu aliada à proposta do “Conselho Editorial” e da primeira edição do “Curso de Jornalismo Alternativo” ministrado pelo Nonada. Enquanto o primeiro foi abandonado, o segundo foi mantido – embora tenha sofrido alterações na campanha de 2018.

A ideia do “Conselho Editorial” era que esse organismo fosse formado pelos doadores e que servisse tanto para sugerir pautas e propor conteúdos quanto para fiscalizar como o dinheiro arrecadado seria investido. Contudo, parece que a ideia do “Conselho Editorial” não funcionou porque no ano seguinte ela deixou de fazer parte da campanha.

O quadro abaixo mostra o valor das doações e as recompensas correspondentes na campanha de financiamento do Nonada em 2016.

Tabela 8 – *crowdfunding* 2016

Opções	Contribuições contínuas	Contribuições avulsas
Opção 1	<p>10 reais/mês:</p> <p>Conselho Editorial (Você pode escolher participar de reuniões específicas, sugerir pautas, seu nome no Conselho Editorial do site) + zine Travessias #1 e #2 + newsletter especial com informações extras (periodicidade quinzenal) + duas fotos impressas em formato 25x20 escolhidas por você no acervo do Nonada</p>	<p>15 reais:</p> <p>Zine Travessias #2 + seu nome entre os apoiadores no site</p>
Opção 2	<p>15 reais/mês:</p> <p>Curso de Jornalismo Alternativo + Conselho Editorial (Participar de reuniões específicas, sugerir pautas, seu nome no Conselho Editorial do site) + zine Travessias #2 + newsletter especial com informações extras (periodicidade quinzenal)</p>	<p>30 reais:</p> <p>Uma foto impressa em formato 25x20 escolhida por você no acervo do Nonada + Zine Travessias #1 e #2 + seu nome entre os apoiadores no site</p>

	Para artistas, coletivos e organizações*:	50 reais:
Opção 3	Trabalho avulso em assessoria de imprensa, produção de conteúdo ou aconselhamento em produção cultural + Zine Travessias #1 e #2 + newsletter especial com informações extras (periodicidade quinzenal)	Um módulo do curso + seu nome entre os apoiadores no site

*Entre em contato conosco, o valor será negociado conforme a necessidade do contratante.

Fonte: site do Nonada

Lendo a tabela, percebemos que as recompensas se desdobram em: nome entre os apoiadores no site; participação no Conselho Editorial; zines Travessias#1 e Travessias#2; newsletter quinzenal; fotos do acervo; Curso de Jornalismo Alternativo (1 módulo para quem contribuir uma vez com 50 reais ou os 6 módulos do curso completo para quem contribuir todos os meses com 15 reais).

Há ainda a produção de “trabalho avulso em assessoria de imprensa, produção de conteúdo ou aconselhamento em produção cultural”, mas essa recompensa é exclusivamente destinada a “artistas, coletivos e organizações”. Na época, havia um texto que acompanhava a tabela de recompensas e ali o Nonada explicava que, embora oferecesse esse “trabalho avulso em assessoria de imprensa” ou produção de conteúdo, o material produzido não seria publicado no site em hipótese alguma. A justificativa foi a manutenção da independência do veículo (essa ação é a mesma descrita na seção sobre o material institucional do Nonada, acercada página “Contrate o nosso trabalho”). Para efetivar a contribuição, era necessário clicar no botão do PagSeguro – presente em cada uma das seis modalidades descritas acima.

Entre os conteúdos desenvolvidos para a campanha, estão dois vídeos onde os integrantes dão depoimentos sobre sua experiência pessoal no coletivo. De acordo com o editor e repórter Airan Albino¹⁷⁷, foi ele quem mobilizou os integrantes para realizar esses produtos. São raros os conteúdos audiovisuais produzidos pelo Nonada¹⁷⁸, mas Airan provoca: “Por que não?”. Assim, conta que insistiu na ideia e foi inclusive buscar

¹⁷⁷Dados colhidos em entrevista concedida pelo profissional à pesquisadora, em julho de 2017. Também a fala do integrante Raphael Carrozzo, citada no decorrer do texto, é fruto de entrevista produzida para a pesquisa da tese.

¹⁷⁸Até a produção dos vídeos para a campanha de 2016, em 6 anos de existência o Nonada tinha somente 9 vídeos autorais divulgados – 2 na própria *fanpage* (produzidos e compartilhados ainda em 2015) e outros 7 nos dois canais que o coletivo mantém no YouTube: “NonadaJornalismo” (com 5 vídeos produzidos entre 2010 e 2011) e “Nonada – Jornalismo Travessia” (com 2 audiovisuais datados, também, de 2015). Atualmente, o canal “Nonada – Jornalismo Travessia” parece estar abandonado, na medida em que os últimos vídeos postados foram os da campanha de financiamento coletivo de 2016. Por outro lado, o canal “NonadaJornalismo” publicou mais 3 vídeos nos dois últimos anos. A *fanpage*, por sua vez, recebeu mais 6 vídeos autorais do Nonada depois da campanha de 2016.

de carro alguns dos colegas para que participassem da produção. Resolveu gravar em sua casa, “porque a minha sala é grande, com uma parede branca”, o que facilitava a organização do cenário. Foi Airan, também, quem editou o material.

Intitulados “Financiamento Nonada – Vídeo 1” (3'32”) e “Financiamento Nonada – Vídeo 2” (3'43”), eles foram postados na rede pela primeira vez no canal “Nonada – Jornalismo Travessia”, no YouTube, dia 16 março. No Facebook, as postagens aconteceram em datas diferentes: o primeiro a ser compartilhado na *fanpage* foi o vídeo 2, no dia 22 de março; o vídeo 1 foi divulgado 6 dias depois, ou seja, 28 de março. No YouTube, o vídeo 1 conta 176 visualizações e 5 “gostei”; o vídeo 2 marca 166 visualizações e 4 “gostei”. No Facebook, o vídeo 1 alcançou somente metade das visualizações (561) alcançadas pelo vídeo 2 (mais de 1 mil). Também as métricas de curtidas e compartilhamentos mostram diferença entre os vídeos. O vídeo 2 teve 28 curtidas e 13 compartilhamentos, enquanto o vídeo 1 conta com 14 curtidas e 6 compartilhamentos.

O cenário é o mesmo nos dois vídeos: três cadeiras simples de madeira, dispostas lado a lado em frente a uma parede branca. Em cada cadeira, um integrante aparece sentado e relata, brevemente, sua experiência no coletivo – destacando trabalhos importantes, justificando a existência do Nonada ou explicando porque a campanha foi elaborada. No vídeo 1, vemos Ananda Zambi, repórter (e hoje também editora); Rafael Gloria, editor e fundador do Nonada; e Raphael Carozzo, repórter (e fotógrafo/cinegrafista). No vídeo 2, participam Airan Albino, repórter (e hoje também editor); Giulia Barão, repórter; e Júlia Manzano, repórter.

Os vídeos são articulados alternando planos médios com planos inteiros, e iniciam da mesma forma: plano inteiro desfocado, com o selo “apoie o jornalismo independente!!!!” alinhado no centro da imagem. No desenvolvimento dos vídeos, em alguns planos médios surgem letterings ao lado e acima do integrante enquadrado no momento, destacando um determinado trecho do depoimento que está sendo dado. As frases aparecem em letras pretas, mas há palavras destacadas em laranja.

No primeiro vídeo, Rafael Glória afirma: “Eu aprendi muito fazendo desde o começo o site, pensando o que que seria exatamente o nosso perfil lá... É interessante ver que é um site, um coletivo agora, que mudou bastante, né?”. Nesse momento, surge o lettering “UM **COLETIVO** QUE MUDOU BASTANTE”, destacando tanto a ideia de informalidade do grupo – coletivo – como a transformação que o Nonada sofreu com o passar dos anos. Desde 2010 já participaram da equipe 24 pessoas, sendo que a

formação atual se firmou, justamente, em 2015 – ano anterior à produção dos vídeos. Essa equipe atual, formada por 12 integrantes, promoveu uma sensível mudança na produção do conteúdo, que deixou de lado coberturas convencionais (como a do Oscar) e construiu uma ideia de cultura ampla, incluindo nas pautas temas relativos aos direitos humanos, como o feminismo, o movimento negro e os povos indígenas. Seguindo a fala de Rafael, surge mais um lettering indicando o princípio que rege a mudança do grupo: “**A DIVERSIDADE DA CULTURA**”.

Ainda no primeiro vídeo, Raphael Carozzo e Ananda Zambi relatam algumas de suas experiências no coletivo, citando pautas e pessoas que fizeram parte do conteúdo produzido por eles. Os letterings, aqui, voltam-se para o nome de entrevistados ilustres e temas importantes para os integrantes – e também ressaltam o número de compartilhamentos alcançado por alguns deles: “**A MATÉRIA DO FUGERE URBEM CHEGOU AOS 246 SHARES**”, lettering imediatamente seguido por “**JÁ A ENTREVISTA COM PABLO VILLAÇA PASSOU DOS 3 MIL SHARES**”. Rafael Gloria retoma seu relato, agora voltado para a justificativa da campanha de financiamento, que “vem para preencher essa lacuna que é pra gente conseguir a sustentabilidade do site, conseguir a sustentabilidade do coletivo”, já que a ideia não é só “pra pagar a nossa reportagem, pra pagar a nossa mobilidade e tudo mais, mas formar uma comunidade em torno do coletivo que também colabore com a gente sugerindo pautas, participando do nosso conselho editorial(...)”. O lettering, aqui, destaca a vontade do Nonada em “**FORMAR UMA COMUNIDADE**”.

No segundo vídeo, os letterings destacam as “**MATÉRIAS APROFUNDADAS**” e a fala da repórter Giulia Barão frisa a “liberdade para as pessoas escreverem, inclusive em primeira pessoa. Então, quando eu vi o anúncio de que estavam procurando novos colaboradores eu não tive dúvida: fui e me inscrevi, e fui na primeira reunião que foi ali na redenção, e o clima já foi super acolhedor... a gente sentado numa canga, conversando sobre jornalismo”. Seu relato é reforçado pelo lettering “**O CLIMA JÁ FOI SUPER ACOLHEDOR**”. Júlia Manzano toma a palavra para descrever algumas de suas pautas e também destaca a importância de “**ESCREVER DE FORMA LIVRE**”. Em plano médio acompanhado do lettering “**CULTURA NEGRA**”, Airan diz que “no ano passado, eu comecei uma série de reportagens sobre cultura negra. Surgiu o título 'Percurso Negro' a partir do Museu de Percurso do Negro, em Porto Alegre, e também Territórios Negros, da Carris. Eu comecei a fazer uma série de textos focando em pontos de cultura negra aqui em Porto Alegre”. Também ganha destaque o fato de

que os componentes do Nonada se encontram nas pautas que propõem e desenvolvem, e que o financiamento serve para “CONTINUAR ESSE TRABALHO EM EQUIPE”, onde a ideia é “criar em torno de nós também uma CORRENTE DE APOIADORES [fala e lettering] que acreditem nas coisas que a gente faz, nas propostas que a gente tem. Enfim, que ajudem também com novas pautas, novos textos, mas sempre pensando na diversidade cultural em Porto Alegre, e quem sabe em outros lugares também”.

Airan e Júlia ainda comentam, no segundo vídeo, sobre a dedicação com que as pautas são apuradas e o carinho despendido no processo de trabalho. A repórter Júlia fecha o vídeo destacando que o financiamento coletivo vai ajudar o grupo a produzir matérias melhores e aproveita para chamar a atenção para o fato de que o Nonada não trabalha com anúncios: “a gente não tem prisão de anunciante, que a gente não tem prisão de muitas coisas. A gente tem essa liberdade, essa possibilidade muito grande, e o financiamento só vai melhorar isso e aumentar essa possibilidade”.

Os cursos também demonstram a potência da força de agregação entre o Nonada e os professores e organizações convidadas para ministrar aulas.

Na primeira edição, ministrada no Santander Cultural em 2016, participaram os professores Ariel Oliveira (ex-integrante do Nonada e pesquisador de quadrinhos), Anelise de Carli (Agência Músculo, colaboradora em matérias do Nonada e diagramadora do zine), Théo Lima (pesquisador da Teoria da Deriva), Rodrigo Rodrigues (A Voz do Morro), Alexandre Haubricht (Jornalismo B), Leonardo Foletto (Baixa Cultura e pesquisador), Anselmo Cunha (fotógrafo e colaborador do Nonada e da Mídia Ninja), Vicente Carcuchunski (fotógrafo), Marcio Figueira (TV Restinga), Rafael Guimaraens (Coojornal), Fernanda Oliveira (historiadora e pesquisadoras da cultura negra), Danilo Christdis (fotógrafo), Natasha Ferla (Revista Capitolina), integrantes do Gemis e do Jornal Já.

O zine Travessias#1 contou com o trabalho de 9 pessoas. Os autores são Demétrio Pereira, Gustavo Czekster, Natascha Castro, Rafael Gloria e Thaís Seganfredo – os dois últimos também editaram os textos. As ilustrações são de Paulo Lange e o projeto gráfico e a diagramação, de Anelise de Carli. Finalmente, a revisão foi de Airan Albino e Priscila Pasko.

Em 16 março de 2016 há duas postagens institucionais no site: “Conselho Editorial” e “Contrate o nosso trabalho”. Ambas pertencem a primeira campanha de financiamento coletivo e aparecem na lista cronológica do conteúdo. A primeira descreve o Conselho Editorial como uma forma de viabilizar uma “integração maior

com o público”. A participação no Conselho é oferecida como uma das recompensas da campanha de financiamento. Todos os que “investirem no trabalho da equipe” poderão: “participar de reuniões especiais” com os editores, a fim de discutir tanto a estrutura do site quanto fiscalizar o uso do valor investido no veículo; criticar o conteúdo do site, sugerir pautas e participar do planejamento de coberturas colaborativas; escrever e publicar uma coluna estilo ombudsman no Medium do Nonada.

Contudo, há limites para a atuação do Conselho Editorial: as sugestões de matérias serão avaliadas nas reuniões de pauta pela equipe do “Coletivo” (primeira vez em que essa expressão é usada para caracterizar o Nonada); um conselheiro não pode produzir conteúdo para o Nonada, nem estar envolvido nas pautas que sugerir pois isso comprometeria a independência jornalística do veículo – caso prefira participar de tal modo, deve abrir mão do Conselho (embora mantenha as outras recompensas).

A página “Contrate o nosso trabalho” explica que também é uma das recompensas do *crowdfunding* de 2016 e a justifica do seguinte modo: “É a forma que encontramos, juntamente com o Curso de Jornalismo Alternativo, para garantir a sustentabilidade jornalística e a autonomia editorial do Coletivo, já que não contamos com patrocinadores tradicionais (tal como publicidade) para produzir conteúdo”. Os serviços oferecidos são: produção de conteúdo (composição de textos especificamente voltados a um objetivo, que também será contemplado pela postagem de materiais afins nas redes sociais do cliente); assessoria de imprensa (release, divulgação na imprensa e clipagem); cobertura de evento (planejamento e realização de eventos que inclui a produção de texto e foto para impresso ou para veículo online); gestão de conteúdo para mídias sociais (administração do relacionamento do cliente com seu público via produção e abastecimento de conteúdo para esse fim nas mídias sociais); e realização de livro (*ghost writing* para a escrita de livros ou artigos, ou então pesquisa de apoio para tal produção). Os limites para o alcance desses serviços também são especificados no texto: “O conteúdo NÃO poderá ser publicado nas nossas plataformas - site, zine, rádio e redes sociais - de forma a não interferir na independência jornalística do Nonada” (grifos do autor).

No dia 19 de maio, o Veredas lança um Prêmio para a literatura de autoria feminina, “Com o intuito de privilegiar e garantir o protagonismo da mulher na criação, promoção e reconhecimento de sua escrita”. Ele é direcionado a mulheres nascidas no Rio Grande do Sul, ou que morem no estado há, pelo menos, dois anos. Os textos devem ter sido publicados em 2015 ou 2016 e as categorias do prêmio são Romance,

Conto ou Crônica e Poesia. A premiação, embora não envolva dinheiro, oferece um certificado e troféu às vencedoras. A postagem anuncia que o regulamento será publicado em setembro. Em agosto é anunciada a comissão julgadora do Prêmio Veredas, que inclui as escritoras e pesquisadoras Aline Vanin, Camila Doval, Gabriela Silva e Moema Vilela. Contudo, em janeiro do ano seguinte o concurso é suspenso. Em matéria divulgada no dia 27, Priscila explica:

[...] com o passar dos meses, percebi – talvez tardiamente – que o evento exigiria tempo, muito tempo, algo que eu não teria para dar. São questões burocráticas, inscrições, acolhida dos livros e reuniões com juradas, apenas para citar algumas atividades. O volume de trabalho advindo em função disso extrapola a capacidade atual do Veredas de promover o concurso.

Ela destaca o apoio das profissionais que compunham a comissão julgadora e também o incentivo de Lélia Almeida durante todo o processo de planejamento do prêmio. Ressalta que ficou feliz com o retorno do público, o que é um indicativo da receptividade do concurso e um incentivo para continuar seu trabalho no blog: “O Veredas é um blog independente que não conta com recursos próprios. As matérias e entrevistas são resultado da minha paixão pela literatura de autoria feminina aliada ao suporte inestimável do Nonada”. Ao final, ela agradece o apoio ao concurso e aos que “seguem acreditando neste blog”.

Outro acontecimento institucional ocorrido ainda em 2016 foi o lançamento do zine Travessias#2. A postagem “Zine Travessias”, do dia 18 de agosto, informa que sua temática foi a memória e que participaram de sua produção os autores Priscila Pasko, Rafael Gloria, Julia Dantas, Giulia Barão e João Vicente Ribas. As ilustrações foram feitas por Lídia Brancher e a diagramação, novamente, foi de Anelise De Carli, em outra parceria com a agência Músculo. A matéria também disponibiliza o zine Travessias#1, agora em versão digital. A página foi atualizada posteriormente, porque o Travessias#2, hoje, também está disponibilizado ali.

A comemoração do aniversário do Nonada, nesse ano, é publicada no site - no dia 8 de setembro. O evento foi marcado para dois dias depois, no El Pasito, e o texto informa:

No aniversário de 6 anos do **Nonada – Jornalismo Travessia**, estaremos alertas para que a cultura brasileira, em toda a sua pluralidade, continue viva, apesar do provável golpe que irá instaurar um governo ilegítimo. Queremos lembrar que cultura é feminismo, é empoderamento negro e protagonismo das periferias. Cultura é tradição dos povos indígenas. Cultura é arte na rua. Cultura é resistência.

A matéria traz, também, a programação das atividades que acontecem durante a comemoração: “feiras de artes gráficas, feministas e de cultura afro”, “oficina de dança

africana”, “Roda de conversa sobre cultura e jornalismo alternativo” e “shows”. Ministraram as atividades a dançarina de Cabo Verde Sadine Correia, Camila Falcão (Pretagô), Débora Fogliatto (Sul21 e Gemis), a Comunicação Kuery, Sinara Robin (Departamento de Difusão Cultural da UFRGS), Giulia Barão (como mediadora), a banda Mississippi Goddam, as cantoras Ananda Zambi e Fernanda Rosmaniño, e Léo Massala.

No dia 16 de setembro é postada a matéria “Jornalismo alternativo promove debate com candidatos à prefeitura de Porto Alegre”. O evento é uma iniciativa do Nonada em parceria com o site Anu – Laboratório de Jornalismo Social, o jornal Boca de Rua, a rádio comunitária A Voz do Morro, o Coletivo Catarse, o Jornalismo B e a TV Restinga. É feita referência ao apoio do Sintrajufe (local do evento) e do Núcleo de Comunicação Comunitária da UFRGS.

A matéria informa que essa é a primeira vez que o grupo de mídia alternativa gaúcho organiza uma atividade em parceria. Havia confirmado presença os candidatos João Carlos Rodrigues (PMN), Julio Flores (PSTU), Luciana Genro (PSOL) e Raul Pont (PT). Movimentos sociais também estariam no evento e pautariam o debate:

Com transmissão online via streaming, o debate será pautado por movimentos populares da cidade, com foco em temas como segurança, cultura, meio ambiente, moradia, população em situação de rua, direito das mulheres e da população LGBT. O formato será diferente do convencional, com mais conversa entre os debatedores e maior tempo para os temas. Movimentos sociais confirmados até o momento: MTST, Boca de Rua/Mov. Nacional da População de Rua, Agapan, Inclusivass, Nuances, Themis, Frente Quilombola.

Contudo, uma semana depois é publicada a nota “Debate da mídia alternativa com os candidatos à prefeitura está cancelado”. São apontados dois motivos. O primeiro explica que “A Justiça Eleitoral recebeu uma denúncia questionando se convidamos todos os candidatos. Reiteramos que os convites foram feitos, mas a comprovação seria difícil de ser feita dentro do prazo estipulado”. O segundo é relativo à desistência de Raul Pont e Luciana Genro, onde “O primeiro alegou outra agenda, a participação em um ato público. Para Luciana, a alegação foi de que não haveria interesse em participar de um debate sem os principais candidatos”. Na nota, os promotores lamentam que candidatos ditos de esquerda

[...] ignorem a importância de debater a cidade com as mídias alternativas e com os movimentos (pelo menos dez iriam participar), não oferecendo respaldo a uma iniciativa como essa, de debater a cidade desde baixo. Em um momento em que a defesa da democracia se faz imprescindível, entendemos que valorizar as instâncias da mídia alternativa é dever de quem afirma defendê-la.

Finalmente, no dia 5 de novembro o Nonada publica a matéria “Literatura

periférica em destaque no Sarau dos Não Lidos”. É uma cobertura do evento promovido pelo Nonada na Feira do Livro de Porto Alegre. Com escritoras e escritores não publicados, mas “com muito para falar”, o Sarau dos Não Lidos aconteceu no dia 31 de outubro e teve como objetivo “ecoar vozes talentosas da literatura portoalegrense, mostrando que a literatura não se resume ao círculo de editoras”. Participaram do evento “Ana dos Santos, Cíntia Colares, Jonatan Ortiz Borges, Marcelo Martins, Nayara Lemos e a jornalista Roberta Mello, representando o Ponto de Cultura Feminista: Corpo, Arte e Expressão”. O texto ainda informa que “O grupo de hip-hop Guerreiro Poeta e *Time Show* foi responsável pela abertura”.

Passando para o relato das publicações no Facebook em 2016, em fevereiro o Nonada cria e compartilha o evento “1º Curso de Jornalismo Alternativo do Nonada”, “buscando incentivar a produção de novos canais de jornalismo independentes”. Na descrição do evento, podemos ler:

Mais do que nos colocarmos no papel de orientadores, queremos aprender e fomentar a cena juntos com todos os convidados e os participantes. Acreditamos que o jornalismo alternativo é o caminho para dar voz a quem ainda é invisibilizado pela grande mídia, sendo necessário o seu fortalecimento para uma sociedade mais democrática.

Também ficamos sabendo que haverá a produção de matérias a título de exercício e que elas poderão ser publicadas no site do Nonada. Também é explicado que o trabalho final será a elaboração de uma grande reportagem ou a criação de um novo veículo independente, e que “Não é preciso ser jornalista ou estudante na área para se inscrever!”. O evento acontece de abril a outubro, com encontros quinzenais. O valor total é 180 reais e, podendo ser parcelado em até 12 vezes. Os convidados confirmados são Alexandre Haubrich (Jornalismo B), Ariel Oliveira (Jornalismo em quadrinhos), Fernanda Oliveira (Historiadora), Gemis - Gênero, Mídia e Sexualidade, Jornal Já, Anelise de Carli (Músculo/Zines), Rafael Guimaraens (Coojornal), Capitolina, TV Restinga, A Voz Do Morro (Rádio Comunitária) e Priscila Pasko (Veredas).

O conteúdo do curso é dividido nos seguintes módulos: “Pra que(m) serve o jornalismo alternativo?” - sobre as diferenças entre jornalismo alternativo e comunitário e o midialivrismo; “Sensibilidade e voz no jornalismo” - sobre diversidade, representatividade e empatia no jornalismo, com foco nas diferenças entre lugar de fala e lugar do mediador; “Deriva jornalística” - como buscar a pauta ao caminhar pela cidade; “Formatos e narrativas: novos modus operandis do jornalismo” - sobre diferentes suportes para se fazer jornalismo, tais como Zines, webrádios e HQs, e suas narrativas peculiares; “Cultura e arte política” - arte política, micropolítica e a falsa

dicotomia entre baixa cultura e alta cultura no jornalismo cultural; e “Travessia jornalística: como criar seu próprio veículo” - abordando o trabalho coletivo no planejamento e na sustentabilidade do veículo. A programação informa que os 6 módulos serão ministrados em 15 encontros, sempre aos sábados, no Santander Cultural.

A discussão na página do evento no Facebook também apresenta marcas bem sugestivas. Uma delas destaca que o Nonada não imaginava “tanta procura”, mas que, “dependendo de como decorrer tudo, a chance é grande de ocorrerem mais edições!”. A discussão também destaca o Conselho Editorial como alternativa para quem não conseguiu uma vaga no curso. Ressalta, ainda, que “Não queremos formar empreendedores, mas sim incentivar o jornalismo independente na busca de formas alternativas e sustentáveis que vão além dos modelos empresariais”. Também destaca que a “proposta é de um ensino de jornalismo colaborativo, fundamentado no trabalho coletivo em vez do individual”. Como o curso é baseado no conceito de mídia livre, “todo cidadão é um potencial produtor de conteúdo jornalístico”. O foco também é contemplar a diversidade nas pautas, porque “pretendemos respeitar as diversidades de gênero, etnia e orientação sexual, além de desenvolver um olhar crítico à mídia hegemônica”. E a proposta para os novos veículos a serem criados a partir do curso é mirar em alguma “comunidade local”, a fim de produzir com ela tanto diálogo quanto conteúdo.

Aliás, ainda nas postagens da paleta “discussões”, dentro da página do evento “1º Curso de Jornalismo Alternativo do Nonada”, Thaís Seganfredo compartilha a “Carta aberta ao jornalismo alternativo”, intitulada “Machismo na mídia independente?”¹⁷⁹. Assinado por Jessica Dachs, Julia Schwarz, Juliana Loureiro, Luísa Santos, Luna Mendes, Natasha Castro e Yamini Benites, o texto é uma denúncia de mulheres integrantes do Jornal Tabaré – veículo que foi um parceiro do Nonada.

Elas afirmam que costumavam “acreditar que em um jornal 'independente' estaríamos minimamente distantes das opressões das redações dos veículos da indústria da comunicação'. Contudo, ao exporem entre si eposódios em que se sentiram “desacreditadas e desestimuladas nesse ambiente”, perceberam que esses eram rotineiros na redação do Tabaré. Além disso, “Todas já sentiram algum incômodo com a negação veemente de que eles eram machistas (afinal, os machistas são sempre os

¹⁷⁹Cf em <http://machismoalternativo.tumblr.com/post/103400938494/carta-aberta-ao-jornalismo-alternativo>

outros)”. Dizem que a ironia era que machismo dos colegas não se encaixava naquele estereótipo do homem agressivo, porque eram “homens de esquerda, supostamente libertários”, mas marcados com “os preconceitos de seu tempo” e incapazes de admitir a prática da autocrítica. Contudo, as jornalistas ressaltam:

Queremos deixar claro que o Tabaré é MAIS UM desses ambientes ditos libertários/alternativos pelos quais nós, e tantas outras mulheres como nós, circulamos. O silenciamento e a objetificação que sofremos nesses ambientes é mais difícil de desconstruir e combater justamente por essa sutileza, por essa identificação libertária das pessoas - dos homens - que frequentam esses lugares. Nós, mulheres, precisamos assumir o protagonismo de iniciativas alternativas e combater toda forma de machismo, a sutil e a violenta. Contamos nossa experiência na esperança de estimular outras mulheres a problematizar esses espaços de “liberdade” que ainda não nos inclui completamente.

Ao compartilhar a matéria, Thaís escreve: “Lição nº1: Machistas não passarão! (nem racistas, nem homofóbicos, nem transfóbicos)”. Ainda na época anterior à qualificação da Tese, quando perguntei a ela sobre materiais importantes na construção de sua ética, Thaís indicou a leitura dessa carta.

Em uma postagem do dia 3 de março, o Nonada compartilha o artigo de Rafael Gloria “O caso do artista que não existia: a esquecida arte da apuração no jornalismo cultural”, primeiro texto postado no Medium do Nonada. Em meio a outras questões, ao ler o conteúdo ficamos sabendo que o show dos Rolling Stones realizado no dia 2 de fevereiro em Porto Alegre foi produzido e coberto pela RBS. A matéria diz que essa é a situação mais perigosa na prática do jornalismo cultural da grande mídia, ou seja, “Quando a pauta do veículo de comunicação é produzida pela própria empresa”. Claro que os interesses comerciais permeiam a pauta das grandes redações; contudo, no caso desse show, o jornalismo cultural da empresa particularmente só deu espaço para isso – e “repetir as mesmas informações e histórias sobre o conjunto não me parece a melhor forma de ocupar esse espaço”.

O texto também diz que o público está percebendo a necessidade de um outro tipo de jornalismo. Um jornalismo que “não abrace apenas o comercial e que não se perca nos interesses maiores de quem o está produzindo. É preciso que o seu trabalho seja de certa forma apoiado e fiscalizado pelo próprio público, isto é, pela sociedade, que, em última medida, é quem vai receber todo esse conteúdo”. É necessário ter focos de resistência e a capacidade de aprender com os próprios erros, conclui.

No dia 8 de março ficamos sabendo que o Veredas agora conta com uma *fanpage* própria e, no dia 2 de maio, é anunciada a Oficina de jornalismo alternativo e pensamento crítico à mídia, um projeto da equipe a ser executado em escolas públicas.

O post convida aos interessados a entrar em contato com o Nonada.

Em 27 de maio, outro texto do Nonada no Medium é compartilhado na *fanpage*: “O Museu que ainda não foi descoberto, ou por que o jornalismo cultural precisa mudar de vez”. No artigo, Rafael destaca o descaso da Sedac - Secretaria do Estado da Cultura com a situação do Museu do Carvão, objeto da matéria “Museu Estadual do Carvão completa trinta anos em compasso de abandono”, produzida e financiada pelo *crowdfunding* do Nonada – e divulgada no site 9 dias antes. A matéria foi postada, sem intenção, justamente no Dia Internacional dos Museus e na semana do evento “Noite dos Museus”, promovido pela Sedac. O Nonada entrou em contato com a secretaria antes da publicação e não obteve retorno. Depois, no dia 25, Rafael postou um tweet cobrando um posicionamento da secretaria, que novamente não respondeu. Ele lamenta a falta de importância dispensada ao jornalismo independente e ressalta o descaso da secretaria com Museus do interior do estado.

Denuncia uma postagem na *fanpage* da Sedac, cujo título destaca: “Noite dos Museus em Porto Alegre: Sucesso de público, de crítica e de mídia”. Rafael ironiza o material, explicando que “fizeram uma montagem com as matérias e até deram um jeitinho de esconder a foto que mostrava o protesto feito por parte do público em relação à extinção do MinC e ao governo interino do Temer”.

O texto ressalta a falta de apuração e de interesse do jornalismo cultural da grande mídia em denunciar problemas mais sérios na administração pública da cultura. Aponta, também, os motivos estruturais que mantêm esse cenário:

Se você “falar mal” de tal situação, corre a chance de perder informações futuramente, corre a chance de não chamarem mais para uma possível coletiva de imprensa. Eu trabalhei na área em redações e sei como funciona. O profissional se sente cansado ou desmotivado, mas a maioria deles não percebe que o jornalismo cultural precisa mudar.

Assim, fecha o texto salientando que a mudança é urgente para que o jornalismo cultural demonstre não só que é necessário, mas também que a própria cultura vai muito além do simples agendamento.

Em 29 de maio o Nonada compartilha a segunda edição da pesquisa “Quem lê o Nonada?” e em 23 de junho é postada uma foto da equipe: “A serenidade no olhar de quem acredita no jornalismo que faz”. Na imagem aparecem (da esquerda para a direita no alto) Rafael Gloria, Marianna Fraga, Júlia Manzano, Giulia Barão, Ananda Zambi, (embaixo, da esquerda para a direita) Thaís Seganfredo, Airan Albino, Priscila Pasko e Raphael Carrozzo.



Post 4

Fonte: *fanpage* do Nonada

No dia 5 de julho, é lançada uma nova campanha para colaboradores que “acreditem em um jornalismo cultural mais diverso” e queiram “fazer parte da nossa equipe de repórteres e realizar reportagens e entrevistas sobre cultura e direitos humanos”. O texto ressalta que o coletivo é colaborativo, voltado ao jornalismo alternativo, e por isso “Não precisa estudar ou ser jornalista para fazer parte <3”. Dessa vez, a postagem também traz um aviso: “Transfóbicxs, machistas, racistas, homofóbicxs e seguidores do Bolsonaro, passem longe”.

Em 14 de julho o Nonada adiciona o evento “Noite de zines e lançamento do Travessias#2”, encontro marcado para o dia 30 de julho no El Pasito. A atividade prevê uma roda de conversa sobre jornalismo literário e a prática da composição de perfis com os autores Guiliana Barão, João Vicente Ribas, Julia Dantas, Priscila Pasko e Rafael Gloria.

Em 17 de agosto o Nonada lança uma chamada para expositores interessados em participar do evento comemorativo de aniversário. Explica que as vagas são gratuitas e que “vale economia feminista e negra, bancas de artes gráficas e artesanato”. O evento da festa é compartilhado no dia 30 de agosto e a cobertura fotográfica é postada em 18

de setembro.

No dia 5 de outubro o Nonada lança a primeira campanha para colaboradores exclusivamente voltada para fotógrafos. O post destaca a necessidade do interesse, de quem quer participar, nas pautas abordadas pelo coletivo: “diversidade”, “arte de rua” e “cultura popular”. No dia 17, adiciona e convida o público para participar do Sarau dos Não Lidos e no dia 31 do mesmo mês, compartilha foto do estandarte do Nonada, um presente da colaboradora e parceira Nádia Albino, aproveitando o post para reforçar o convite. Em 5 de novembro, publica a cobertura fotográfica do evento.

É também pelo Facebook que sabemos da participação do Nonada em uma roda de conversa na Fabico. Compartilhado na *fanpage* em 15 de novembro, o evento foi criado na página Ocupa Fabico UFRGS e prevê também a participação do Jornalismo B, da Voz do Morro e da Anú. A roda de conversa “A mídia alternativa se mobiliza” estava marcada para o dia seguinte.

Um mês depois o Nonada compartilha a indicação da reportagem “Museu Estadual do Carvão completa trinta anos em compasso de abandono” para o Prêmio Ari de Jornalismo. O post informa que a reportagem só pôde ser realizada em função do financiamento coletivo.

Este foi um ano marcado pelo lançamento da primeira campanha de financiamento coletivo e dos produtos vinculados – especialmente o curso de Jornalismo Alternativo. A tentativa de articular o Conselho Editorial também parece importante porque foi uma nova tentativa de abrir espaço para a crítica externa (próxima do ombudsman). Mas penso que o deslocamento mais importante nas declarações do Nonada por si mesmo foi a emergência do entendimento de “coletivo”. Ele parece estar muito articulado no projeto do *crowdfunding* porque é nesse contexto que ele mencionado pela primeira vez. Por outro lado, se pensarmos nos rastros que a seção dos porta-vozes na mídia nos trouxe, a fala de Rafael – sugerindo a ideia de coletivo como um conjunto de objetos que exprimem um trabalho de rede – indica que a construção do conceito já atravessava o Nonada há um tempo. Os objetos foram sendo construídos ainda em 2014 (Estação Nonada) e alcançam seu ápice em 2015 (Veredas, zine Travessias#1, Jabá) e desaguam na campanha do *crowdfunding*, para serem retomados e revigorados a partir dela. Embora o Jabá tenha sido abandonado, o curso de Jornalismo Alternativo, o Travessias #2 e a contínua agência do Veredas se somam aos processos de articulação de rede - por meio da produção mesma de tais objetos.

Também é oportuno destacar o quanto o cancelamento do Prêmio Veredas sugere

que o esgotamento profissional suscitado na busca e execução do trabalho remunerado afeta, também, a atuação do Nonada. Ainda assim, ao justificar o cancelamento do edital, Priscila não deixa de afirmar que o Veredas é o resultado de uma “paixão”.

O *worknet* do Nonada transparece tanto nas pessoas que participaram do Travessias#2 quanto nas que compõem os eventos da festa de aniversário, no curso de Jornalismo Alternativo e na organização do debate dos candidatos à prefeitura de Porto Alegre (mesmo que não tenha sido concretizado). Assim, em 2016 mapeamos a parceria do Gemis; Pretagô; Comunicação Kuery; Departamento de Difusão Cultural da UFRGS; Agência Músculo; Anú; Jornalismo B; jornal Boca de Rua (ong Alice); A Voz do Morro; Coletivo Catarse; TV Restinga; MTST; Agapan; Inclusivass; Nuances; Themis; Frente Quilombola; Ponto de Cultura Feminista: corpo arte e expressão; Jornal Já e Revista Capitolina. Além dos grupos, há ainda a participação das pessoas que ou não são citadas como integrantes de grupos ou formaram grupos já extintos (como Rafael Guimaraens, jornalista do Coojornal).

O Nonada manteve a articulação entre o jornalismo independente e o jornalismo alternativo ao falar de si mesmo, e reforçou o alcance da prática do jornalismo por quem não é formado na área – tanto na campanha para novos colaboradores quanto ao delinear o público alvo do curso de Jornalismo Alternativo. Aí, aliás, também ressaltam que um dos efeitos do jornalismo alternativo é “dar voz a quem é invisibilizado” na grande mídia. Essa ideia é deslocada na edição do curso de 2017, na medida em que o módulo “Sensibilidade e voz no jornalismo” passa a prever a diferença do lugar de fala da fonte e do lugar de fala do mediador. Essa descrição sugere não mais a ideia de “dar voz”, mas de ceder espaço para que as vozes minoritárias se tornem mais potentes.

Ainda na justificativa do curso de Jornalismo Alternativo, em 2016 o Nonada frisa que não quer “formar empreendedores”, mas fomentar a prática do jornalismo independente para além dos modelos empresariais. Há aí um destaque na singularidade de como o conceito de “independente” é retomado e articulado pelo Nonada. Uma singularidade que inclusive já estava presente na recusa relatada no mapeamento de 2014: “Não somos uma empresa” – ou seja, essa recusa aparece antes mesmo da expressão “jornalismo alternativo” emergir nos materiais institucionais.

Em 2016 também é descrito o conceito de cultura no texto sobre o aniversário do coletivo. Ali ela é articulada aos movimentos minoritários (feminismo, empoderamento negro, protagonismo das periferias, tradição dos povos indígenas, arte na rua). Por isso, a cultura ainda é descrita como “resistência”.

O entendimento do conceito de Travessia do Nonada fica latente no post que traz a fotografia dos integrantes. Ele destaca “a serenidade no olhar de quem acredita no jornalismo que faz”. Há aí a coragem da verdade no exercício da prática, uma prática que é pensada e assumida livremente pelos integrantes. A permanência dessas pessoas no coletivo aponta tanto para a satisfação em fazer parte dele quanto para um governo de si mesmo – na medida em que o tempo dedicado ao Nonada é um tempo sobressalente àquele do trabalho remunerado. Atuar continuamente no Nonada exige esforço na dedicação e coragem no enfrentamento (de si mesmo e das angústias próprias do mercado de trabalho). O efeito é a criação e o cultivo de um espaço para o exercício daquilo que os integrantes entendem ser o jornalismo cultural - a partir de si mesmos e de suas experiências, passando por negociações internas que dotam o coletivo de uma diversidade não mais somente nas pautas, mas nas pessoas que o constituem.

Em 2016, uma sutil pista do enfraquecimento da prática de anúncios nos valores do coletivo é apontada pelo apagamento do “Anuncie no Nonada” no cabeçalho – agora, ele aparece somente no Rodapé. Embora a página capturada pelo Archive.is naquele ano não o mostre, lembro de ver o anúncio de um curso de filosofia do IDC na capa do site, na coluna da direita. Na época, eu preparava a qualificação da Tese, ainda que não tenha abordado esse fato no texto.

2017 De atuante à fomentador

Em 2017, a campanha do financiamento coletivo foi bem mais enxuta. Eram somente três opções de contribuição, ao invés de seis. Por outro lado, foi disponibilizada a opção de doação por boleto ou cartão de crédito. As duas primeiras contribuições são feitas mediante o botão do PagSeguro. Contudo, na terceira, ao invés do botão do PagSeguro, há um link na palavra “Inscrições” que nos remete à plataforma Sympla.

Há a diminuição do número das recompensas. De oito, agora passam a ser três: zine Travessias#2; fotos do acervo; e o Curso de Jornalismo Independente. O texto “Como apoiar”, que acompanha as modalidades de doação, nos diz que o dinheiro arrecadado com o financiamento coletivo vai viabilizar a sustentabilidade do site. Além disso, também vai oportunizar a produção de reportagens especiais sobre elementos da cultura brasileira ainda não pautados pela mídia de uma forma geral. Outra ação assegurada via financiamento é o Curso de Jornalismo Alternativo – nessa edição, prevendo a implementação de bolsas gratuitas.

Para exemplificar as reportagens produzidas com o financiamento, são disponibilizados links para duas reportagens do coletivo que tiveram apoio da campanha do ano anterior. A primeira é “Museu do Carvão completa 30 anos em compasso de abandono”, com texto de Rafael Gloria e fotos de Erick Peres, publicada em 18 de maio de 2016. A segunda matéria é “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?”, escrita por Priscila Pasko e com fotos de Maia Rubim e Lidiane Bach. Esta reportagem foi publicada no site do Nonada em 6 de março de 2017.

Logo depois das modalidades de contribuição, somos informados sobre os módulos previstos no Curso de Jornalismo Alternativo proposto pelo Nonada. Eles são seis: Para que(m) serve o jornalismo alternativo?; Sensibilidade e voz no jornalismo; Deriva jornalística; Narrativas no jornalismo; Políticas públicas e jornalismo de dados; e, finalmente, Sustentabilidade jornalística e fechamento do curso. Após a exposição dos módulos, há um link “para saber mais”, que nos remete à página <http://www.nonada.com.br/2017/04/curso-de-jornalismo-alternativo-do-nonada-tem-inscricoes-abertas-e-bolsas-gratuitas/>.

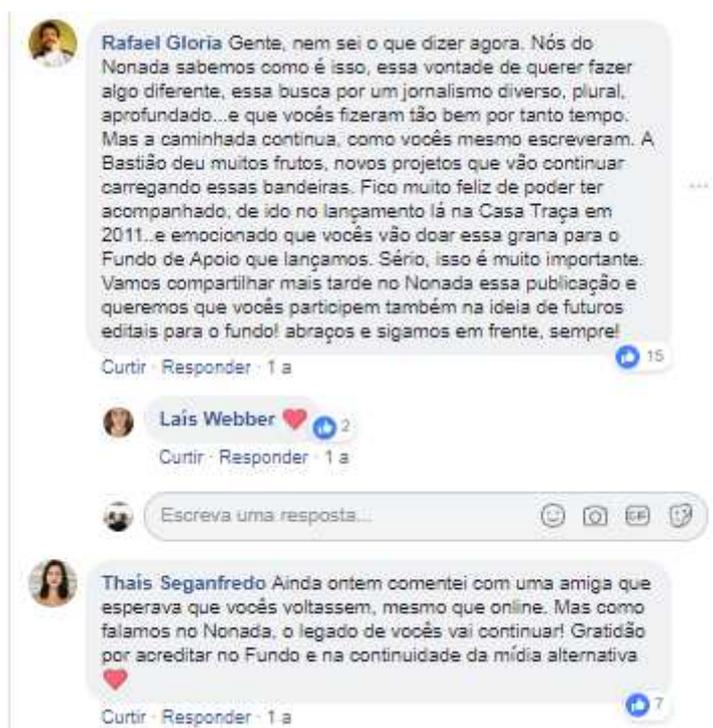
Em 13 de fevereiro de 2017 o Nonada lança o “Fundo de Apoio à Mídia Alternativa”. A matéria explica que o fundo tem como objetivo fomentar “veículos alternativos e comunitários” gaúchos. Visa também “contribuir para a democratização da comunicação e para o crescimento do jornalismo independente, sem financiamento empresarial ou partidário”. Explica o funcionamento, que vai operar em três frentes: “Eventos e projetos promovidos em conjunto por mídias alternativas do RS”; “Editais de apoio a novos veículos alternativos e comunitários”; e “Concursos de reportagem”. Os recursos do Fundo provêm tanto de parte do valor arrecadado pelo *crowdfunding* do ano passado quanto de parte do valor arrecadado pelo curso “Escrita Criativa no Jornalismo”, a ser ministrado por Rafael Gloria no mês seguinte. O texto também anuncia para breve o lançamento da segunda edição do Curso de Jornalismo Alternativo do Nonada, dessa vez com bolsas gratuitas para quem é ligado à rede pública de ensino – alunos e professores. Contudo, não deixa claro se haverá participação da arrecadação com o Curso de Jornalismo Alternativo no Fundo de Apoio à Mídia Alternativa. Ainda informa que o Fundo aceita doações de pessoas físicas e de organizações sem fins lucrativos.

Um mês após o anúncio da criação do Fundo, a Revista Bastião – um dos veículos independentes mais conhecidos de Porto Alegre – fechou as portas. Em uma postagem no Facebook, publicada no dia 13 de março, os integrantes divulgam um texto sobre os

motivos da extinção da revista e anunciam a transferência de todo o restante do caixa ao Fundo criado pelo Nonada.

Dar fim a um sonho é uma tarefa difícil, até porque a sonhadoras e sonhadores cabe sonhar. Mas já se vão dois anos desde nossa 21ª e última edição e se faz necessária uma despedida apropriada. Hesitamos por muito tempo em colocar este ponto final. Bem, é hora. E mesmo agora, enquanto o colocamos, temos a esperança de que seja mais que isso. Encerramos oficialmente a revista Bastião repassando todo o dinheiro que nos restou em caixa ao Fundo de Apoio à Mídia Alternativa, lançado pelo Nonada – Jornalismo Travessia, para que o espírito que nos moveu – e ainda nos move em outros projetos – siga gerando bons frutos para o jornalismo; para que a mídia alternativa siga, resiliente, a insana saga daquelas que olham o abismo da desigualdade social e enxergam saída, constroem pontes que aproximam sem se atirar à desesperança, tão contagiante em tempos de golpe. Após quase seis anos de Bastião, encerramos imensamente felizes com o resultado. Em 2011, não imaginávamos que, por mais pretensioso que fosse o projeto, a ideia de alguns estudantes de vinte e bem poucos anos chegaria aonde chegou. As coisas aconteceram tão naturalmente que por vezes não nos damos conta da dimensão que tudo tomou: oficina na Feira do Livro, debate em faculdades e na FestiPoa Literária, mostra de filmes independentes, incontáveis festas. [...] Porque por trás de cada reportagem e de cada decisão, tivemos uma discussão acalorada, uma reunião interminável, um namoro fracassado, uma briga de morte. Mas o cheiro das páginas impressas e as amizades eram imãs tão irresistíveis que no dia seguinte lá estávamos novamente: com os pés na rua e o coração cheio de vontade e esperança – recarregando as baterias da cidade. [...] Quem investiu no Bastião, investiu em uma ilusão que acreditava possível, indo talvez contra a essência do termo ilusão, fadado ao que jamais será concreto: uma nova comunicação, um mundo mais justo, igualdade social, racial e de gênero. Foi a intenção de seguir caminhando rumo a esse horizonte jamais alcançado e que, por isso, nos impulsiona a caminhar sempre em sua direção, que escolhemos doar ao Fundo de Apoio à Mídia Alternativa os R\$ 1.740,00 que nos restam em caixa, fruto da venda de pacotes de assinatura e do lucro de festas. [...] Se a desesperança é quase material nos dias de hoje, o projeto do Nonada e tantos outros provam que também temos, no fim, porque acreditar.

Rafael Gloria e Thaís Seganfredo – entre outras pessoas –, comentam no post na *fanpage* da Revista Bastião:



Fonte: *fanpage* da Revista Bastião

Depois disso, no mesmo dia o Nonada compartilha a postagem originalmente publicada pela Bastião – e escreve:

Em 2010, alunas e alunos de jornalismo da Ufrgs, insatisfeitos com o cenário pouco democrático da mídia, resolveram criar novos veículos livres de interesses econômicos e voltados aos direitos humanos. O Nonada estava lá, junto com a Revista Bastião, uma referência do jornalismo alternativo no RS. Hoje um ciclo se fecha, mas o legado da Bastião continua. Esperamos que eles possam inspirar mais e mais pessoas a acreditarem no jornalismo livre, dando continuidade à busca pela justiça social e pela diversidade cultural brasileira. A Bastião decidiu doar para o Fundo de Apoio da Mídia Alternativa lançado pelo Nonada os recursos que restaram do caixa. Nós agradecemos e pretendemos continuar junto com a Anú – Laboratório de Jornalismo Social, Boca de Rua, Jornalismo B, TV Restinga e muitos outros na luta pela democratização da comunicação, incentivando a criação de novos veículos com esses recursos e o livre exercício do jornalismo.

A segunda edição do Curso de Jornalismo Alternativo é lançada juntamente com a campanha de financiamento coletivo de 2017 no dia 4 de abril. O texto que divulga a campanha informa que ela é “encabeçada pelo curso de jornalismo alternativo em Porto Alegre. A novidade deste ano é a reserva de 8 vagas gratuitas para alunos e professores da rede estadual do Ensino Médio”. Também fala que 5% do valor será destinado ao Fundo de Apoio à Mídia Alternativa. Já a matéria que versa exclusivamente sobre a segunda edição do curso informa que o objetivo é “incentivar o desenvolvimento do jornalismo crítico e a criação de novos veículos independentes”. Também diz que “Um ebook ou site ligado ao Nonada será lançado como trabalho final da turma ao fim do

curso”. Os seis módulos são praticamente os mesmos da edição anterior, exceto o quinto. Se na edição de 2016 ele versava sobre “Cultura e arte política”, agora mira em “Políticas públicas e jornalismo de dados”. A distribuição das aulas no tempo também não é a mesma – se antes os encontros eram quinzenais, agora são semanais. E em outro local, embora ainda no centro de Porto Alegre: do Santander Cultural, passa a ser na Camp – Escola de Cidadania. Nessa edição, o curso tem duração de 3 meses.

No dia 15 de maio é postada a matéria que informa a mudança das editorias, já abordada na seção dedicada ao relato das mudanças no *layout* do site. No dia 18 de julho é a vez do zine Travessias#2 ter sua versão digital disponibilizada no site – agora em uma página onde só aparece a versão digital do segundo zine (“Zine Travessias#2 tem como foco a memória”). Em 16 de novembro o Nonada posta a cobertura fotográfica da segunda edição do Sarau dos Não lidos. O texto de abertura da matéria informa:

Ocupamos o maior espaço da Feira do Livro de Porto Alegre. A segunda edição do Sarau dos Não Lidos (não-lidos naquela forma tradicional, mas ouvidos – e muito!) rolou no dia 13 de novembro no Teatro Carlos Urbim. As slammers Ana Tereza e Suzane Cardoso e os poetas Ana dos Santos, Jonatan Ortiz, Nayara Lemos e Marcelo Martins foram nossos convidados, mas o poeta J Romaria apareceu de surpresa no final e tivemos o privilégio de ouvi-lo também. Confira a nossa reportagem fotográfica, por **Louise Soares**. [Grifos do autor].

Finalmente, no dia 15 de dezembro o Nonada posta uma matéria sobre o concurso de reportagem em parceria com Jornalismo B e Anú. Contudo, penso que a página foi atualizada porque abaixo do título podemos ler “*Inscrições prorrogadas até 20 de dezembro”. De acordo com a postagem,

As reportagens premiadas serão escolhidas por representantes dos três veículos responsáveis pelo concurso. Cada texto premiado deverá ser publicado em um dos veículos, seguindo a distribuição escolhida pelos organizadores. [...] Os textos estarão sujeitos à edição e possíveis adaptações solicitadas pela organização.

Depois de explicar o restante do regulamento - já descrito na seção sobre os porta-vozes do Nonada na mídia externa -, é disponibilizado um link do Google Formulários para as inscrições. O final do texto é dedicado à apresentação do Fundo de Apoio à Mídia Alternativa, responsável pela viabilização do concurso.

Os conteúdos institucionais da *fanpage* trazem, no dia 15 de fevereiro, o compartilhamento do evento de Rafael Gloria relativo ao curso “Escrita Criativa no Jornalismo”. Aproveita para anunciar para breve o lançamento da segunda edição do Curso de Jornalismo Alternativo.

No dia 4 de abril é criado o evento “Pra que(m) serve o jornalismo alternativo”,

referente à segunda edição do Curso de Jornalismo Alternativo. A postagem informa que o curso vai conferir um certificado para quem tiver, pelo menos 75% de frequência. As discussões, na página do evento, novamente nos trazem rastros que auxiliam na recomposição da história do Nonada. Ficamos sabendo que as bolsas foram solicitadas por diversas pessoas. Uma das postagens informa: “Foi lindo ver que chegaram muitos pedidos de bolsas de pessoas nessas semanas, mas a gente realmente precisa dos recursos pra manter a sustentabilidade do site. A gente entende que não tá fácil pra ninguém, por isso o preço do curso para apenas R\$180 golpinhos!”. Outra postagem informa os ministrantes confirmados: para a primeira aula, novamente Alexandre Haubrich, do Jornalismo B, e Márcio Figueira, da TV Restinga; na aula sobre Deriva, Theo Lima; e para a de jornalismo de dados, o professor Francisco Santos. Há novamente indicação de leitura de conteúdo externo – dessa vez, todas postadas por “Nonada”. A primeira é “Como a linguagem reforça o racismo no Brasil?”¹⁸⁰, um artigo publicado no site Alma Preta. O segundo é “Plano de aula gratuito ensina estudantes a checar informações”¹⁸¹, um tutorial publicado pelo Instituto Poynter, traduzido e disponibilizado no site da Agência Pública. Por fim, o artigo “Por que todo mundo deveria aprender jornalismo”, divulgado no site É Nois Conteúdo¹⁸².

Em 15 de maio há uma postagem com indicações de veículos de “jornalismo contra-hegemônicos e de qualidade” existentes no Brasil. São linkados os nomes “Alma Preta”, “Amazônia Real”, “Anú – Laboratório de Jornalismo Social”, “A Voz do Morro”, “Brasil de Fato”, “Calle2”, “Catarinas”, “Coletivo Catarse”, “Comunicação Kuery”, “De Olho Nos Ruralistas”, “Jornalismo B”, “Nós, mulheres da periferia”, “Ponte Jornalismo”, “Rádio Yandê”, “Revista Vaidapé”, “Terra Sem Males”, “The Intercept Brasil” e “TV Restinga”.

Em 22 de julho, um post informa que o Nonada ministrou aula sobre medialivrisimo e jornalismo alternativo na Feira Cultural do Programa de Português para Estrangeiros da UFRGS. Em 27 de agosto é adicionado o evento “Cultura é resistência: Sete anos de Nonada”, ocasião em que será lançado o concurso de reportagem em parceria com o Jornalismo B e o Anú. Aliás, no evento eles também compõem uma roda de conversa, junto com o Nonada, para discutir o jornalismo alternativo. Ainda está previsto um sarau com as escritoras Ana Santos, Cíntia Colares e o escritor Marcelo

¹⁸⁰Cf em <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/como-a-linguagem-reforca-o-racismo-no-brasil>

¹⁸¹Cf em <https://apublica.org/2017/03/truco-plano-de-aula-gratuito-ensina-estudantes-a-checlar-informacoes/>

¹⁸²Link hoje indisponível.

Martins.

Em setembro, no dia 4, o Nonada compartilha as matérias produzidas pelos alunos durante a segunda edição do Curso de Jornalismo Alternativo:

Post 6



Fonte: *fanpage* do Nonada

Esse conteúdo não está disponível na lista cronológica do site, mas ainda está acessível¹⁸³. Ao ver a postagem, voltei ao site e busquei por “Gilciane Neves” no campo de busca interna – isso porque eu havia visto sua matéria na lista cronológica. Acessei o conteúdo e lá estava disponibilizado o link para o Derivas. O texto introdutório informa que o “Derivas é a publicação online que reúne o conjunto de reportagens dos alunos do Curso de Jornalismo Alternativo do Nonada”.

Em outubro há dois posts selecionados na *fanpage*: um criando o evento “Sarau dos Não Lidos na Feira do Livro – segunda edição”, e o outro compartilhando o concurso de reportagem. Este foi publicado no dia 15 e compartilha a matéria publicada no site sobre o assunto, o que me leva a supor que essa é a data original da publicação

¹⁸³Cf em <http://www.nonada.com.br/category/derivadas/>

em nonada.com.br.

No dia 7 de novembro, há uma postagem na *fanpage* referente à indicação do Nonada ao Prêmio AGES: “Ficamos honrados com a lembrança e agradecemos a todas as escritoras e aos escritores que nos indicaram! Mostra que o nosso jornalismo independente está se fortalecendo e sendo reconhecido”. No dia 14, compartilha texto produzido pela assessoria da Feira do Livro de Porto Alegre, destacando “Sarau dos Não Lidos pelo olhar sensível do querido Vítor Diel, que também é nosso parceiro do Literatura RS”.

O último post selecionado no ano de 2017 foi publicado no dia 12 de dezembro e é um convite para a última reunião do Nonada naquele ano. O encontro será aberto e a postagem informa: “Não precisa ser jornalista nem estudante para participar do Nonada, só acreditar no jornalismo alternativo”.

Esse é o ano em que o Nonada, além de oferecer um curso para a formação no jornalismo alternativo, também organiza oportunidades para o exercício dessa prática – agora, para além de si mesmo. A criação de um fundo específico para a mídia alternativa por parte de um coletivo que ainda não possui sustentabilidade plena exprime um investimento notável de força. Ao mesmo tempo em que reforça o *worknet* – seja na administração do fundo (dividida com a Anú e o Jornalismo B), seja nos veículos a serem criados a partir dele –, o Nonada atua de modo a potencializar os valores de seu “jornalismo alternativo e independente” para além das limitações financeiras que caracterizam o coletivo. Opera e fomenta uma ação sobre ações. Retoma e investe na ideia de ser retomado – não em si mesmo, mas em seus valores e em sua verdade. Uma verdade construída na travessia, na experiência de si mesmo, na troca dessa experiência com os outros integrantes, no exercício de uma prática articulada e negociada internamente – mas de forma a manter e respeitar a conduta pessoal de cada um. Uma negociação que visa a diversidade da cultura, tanto nas pautas quanto nos jornalistas que as produzem.

Há ainda a retomada do fundo pela Revista Bastião, quando ao fechar as portas transfere todo o caixa restante para a iniciativa criada pelo Nonada. O trabalho de rede é mantido e multiplicado por meio das aulas da segunda edição do curso de Jornalismo Alternativo, que seguem sendo parcialmente ministradas por parceiros. Há também aqueles articulados em torno da comemoração do aniversário de 7 anos, evento onde foi lançada a primeira iniciativa do Fundo de Apoio à Mídia Alternativa: o concurso de reportagem. Finalmente, também a segunda edição do Sarau dos Não Lidos volta a

mobilizar escritores minoritários na cena cultural de Porto Alegre.

2018 Tentando romper a bolha

No site, o título de apresentação da campanha de financiamento coletivo deixa de ser “Como apoiar” e passa a ser “Financiamento coletivo”. Contudo, o conteúdo do texto é o mesmo. Logo abaixo dele, visualizamos um box, onde há uma foto dos integrantes seguida de uma barra de carregamento marcando que 72% da meta (de R\$ 200,00 por mês) foi alcançado. Esse box está linkado à plataforma Catarse.me, onde o projeto está inscrito. Lá podemos ver no topo da página o vídeo produzido para a campanha de financiamento coletivo de 2018, seguido – à direita – pelo número de doações recebidas até agora: 7. Acessando a aba “assinantes”, localizada abaixo do vídeo, reconheço dois dos sete nomes listados. Um é Douglas Freitas, integrante da hoje extinta Revista Bastião e fotógrafo recorrente na produção do Nonada. Douglas publica tanto como colaborador quanto como fotógrafo acompanhante em matérias assinadas pelos membros do coletivo. Outro nome que reconheço é Gustavo Melo Czekster, que colaborou com um texto para o Nonada em 2015 e que também é um dos autores do zine Travessias#1.

Na página do projeto do Nonada na plataforma Catarse.me, a paleta “Sobre” (já aberta ao iniciarmos a navegação) traz o texto desenvolvido pelo Nonada para a campanha de 2018. Na terça parte, à direita do texto, estão posicionadas, em coluna, as modalidades de contribuição. Dessa vez, estão previstas quatro formas de contribuir, cada uma delas com a recompensa correlata. A primeira modalidade corresponde à contribuição mensal entre 5 e 19 reais (3 assinantes). Aqui, a recompensa é o “nome no site como forma de agradecimento”. A segunda modalidade prevê contribuição entre 20 e 29 reais, e dá acesso à 3 oficinas populares – para quem contribuiu ou um terceiro designado pelo apoiador (nenhum assinante). Na descrição da modalidade, o Nonada informa os temas das oficinas populares: “História do Jornalismo Alternativo, Crítica Cinematográfica, Perfil Jornalístico, Edição de Vídeo, entre outros”. A terceira modalidade prevê contribuições de 30 reais ou mais e dá acesso à todas as oficinas promovidas pelo Nonada durante o ano (1 assinante). A quarta e última modalidade também prevê contribuições a partir de 30 reais, contudo agora 60% desse valor vai para o Veredas e 40%, para o Nonada (2 assinantes).

Enxuta, a campanha de 2018 propõe dois tipos de recompensas: o nome do apoiador no site e o acesso às oficinas populares. O texto de apresentação do projeto

informa que essas oficinas serão lançadas durante o ano e que são direcionadas “pra quem quer aprender mais sobre jornalismo alternativo e cultura”. O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (para as contribuições mensais) ou via boleto (contribuição única). O texto também explica o destino das arrecadações: 50 reais por mês serão pagos para a hospedagem do site e 26 reais, também por mês, pagarão a taxa cobrada pelo Catarse.me. O restante – caso batam a meta, sobram 124 reais por mês – será destinado ao transporte da equipe que vai produzir reportagens aprofundadas. O tema dessas reportagens é a cultura, mas cultura em um sentido amplo. O texto explica:

Desde 2010, por meio de reportagens, entrevistas e resenhas críticas, continuamos aprendendo e descobrindo novas formas de cultura. Cultura popular, cultura LGBTQI, cultura feminista, cultura quilombola. O Brasil é esse mosaico infinito de expressões, e é isso que buscamos conhecer cada vez mais e representar em nossas matérias. Cultura para além do sinônimo estrito de obra artística. Cultura como o conjunto de elementos que representam as mais variadas formas de viver. **Cultura com viés social.** [grifos do autor].

Tal conceito de cultura, já presente na nota publicada em 2017 sobre a mudança das editorias, dita a elaboração das reportagens a serem financiadas e exprime a construção coletiva do termo por meio da experiência no Nonada. Ao final do texto, o coletivo indica exemplos de matérias financiadas pelas campanhas dos anos anteriores. São quatro reportagens, sendo duas delas as mesmas mencionadas no ano anterior. Somam-se à essas a reportagem “O Canto de três povos”, escrita por Thaís Seganfredo e postada no site em 28 de junho de 2017; e a reportagem “Afro-sul Odomodê, um guardião da história e da cultura negra e gaúcha”, com redação de Thayse Uchôa e vídeo de Raphael Carrozzo. Esta matéria foi postada no site em 24 de julho de 2017. O vídeo produzido em 2018 é bem mais enxuto do que os produzidos em 2016. Enquanto esses marcam mais de 3 minutos e meio cada um, aquele tem duração de 28 segundos. A abordagem também difere. Se em 2016 os vídeos eram compostos de relatos pessoais, o de 2018 foca nas diversas culturas pautadas pelo Nonada.

O vídeo de 2018 foi postado em dois locais: na *fanpage* “Nonada – Jornalismo Travessia” (Facebook) e no canal “NonadaJornalismo” (YouTube). Contudo, ele foi postado primeiro no YouTube – no dia 24 de abril. Somente 5 dias depois o vídeo foi publicado no Facebook. O YouTube marca 100 visualizações, 1 curtida e nenhum comentário no vídeo da campanha de 2018. Já o Facebook marca mais de 2 mil visualizações, 73 curtidas e 30 compartilhamentos – além de 6 comentários. Acredito que a diferença de 5 dias entre as postagens no YouTube e no Facebook se deva à necessidade de divulgação do conteúdo na plataforma Catarse.me, que em 2018 foi escolhida pelo Nonada para promover o projeto da campanha do financiamento

coletivo. Aliás, os títulos do vídeo são diferentes em cada postagem. No Facebook, ele recebeu o nome “Ajude o Nonada no Catarse!”, enquanto no YouTube foi intitulado “Ajude o Nonada a continuar sua travessia” - este reproduzido na plataforma Catarse.me.

No perfil do Nonada na plataforma Catarse.me¹⁸⁴, podemos ver que o vídeo ali disponibilizado carrega em si as marcas do YouTube – o botão cinza com a seta branca localizado no centro do vídeo, o título alinhado à esquerda no topo, o relógio branco do “assistir mais tarde” e a seta branca alongada do “compartilhar” alinhados à direita no topo, um ao lado do outro. Então, logicamente, para que ele fosse visualizado no Catarse.me, era necessário antes postá-lo no YouTube.

Busquei a data de publicação do projeto na plataforma Catarse.me. Como não localizei a informação ali, procurei pela divulgação da campanha na *fanpage*, para coletar rastros digitais que confirmassem a necessidade do upload no YouTube antes da publicação do projeto na plataforma Catarse.me. Finalmente, achei a postagem: ela foi publicada no dia 25 de abril.



Post 7

Fonte: *fanpage* do Nonada

Assim, tudo aponta para a confirmação da necessidade do upload prévio no YouTube – e, talvez, também para a impossibilidade de compartilhar com a plataforma Catarse.me um vídeo originalmente carregado em uma *fanpage* do Facebook. Para confirmar, vou até a plataforma do Catarse.me e simulo o planejamento de uma

¹⁸⁴<https://www.catarse.me/nonada>

campanha. Leio, sem surpresa, a instrução escrita ao lado da caixa para upload do vídeo do projeto: “Link do Vímeo ou do YouTube. Esse é o vídeo principal da sua campanha”.

Quanto ao conteúdo, o vídeo da campanha de financiamento coletivo de 2018 do Nonada é composto de várias imagens alternadas dos integrantes – todas em grande plano e com o mesmo fundo: um padrão com grandes flores azuis e folhas verdes sobre vermelho. Cada tomada dura em média menos de dois segundos. A sucessão das imagens é organizada de modo que cada integrante fale, pelo menos, uma parte do texto. São nove participantes, sendo que duas aparecem somente uma vez (Laura Galli e Thaís Seganfredo); os outros sete aparecem duas vezes (Thayse Uchôa, Airan Albino, Glauber Cruz, Rafael Gloria, Raphael Carrozzo, Ananda Zambi e Julia Manzano). Portanto, o vídeo é composto pela sucessão de 16 imagens em 28 segundos.

O texto inicia nomeando as várias culturas pautadas pelo coletivo Nonada – e a rápida sucessão entre as imagens dos integrantes funciona de modo a ressaltar essa diversidade: “Cultura feminista/, cultura indígena/, cultura negra/, cultura LGBTQI¹⁸⁵/, cultura popular”¹⁸⁶. A seguir, destaca que o “Nonada,/ coletivo de jornalismo cultural alternativo/”, produz conteúdo “sobre as muitas culturas do Brasil/”. Depois disso, informa que o Nonada precisa de apoio para continuar a “travessia no jornalismo independente/” e que o dinheiro arrecadado será investido na manutenção do site e na produção de “reportagens aprofundadas sobre cultura e direitos humanos/”.

No Facebook, selecionei seis postagens que nos auxiliam a re-traçar a história do Nonada. A primeira, postada no dia 14 de janeiro, divulga os vencedores do concurso de reportagem lançado no ano anterior. Informa que foram mais de 60 reportagens inscritas, agradece aos participantes e solicita: “Sigam acreditando no jornalismo alternativo, na cultura e nos direitos humanos, fundem novos veículos ou venham pra os que já existem, o Nonada tá de portas abertas”. O post ainda inclui um agradecimento especial à Revista Bastião, que investiu no Fundo de Apoio à Mídia Alternativa.

Em 24 de fevereiro, o Nonada cria uma estratégia para contornar, pelo menos em parte, a nova agência do algoritmo do Facebook. Para isso, cria um “Grupo” na plataforma.

¹⁸⁵De acordo com o site da Infopédia, LGBTQI é a sigla de “Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer ou Questionadores e Intersexo”. Cf em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/siglas-abreviaturas/LGBTQI>.

¹⁸⁶Cada uma das barras indica a troca da imagem – e da fala de cada integrante.

Post 8



Fonte: *fanpage* do Nonada

Contudo, enquanto a *fanpage* marca 7.669 curtidas e 7.611 seguidores, o grupo registra 369 membros. As postagens são muito esparsas e em número menor do que as efetuadas na *fanpage* (entre 1º de janeiro e 30 de julho de 2018, a *fanpage* marca 65 posts). A última postagem feita pelo Nonada no grupo data do dia 1º de maio – antes dessa, houveram somente 22.

No dia 6 de março o Nonada compartilha uma das reportagens vencedoras no concurso do ano passado: “Mulheres de ritmo e poesia”, escrita por Samara Onofre. O post ainda destaca a importância de que todas as reportagens vencedoras tenham sido assinadas por mulheres.

Oito dias depois é compartilhado o evento de Rafael Gloria “Jornalismo Cultural: em busca de alternativas e de diversidade”, curso ministrado por ele na Fundação Ecarta. O post frisa que 5% do valor arrecadado será destinado ao Nonada.

Há ainda duas postagens em julho, ambas divulgando as primeiras Oficinas Populares do Nonada: Crítica Musical (no dia 5) e Jornalismo Cultural (no dia 17) – elas integram a campanha de financiamento coletivo de 2018. A primeira foi ministrada por Ananda Zambi e a segunda, por Rafael Gloria e Thaís Seganfredo. As postagens mencionam que a atividade é voltada a jornalistas, estudantes ou pessoas sem formação

específica na área, e explicam: “Essa oficina integra o projeto Oficinas Populares do Nonada, que estamos lançando esse ano como continuação do nosso Curso de Jornalismo Alternativo. Acreditamos em uma produção de conhecimento acessível e democrática, para além dos padrões da universidade”. O valor da inscrição avulsa em cada oficina é de 20 reais.

A pesquisa dos posts na *fanpage* do Nonada mostrou um “#postpatrocinado”, publicado em junho de 2018:



Post 9

Fonte: *fanpage* do Nonada

Este, contudo, foi o único do tipo que encontrei divulgado na *timeline*. Talvez ele indique uma nova prática de anúncios no Nonada – agora não mais no site, mas na *fanpage*. De todo, a divulgação é de um evento organizado por outro coletivo (o “Gente de Palavra”), o que possivelmente indica que a venda de anúncios no Facebook seja restrita a grupos e organizações com valores semelhantes ao Nonada. Até porque não há divulgação da prática por parte do coletivo.

O discurso do jornalismo independente, embora não preveja a exclusão da publicidade, exige cautela na relação entre o anunciante e o veículo. O cuidado é necessário para que uma eventual menção ao anunciante não seja condicionada ao dinheiro investido na parte comercial daquela mídia. A intimidação sentida pelos repórteres na produção de reportagens que abordem uma empresa anunciante é famosa e potente o bastante para realmente restringir o exercício do jornalismo.

Praticar o jornalismo independente financiado, pelo menos em parte, pela publicidade – e de forma a manter a independência jornalística –, seria mais viável se o anunciante fosse o poder público. Isso, claro, caso o planejamento publicitário do governo também estabelecesse normas de proteção ao livre exercício do jornalismo. Contudo, a equidade na distribuição das verbas publicitárias governamentais ainda é tema de lutas. A falta de uma legislação do tipo torna difícil a manutenção dos veículos menores e/ou locais.

A publicidade de anúncios pontuais de grupos menores e com valores afins parece diminuir o risco de uma possível intrusão na produção jornalística e, por outro lado, fortalecer minimamente o jornalismo independente. Mesmo que o valor da publicidade seja baixo ou até mesmo simbólico, já representa algum recurso a ser investido no site.

Até a data de corte da coleta dos empíricos, penso que o evento mais significativo foi a tentativa de contornar os controles do Facebook através da criação do grupo naquela plataforma. Outro deslocamento importante foi a transformação do curso de Jornalismo Alternativo em oficinas populares, o que talvez facilite um maior alcance das atividades oferecidas.

Travessias

Exaustivamente, percorri o site e a *fanpage* do Nonada na tentativa de responder ao problema de pesquisa. Desde que tomei conhecimento do coletivo, por meio do mapa do jornalismo independente elaborado pela Agência Pública, me impressionei com o fato de um veículo como o Nonada – sem sustentabilidade plena – alcançar quase 8 anos de vida.

Minha observação inicial, embasada na Teoria do Ator-Rede e nos estudos foucaultianos, me levaram a operar prioritariamente com os conceitos de *Worknet* e Ética. O primeiro para seguir o trabalho de rede que articula pessoas, grupos e objetos. Inclusive na busca pelo financiamento, há o esforço em estabelecer vínculos e amarrar elementos em uma imensa rede de troca que mantém o coletivo atuante. Mas não só ela. Há uma cumplicidade entre os integrantes que envolve valores compartilhados sobre o jornalismo, as minorias, as políticas culturais. E mais do que isso: envolve uma conduta de si de cada integrante, como um pressuposto e também como efeito do coletivo. O modo como cada integrante decide se conduzir, para além de ganhos financeiros, para além do desejo de reconhecimento público.

Se fiquei impressionada com a longevidade do Nonada mesmo sem o veículo alcançar a sustentabilidade plena, me surpreendi mais ainda com a criação do Fundo de Apoio à Mídia Alternativa. Portanto, procurei um lugar de fala mais moderado via mapeamento e descrição – o retorno sucessivo aos períodos anuais foi uma tentativa de destacar os empíricos. Sei que é impossível operar uma pesquisa de modo neutro: a escolha do objeto já é, em si mesma, uma marca pessoal. Por outro lado, a atenção aos empíricos me oportuniza um relato mais rigoroso sobre o movimento do Nonada através do tempo.

Assim, seguindo os objetivos específicos, procurei desdobrar os participantes do coletivo em integrantes, colaboradores, parceiros e objetos – atentando também para a agência destes. Há uma enorme quantidade de laços forjados ao longo do tempo – alguns duradouros e outros pontuais. Penso que as sucessivas observações também me ajudaram aqui, na medida em que o deslocamento na ênfase da análise dos dados permitiu a percepção, por exemplo, das credenciais como actantes. É interessante destacar aí a luta contra o antropocentrismo: ele faz parte da minha formação e as tentativas de ultrapassá-lo, também.

A estabilização do *worknet* é sempre provisória, estabelecendo uma sucessão de padrões de ordenamento: o estabelecimento das editorias, as chamadas dos colaboradores, as campanhas de *crowdfunding*. É a experimentação, própria dos ambientes digitais e dos espaços de criação que buscam aprender fazendo – sendo, portanto, parte da travessia.

Acredito que tanto o trabalho de rede quanto as relações que os integrantes do Nonada travam consigo mesmos foram fundamentais para a longevidade do grupo. Um grupo que passou por transformações nos modos de se descrever: nasceu independente, cultivando valores acadêmicos e a multiplicidade das editorias; apostou nas parcerias em concursos promocionais e enfrentou problemas na retenção de seus integrantes; passou por uma crise que comprometeu a produção das pautas, embora tenha mantido – mesmo aí – os valores da apuração e do jornalismo independente; retomou o fluxo de publicação a partir de 2014 e agregou ao jornalismo independente os valores do jornalismo alternativo; passou a buscar a diversidade também em seus jornalistas, de modo a compor um coletivo de pessoas que exercitam a problematização de si mesmas – e isso em um contínuo vai-e-vem entre o jornalista, o veículo e a construção de normas facultativas e autoimpostas; o Nonada elaborou produtos e processos que também compõem parte de seu entendimento como um “coletivo”: zines, programas de rádio, cursos fazem parte do conceito; foi buscando alternativas de sustentabilidade ao longo do tempo, de forma que hoje elas se desdobram em posts patrocinados, projetos para editais de cultura¹⁸⁷, venda de zines e campanhas de financiamento (que ainda preveem a oferta de cursos ou oficinas populares).

A atuação de cada integrante; a problematização em grupo de um jornalismo cultural aprofundado, independente, alternativo; a elaboração, de si para si mesmo, de regras de conduta que incluem o trabalho não-remunerado e sobreposto a outras jornadas; a coragem de ver, em si e nos outros, um potencial para a concretização do que entende ser um jornalismo de qualidade – e efetivamente executá-lo. Em grupo, mediante a diversidade em si e nas pautas. Através de objetos capazes de alcançar pessoas, territórios, e até mesmo línguas diferentes.

¹⁸⁷ Embora não tenha sido relatado aqui, em uma entrevista à TVE no início de 2018, Thaís Seganfredo faz referência à possibilidade de financiamento do Nonada via editais de cultura. Essa prática compôs a busca pela sustentabilidade em 2012 – quando Rafael Gloria ganhou o “Prêmio Agente Jovem da Cultura” com o projeto Nonada. Embora tenha sido classificado na categoria de suplentes, em 2015 o Nonada também disputou o edital “Prêmio Pontos de Mídia Livre – III Edição”. Tanto este quanto o edital de 2012 foram lançados pelo Ministério da Cultura.

Há no Nonada uma enorme potência para a reinvenção, para o trabalho de rede, para a transformação. Uma sucessão de estabilidades provisórias – sejam formatos ou pessoas – compõem essa história. Construindo pontes entre si e com os outros, problematizando o jornalismo, a cultura, a resistência e a criação.

Em uma conversa, Rafael Gloria me disse que para ele o Nonada funciona como um refúgio. Já no mapeamento de seus textos havia aparecido o entendimento do Nonada como “um porto seguro” no jornalismo. Acredito que essa relação, entre o Nonada e seus integrantes, mostra a vontade de fazer um jornalismo problematizado, mas que não encontra espaço em outra parte. O Nonada não só permite como estimula outras práticas e composições entre o jornalismo, a tecnologia, a cultura e a vida.

Talvez esse estudo possa apontar para uma oportuna construção de um conceito de jornalismo que destaque a coragem e a força presentes na opção de investir tempo não remunerado de trabalho. Tempo direcionado a uma prática pensada e executada por pessoas reunidas em torno de um projeto operacional que se transforme a medida em que seus integrantes constroem regras de si para si mesmos. O objetivo desse tipo de jornalismo seria uma prática jornalística consonante com os valores derivados do governo da própria conduta – e sempre mediante a presença de um amigo. Uma prática baseada na problematização dos processos de assujeitamento presentes na vida e no mercado de trabalho jornalístico – em suas rotinas e em seus valores. Talvez, um “jornalismo de refúgio”.

Tentei mostrar a agência dos valores nos deslocamentos vividos pelo Nonada ao longo do tempo. Ao nascer, era um site fundado na ideia do jornalismo independente, no valor da formação acadêmica, mas sempre de acordo com a diversidade das editoriais propostas por ele. Em 2011, passa a trabalhar para estabelecer vínculos com parceiros e financia a produção de conteúdo e a manutenção mesma do site na rede, tirando dinheiro do próprio bolso (situação que se mantém por um longo tempo). Em 2012, ainda mantém o valor da formação acadêmica, e aponta pela primeira vez a importância das raízes antropológicas da cultura. No ano seguinte, vive a crise já perceptível pela diminuição do número de reportagens ainda em 2012. Além da ausência de parceiros e a sujeição aos ditames da produção de conteúdo veloz e em textos curtos, o Nonada agora não publica sequer uma reportagem. Em meados de 2014, a retomada é perceptível na virtual ausência das notícias e na intensificação das entrevistas. Em 2015 o Nonada opera um intenso trabalho de rede, passa a definir suas práticas como jornalismo alternativo e retoma a produção de reportagens. É ainda nesse ano que a diversidade

alcança os próprios sujeitos jornalistas que produzem o Nonada – um deslocamento visível principalmente na agência de Airan Albino, que propõe e executa a produção de pautas sobre cultura negra e agrega o movimento negro ao público do Nonada. Em 2016 abraça a ideia de “coletivo”, lança a primeira campanha de *crowdfunding* e organiza o curso de Jornalismo Alternativo. Além disso, participa e fomenta a articulação de um grupo de veículos afins operantes na capital, e intensifica a produção de reportagens e de artigos de opinião. No ano seguinte, não só pratica o jornalismo independente e alternativo como o fomenta através da criação do Fundo de Apoio à Mídia Alternativa (iniciativa forte o suficiente para um mês depois receber o caixa restante da Revista Bastião). Ainda mantém a publicação de artigos opinativos em alta. Finalmente, em 2018, elabora estratégias para o enfrentamento da bolha criada pelo algoritmo do Facebook e, embora não consiga, a tentativa sugere uma dedicação ativa ao rompimento dessa clausura.

A pesquisa trouxe alguns dados que não foram problematizados na Tese – seja pela falta de tempo, seja pelos limites da compreensão da pesquisadora. Um exemplo é a discrepância entre o número de compartilhamentos nos posts da *fanpage* e o número de compartilhamentos – das mesmas matérias – no plugin do Facebook alocado ao pé do conteúdo no site. Acredito que a discrepância seja produto de uma armadilha do algoritmo. Justamente por não ter conseguido entender como isso acontece, penso que é um tema a ser retomado no futuro.

O tempo do doutorado foi pontuado de dúvidas, renúncias, incertezas. Recuos e avanços, perdas e ganhos – que sofri e operei. Nessas idas e vindas, a potência do objeto de pesquisa também me alcançava: em função dele, conseguia tomar fôlego para o estudo e a pesquisa. Afinal, partilho dos valores de independência e de percepções alternativas, tanto no exercício do jornalismo como no da pesquisa. Erros e acertos, ganhos e riscos. Acredito que a experimentação deve compor o horizonte acadêmico, principalmente em um tempo onde o jornalismo e os jornalistas enfrentam desafios capazes de confundir e problematizar, retomar e abandonar. No mercado e na academia. Na vida de cada um de nós – como jornalistas e também como pesquisadores do jornalismo.

Referências

- ACCARDO, Alain. Submissão chique: a estranha ética dos jornalistas. In: *Le Monde Diplomatique*, ed. brasileira, ano 1, número 4, 2000. Disponível em <http://diplo.org.br/2000-05,a1750> Acesso em 5 fevereiro 2013.
- ADGHIRNI, Zélia e PEREIRA, Fábio. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Revista Intexto*, v 1, n 24, pp. 38- 57, jan/jun 2011.
- AGÊNCIA PÚBLICA. O mapa do jornalismo independente. Pesquisa online. Disponível em <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/> Acesso em 02 junho 2016.
- ALBAGLI, Sarita. Ciência aberta em questão. In: ALBAGLI, Sarita et al. *Ciência aberta, questões abertas*. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: Unirio, 2015. p. 9-26. Disponível em http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1060/1/Ciencia%20aberta_questoes%20abertas_PORTUGUES_DIGITAL%20%285%29.pdf Acesso em 15 maio 2016.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal. *Revista Katál*, Florianópolis, v 12, n 2, pp. 188-197, jul/dez 2009.
- _____. Trabalho e sindicalismo no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, n 19, pp. 71-94, nov 2002.
- ANTUNES, Ricardo. Os modos de ser da informalidade. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n 107, pp. 405-419, jul/set 2011.
- ANTUNES, Ricardo e DRUCK. A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. *Revista O social em questão*, ano XVIII, n 34, pp. 19-40, 2015.
- ASSIS, Evandro de et al. Autonomia, ativismo e colaboração. *Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*, Ponta Grossa, vol. 4, n. 1, p. 3-20, jan/jun 2017. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899> Acesso em 10 janeiro 2018.
- AVELINO, Nildo. Foucault, governamentalidade e neoliberalismo. Anais do 1º Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Governamentalidade e Segurança. João Pessoa/PB – 2014. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/ocs-2.3.6/index.php/estudosfoucaultianos/estudosfoucaultianos/schedConf/presentations> Acesso em 10 de maio 2017.
- BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001 (p. 15-19; 33-36, 113-141, 165-173).
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- BENETTI, Márcia e HAGEN, Sean. Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. Anais do XVIII Encontro Anual da Compós. Belo Horizonte: 2009. Disponível em < http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1129.pdf > Acesso em 15 agosto 2012.
- BENIGNO NETO, Edmundo. Por uma história do jornalismo digital. Anais do 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Niterói, RJ: 2008. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008->

[1/Por%20uma%20historia%20do%20jornalismo%20digital.pdf](#) Acesso em 19 dezembro 2017.

BOLTANSKI, Luc e CHIAPPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BONA, Nivea e CARVALHO, Guilherme. Jornalismo Alternativo: conceito atual, ambiência digital e a busca da cidadania comunicativa. Anais do II Seminário de jornalismo e cidadania na hipermídia. Ponta Grossa, PR: 2015. Disponível em https://www.academia.edu/28438989/Jornalismo_Alternativo_conceito_atual_ambi%C3%Aancia_digital_e_a_busca_da_cidadania_comunicativa Acesso em 10 janeiro 2018.

BOURDIEU, Pierre. O Capital Social – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. *Revista Famecos*, v 19, n3, 2012. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12893/0> Acesso em 10 maio 2013.

CANAVILHAS, João. Jornalismo em ambientes multiplataformas: diálogos convergentes. Entrevista concedida à Revista Latinoamericana de Jornalismo. *Revista Âncora*, v3, n1, pp. 194-213, 2015.

_____. Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. Anais do II CONGRESO INTERNACIONAL COMUNICACION 3.0, 2010, Salamanca, Espanha. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2010. Disponível em <http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf> Acesso em 16 dezembro 2017.

CANDIOTTO, Cesar. A genealogia da ética de Michel Foucault. *Revista Educação e Filosofia*, v. 27, n. 53, p. 217-234, jan./jun. 2013.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. O jornalismo entre a dúvida e a incerteza: reflexões sobre a natureza da atividade. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 50, pp. 203-221, 2. Sem. 2008.

CHRISTOFOLETTI, Rogério e VIEIRA, Lívia de Souza. Métricas, ética e “cultura do clique” no jornalismo online brasileiro: o caso de resistência do não fo.de. *Revista Dispositiva*, v. 4, n. 1, 2015.

CHRISTOFOLETTI, Rogério e LAUX, Ana Paula. Em busca da credibilidade: monitoramento de cinco blogs brasileiros. *Revista Comunicare*, Vol. 6, nº 2 – 2º semestre de 2006 Disponível em https://monitorando.files.wordpress.com/2007/11/comunicare_6_2.pdf Acesso em 10 de março 2016

CHRISTOFOLETTI, Rogério e TRICHES, Guilherme. Interesse público no jornalismo. *Revista Famecos*, vol. 21, n. 2, 2014. p. 484-503. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/17588/11798> Acesso 15 janeiro 2018.

COCCO, Giuseppe. Introdução à 3ª edição. *Trabalho e cidadania: produção de direitos na crise do capitalismo global*. São Paulo: Cortez, 2012.

COCCO, Giuseppe e NEGRI, Antonio. *GloBal: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COHEN, Nicole. Jornalismo empreendedor e o estado precário do trabalho midiático. *Revista Parágrafo*, vol. 5, n. 1, jan/jun 2017. p. 128-145. Disponível em <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/568/488> Acesso em 18 janeiro 2018.

COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócio para o jornalismo digital. Disponível em <http://caiotulio.com.br/2014/04/um-modelo-de-negocio-para-o-jornalismo-digital/> Acesso em 23 de abril de 2016.

_____. Objetividade. In: COSTA, Caio Túlio. *Ética, jornalismo e nova mídia*. Uma moral provisória. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 152-171.

COSTA, Márcia da Silva. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. *Caderno CRH*, Salvador, v 23, n 58, pp. 171-190, jan/abr 2010.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEUZE, Mark e WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. *Leituras do Jornalismo*, ano 2, vol 2, n 4, 2015.

EWALD, François. *Foucault: A Norma e o Direito*. Lisboa: Vega, 1993.

FALCONER, Andres. A promessa do terceiro setor. Disponível em <http://empreende.org.br/pdf/ONG's,%20OSCIP'S%20e%20Terceiro%20Setor/A%20promessa%20do%20terceiro%20setor%20-%201.pdf> Acesso em 15 junho 2016.

FELINTO, Erick. Da Teoria da Comunicação às Teorias da Mídia, ou temperando a epistemologia com uma dose de cibercultura. *Revista EcoPós*, v. 14, 2011.

_____. *Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação*. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

FERNÁNDEZ, Antonio e MANIBARDO, Almudena. El concepto de parresía: verdad y libertad de palabra. *Revista Razón y Palabra*, vol. 20, n 92, 2016. Disponível em <http://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/297> Acesso em 01 agosto 2016.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. São Paulo: Unesp, 2007.

FÍGARO, Roseli. Jornalismo e jornalista: desafios para as novas gerações no século XXI. *Revista Parágrafo*, v. 2, p. 23-37, 2014.

FÍGARO, Roseli et al. *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Atlas, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012a.

_____. *A coragem da verdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

- _____. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.
- _____. *O nascimento da biopolítica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. *Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- _____. *História da sexualidade II*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GALLO, Sílvio. Do cuidado de si como resistência à biopolítica. In: Alfredo Veiga-Neto e Guilherme Castelo Branco. (Orgs.). *Foucault: filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- GOÉS, Laércio. Contra-hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais na Web. Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste. Salvador, BA: 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0364-1.pdf> Acesso em 16 dezembro 2017.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo*. São Paulo: Edusp, 2003.
- GROHMANN, Rafael. Dimensões teóricas do trabalho jornalístico em um cenário de tensionamentos identitários e flexibilização. Anais 13 SBPJor, Campos Grande, 2015.
- GROS, Frédéric. Posfácio a edição brasileira. In: FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- HENNING, Paula. *Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos: produção de saber e moral nas ciências humanas*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Unisinos, São Leopoldo, 2008.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 2008, p. 9-18.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LAFUENTE, Antonio e ESTALELLA, Adolfo. Modos de ciência: publica, aberta y común. In: ALBAGLI, Sarita et al. *Ciência aberta, questões abertas*. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: Unirio, 2015. P. 27-58. Disponível em http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1060/1/Ciencia%20aberta_questoes%20abertas_P%20ORTUGUES_DIGITAL%20%285%29.pdf Acesso em 15 maio 2016.
- LAGASNERIE, Geoffroy de. *A última lição de Michel Foucault*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. Bauru, SP: Edusc/ Salvador, BA: Edufba, 2012.
- _____. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000.
- LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LAW, John. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity, *Systems Practice*, 5 (1992), 379-93. Disponível em

<<http://www.heterogeneities.net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActor-Network.pdf>> Acesso em 10 agosto 2013.

LEMOS, André. *Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIMA, Venício. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: VAINER, C. et al. *Cidades Rebeldes*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2013. p. 89-94.

LOPES, Fernanda. *Ser jornalista no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2013.

LUDTKE, Sérgio. InteratoresUp!: Empreendimentos digitais no jornalismo brasileiro. Pesquisa online. Disponível em <http://interatores.com.br/> Acesso em 02 junho 2016.

MALINI, Fábio. Mídia Ninja. “A disputa pelo poder midiático”. Entrevista especial com Fábio Malini. Entrevista concedida ao IHU online, 10 agosto 2013. Disponível um < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522589-o-que-esta-em-jogo-e-a-disputa-pelo-poder-midiatico-entrevista-especial-com-fabio-luiz-malini-de-lima>> Acesso em 12 agosto 2013

_____. A batalha do vinagre: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas hashtags. Artigo publicado no blog do Labic/UFES, 14 de junho 2013. Disponível em < <http://www.labic.net/cartografia-das-controversias/a-batalha-do-vinagre-por-que-o-protestosp-nao-teve-uma-mas-muitas-hashtags/>> Acesso em 15 junho 2013.

MALINI, Fábio e ANTOUN, Henrique. *@internet e #rua*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARAZZI, Christian. *O lugar das meias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Ser jornalista*. São Paulo: Paulus, 2009.

MIELNICZUK, Luciana. O celular afronta o jornalismo. In BARBOSA, Suzana e MIELNICZUK, Luciana (orgs). *Jornalismo e tecnologias móveis*. Covilhã, Portugal: LabCOM, 2013.

Miller, Peter e ROSE, Nikolas. *Governando o presente*. São Paulo: Paulus, 2012.

NORA, Pierre. O regresso do acontecimento. In: LE GOFF, Jacques. *Fazer História 1: novos problemas*. São Paulo, Bertrand, p. 243-262, 1977.

ODDO, Marco Vito. Território, jornalismo e credibilidade. Anais do 13 SBPJor, Campo Grande, 2015.

OLIVEIRA, Maurício. *Manual do frila: o jornalista fora da redação*. São Paulo: Contexto, 2010.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

PALÁCIOS, Marcos e MACHADO, Elias. *Manual do Jornalismo na Internet*. Salvador: 1997. Disponível em <http://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/book-manual-jornalismo.pdf> Acesso em 15 dezembro de 2017.

PASQUINELLI, Matteo. Capitalismo maquínico e mais-valia de rede. *Revista Lugar Comum*, jun. 2012, n 39, pp. 13-36.

PAULINO, Fernando e XAVIER, Aline. Jornalismo sem fins lucrativos: transição, sustentabilidade e independência. *Revista Comunicação Midiática (online)*, v10, n1, 2011, pp. 154-168. Disponível em <http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/575> Acesso em 17 de junho de 2016.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In PRIMO, Alex (org) *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, UFRGS-RS, v. 2, n.2, p. 65-80, 1999.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e histórias*. Lisboa: Vega, p. 27-33, 1993.

SANTOS, Marli dos. A interatividade nas redes sociais como valor-notícia e critério de noticiabilidade. Anais 13 SBPJor, Campo Grande, 2015.

SCHMITZ, Aldo. A lei da terceirização e a precarização do trabalho jornalístico. Anais 13 SBPJor, Campo Grande, 2015.

SENNET, Richard. *La cultura del nuevo capitalismo*. Barcelona: Anagrama, 2006.

SILVA, Fernando Firmino. Repórteres em campo com tecnologias móveis conectadas. In BARBOSA, Suzana e MIELNICZUK, Luciana (orgs) *Jornalismo e tecnologias móveis*. Covilhã, Portugal: LabCOM, 2013.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, v. I, 2012.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “histórias”*. Lisboa: Veja, 1999, p 74-90.

VASAPOLLO, Luciano. A precariedade como elemento estratégico determinante do capital. *Revista Pesquisa e Debate*, São Paulo, vol 16, n 2 (28), pp. 368-386, 2005.

VEIGA-NETO, A. Coisas do governo... In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B.; VEIGA-NETO, A. (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-34.

VEIGA-NETO, Alfredo e RECH, Tatiana Luiza. Esquecer Foucault?. *Revista Pro-Posições* [online]. 2014, vol.25, n.2, pp.67-82. ISSN 1980-6248.

VENTURINI, Tommaso. Building on faults: how to represent controversies with digital methods, 796 – 812. In *Public Understanding of Science* 21, 2012. Disponível em http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2011/08/TV_BuildingOnFaults_FullText.pdf Acesso em 15 julho 2013.

VIANA, Silvia. Será que formulamos mal a pergunta? In Raquel Rolnik. (Org.). *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo, 2013.

VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e revolução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VOLT DATA LAB. A conta dos passaralhos. Pesquisa online. Disponível em <http://passaralhos.voltdata.info/> Acesso em 10 agosto 2015.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZAGO, Gabriela. Da circulação à recirculação jornalística: filtro e comentário de notícias por interagentes no Twitter. In: PRIMO, Alex (org.) *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ZILLER, Joana e MOURA, Maria Aparecida. Usuário antropofágico e produsage: novas lógicas de relação com o jornalismo. In SILVA, Gislene *et al* (orgs). *Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas*. Salvador: EDUFBA, Brasília: Compós, 2011.

ZIZEK, Slavoj. Introdução. In: ZIZEK, S. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo: Boitempo, 2011.